

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICA PSICOLÓGICA CLÍNICA EM INSTITUIÇÕES
LABORATÓRIO DE PSICOLOGIA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

**“OLHA!... ARRU(A)ÇÃO!?!...” A AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO:
CONVERSAÇÃO COM A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Profa. Dra. CARMEM LÚCIA BRITO TAVARES BARRETO
Profa. Dra. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO
Orientadoras

RECIFE/PE
2016

Ficha catalográfica

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

**“OLHA!... ARRU(A)ÇÃO!?!...” A AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO:
CONVERSAÇÃO COM A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora,
como requisito parcial para obtenção do
título de Doutora em Psicologia Clínica,
pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Católica de Pernambuco.

Profa. Dra. CARMEM LÚCIA BRITO TAVARES BARRETO
Profa. Dra. HENRIETTE TOGNETTI PENHA MORATO
Orientadoras

RECIFE/PE
2016

SUELY EMILIA DE BARROS SANTOS

**“OLHA!... ARRU(A)ÇÃO!?!...” A AÇÃO CLÍNICA NO VIVER COTIDIANO:
CONVERSAÇÃO COM A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora,
como requisito parcial para obtenção do
título de Doutora em Psicologia Clínica,
pelo Programa de Pós-Graduação da
Universidade Católica de Pernambuco.

Aprovada em: 29 de novembro de 2016

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (orientadora)
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Profa. Dra. Henriette Tognetti Penha Morato (orientadora)
Universidade de São Paulo - USP

Profa. Dra. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC

Prof. Dr. Darlindo Ferreira de Lima
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dra. Ana Lúcia Francisco
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

Profa. Dra. Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas
Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

RECIFE/PE
2016

**“RUAS” QUE ME ACOMPANHARAM, E LEGITIMARAM MEUS PASSOS
EM DIREÇÃO A SER DOUTORA: UM ENCONTRO EM ARRUAÇÃO**



**POR ENTRE ORIENTADORAS +
“ORIENTADORA EM MOBILIDADE”**

E

DIANTE DA BANCA





Ao meu pai (in memoriam),

*Por entre nosso cuidado, eu tinha um lugar de aconchego,
um canto que chamei de meus escritos.
Nele, debruçava a minha cabeça que não podia estar em seu peito.
Mas, como ir construINDO com você indo, devagarinho?
Acompanhá-lo do andar sozinho ao andar na cadeira de rodas...
Moveu-me a “por-as-palavras-a-andar”...
Assim, esta tese nasce e quer ganhar as ruas.
Há uma rua com seu nome.
Mas meu modo de o reverenciar é sem fronteiras,
e chega aonde as ruas não tem nome,
mantendo-me aberta ao que ainda está por vir.
Eu penso chegar às ruas com borboletas metamorfoseANDO em arru(a)ção.
Afinal... fin(d)ando, deparo-me com a porta aberta...*

POR ONDE ANDEI... ANDO... ANDAREI... GRATIDÃO!

“RUA” ITAPETINGA/BA
Aos meus pais, Edla e Samuel (in memoriam) , que me abriram a possibilidade de experienciar a aventura de viver a rua, e descobrir que a vida é feita de travessias...
A Nilton Cirqueira , pela foto homenagem ao meu pai...
“RUA” SALVADOR/BA – PARIS/FR
As minhas irmãs, Eneida e Sandla e as minhas sobrinhas Camilla, Luisa e Marina , que estiveram presentes na perda, no consolo e nesta conquista...
“RUA” RECIFE/PE
A Carmem Barreto , orientadora, maestr(a)miga. Seu olhar atento é uma escuta cuidadosa que me faz ver a importância de desconfiar do que está posto, possibilitando des-cobertas para levar esta tese e outras questões adiante...
A Ana Lúcia Francisco , pelo acolhimento desde o meu mestrado. Sua gentileza em compartilhar o seu saber, abriu possibilidades para outras reflexões...
A Cristina Amazonas , pela leitura atenciosa e contribuições cuidadosas ao meu trabalho, provocando-me a destacar a ação política desta tese...
A Jesus Vasquez , pela oportunidade de acompanhar a diversão com o pensamento filosófico (um modo afetivo de existir), e o diálogo em nosso grupo de estudos...
A Linda, Ró, Rosa e San , amigas-irmãs - pela presença amorosa em meu viver cotidiano, que me sustenta a cada desafio, e por me acompanhar em arru(a)ção...
A Bernardo , pela presença e pela disposição em me presentear com o <i>resumen</i> desta tese...
A Sandra, Elba e Alex , pela pré-ocupação diante de tantas situações inesperadas sendo presenças em forma de “presente”...
A “meu povo” da UNICAP (Ana, Bruno, Carmem, Dani, Ellen, Jai, Kinha, Mércia, Rosário e Vivi) que me acompanha e torce por mim, com quem aprendo muito, tenho um carinho enorme e alimento amizade...
A Consuelo Passos e Simone Walckoff , pelas luzes na qualificação do projeto...
Ao Grupo dos Seminários Hermenêuticos , por acompanhar com afeto os meus passos na descoberta do pensamento heideggeriano...
A Fernando Castim , pela sensibilidade e atenção cuidadosa na revisão desta tese...
Ao LACLIFE/UNICAP , pelas possibilidades de interlocuções epistemológicas e metodológicas, acolhendo-me nas des-construções reflexivas...
Ao peçoal da secretaria da Pós-graduação da UNICAP , pela atenção nesse período do doutoramento...
Ao XIV Plenário e Funcionários do CRP 02 , pela compreensão da minha ausência...
“RUA” CARUARU/PE
A Acauã, Cravo, Girassol, Hortência, Lírio, Mainá, Margarida, Tiê e Violeta , por viverem comigo em andança, os des-encobrimientos da ação clínica no viver cotidiano...
Ao Grupo de Hip Hop Consciência Nordestina – 3 Soma , por me “inaugurar” no espaço coletivamente habitado - o Morro Bom Jesus...
Aos moradores do Morro Bom Jesus , pela disposição de seguir em andança comigo e com o “peçoal da Psicologia”, pelo reconhecimento e confiança em cada um de nós...
Aos grafiteiros, rappers, b.boys, b.girls e Dj do Morro Bom Jesus , em especial Nino, Suspeito, Blecaut e Magrelo, coautores nas oficinas inaugurais para o acontecer da ação clínica no viver cotidiano...
A Andréa Lins , pela companhia, coparticipação, coconstrução no Morro Bom Jesus, corresponsabilizando-se por esse trabalho...
A Taciano Valério , pela criação e carinho, realçando a dimensão estética e o fazer cartográfico desta tese...
A Socorro Santos , coordenadora inesquecível, pela abertura e confiança na minha proposta de “arriscar” a transitar pelo Morro Bom Jesus...
Ao “peçoal da Psicologia” (todos Estagiários e Extencionistas da FAVIP), por me acompanhar no desafio de desbravar a ação clínica no viver cotidiano...
Ao LAPOS/FAVIP , em especial Andréa, Claudine e Etiane, pela parceria e amizade...
A FAVIP , em especial Marjony e Mauricélia, por compreenderem a importância do

professor/supervisor estar no campo de estágio. Isso fez diferença nesse trabalho...
“RUA” GARANHUNS/PE
Ao Colegiado de Psicologia da UPE , pelo apoio na trilha da mobilidade acadêmica...
A Claudimara Chisté, Janne Freitas, João Ricard, Lindair Araújo e Patrícia Lira , por atenderem ao meu pedido em meu afastamento, possibilitando meu trânsito por outros espaços. A solidariedade afetuosa de vocês se faz inesquecível...
A Suelane Alves, Anne Malheiros, Iara Paranhos e Juliet Carvalho , por me acompanharem em projetos interventivos no SAP/UPE...
Aos meus alunos da UPE , especialmente aos estagiários, monitores, extencionistas, pesquisadores de PIBIC e TCC, pelas vibrações e provoc(a)ções que me faz aprendiz...
A Wagner Henrique , pela sensibilidade artística e carinhosa ao “pintar uma rua” para aquelas que, nesta tese, se puseram em andança a fim de compreender a Psicologia na Rua, a ação clínica no viver cotidiano: a autora, as orientadoras e a banca...
A João, Sophia, Ju e Chiquinho , afilhados e compadres, pelo amor e carinho mesmo na distância...
Ao SAP/UPE , por se constituir espaço de reflexão para pôr em andamento uma ação clínica na perspectiva fenomenológica existencial...
Ao NUEFE , que me instigou a estudar, a pesquisar, a questionar e a seguir outras direções...
“RUA” VITÓRIA DE SANTO ANTÃO/PE
A Darlindo Ferreira , pela solidariedade e cuidado que me possibilitou ver que nem tudo está perdido, que o acontecimento rompe e nos coloca diante de outro encaminhar...
“RUA” SÃO PAULO/SP
A Henriette Morato , orientadora, mestr(a)miga, por imprimir em meu modo de ser psicóloga, “um gás” que se faz tatuado no desafio de ser viajante pela prática psicológica contextualizada...
A Dulce Critelli , “orientadora em mobilidade”, pela acolhida e reflexões singulares na composição desta tese...
A Luciana Szymanski , pela leveza e disponibilidade de avaliar o meu trabalho, provocando-me a suportar a não-nomeação e/ou criar nomeações transitórias...
A Heloisa Szymanski , por apontar direções outras para mudança de rumo necessária à esta pesquisa, na qualificação do projeto de tese...
A Márcio e Margarida, Mel e Estéfano , dois casais amigos que no aconchego das suas casas, possibilitaram a minha mobilidade pela PUC/SP e USP/SP...
Ao LEFE/IPUSP , pelas trocas, acolhimento e contribuições...
Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia – PUC/SP , pela aceitação para o acompanhamento do projeto de tese...
“RUA” NITERÓI/RJ
A Cristine Mattar , pelas contribuições na banca de qualificação ao apreciar o meu trabalho...
“RUA” BRASÍLIA/DF
A CAPES/PROSUP , pelo necessário e importante investimento ao meu processo de aprimoramento profissional...
PELAS RUAS SEM NOME... PELA TERRA AGRESTE...
A vida , que sempre me surpreende e dá passagem ao mistério pelo qual entre-vejo o Divino...
A todos que prosseguem comigo pelas andanças , em especial Anderson, Angelita, Armanda, Cláudia, Élida, Érika, Liza, Luciana, Sissi, Suelane e Vladya, pela confiança que sempre depositaram em mim...
Ao GT da ANPEPP: Práticas Psicológicas em Instituições: atenção, desconstrução e invenção , por me acolher como doutoranda, pela aprendizagem e trocas de experiências...
A todos que são e foram meus clientes, alunos, supervisionandos, estagiários, monitores, orientandos e extencionistas , por um dia ser presença em meu caminho e comporem em coparticipação a minha história profissional...
A todos os meus professores, psicoterapeutas e supervisores , compartilho com vocês as minhas conquistas acadêmicas...
Aos meus amigos-amigos , que se fizeram presentes apesar da minha ausência...



*Aqui está a nossa força.
Sem a comunidade a gente não prossegue.*
(MC Suspeito - FMBJ In Alves & Alvim, 2007, p.5)

*Você só aprende o que é a rua, na rua.
Não se está na rua porque não se tem casa para morar,
estamos na rua porque ela possui vida, porque ela dá sentido a nossa vida.
Você sabe o que é isto?*
(DJ Nino – FMBJ In Alves, 2011, p.235)

RESUMO

Santos, S. E. de B. (2016). “*Olha!... arru(a)ção!?!...*” a ação clínica no viver cotidiano: conversação com a fenomenologia existencial. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE.

Este estudo nasceu de inquietações experienciadas em minha *práxis* profissional ao me deparar com as tensões advindas entre teoria e prática, experiência e referenciais epistemológicos da Psicologia, ao percorrer diversos contextos institucionais/sociais. O objetivo principal da pesquisa foi propor, a partir da prática de psicólogos, uma compreensão de como a ação clínica ocorre no viver cotidiano. De partida, compreendo a ação clínica no viver cotidiano, como um modo próprio do psicólogo intervir diante das demandas que brotam a partir dos acontecimentos que insurgem no dia a dia, em espaços coletivamente habitados. O cenário foi o Morro Bom Jesus, situado no Agreste Pernambucano, na cidade de Caruaru, tendo como coautores profissionais de Psicologia que trabalham numa perspectiva fenomenológica existencial, ao modo de Heidegger, bem como clientes que são ou foram acompanhados pelas psicólogas-colaboradoras e outros profissionais de Psicologia. Desde o princípio, a experiência se constituiu como a fonte primeira para a produção compreensiva. Assim, tomei o caminho como método numa pesquisa interventiva, para um diálogo com alguns dos pressupostos da “Analítica Existencial” de Heidegger e da “Hermenêutica Filosófica” de Gadamer, como perspectiva epistemológica. A cartografia clínica atravessou toda a composição deste estudo guiado pela questão-bússola: como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano?, passando esta pesquisa a ser compreendida, então, como uma tese cartográfica. Nessa direção, o marco compreensivo-filosófico foi adentrando o trabalho de tese em diálogo com a “matéria-prima” colhida nas rodas de conversação com três psicólogas e seis clientes, e nos diários de bordo da pesquisadora, à medida que o fenômeno ia sendo iluminado em diálogo com o pensamento de alguns filósofos e psicólogos. A análise compreensiva se fez pela via da “Analítica do Sentido” de Critelli e da “Hermenêutica Filosófica” de Gadamer. O sentido apontado foi o de que, na ação clínica no viver cotidiano, em espaços coletivamente habitados, o psicólogo-caminhante se põe em andança acompanhando o protagonista-andante em seu trânsito por paisagens marcadas pelos acontecimentos cotidianos. O seu *setting* se mostra aberto, como espaço de convivência constituído por diversas est(a)ções. É preciso, então, dispor-se a uma escuta em ação dos apelos advindos nas demandas da população. Assim, depara-se com a porta aberta des-velando que para recolher o sofrimento do existir e dos modos de con-viver em espaços coletivamente habitados, há que assumir, de um lado, um olhar para a ação clínica confluindo com a ação política, ética, estética e educativa, a qual lança um chamado ao responsabilizarem-se por si, pelos outros e pelo mundo que habita; e de outro, que é imprescindível lidar com a diversidade das modalidades de prática psicológica que se mostram como um devir a cada situação no dia a dia em seu ofício.

Palavras-chave: Ação clínica; prática psicológica; cartografia clínica; viver cotidiano; fenomenologia existencial.

ABSTRACT

Santos, S. E. de B. (2016). *“Look!... demarche!?!...” as a clinical action into the quotidian life: a conversation with existential phenomenology*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife-PE.

This study was born from some experienced professional practice uncertainties while facing tensions appeared between theory and practice, as well among experience and the many Psychology epistemological referential, as acting in different institutional/social contexts. The research main goal, departing from psychologists' practice, proposes a comprehension of how happens the clinical action into the quotidian life. It starts by comprehending the clinical action into daily life as a psychologist's proper mode to intervene before demands that emerge from the quotidian in collective habited spaces. The scenery was Bom Jesus Hill, in Caruaru city, a rural area in Pernambuco state. The protagonists were Psychology professionals who work by the Heidegger's existential phenomenology perspective, as well as clients who were assisted by those collaborators and other psychologists. Experience was the prime source for a comprehensive pro-duction. Its path was taken as method for an interventive research, by dialoging with some Heidegger's existential analysis as well as Gadamer's philosophical hermeneutics presupposed as epistemological perspective. The clinical cartography crossed all the study, guided by the question: how the psychologists' clinical action in an existential phenomenological comprehension may occur in daily living; therefore, the present research may be seeing as a cartographical thesis. The philosophic-comprehensive mark come into the thesis in a dialogue with “the raw material”, taken from conversation panels with three psychologists and six clients and from the researcher's diaries, meanwhile the phenomenon was being illuminated by the dialogue with some philosophers and psychologists. The comprehensive analysis followed Critelli's sense analytics and Gadamer's philosophical hermeneutics. It was revealed that the clinical action in quotidian living while in collective habited spaces shows how the psychologist takes path by following the errant client that transits by landscape marked by daily occurrences. His setting is open as acquaintanceship spaces with many stations. It is necessary to be available to listen in action demands that come from the population. By being always open makes possible to him to harvest the existence suffering as well the modes of cohabiting collective spaces, by assuming, in one hand, that the clinical action flows together with political, educational, ethical and aesthetical actions, that claim for his own responsibility as well for the others and the world; on the other hand, he perceives that it is vital to cope with the diversity of psychological practice modalities, which show how unpredicted is each daily situation before his art craft.

Key-words: clinical action; psychological practice; clinical cartography; daily living; existential phenomenology.

RESUMEN

SANTOS, S.E. de B. (2016) "Mira!... ¿abrir caminos!?!..." a la acción clínica en el vivir cotidiano: conversación con la Fenomenología Existencial. Tesis de Doctorado. Programa de Pos-Grado en Psicología Clínica, Universidad Católica de Pernambuco, Recife-PE.

Este estudio proviene de inquietudes experimentadas en mi praxis profesional al confrontarme con las tensiones provenientes de la teoría y la práctica, experiencias y referencias epistemológicas de Psicología, en el recorrido de diversos contextos sociales e institucionales. El objetivo principal de la búsqueda fue proponer, a partir de la práctica de psicólogos, una comprensión de como la acción clínica ocurre en el vivir cotidiano. Inicialmente, entiendo la acción clínica en el vivir cotidiano, como una manera propia del psicólogo para intervenir, ante las demandas que surgen a partir de los acontecimientos que ocurren en el día a día y en los espacios habitados colectivamente. El escenario fué el "Morro Bom Jesús" de la ciudad de Caruaru, región del Agreste Pernambucano, teniendo como coautores a profesionales de Psicología, quienes trabajan con una perspectiva fenomenológica existencial, al modo de Heidegger; bien como clientes que son o fueron acompañados por las psicólogas colaboradoras y otros profesionales del mismo campo. Desde el inicio la experiencia se constituyó como la fuente primaria para la dejar aparecer la comprensión. Así, adopté esa vía como método de búsqueda intervencionista para un diálogo con algunas de las propuestas de la Analítica Existencial de Heidegger y de la Hermenéutica Filosófica de Gadamer como perspectiva epistemológica. La cartografía clínica permeó toda la composición de este estudio que fue orientado por la cuestión brújula: ¿como la acción clínica de psicólogos para una comprensión fenomenológica existencial ocurre en el vivir cotidiano?. Esta investigación pasa entonces a ser apreendida como una tesis cartográfica. En el mismo sentido, el marco comprensivo-filosófico fué profundizando el trabajo de tesis hasta volverlo diálogo con la "materia prima" extraída de las conversaciones de tres psicólogas y sus clientes, además de nuestras bitácoras de investigación y a medida que el fenómeno iba siendo iluminado en consonancia con el pensamiento de algunos filósofos y psicólogos. El análisis aclaratorio se hizo a través de la vía de la "Analítica del Sentido" de Critelli y de la "Hermenéutica Filosófica" de Gadamer. El sentido indicado fué el de que , en la acción clínica del vivir cotidiano y en los espacios habitados colectivamente el psicólogo-caminante emprende el recorrido acompañando al protagonista-andante en su caminar por parajes marcados por los acontecimientos cotidianos. Su *setting* se muestra abierto como un espacio de convivencia constituido por distintos escenarios em movimiento. Es necesario, entonces, prepararse para escuchar, atendiendo las llamadas provenientes de las demandas populares. De esa forma, se encuentra con la puerta abierta, dando a conocer que para acoger el sufrimiento de existir y las maneras de convivir en espacios compartidos, ha de asumir por un lado: una mirada para la acción clínica confluyente con la acción política, ética, estética, y educativa con la cual acción emite una llamada a responsabilizarse por sí mismo , por los demás y por el mundo que habita; por otro lado, que es imprescindible lidiar con las distintas modalidades de la práctica psicológica que se presentan como um tornarse de cada situación del día a día de su oficio.

PALABRAS LLAVE: Acción Clínica – Práctica Psicológica – Cartografía Clínica – Vivir cotidiano – Fenomenología Existencial

SUMÁRIO

PELAS “RUAS” QUE ANDEI... ANDARILHA SIGO: UMA INTRODUÇÃO.....	16
1 CAMINHANDO EM DIREÇÃO A COMPREENSÃO DA “QUESTÃO-BÚSSOLA”: UMA INCURSÃO METODOLÓGICA.....	32
1.1 Situando a Metodologia.....	32
1.2 As trilhas percorridas.....	36
1.2.1 <i>A Entrada em Campo</i>	37
1.2.2 <i>Os Participantes-Colaboradores da Pesquisa</i>	39
1.2.3 <i>As Modalidades de Intervenção/Investigação</i>	40
1.2.4 <i>Análise Compreensiva</i>	46
2 SENDO-CAMINHANTE-COM-OUTROS: CARTOGRAFANDO A AÇÃO CLÍNICA EM COMPANHIA DOS COAUTORES.....	55
2.1 Versando sobre um modo de caminhar com-outros.....	55
2.2 Jogando com depoimentos: possibilidade para compor o Quebra-Cabeça....	58
2.3 A composição do quebra-cabeça des-velando fenômenos.....	112
3 TECENDO A AÇÃO CLÍNICA CARTOGRAFADA NUM DIÁLOGO COM-OUTROS.....	115
3.1 Tocando em frente.....	115
3.2 Compondo histórias com-outros.....	116
3.2.1 <i>Entre-laçando: Psicologia, Arte e Cultura</i>	116
3.2.2 <i>Ser em andança: um modo de ser-psicólogo no viver cotidiano</i>	124
3.2.3 <i>Coexistindo indivisamente: ação clínica, ética, política, estética e educativa</i>	136
3.2.4 <i>Forma(ção), Form(a)ção: o ser-psicólogo posto em questão</i>	150
3.2.5 <i>Sustentando-se na tensão de ser nome-ação</i>	157
4 PREPARANDO O TERRENO E COMPREENDENDO A MARCHA: ENTRE-LINHAS, DESVELA-SE.....	173
4.1 Por entre-linhas... algumas elucid(a)ções.....	173
4.2 Por entre-linhas... revela-se um modo de re-conhecimento	176
4.3 Por entre-linhas... a lente des-venda.....	178
4.3.1 <i>...des-venda um modo de estar acompanhando o outro</i>	178
4.3.2 <i>...des-venda a tradição, a conversação e a fusão de horizontes</i>	179
4.3.3 <i>...des-venda o acontecimento e pensamento meditante</i>	181

4.3.4 ... <i>des-venda o cuidado</i>	183
4.3.5 ... <i>des-venda a temporalidade e a espacialidade da existência humana</i>	184
5 A PORTA ABERTA...	187
5.1 Em andança... escuto a voz na rua.....	189
5.2 Con-fluências... cuidando de existir e do con-viver.....	192
5.3 Desencastelar... uma via para pensar o ser-psicólogo.....	195
5.4 Com que “casaco” que eu vou... sobre a prática psicológica.....	198
5.5 Ecos ressoam... o que ainda está por vir?.....	202
6 SIGO EM TERRA AGRESTE COM MEU CHAPÉU E CASACO DE GIBÃO DE COURO, (IN)ACABADOS: DES-FECHO?	208
REFERÊNCIAS	211

Rigorosamente, todas estas notícias são desnecessárias para a compreensão da minha aventura; mas é um modo de ir dizendo alguma coisa, antes de entrar em matéria, para a qual não acho porta grande nem pequena; o melhor é afrouxar a rédea à pena, e ela que vá andando, até achar entrada.

Machado de Assis, 1884, online

PELAS “RUAS” QUE ANDEI... ANDARILHA SIGO: UMA INTRODUÇÃO

O objetivo desta introdução é contar pela via da narrativa a minha trajetória como pesquisadora para encontrar: a questão provocadora, os objetivos e o modo de apresentação dos capítulos da tese¹. Assim, este depoimento foi construído em uma articulação entre as marcas que trago no percurso do viver e na memória, a minha experiência ao transitar pelo Morro Bom Jesus² em Caruaru/PE, o meu projeto de tese, e o sentido que entrelaça as referências desse estudo. Penso que essa introdução se constitui quase um “memorial” do meu modo de ser psicóloga pelas “ruas” que andei.

Quando parei para começar a pensar na possibilidade de compreender a ação clínica no viver cotidiano, me veio à lembrança que a rua sempre foi um espaço presente em minha história. Desde criança gostava de brincar na rua com meus/minhas amigos/as³. Na rua me divertia, fazia amigos, brigava, jogava bola de gude, brincava de guerra⁴, empinava papagaio⁵, namorava escondido, desfilava no dia sete de setembro e tantas outras histórias foram vividas. A Praça... sentar nos bancos, tirar fotos na “Praça dos bois⁶”, passear rodando e paquerando; a cada volta um encontro, a cada volta um desencontro, a cada volta um reencontro.

Agora, absorta em minhas histórias, recordo que sempre me senti atraída pela palavra passeio e não gosto de chamar esse espaço destinado à circulação de pedestre, de calçada. Quando criança, morando no interior da Bahia, ouvia os adultos falarem: “vá pelo passeio!”. Eu ia passeando, mesmo que nem sempre pelo passeio, olhando para tudo o que me chamava atenção e, brincando de passear em meus pensamentos e ações por esse caminho para pedestres, eu perambulava de modo itinerante.

Ainda, quando criança, lembro os ciganos que acampavam ao redor do colégio em que eu estudava, e como eu e meus amigos nos sentíamos atraídos por aquele modo de viver itinerante sem casa concreta, sem terreno comprado, sem cidade fixa, sem endereço, com aventuras, com riscos, com incertezas, com flutuações... Recordo que

¹Pesquisa abrigada sob o Projeto Guarda-Chuva: “Psicologia Fenomenológica Existencial: um estudo hermenêutico sobre as possibilidades de ação clínica e de pesquisa em instituições”, proposto pela Profa. Dra. Carmem Lúcia Barreto, aprovado pelo Comitê de Ética, CAAE: 22179613.1.0000.5206.

² Hoje nomeado de Monte Bom Jesus, após a pacificação. Entretanto, mantenho a nomenclatura Morro, pelas histórias que posteriormente serão narradas nesta tese.

³ No decorrer do texto utilizarei a escrita padrão da língua portuguesa. Entretanto, ressalto que mesmo não usando eles e elas na escrita do trabalho, as ideias expressas revelam a procura pela equidade de gênero.

⁴ Brincadeira infantil também chamada de queimado/a na qual dois times tentam eliminar os adversários com uma bola.

⁵ Pipa.

⁶ Praça Dairy Valley em Itapetinga-BA, cidade da minha infância e parte da adolescência.

fugíamos do colégio para ouvirmos as histórias de suas andanças e como depois ficávamos horas e horas conversando como que encantados com aquele modo de viver, no qual aqueles nômades não paravam num mesmo lugar por muito tempo, deslocando-se constantemente num modo itinerante de viver.

Mas, agora dou-me conta de que esse modo de ser itinerante, de não estar num local de forma permanente, acompanha-me. Hoje... reconheço-me andarilha. Sou “pernambaiana”, pois pego o mameluco pernambucano e lanço mão do sincretismo cultural baiano, reconhecendo-me híbrida, mestiça. Moro em uma cidade, trabalho em outras, tenho mais de uma casa, sempre me perguntam onde vou estar tal dia e... passei a transitar como supervisora de estágio por vários espaços, o que me provocou a pensar na possibilidade de experienciar a Psicologia de modo ambulante. Como diz o poeta/cantor Raul Seixas (2014, online),

Eu prefiro ser / Essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo [...] É chato chegar / a um objetivo num instante / Eu quero viver / Nessa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo [...] Eu vou desdizer / Aquilo tudo que eu lhe disse antes / Eu prefiro ser / essa metamorfose ambulante / Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo [...].

No encontro com esse meu modo de ser e meu fazer de ofício como psicóloga/supervisora/professora/orientadora, vi a possibilidade da Psicologia se fazer presente nas ruas, nas praças, nas casas... Em minha banca de qualificação do projeto de tese, deparei-me com uma provocação instigante: iniciar a minha tese com a contação da minha experiência que se faz viva, agora, nesta narrativa. Chego a casa e, como num filme, passo a visualizar vividamente como esse modo de se construir um fazer saber como psicóloga ganhou espaço em meu cotidiano profissional.

Foi em 2004, na Av. Dantas Barreto no Recife/PE, em frente à Igreja do Carmo, a minha “estreia” tendo a rua (palco da vida), como um espaço de atenção psicológica, por meio do projeto “Psicodramatizando a Rua” cujo objetivo era olhar as questões surgidas nos contextos sociais, a partir de um tema que expressasse o sofrimento vivido. Numa articulação entre o teatro e a Psicologia, partindo da peça “Morfobia”, que apresentava uma reflexão filosófica sobre a condição humana, lancei mão do ato terapêutico como modalidade de prática psicológica. Em paralelo a esse projeto, amplio minhas ações no enfrentamento à violência sexual infanto-juvenil e à violência contra a mulher, intervindo em diversas comunidades, tanto na região metropolitana, quanto no interior do Estado de Pernambuco.

Mesmo residindo no Recife/PE, em fevereiro de 2008, comecei a lecionar no Curso de Psicologia da Faculdade do Vale do Ipojuca (FAVIP)⁷ em Caruaru/PE. A disciplina era Psicologia Social e a ministrava em duas turmas no 3º período. Nesse mesmo ano, ocorreram duas situações totalmente novas no curso. A primeira foi o início do estágio básico da primeira turma de Psicologia, e tive a tarefa de, junto com outros colegas supervisores, abrir campos de estágio na região; a segunda foi o XVI Congresso Brasileiro de Psicodrama, no Recife, o qual trouxe uma proposta inovadora intitulada “Universidade em Cena”, criando um espaço de interlocução entre o universo acadêmico, o psicodramático e a sociedade civil.

Em relação aos campos de estágio, foi feito contato com Associações, Penitenciária, Delegacia da Mulher, Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), Comunidades Terapêuticas, Instituições de Acolhimento, ONGs, Cabarés, dentre outros. Entretanto, a maioria dos meus colegas ficou mesmo na Clínica Escola ou em alguma outra instituição, enquanto eu abria para os meus estagiários a possibilidade de circularem por todos esses contextos, e ainda podendo ampliar, caso eles trouxessem alguma proposta. Mas foi a partir da atividade “Universidade em Cena” que o Morro Bom Jesus chegou até mim e depois, também, tornou-se campo de estágio. Trabalhando o tema “*Como Sobreviveremos? Um olhar sobre a questão*”, o fenômeno da violência surgiu em forma de inquietação: Como sobreviveremos à violência? Os alunos compartilhavam experiências em torno das manifestações da violência no dia a dia, e um dos grupos⁸ escolheu olhar para a violência urbana/social fazendo uma leitura dessa modalidade de violência na comunidade caruaruense, focando no Morro Bom Jesus.

Este, para mim, foi um momento especial, pois, no espaço da sala de aula, todos falavam com uma intensidade emotiva sobre os medos, a beleza desconhecida, os preconceitos, a pobreza, a falta de acessibilidade... Foi nesse cenário que fui apresentada ao Morro Bom Jesus, que fica num dos maiores bairros de Caruaru, de um lado, como uma comunidade em que os caruaruenses tinham medo de transitar devido ao alto índice de violência e a presença do tráfico de drogas; de outro, como um dos belos pontos turísticos de Caruaru, mas totalmente inacessível à população, com exceção de seus moradores. Era um misto de expressões que revelavam, apesar da localização do Morro no centro da cidade, a presença da indiferença, da inacessibilidade social.

⁷ Hoje UNIFAVIP/DeVry.

⁸ Composto pelos alunos, hoje psicólogos: Bruno Robson, Claudia Gusmão, Daniela Nunes, Liza Minelle e Thales Nobre.

Estaria aqui um desvelamento da minha afetação? A provocação à minha inquietação quando há tentativas de tornar inacessível, por meio de uma divisão social por preconceito entre os pólos medo/proteção, os grupos chamados de “minorias”? Eis a primeira tatuagem do Morro em mim. Como será a ação clínica de psicólogos se não se derem conta de que são corresponsáveis no existir humano? Como poderá propor uma modalidade de prática psicológica se não se reconhecerem coparticipantes?

Dou-me conta, agora, de que o modo como fui apresentada ao Morro me convidou a chegar até ele. Meu encontro presencial com os moradores do Morro Bom Jesus nasceu no segundo semestre de 2008. Em um banquinho, numa parada de ônibus coletivo em frente à prefeitura de Caruaru, aconteceu o meu encontro com um dos integrantes do Grupo de Hip Hop, morador do Morro. Nesse encontro, surgiu a ideia de unir a Arte de Rua com a Psicologia na Rua. Vale ressaltar que a expressão “Psicologia na Rua”, surge no momento dessa escritura. Eis outra tatuagem no meu modo de trabalhar. A minha pele de ser psicóloga vai sendo marcada a cada história experienciada, como um modo de revelar que a experiência é vida vivida em ação.

Interessante lembrar que, inicialmente, o encontro seria na Praça São Roque (posteriormente, o local de encontro dos estagiários para subirem ao Morro e para o encontro com os moradores), mas, pelo meu desconhecimento da cidade, mudamos para o ponto de ônibus. Agora me dou conta de que, desde o início, a Praça no Morro já se fazia “nossa”, ou seja, *locus* de encontros, de acordos, de intervenções, de se fazer presença pela via da atenção psicológica à população, à comunidade. Foi no banco de um ponto de ônibus, numa estação, que “caminhos” se atravessaram, encontraram-se e, a partir daí, começou numa coparticipação, um estilo/modo próprio para a extensão universitária: o estágio em Psicologia com o grupo de Hip Hop Consciência Nordestina⁹.

Comecei a ver que esse grupo me daria acesso ao Morro Bom Jesus. Mas não queria apenas o acesso ao Morro; buscava conhecer as demandas desse grupo e como seria possível contribuir por meio do conhecimento profissional/acadêmico. Foi então que ficou evidente o ponto forte do talento dos jovens do Hip Hop. Afinal, a *Arte* e o desejo de ver seu talento valorizado profissionalmente podendo dele, como todo trabalhador, viver dignamente, pareciam conduzir o também desejo de contribuir

⁹ Esclareço que utilizo o nome do Grupo Consciência Nordestina e 3 Soma, bem como do DJ Nino e do MC Suspeito, por solicitação deles, como um modo de divulgação do seu trabalho, sendo essa atitude tomada, nesta tese, também, como uma ação política.

socialmente para a retirada de crianças e adolescentes da convivência cotidiana com as drogas e a violência, através de oficinas de música (*Rap e Dj*), de dança (*Break*) e de artes visuais (*Grafite*). Minha pele começava a ser revestida pela Arte do Hip Hop e pela realidade cotidiana do Morro, numa interseção entre Psicologia, arte e viver digno.

Marquei um segundo encontro, em outra Praça, em frente à Escola Municipal, agora acompanhada de duas estagiárias, para conhecermos o Morro. Chegando lá, houve a apresentação a outro integrante do Grupo de Hip Hop, e chegou a hora de subir o Morro acompanhada por ele. Não posso negar que eu estava diante de uma bela paisagem. Conheci, ainda, a grafiteagem desse Grupo, presente nos muros da Escola. Ficou acordado que o trabalho seria realizado lá em cima em uma sede do grupo. Entretanto, logo na semana seguinte, eles perderam o direito de ocupar o espaço, uma vez que a igreja católica, proprietária do local, solicitou a entrega do imóvel.

Surgiu nesse segundo encontro a sugestão de conhecer o Morro percorrendo-o a pé, sempre em companhia dos integrantes do grupo de Hip Hop. Eis aqui como comecei a me dar a ver para ser vista. Nas andanças, percorrendo o Morro, escutei uma frase que nunca irei esquecer: “Vocês nos protegem da polícia... e nós protegemos vocês andando no Morro!”. Afinal, a polícia sempre o revistava, mas, por estar com o “pessoal da Psicologia¹⁰”, não havia revista. Por outro lado, ainda não era possível andar pelo Morro sem eles. Sinto vividamente a plasticidade da atenção psicológica. Estranha essa convivência: inusitado perceber que eu, psicóloga, buscando cuidar, também estava sendo cuidada. Ao mesmo tempo, o “pessoal da Psicologia” já começava a ser distinguido pela comunidade. Moradores e policiais os reconheciam. Mas não só isso. Um modo de se fazer presença no Morro ia-se tecendo no caminhar e, por entre “passeios”, ouviam-se os moradores contar sobre os modos de convivência naquele espaço coletivamente habitado.

Estaria aqui a possibilidade de plasticidade de uma ação clínica? Uma ação que ocorre quando clientes e psicólogas transitam em espaços coletivamente habitados¹¹? Indo além, seria outra modalidade de prática psicológica? Ao me deparar com essas perguntas, compreendo que, ao narrar essa caminhada, vou também começando a me

¹⁰ Modo como se referiam a mim, aos estagiários e extensionistas.

¹¹ Buscando distanciar-me da noção de território apresentada em trabalhos que focam as Políticas Públicas no Brasil, com realce para a localização geográfica e a situação de vulnerabilidade social das populações atendidas, esclareço que utilizo a expressão “Espaços coletivamente Habitados”, no sentido de um contexto no qual os habitantes/clientes vivem e convivem cotidianamente, sendo corresponsáveis pelo espaço que habita com-outras – um espaço marcado por um pertencer coletivo, no qual se compartilha a experiência de pertencimento.

apropriar de como a ação clínica se dá no Morro. Entretanto, tenho clareza de que esta é uma discussão que poderá ser feita mais adiante, durante a escrita da tese.

Em um dos encontros, conhecendo a cultura Hip Hop e esclarecendo os objetivos do estágio, dei-me conta nesse encontro de que nada é pré-concebido, pré-determinado. É no acontecer que se dá a ver a possibilidade de uma certa intervenção. Senti que era necessário redirecionar a trajetória. Foi dialogando sobre para que a Psicologia estava ali, que a expressão clara e sincera da necessidade de confiar, foi expressa por dois dos integrantes do grupo. Essa foi uma oportunidade para, juntos, refazer bagagens e escolher nova paisagem para a realização do estágio e, principalmente, a retomada do projeto desse grupo que, por encontrar-se sem elementos essenciais para a realização da sua *Arte*, estava quase se desfazendo do seu projeto. Mais uma vez minha pele se reveste de outra tatuagem. O espaço para o acontecer da ação clínica se dá num acordo entre aspectos do con-viver, desvelado pela via da confiança¹², e pelos contextos próprios e conhecidos por uma comunidade, que passavam a também ser compartilhados pela psicóloga e psicólogos em formação. Dava-se a ver o quanto o *setting*, tradicionalmente determinado pela “instituição Psicologia” como próprio do psicólogo para o acompanhar da clientela, apresentava-se pelo seu inverso: era a comunidade/cliente quem guiava por onde transitar e onde e como poderia se dar um encontro. Um *setting* flexível, aberto “Na rua, na chuva, na fazenda ou numa casinha de sapê” (Hyldon, 2014, online) - como poderia ser campo de ação do psicólogo?

Junto com o grupo de Hip Hop foi tomada a decisão de que o local do estágio seria a Praça do Centenário, espaço que favoreceria a permissão dos pais e/ou responsáveis à participação das crianças e adolescentes, pois se localizava na parte de baixo do Morro, e que, depois, como eles mesmos reconheceram, deu visibilidade ao Grupo Consciência Nordestina. Foi pela interseção entre a aqui chamada Psicologia na Rua e a Arte de Rua que se abriu espaço para a dança, a música, a arte visual do grafite, e a presença da Psicologia no Morro. Oficinas de *Break* e Grafite iam sendo realizadas na Praça do Centenário com crianças e adolescentes do Morro, e o “pessoal da Psicologia” participava acompanhando, conhecendo a Arte de Rua.

Acompanhando essas apresentações públicas, foi possível reconhecer um modo de ser coparticipante, abrindo ao público e a outros transeuntes presentes na Praça, caso

¹² Com-fiar como fiar junto a...

quisessem, a possibilidade de participação em uma conversa com o “pessoal da Psicologia”. Sempre se formavam alguns grupos e ali se conversava sobre o movimento Hip Hop e sobre suas histórias. Levavam-se, também, alguns recursos plásticos que poderiam lançar mão para expressarem as suas experiências, caso quisessem. Para onde e para que se olha quando, juntos, cuida-se de um espaço para acolher o humano pela Psicologia e pelo movimento Hip Hop? Será que se está construindo uma nova proposta de prática psicológica? O que apresentaria de singular?

Com o início do 2º ano de estágio, esse grupo diz que agora, depois de um ano, por conhecerem e saberem para que e como o “pessoal da Psicologia” estava ali, seria possível começar a transitar pelas escadarias do Morro. Mais uma vez surge a questão do “*setting*”: onde eu atendo/acolho os clientes/moradores? De novo são eles que guiam. São eles que dizem por onde posso avançar ou recuar. Estaria aqui o sentido de um “*setting*” nesse contexto, ou seja, será que o “*setting*” se faz quando me lanço na abertura de seguir a caminhar com eles? Começava a compreender que, do mesmo modo como acontece em uma pesquisa clínica, eu me deixava ser guiada. Surgiu, então, a grafiteagem nas escadarias e com ela há uma aproximação das casas dos moradores. Mas, por ser território deles, eles guiavam mostrando onde se situar: ora na Praça, ora na escadaria. Continua-se ali, hora atendendo individualmente, hora no atendimento de grupos, durante e após a grafiteagem.

Chega o São João, e o “pessoal da Psicologia” decide, junto com o Grupo de Hip Hop, fazer uma “festa/confraternização” na Praça, já que Caruaru é a “capital do forró”. Entretanto, à noite, há um telefonema dizendo que um familiar tinha falecido por homicídio e a festa não deveria acontecer, nem o comparecimento ao velório, pois o clima no Morro estava tenso. No entanto, poderia ir à Praça.

O “pessoal da Psicologia” foi à Praça Centenário e, depois do enterro, eles chegaram e foram acompanhados. Nesse mesmo dia, começaram a dizer que seus familiares iriam precisar falar da dor da perda, da morte. Abria-se, assim, mais uma via: da Praça São Roque (onde fica o cemitério) à Praça do Centenário (onde se encontraram): nascia mais uma possibilidade de intervenção - o atendimento domiciliar. Ocorre, agora, uma reflexão: a Praça se mostra como um ponto da encruzilhada a partir da qual são apontadas direções de prosseguimento e de recuo. En(cruz)ilhada, ou seja, a morte se mostrou como abertura para sair da ilha, pois ficar só na Praça e nas Escadarias seria, a partir de então, ficar em espaços restritos para adentrar o universo da comunidade do Morro. Transitando por entre o público e o privado, surgia outro modo

de o “pessoal da Psicologia” se dar a ver e serem vistos. Outra reflexão: mas, afinal, onde está o limite entre público e privado? Se, por um lado, a Praça pública se fazia também espaço privado, a casa particular, por outro, se mostrava como um lugar público, ao qual se passa a ter acesso. Novamente, esse trânsito por diversos contextos me faz repensar a plasticidade da ação clínica a partir dessa experiência no Morro.

Ao início do 3º ano do estágio, o atendimento domiciliar iniciado por aquela situação de morte, abria-se às demais casas por indicação do Grupo de Hip Hop. Mais uma vez me deparo com o modo como uma psicóloga pode ir sendo guiada na direção de quem a solicita. Sou levada aonde a comunidade aponta ao revelar seu movimento. Paralelamente a esse momento, há a apresentação a um grupo de *Skate*. Essa situação me conduz a outra reflexão: além dos familiares, dos moradores do Morro, aos poucos é a própria cultura do Morro que se ampliava para o “pessoal da Psicologia”. Penso: é a expressão viva de que Psicologia e Cultura, Psicologia e Arte, Psicologia e Esporte, Psicologia e Grupos, Psicologia e Família, Psicologia e Comunidade se integram. Sinto que adentro o Morro e dele faço parte. Assim, nessa rede de conexões, passo a me sentir pertencente ao Morro.

Em 2012, houve mais um falecimento, agora por doença. Nesse velório/enterro, novamente, há um chamado e a abertura para estar presente. Os estagiários compareceram e ali se disponibilizavam a acompanhar familiares e amigos. Eu não pude comparecer, mas telefonei para eles e me sentia confortada ao ouvir: “Você se faz presente! Você é presença! Sabemos que está com a gente!”. Eu disse confortada? Retorno à proteção mencionada acima, e aqui se revela uma inquietação: numa intervenção na rua, como se manifesta o encontro entre cliente e psicólogo? Estranhamento! Seria um outro modo de ser cliente e psicólogo?

Como um clarão de um relâmpago, ressurge a questão aberta em minha dissertação: “*como a escuta clínica cuida do ser-em-trânsito do ser-sofrente?*” (Santos, 2005, p.333, grifos da autora). Deparei-me com uma sensação de estranhamento. Tinha esquecido essa questão. Sem dúvida, sou tomada por uma surpresa e aquilo que poderia ser um alívio, contraditoriamente, alimenta a minha inquietação sobre o que pesquisar em um doutorado, e provoca-me a olhar para os modos como eu venho transitando em minha ação profissional. Surgiu um holofote de luzes que reluzia destacando o *ser-em-trânsito*. Luzes que, às vezes, me ofuscam e que, em outras, de um modo multicolorido, iluminam, e me fazem compreender que aí se revela uma inquietação. Na questão lançada na dissertação, o ser-em-trânsito se mostrava na escuta sobre o momento de

passagem e, hoje, amplia-se para o acompanhar no próprio acontecer da passagem. Será que saí buscando modos de ser psicóloga em trânsito? Agora parece fazer todo o sentido meu olhar atento ao Morro, minha atenção dirigida à comunidade do Morro, minha escuta inclinada aos moradores/habitantes do Morro.

Chego ao meu 4º ano no Morro. Em uma intervenção na Praça do Centenário, numa apresentação do Grupo de Hip Hop, o trabalho do “pessoal da Psicologia” foi destacado como um cuidado com os que transitam pela comunidade. Tocou-me, o reconhecimento público de uma proposta de intervenção que sinto como novidade/inventividade. Lembro-me da apresentação em 2009, no IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológica em Instituições, na UNICAP, quando um amigo/psicólogo falou: “mas o que vocês fazem não é Plantão Psicológico! É outra coisa!”. Essa frase nunca me saiu da lembrança e agora sou provocada a compreender esse fazer de ofício que se constrói no viver cotidiano.

Nesse mesmo dia, fui reconhecida pelo meu “nome cultural”, ou melhor, o meu apelido, como é comum acontecer no movimento Hip Hop. Mas antes de apresentá-lo, quero contar como esse nome nasceu. Em uma das intervenções em que juntos conversamos com um empresário sobre o trabalho com grafiteagem em tapumes das construções, quando entraram no meu carro e viram a minha dissertação de mestrado, um deles falou com sua espontaneidade à flor da pele: “Que TIJOLÃO é esse!?”. Houve uma sucessão de risadas, e ao dizer que era minha dissertação de mestrado, ele disse: “Agora já tenho o seu nome! É a Pequena Grande Mestra!”. Guardo com carinho a minha camisa grafitada com essa “foto”: eu em cima do “tijolão” - um livro. Foi esse o batismo da “Psicóloga no Morro”.

Diante dessa lembrança, nesta caminhada em que a ação clínica se faz na abertura de deixar-me ser guiada, vem mais uma recordação. Após o contrato firmado com a construtora, muitas vezes, a atenção psicológica ia acontecendo enquanto grafitavam: eles diziam onde estavam grafitando, ou seja, em que bairro, rua da cidade, e o “pessoal da Psicologia” ia até lá e ali eles e quem transitava pela rua, podiam ser atendido. Grande parte da conversa dizia respeito ao preconceito com a arte de rua. Contudo, não se apresentava como uma discussão acadêmica sobre a temática, mas sim a contação e elaboração de vivências com o preconceito.

Diante de tais situações, indago: quem me nomeou? Seria por minha titulação de psicóloga, pelo meu modo de estar-com o cliente? Por outro lado, quem me aponta por onde seguir? Seriam minhas leituras, interpretações, o contexto em que o cliente está e

me convida a encontrá-lo? Quem revela o sentido? Outra vez retorna a estranheza apontada acima. E nesse modo de ser estranho, mas que, ao mesmo tempo, me é familiar, vislumbro como me deparo com a criatividade e a maleabilidade de me lançar no ofício de ser psicóloga.

Entro no 5º ano de ação no Morro, mas, com pesar, seria o último ano em que participaria ativamente das intervenções. Contudo, outras descobertas se mostraram. Um grupo de idosos que sempre se encontra na Praça São Roque, conversava com as estagiárias sobre as suas histórias, entrelaçando-as com a história de Caruaru: o cinema, as praças, as escolas, o pátio do forró, dentre outras. Na semana seguinte, trazem fotos e continuam a narrativa de experiências. Depois propuseram a realização de uma exposição dessas fotos para que eles compartilhassem com a comunidade a história de Caruaru a partir das suas próprias histórias. Entretanto, algo pareceu singular no movimento de contação dessas histórias. Embora partissem da narrativa de suas experiências por entre distintos contextos de Caruaru, ampliavam a contação para a comunidade e, a partir daí, outras histórias iam sendo reveladas, compartilhadas e elaboradas em espaço público, levando-me a compreender que é preciso ter disposição para acompanhar o que brota do dizer do outro, que é preciso abertura para acolher o que o cliente aponta.

Saí de cena do Morro, mas continuei provocada e, sorrindo, recorro-me de uma frase dita por um dos moradores/clientes, quando para lá retornei após um tempo ausente: “Sei que os alunos trazem suas ideias! Mas você precisa estar aqui além das ideias... mas de corpo!”. Agradeço esse belo e instigante convite responsabilizante. É ele que, nesse momento me afeta e com brilho, diz-me que preciso continuar a ser presença. Penso que esta tese surge como possibilidade de presença...

Além dessa experiência narrada, vale ressaltar que, em 2010, ampliei minha ação profissional para mais um município do Agreste Pernambucano, trabalhando na Universidade de Pernambuco - UPE - *Campus* Garanhuns. Aliado à experiência acima, em 2012, aproximei-me ainda mais da realidade de ofício do psicólogo pelo interior, ao realizar uma pesquisa de PIBIC/UPE, intitulada “Percorrendo Caminhos da *Práxis* Psicológica no Agreste Pernambucano¹³”. Esse estudo teve como questão norteadora: *Como se mostra a práxis psicológica de egressos de Instituições de Ensino Superior no Agreste Pernambucano?* Assim, o foco dessa pesquisa não se voltou para o como as

¹³Desenvolvida na UPE – *Campus* Garanhuns, sob minha orientação e a participação dos alunos do curso de Psicologia Juliet Moraes e Jailton Melo, aprovado em consonância com o Edital IC PFAUPE 2012.

instituições de ensino têm formado os estudantes, mas sim para como os psicólogos formados por essas Instituições têm vivido a sua prática em diversos campos de intervenção. Para tanto, pesquisou-se como se mostrava a práxis psicológica de egressos dos cursos de Psicologia da UPE - *Campus* Garanhuns, e da FAVIP, em Caruaru.

Destaco que, nesse projeto, o que chamou a atenção foi que em alguns depoimentos das entrevistas, a clínica psicológica no Agreste Pernambucano se mostrou como uma ação descentralizada das massas elitizadas, possibilitando ao psicólogo uma imersão em diversos contextos sociais. Além disso, ficou revelada que a interiorização da Psicologia vem crescendo e lançando, cada vez mais, os psicólogos na rede pública de saúde e da assistência social. Entretanto, outro aspecto sobressaiu nas entrevistas realizadas instigando-me e lançando-me outra inquietação: a ausência de uma sistematização das experiências e compreensão das intervenções psicológicas, denotando uma dificuldade de “entrelaçar” a teoria e a prática. Reafirmou-se, assim, na interseção da minha experiência profissional com a dos participantes-colaboradores dessa pesquisa, a proposta de pensar/questionar a ação clínica do psicólogo, em especial quando ela ocorre no viver cotidiano, considerando-se a perspectiva fenomenológica existencial.

Diante da paisagem pintada por essas experiências, despertou em mim, mais uma proposta de Projeto de PIBIC, nomeado “O Estado da Arte: Prática Psicológica Clínica na Perspectiva Fenomenológica Existencial¹⁴”. Partia da ideia de que os estudos e pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre Prática Psicológica e Ação Clínica de psicólogos numa perspectiva fenomenológica existencial ainda carecem ser conhecidos, configurando um tema pouco debatido academicamente. Esse percurso investigativo, além de poder ser fonte de referência para outros estudos sobre a aludida temática, mostrou-se como uma contribuição para a presente pesquisa, uma vez que deixou em evidência um conjunto de estudos realizados nos últimos 13 anos no Brasil sobre a produção de conhecimentos nos programas de Pós-graduação acerca da Prática Psicológica e Ação Clínica na Perspectiva Fenomenológica Existencial.

Numa caminhada pelo “Estado da Arte” e através das fotografias desveladas, escolhi, intencionalmente, alguns sinalizadores para compor um recorte ilustrativo que subsidiaria aquela pesquisa. São eles: trabalhos de Pós-graduação de Psicologia, nas Regiões do Nordeste e Sudeste do Brasil com os descritores escolhidos, ou seja, Ação

¹⁴Desenvolvido na UPE – *Campus* Garanhuns, sob minha orientação e a participação das alunas do curso de Psicologia Melline Menezes e Samya Alves, aprovado em consonância com o Edital IC PFAUPE 2013.

Clínica/Prática Psicológica e Fenomenologia Existencial. Embora tenha encontrado 50 (cinquenta) trabalhos a partir desses descritores, ao olhar para as epistemologias apresentadas em seus resumos, restringi-me apenas a 36 (trinta e seis) trabalhos, nos quais os autores afirmavam que caminharam na direção de uma compreensão fenomenológica existencial, ao modo de Heidegger. Tal retrato em preto e branco revelou que ainda são poucas as pesquisas sobre ação clínica e prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial em Programas de Pós-Graduação. O estudo em questão, também, evidenciou a importância e necessidade de que psicólogos/pesquisadores, ao trabalharem com as diversas fenomenologias, deixem explícito o lugar de onde falam, através do seu olhar epistemológico e metodológico¹⁵.

Ainda em Garanhuns, venho participando de ações clínicas na rua através do Serviço de Atenção Psicológica Profa. Lindair Ferreira de Araújo (SAP/UPE - *Campus* Garanhuns), juntamente com professoras/supervisoras, psicólogas egressas, estagiários e extensionistas do Curso de Psicologia da UPE - *Campus* Garanhuns. Essas intervenções têm contribuído para ampliar minhas reflexões a respeito da ação clínica no viver cotidiano. Elas aconteceram em espaços públicos: a Praça Cultural Mestre Dominginhos¹⁶ e o Espaço Colunata¹⁷, onde transeuntes que passavam, iam espontaneamente, procurar pela atenção psicológica em um toldo armado nesses locais, com uma faixa para a identificação da modalidade de prática psicológica ofertada: o Plantão Psicológico. Essa experiência me colocou frente à desconstrução de um preconceito que circula na cidade de Garanhuns, de que a população não procura o atendimento psicológico por ser uma cidade de interior e seus moradores temerem que suas histórias sejam disseminadas. Naqueles dois dias em que a Psicologia foi à rua, houve uma procura tão grande, que foi preciso encerrar os atendimentos antecipadamente, e divulgar para a população o atendimento no SAP/UPE.

Esta tese nasceu, assim, de inquietações experienciadas em meu cotidiano profissional como psicóloga, professora, pesquisadora, orientadora, supervisora de extensão e de estágio em Psicologia nos municípios de Garanhuns e Caruaru no Agreste Pernambucano. Nesse caminhar, interessei-me pelos modos como o existir, ou o viver cotidiano desafiam as questões teórico-metodológicas da clínica psicológica e, passei a

¹⁵ Pesquisa publicada: Santos, S. E. de B., Barreto, C. L. B. T. & Morato, H. T. P. (2014). Produção nos PPGs sobre ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial: análise compreensiva. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*. n. 2, v.3, pp.112-134.

¹⁶ Participação no Projeto Colmeia em parceria entre a UPE - *Campus* Garanhuns, e o SESC - Garanhuns.

¹⁷ Participação em parceria entre a UPE - *Campus* Garanhuns e a subsele Agreste Meridional do CRP-02.

fazer movimentos, buscando acompanhar as demandas que, inusitadamente, apareciam no ofício diário de ser psicóloga, apontando para o desafio de assumir um modo de ser “psicóloga andarilha”. Assim indago: o viver cotidiano me possibilita pensar numa ação clínica que lhe seja próprio? Esse viver cotidiano acolhe ou até mesmo solicita um modo singular de se dar a ação clínica?

Vejo que saí, nesses anos, em busca de modos de ser psicóloga em trânsito, e que toda a trajetória percorrida demarca a contribuição da perspectiva fenomenológica existencial. Estará aqui o sentido da arru(a)ção presente no título desta tese? A ação de arruar, de abrir ruas, caminhos, de andar pelas ruas, passear pelas ruas. Ação na rua remete a um desalojamento que chama para a criação. A partir da minha experiência, desponta outra inquietação: A escuta psicológica está atenta à existência humana que se revela em distintos modos no dia a dia? Essa questão me instiga a olhar para os modos como o psicólogo se volta para o existir humano e para o conviver comunitário diante dos acontecimentos do cotidiano, para avançar no campo de sua *práxis* e de suas construções teórico-metodológicas.

Nesta caminhada, apresento a seguinte tese (proposição) para esta pesquisa: olhar para o acontecer da ação clínica de psicólogos no viver cotidiano, em especial numa perspectiva fenomenológica existencial, ainda se mostra como um campo a ser explorado, evidenciando-se como um contexto fértil para produção acadêmica. Partindo da minha experiência profissional e de pesquisas realizadas anteriormente, questionei como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, pôde mostrar-se com uma configuração própria, a serviço de demandas atuais no viver cotidiano. Com essas provocações presentes em mim, lanço a questão-bússola que se fez guia nesta tese: *Como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano?*

Partindo dessa questão, esta tese tem como objetivo geral propor, a partir da prática de psicólogos, uma compreensão para como a ação clínica ocorre no viver cotidiano; e, como objetivos específicos: cartografar os modos como psicólogos compreendem a ação clínica que eles desenvolvem; cartografar como a ação do psicólogo é compreendida por clientes que participam dessa ação clínica; articular a ação clínica que se mostrou no campo desta pesquisa com o pensamento de alguns psicólogos e filósofos que me ajudem a refletir sobre a ação clínica no viver cotidiano; encaminhar uma compreensão possível de como a ação clínica de psicólogos, pela perspectiva fenomenológica existencial, se dá a ver no viver cotidiano.

Sem dúvida foi desafiador fazer esse percurso em direção à questão-bússola, e mais uma vez me vi no movimento de realizar um outro trânsito em busca de possibilidades para pensar e compreender essa questão. Nessa “aventura”, ponho-me em mobilidade saindo de Recife e chegando a São Paulo com o propósito de realizar um diálogo com a Filosofia, tendo Dulce Critelli como interlocutora. Esse foi um encontro provocativo. Cheguei até ela com um caminho traçado no que se refere à organização da tese, e saí cheia de interrogações. Seguia querendo ver como a Filosofia ajudaria em minha tese, e fui des-encobrendo que a filósofa me questionava e me provocava a pensar num caminho metodológico. Dulce teve um lugar de me chamar para a importância de questionar o meu modo de percorrer o caminho metodológico, e olhar para o meu próprio “movimento de realização”. Nesse caminhar, reconheço-a como uma “orientadora em mobilidade”, e vejo que a arru(a)ção tem sido meu en-caminhamento.

Cabe agora explicitar que esta tese foi construída por meio da composição de capítulos, os quais se articulam através de um eixo em comum: uma cartografia clínica a partir de uma lente compreensiva da perspectiva fenomenológica existencial. Nesta direção, faz sentido o seu modo de organização: esta **introdução** apresentou a narrativa da experiência da pesquisadora. Após essa contação, o **primeiro capítulo** explicita o percurso metodológico da tese e abre possibilidade para seguir cartografando como ocorre a ação clínica no viver cotidiano, por meio de uma conversação com os participantes-colaboradores e os meus diários de bordo. Em vista disso, o **segundo capítulo** retrata um momento clínico hermenêutico, o qual evidencia a minha leitura/interpretação dos fenômenos que se desvelaram a partir da conversação com os depoimentos/narrativas, a fim de compreender o sentido revelado a mim, no trânsito pela cartografia clínica. Esse capítulo imprime o curso tomado nesta tese, de que a sua tematização seria construída no aguardar o desvelar dos fenômenos cartografados - a interseção entre Psicologia, arte e cultura; a inserção no cotidiano com destaque para o se pôr em andança; a presença de uma ação do psicólogo como ação clínica, política, ética, estética e educativa coexistindo indivisamente; um questionamento à formação do psicólogo, quando sua intervenção se dá no viver cotidiano e, por fim, uma prática psicológica acontecendo sem nomeação. Segue-se, então, o **terceiro capítulo** tematizando cartograficamente, seguindo pelo campo da compreensão do sentido dado pelos participantes-colaboradores e pesquisadora aos cinco fenômenos cartografados, em conversação com o pensamento de filósofos e compreensões de psicólogos. Esse diálogo amplia o meu olhar compreensivo para, no **quarto capítulo**, evidenciar

possíveis caminhos para compreender o pensamento psicológico, assumindo a minha direção para uma análise compreensiva hermenêutica. Em seguida, aponto um outro modo de re-conhecer aquele que busca a escuta clínica de um psicólogo, bem como o psicólogo que transita em espaços coletivamente habitados. Depois, explicito alguns pressupostos da hermenêutica existencial de Heidegger e Gadamer, que se apresentaram como “lentes” para encaminharem a tessitura da análise compreensiva hermenêutica. No **quinto capítulo**, en-caminho uma proposta compreensiva acerca dos modos possíveis da ação clínica se mostrar no viver cotidiano, realçando os “relevos” próprios dessa ação clínica no viver cotidiano do Morro Bom Jesus, com suas singularidades e seus mistérios, anunciando, também, ecos do que ainda está por vir, ou questões acerca da possibilidade de o psicólogo-caminhante habitar espaços coletivamente habitados. Por fim, no **sexto capítulo**, narro as ressonâncias da tese em mim.

*O senhor poderia me dizer, por favor, qual o caminho que devo tomar para sair daqui?
Isso depende muito de para onde você quer ir, respondeu o Gato.
Não me importo muito para onde ir, retrucou Alice.
Então não importa o caminho que você escolha, disse o Gato.
Contanto que dê em algum lugar, Alice completou.*

Alice no País das Maravilhas - Lewis Carroll, 2016, online

1 CAMINHANDO EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO DA “QUESTÃO - BÚSSOLA”: UMA INCURSÃO METODOLÓGICA

1.1 Situando a Metodologia

Este capítulo contém a apresentação do percurso metodológico trilhado nesta tese, construída por meio de uma pesquisa qualitativa interventiva numa perspectiva fenomenológica existencial. Inicialmente, vale destacar que, segundo Schwandt (2006), a pesquisa qualitativa aparece no contexto acadêmico nos anos de 1970, proveniente de críticas ao modelo positivista de intervenção que se fazia presente nas Ciências Humanas, embora oriundo das Ciências Naturais. Para Minayo (1994), a pesquisa qualitativa se preocupa

[...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e **atitudes**, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21-22, grifo meu).

Nessa diretriz, é pertinente dizer que a pesquisa qualitativa busca uma compreensão de questões singulares, lidando com inquietações que não se propõem a ser quantificadas, controladas ou mesmo universalizadas a partir dos resultados encontrados. Assim,

[...] para o olhar qualitativo é necessário conviver com o desejo, a curiosidade e a criatividade humana; com as utopias e as esperanças; com as desordens e o conflito; com a precariedade e a pretensão; com as incertezas e o imprevisto. (Macedo, 2004, p.69).

Esse olhar qualitativo leva-me a Cabral e Morato (2013) quando se referem à busca da pesquisa qualitativa numa perspectiva fenomenológica existencial em “empreender uma compreensão *qualitativamente singular* de algum fenômeno, como interpretação única do que se apresentou entre interprete (pesquisador) e interlocutor (participantes da pesquisa)”, (p.178, grifos das autoras). Desse modo, o objetivo não é qualificar o que é mais ou menos, mas construir o caminho. Ainda pela perspectiva fenomenológica existencial, a pesquisa assume a relatividade da verdade, dirigindo-se a apreender o fenômeno, interrogando-o e não para confirmá-lo teoricamente:

Genericamente podemos dizer que investigar é sempre colocar em andamento uma *interrogação*. É perguntar. Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. Investigar não é, assim, uma aplicação sobre o real do que já se sabe a seu respeito. Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo. (Critelli, 1996, p.25, grifo da autora).

Nesse mesmo mote de discussão, Gadamer (2008; 2010) frisa que implica compreender o fenômeno a partir do diálogo, mantendo-se no estranhamento, sem preocupação de chegar a uma conclusão, mas abrindo possibilidade para mais questionamentos.

Quando estou a falar sobre uma pesquisa na perspectiva fenomenológica existencial, vieram-me à lembrança duas questões as quais coloco em negrito, referentes à quantidade de participantes, levantadas por uma das narradoras colaboradoras em minha pesquisa de mestrado: “**Por que nove?** Por que escolheu esse número? Você escolheu o número que quis?” [...] “Eu fiquei pensando... nove? E aí... então?... **Ter seis... não interfere?**” (Santos, 2005, p.180, grifos meu). O que está sendo revelado para mim, com as perguntas da narradora colaboradora, é uma outra questão: “Como você pôde se abrir para o inesperado em pesquisa?” Essa questão pode ser decorrente do ideário de que pesquisa é algo já planejado e seguro, pois é regido pelo método, bem como de que a verdade é vista como certeza, como garantia de um saber. Pergunta-se aquele possuidor de um ideário em que está presente aquele modelo clássico de pesquisa de que não pode fugir da previsibilidade: como se faz uma pesquisa pela via da inquietação? Por isso é que surge o estranhamento quando “se perdem” alguns participantes narradores e, ainda assim, leva-se a pesquisa adiante. Como é que continua a ser pesquisa apesar da falta? Onde está o controle? Como é se que se lida com o inesperado, sem perder o sentido da pesquisa? Essas questões se colocaram como um convite para refletir acerca de alguns aspectos do pensamento metafísico e do pensamento originário (Michelazzo, 1999), em diálogo com o olhar heideggeriano. Penso que, nessa direção, um caminho possível a ser tomado é situar o percurso metodológico fazendo um movimento de vaivém que se apresentará, em alguns momentos, no contraponto com o pensamento metafísico.

Começo ressaltando que as indagações acima trazem a imagem da pesquisa realizada por um pesquisador que, em seus pressupostos metodológicos, procura lidar com variáveis que podem ser controladas e que se dirigem para a resposta de uma **verdade única**, por suas ideias “rigidificantes” (Turato, 2003). Por outro lado, pensando na compreensão de verdade no sentido originário - *alétheia* (desocultamento),

dirijo-me a Michelazzo (1999) ao refletir que, para o grego, “[...] o ocultamento não possui um significado marginal, acessório na concepção da verdade, ao contrário, ele é sua origem, o lugar de sua procedência.” (p.34). Nessa direção, a concepção de uma pesquisa que busca uma verdade única, regida pelo pensamento metafísico, apresenta uma mudança de entendimento a respeito da verdade como *alétheia*, distanciando-se da sua origem - o desvelamento - passando a ser apreendida como exatidão, portanto, ao que é correto. Assim, “A verdade acontece, então, quando o acordo (*homoíosis*) entre o entendimento e a coisa mesma for exato (*orthóstes*).” (p.35, grifos do autor).

Essa transformação se dá sob a influência de Platão desde quando interpreta a *phýsis* como *idéa*. No pensamento originário, a *phýsis* era o modo como o ser era nomeado, e se mostrava através de uma dupla face, ou seja, “a *phýsis* é predominância que brota, a consistência do que permanece” (Michelazzo, 1999, p.34, grifo do autor). Com Platão o ser do ente passa de *phýsis* para *idéa* e, a partir de então, esta se impõe como único modo de interpretar o Ser. A verdade na metafísica está distante de nós e, para recuperá-la de acordo com Platão, é preciso ter um método. Assim, entre o homem e o conhecimento, impõe-se o método como técnica, influenciando o surgimento dessa concepção de verdade na academia, com o predomínio da ideia de que a técnica fará a leitura do mundo, por meio de conceitos e esses se baseiam na representação.

A pesquisa por esse olhar metafísico é vista como um saber previsível, factual, verificável, preditivo, útil, controlável, enquadrado em um conjunto de referenciais prontos para seguir as hipóteses de seus construtores. É o predomínio da razão, da verdade exata, da permanência, da redução ao que aparece, ao que é, enfim a *idéa*. Vemos, aqui, o ser como *idéa* sendo assumido no mundo ocidental como modelo. É o predomínio do pensamento metafísico como paradigma a ser seguido como padrão. Este modo de pensar “transformou a força do desabrochar (*phýsis*) em aspecto (*idéa*) e a verdade (*alétheia*) em exatidão (*orthótes*).” (Michelazzo, 1999, p.37, grifos do autor).

Esse paradigma próprio das ciências naturais provocou um afastamento da verdade como *alétheia*, e com isso chega-se a acreditar que o inusitado (que é próprio do existir e que aparece com o desocultamento) seja estranho à pesquisa. Vou-me dando conta de que pesquisar o humano, numa perspectiva fenomenológica existencial, mostra-se como uma possibilidade de desocultar um modo de viver, e mostrá-lo numa narrativa - e não falar da existência das coisas. Estaria aí, no narrar acerca do viver o qual é atravessado pela presença do inusitado, o desafio de assumir uma mudança de atitude de pesquisadores e participantes, na qual há uma ruptura com o *status quo* já

consagrado? Romper esse *status quo* é abrir-se para o novo, deixando de lado a repetição, é cocriar um modo de lidar com a inquietação do pesquisador exposta por meio da sua questão, em coparticipação com autores das suas histórias existenciais. Digo, ainda, que esta tese, ao construir uma tematização pela via da cartografia clínica, se propõe a romper com esse *status quo* de debater sobre temas teóricos *a priori* e sem interseção com a experiência.

Assim, como lidar com o inesperado sem perder o sentido da pesquisa? Creio que uma resposta pronta inviabilizaria todas as ideias refletidas até então. Essas mesmas ideias apontam outro sentido àquela pergunta: será o modo como lido com os fenômenos revelados pela questão que possibilita a aparição do inesperado e a abertura para uma ação coparticipante entre pesquisador e colaboradores? Cabe lembrar que ao falar do modo como se lida com os fenômenos, falo também de um lugar e de um olhar. Até onde esse olhar para o fenômeno pode ser compartilhado? Talvez aclarando o lugar de onde olho, possa contribuir para explicitar a ideia da presença de um “rigor científico” nas pesquisas realizadas numa perspectiva fenomenológica existencial, por meio de um “rigor de construção de sentido” - um “rigor” que se mostra na possibilidade de compreensão do fenômeno. Então, não se olha para o significado das coisas, mas para o sentido como destinação, direção para o que se busca compreender.

Feitas essas considerações, por um lado, importa destacar que, nesse modo de pesquisar, “A apreensão do fenômeno se dá a partir do que se mostra [...] - o próprio fenômeno - e não a partir de pressupostos teóricos que tenham como objetivo explicar o fenômeno, retirando-lhe o seu caráter de estranheza” (Rodrigues, 2006, p. 53). Assim, faz sentido a organização da apresentação desta tese a partir dos fenômenos desvelados e revelados no campo, via cartografia clínica, para seguir dialogando com teóricos e estudiosos. Por outro lado, sendo a compreensão a finalidade de uma investigação, “O modo da interrogação é determinado exatamente por aquilo que se quer saber e não pelos recursos técnico-operacionais que se possa pôr em prática. O fundamento do método fenomenológico está dado, sobretudo, por aquilo que se busca compreender.” (Critelli, 1996, p. 27, grifos da autora).

Neste trabalho, resalto ainda a singularidade de uma pesquisa participante, em especial da Pesquisa Interventiva, a qual “[...] procura dar conta daquilo que, da perspectiva fenomenológica existencial [...], é constitutivo da investigação na área das ciências humanas e sociais, ou seja, a propriedade intrusiva e modificadora da presença do pesquisador num campo de relações.” (Andrade, Morato & Schmidt, 2007, p. 194).

Portanto, o pesquisador entra no campo do outro, modificando e modificando-se. Entretanto, vale ressaltar que, nessa entrada em campo, a possibilidade de modificação se dá pela via da investigação/interrogação:

Investigação é por nós entendida como um querer saber que interroga. O que se quer saber; paralelamente ao modo da interrogação, é aquilo que decisivamente interessa [...] e não o regramento do proceder; que é o que se põe em questão quando o enfoque da investigação recai sobre o instrumental. (Critelli, 1996, p.26, grifos da autora).

Numa pesquisa interventiva, o “querer saber que interroga” acontece em coparticipação. Assim, compreendo que não se pode falar em pesquisa numa perspectiva fenomenológica existencial se o pesquisador e os participantes-colaboradores não estiverem implicados e não forem coautores do fazer saber pesquisar. Esse olhar encontra-se em consonância com o pensamento de Heidegger (2009),

[...] parece-me necessário como indicação de nosso método totalmente diferente, o nome ‘*envolver-se especialmente em nossa relação com o que encontro*’, em que já nos encontramos sempre. Num certo sentido, faz parte da fenomenologia o ato de vontade de não se fechar contra este envolver-se. [...] O envolver-se é um caminho inteiramente diferente, um método muito diferente do método científico, se soubermos usar a palavra método em seu sentido original [...] o ‘caminho para’... a esse respeito os senhores precisam afastar-se do conceito comumente dado de método enquanto uma simples técnica de pesquisa. (p. 148, aspas e grifos do autor).

Estar envolvido/implicado como pesquisador é estar trabalhando com os outros e não para os outros ou sobre os outros. Desse modo, numa pesquisa como ação interventiva, o pesquisador coautor envolvido põe-se a caminho com-outros, dirigindo-se à mostraçã dos fenômenos revelados a partir da questão (uma interrogação que se quer investigar), acontecendo uma coconstrução entre diversos olhares.

1.2 As trilhas percorridas

Destaco, agora, o modo como fui trilhando o caminho desde a entrada no campo até a análise, em busca de compreender a questão norteadora desta tese: “*Como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano?*”

1.2.1 A Entrada em Campo

A princípio fui ao campo de pesquisa visando a cartografar os modos como psicólogas que trabalham com a perspectiva fenomenológica existencial compreendem a ação clínica que elas desenvolvem, e como a ação do psicólogo é compreendida por aqueles que participam dessa ação clínica, ou seja, os clientes. De acordo com Aun e Morato (2009, p.123), “cartografar é dar voz, aquela que parte da reflexividade de nosso olhar com muitos outros.”. Assim, por entre o se pôr a vista e o olhar, o cartógrafo clínico se mostra aberto para ser tocado pela vista, à vista, em vista do sentido que brota do dizer-do-outro e com-o-outro, sendo a cartografia clínica uma criação coexistente.

Ao entrar num campo, pode ocorrer uma mescla de conhecimentos. Sou tocada não apenas pela paisagem, mas também pelos acontecimentos. Por isso, pude propor uma cartografia clínica, a qual se mostra como uma criação coparticipativa, pois “O conhecimento é construído a partir da ação com o outro” (Andrade, Morato & Schmidt, 2007, p. 198). Desse modo, segundo as referidas autoras, o psicólogo pesquisador está “inserido ele mesmo na situação que in-vestiga.” (p. 196). A introdução desta tese põe em evidência essa inserção da pesquisadora, como também pode ser visto, no segundo capítulo, a coconstrução do conhecimento numa coparticipação entre pesquisadora e participantes da pesquisa. A cartografia clínica, então, acontece a partir de um contato direto com o cenário social. Nesse contato, abre-se espaço para interrogar o sentido das experiências acontecidas nas paisagens que se constituem como contornos para expressão do viver compartilhado e testemunhado por outros, bem como para refletir sobre as tramas coconstruídas no modo cotidiano de con-viver. Assim compreendido, a versatilidade/mutabilidade se faz imprescindível na cartografia clínica, pois o olhar do cartógrafo clínico repousa sobre o sentido das acontecimentos no cenário mundo.

Nesta direção, Braga, Mosqueira e Morato (2012) chamam a atenção para a questão de que a cartografia clínica está norteada pelo questionamento do sentido como sinalizam Heidegger (2009) e Critelli (1996). Pela via aberta por Heidegger, sabe-se que o termo sentido *Sinn*, em alemão, quer dizer “[...] indo em uma determinada direção, [...] estando a caminho de algum lugar” (Boss, 1963, p. 86). Então, ao percorrer os espaços coletivamente habitados, ouvindo histórias, surge a possibilidade de interrogar o sentido das experiências, ao mesmo tempo em que se abre para o desvelar do sentido do coexistir humano, bem como para a escuta clínica.

Enquanto método, a cartografia clínica tem uma dupla função:

[...] detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles. O desenho do cartógrafo desvela simultaneamente o território e a si mesmo, pois ao caminhar pelo relevo e ao olhar para o horizonte descobre formas e contornos pelos quais torna presente uma região: sua missão é criar língua para os movimentos, dando-lhes condições de passagem e efetuação” (Morato, 2006, p. 5, nota de rodapé).

Vale apontar que tomo o método de acordo com seu sentido etimologicamente original, do grego *Méthodos*. Entretanto, fazendo uma torção do sentido tradicional de método (metá-hódos – um caminho para se chegar a um fim), assumo o método como *hódos-metá*, realçando que ao me pôr a caminho (*hódos*) se faz possível ir além, ir adiante (*metá*) – encaminhar-se compondo uma compreensão que se revela no caminhar: “O método assim, reverte seu sentido, dando primado ao caminho que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009, p.30). Desse modo, o caminhar possibilita seguir a direção que a questão-bússola aponta, para ir investigando/intervindo - “é o caminho que leva a algo” (Heidegger, 2009, p.139). Ou como afirma Sá (2004),

Evocando o sentido etimológico da palavra método como ‘caminho para...’, podemos compreender que para a ciência, o método é um caminho seguro que, sendo percorrido a partir de um mesmo ponto de partida, levará qualquer pessoa que não se desvie a um mesmo ponto de chegada. Contra esta disposição da ciência, Heidegger propõe o exercício de um outro modo de corresponder aos entes que nos vêm ao encontro no mundo. Segundo ele, até poderíamos entender este ‘outro modo’ como um método, mas para tanto teríamos que pensar método em um sentido muito distinto do que nos é dado quando pensamos em uma técnica de pesquisa ou intervenção. Se ainda quisermos pensar a fenomenologia Heideggeriana como um método, seria mais justo pensá-lo como um caminho no sentido taoísta: ‘o caminho que pode ser seguido não é o caminho que dura e permanece inalterado’ (pois o caminho se faz ao caminhar). (p.45, grifos e aspas do autor).

Compreendo que cartografando, o pesquisador se coloca numa situação de intervenção/pesquisa; coloca-se à disposição para imprimir uma tatuagem pela passagem junto a outro; ou seja, coloca-se em trânsito, coloca-se a caminho... Assim, a pesquisa interventiva “exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade [...]” (Passos, Kastrup & Escóssia, 2009, p.30). Refletindo sobre a importância da experiência, Morato (1989) destaca que o “Saber fazer pode ser ensinado” (p. 21, grifos da autora), uma vez que se volta para o como fazer modelatório, para o saber sobre a experiência, e põe em questão a possibilidade da experiência do

saber ir acontecendo pelo “fazer saber”. Então, olhar para a pesquisa como um fazer saber é assumir-se na implicação do que é próprio de uma pesquisa clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, numa pesquisa interventiva: a experiência compartilhada com-outros. Em suas andanças pelo campo, o cartógrafo clínico vê-se tatuado, pois, durante o caminhar, acontece uma inscrição de outros conhecimentos e experiências compartilhadas (Serres, 1993). A esse respeito, Morato (2009b) evidencia que a cartografia clínica

se configura como um conhecer e um dar-se a conhecer, possibilidade de passar pela experiência sendo por ela marcado [...] Embora possa se constituir como início de intervenção em cada projeto, não se encerra aí, configurando-se para o psicólogo a atitude cartográfica constante e presente, desde que entra no contexto [...] possibilita e engendra ações clínicas pertinentes, contextualizadas e refletidas. (p.92)

Por essa via de pensamento, a cartografia clínica não se encerra, pois a atitude cartográfica é *práxis* em movimento, é oportunidade de repensar constantemente as possibilidades de investigação/intervenção clínica num contexto dinâmico sem correr o risco de “impor” propostas de pesquisa e atenção psicológica descontextualizadas.

1.2.2 Os Participantes-Colaboradores da Pesquisa

Os participantes-colaboradores compuseram uma “Amostra Intencional” - “um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto” (Thiollent, 1986, p.62) - constituída por três (03) profissionais de Psicologia (Acauã, Mainá e Tiê), que trabalham numa perspectiva fenomenológica existencial e se dispuseram a contar suas experiências como psicólogas no Morro Bom Jesus, em Caruaru/PE, bem como 06 (seis) clientes (Cravo, Girassol, Hortência, Lírio, Margarida e Violeta) maiores de 18 anos de idade, moradores/habitantes do Morro Bom Jesus, que são ou foram acompanhados pelas psicólogas-colaboradoras e outros profissionais de Psicologia.

Os nomes escolhidos para as psicólogas-colaboradoras são nomes de pássaros e a escolha se deu pela disposição de “entoarem seus cantos” via narrativa nesta pesquisa, bem como de “voarem” para além das demarcações dos espaços convencionais de atenção da Psicologia. Assim, dedico-lhes o “Poeminho do Contra” de Mario Quintana (1978): “Todos esses que aí estão / Atravancando o meu caminho, / Eles passarão... / Eu passarinho!”. Aos clientes-colaboradores escolhi nomeá-los com o codinome de

flores do campo, pois elas nascem espontaneamente ou com a ajuda do homem, espalham-se pelo solo numa grande variedade e exala um ar tropical que brota ao ar livre do clima campestre. Mesmo em tempos de seca, permanecem firmes apesar da fragilidade de suas pétalas. Elas são encontradas em vastos campos floridos, coloridos pelos seus tons vibrantes e seus mais diversificados formatos que mais parecem desenhos feitos à mão, o que lhes confere uma singularidade. A eles ofereço o verso de Johann Peter Hebel: “Nós somos plantas que - quer nos agrade confessar, quer não -, apoiadas nas raízes, têm de romper o solo, a fim de poder florescer no Éter e dar frutos”. (Heidegger, 2000, p.27)

1.2.3 As Modalidades de Intervenção/Investigação

Como modalidades de intervenção/investigação para colher os depoimentos, que possibilitaram investigar a “questão-bússola¹⁸”: *Como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre no viver cotidiano?*, recorri a:

a) O Diário de Bordo

Inicialmente, esclareço que escolhi o termo “diário de bordo”, de acordo como Aun (2005) apresenta, ao invés de “diário de campo”, compreendendo que o primeiro imprime a tarefa de narrar histórias que revelam a experiência em percorrer caminhos com-outras aberto ao que surge, investigando/intervindo, deixando em evidência que o pesquisador não tem o controle, que lida com a imprevisibilidade, mas segue em coparticipação o movimento do qual ele é coconstrutor com-outras. Vejo, aqui, uma aproximação com a proposta desta tese, de investigar a ação clínica no viver cotidiano, na qual o psicólogo se desloca despojado de toda “segurança” de um *setting* ou de um roteiro pré-estabelecido. Por outro lado, o “campo”, embora vasto, dá a sensação de certa segurança, de terra firme, de olhar a distância, de contemplação, dando a ideia de afastamento entre pesquisador e participantes, bem como de que o pesquisador/psicólogo focará suas anotações em descrições e informações, podendo distanciar-se da contação de experiência.

Os diários de campo, originários da Antropologia, são instrumentos de pesquisas qualitativas nas ciências humanas e sociais. Para Minayo (1993), nos diários de campo,

¹⁸Cabral e Morato (2013) apresentam “A questão de pesquisa como bússola” (p.159).

[...] **constam todas as informações** que não sejam os registros das entrevistas formais. Ou seja, **observações** sobre conversas informais, comportamentos, cerimoniais, festas, instituições, gestos, expressões que digam respeito ao tema da pesquisa. Falas, comportamentos, hábitos, usos, costumes celebrações e instituições **compõem o quadro das representações sociais**. (p.100, grifos meus).

Fico atenta à questão da informação e da observação. Vou compreendendo que na construção do diário de campo, o pesquisador se coloca como observador e se volta para o registro de informações sobre o que pretende pesquisar. Mesmo que registre suas impressões, seu foco dirige-se às representações sociais. Benjamin (1994) convoca a refletir sobre o declínio da arte de narrar, quando a propagação da informação ganha espaço em nosso cotidiano, e “os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” (p.203). Vale ressaltar, entretanto, que, com a etnografia, o diário de campo enfatiza “a valorização da experiência e a abertura para a polissemia e a polifonia, introduzindo um interesse por diversas vozes.” (Andrade, Morato & Schmidt, 2007, p. 195).

De outra parte, o diário de bordo se mostra como lugar de reflexão, de inscrição autoral, evidenciando a experiência do narrador/ouvinte. O pesquisador é “pesquisador da experiência” (matéria da narrativa do diário de bordo) e se faz contador de histórias, ao mesmo tempo em que tece outras histórias enquanto as ouve. No diário de bordo, o pesquisador narra histórias que estão nele gravadas, a partir do que ouviu (Benjamin, 1994). Desse modo, a escrita do pesquisador se mostra como abertura para criação de sentido, sendo autoral. Portanto, os diários de bordo “[...] não são apenas possibilidade de restituição da historicidade de uma pesquisa; são também, o narrar a biografia da experiência de um profissional, na perspectiva de quem comunica como ocorreu o revelar-se do outro a esse profissional/pesquisador” (Aun & Morato, 2009, p.123). Assim, a narrativa da experiência é o foco dessa modalidade de investigação.

Destaco que as narrativas do meu diário de bordo foram escritas durante o ano de 2014, ano em que retornei ao Morro Bom Jesus não mais como supervisora de estágio ou de projeto de extensão universitária, mas sim como pesquisadora:

Meu Diário - Chego à Praça São Roque e, passando ainda dentro do carro, vejo que a psicóloga não chegou. Paro o carro e fico dando um tempo para ver se ela chega. Vou me dando conta de que já me sinto em outro lugar. Já me sinto estrangeira, ao mesmo tempo em que me sentia em casa. Conhecia os cenários, a psicóloga e alguns clientes, mas reverberava em minha uma estranheza.

Em meu regresso ao Morro, fui compreendendo que mesmo tendo iniciado um trabalho em 2008, em 2014, eu já não mais participava e, portanto, já me encontrava em outro lugar. Entretanto, compreendo agora, que é por me encontrar nesse outro lugar, que me reconheço com possibilidade de ser pesquisadora, embora tatuada pelas marcas das minhas andanças pelo Morro.

A partir da experiência em construir diários de bordo e buscando um diálogo com Gadamer (2008; 2010), Critelli (1996), Serres (1993) e Benjamin (1994), posso dizer que experiencio através do diário de bordo uma conversação pela afetação, que possibilita a abertura para o desvelamento de uma escuta das histórias reveladas em cenários. Essa escuta se dá na presença de alguém que se encontra situado, mas, ao mesmo tempo, num movimento de vaivém próprio do jogo, surgindo a possibilidade de ser tatuado ao acontecer uma fusão de horizontes. Torno-me, então, testemunha, ao tecer histórias no diário de bordo, pela via da *poiésis*. Posso, agora, a partir do lugar situado, narrar o movimento de mostração dos acontecimentos cartografados, dialogando com outros olhares, construindo uma rede de sentido, veracizando-a. Por fim, autentico publicizando o sentido con-sentido, passando-o adiante como tradição.

b) Roda de Conversação

Começo contando que este termo Roda de Conversação nasceu a partir de inquietações vividas em busca de modalidades de intervenção/investigação para o acontecer de uma pesquisa na perspectiva fenomenológica existencial. Entretanto, quero deixar claro que, ao referir-me à roda de conversação, distancio-me da proposta metodológica fundamentada por Campos (2000), denominada por “Método da Roda” ou “Método Paidéia”, o qual se volta para a cogestão, em especial na área da saúde.

Tal método consiste na criação de espaços de diálogo, estimulando a construção da autonomia de seus participantes, por meio da troca de informações e reflexões. Por esse olhar, a *roda de conversa* objetiva alimentar a troca, fortalecer os participantes e a democracia institucional, mediar aprendizagens visando a efetivar uma gestão participativa e compartilhada, voltada para o apoio de articulação da produção de bens e serviços com a produção de instituições, organizações e sujeitos participantes do processo (Campos, 2000). Fica claro que é um método de gestão para a promoção de sujeitos ativos, no qual, para o referido autor, as Rodas se configuram como espaços coletivos designados à comunicação de informações, interesses e aspectos da realidade

de trabalho, como também à elaboração de propostas a partir de vários olhares e tomada de decisão, segundo prioridades e projetos construídos coletivamente.

Após esse esclarecimento acima, passo a apresentar o nascedouro da Roda de Conversação. Inspirada em Gadamer (2010) e Benjamin (1994), posso compreender a roda de conversação como um encontro entre humanos, que se mostra como espaço em que histórias podem ser contadas, ou seja, uma comunicação dialógica como abertura para a criação de sentido da experiência. Desse modo, a roda de conversação se mostra como um modo de colocar a conversa em ação que circula dialogicamente na roda: uma convers(a)ção, um versar com o outro em ação. Con-verso, canto narrando a narrativa da história vivida: a experiência.

Os depoimentos contados a partir da questão-bússola revelam histórias que surgem como abertura para a criação de sentido. Assim, a roda de conversação é um espaço no qual o pesquisador transita no cuidar do escutar/dizer da experiência, e nesse trânsito é possível criar algo novo pela via da fusão de horizontes. Ou seja, como o dizer/narrar abre ao sentido, ao cuidar do escutar/dizer, encontro-me aberta para ser tocada pelo que brota desse dizer-do-outro, ao mesmo tempo em que é possível criar uma compreensão sobre o que me foi revelado, abrindo-se a possibilidade do dizer de sentido a partir do seu dizer escutado, pela via da experiência.

Faz-se necessário falar que a fusão de horizontes proposta por Gadamer (2010) apresenta o diálogo acontecendo ao colocarmos nossos pressupostos, preconceitos e concepções em questão. Ao levar adiante uma questão, há a possibilidade de abertura ao novo. Essa abertura não quer dizer, necessariamente, experienciar algo novo, mas em diálogo com o outro é possível encontrar e coconstruir algo que ainda não havia sido des-coberto na experiência. Surge então outro modo de ser, no qual dois horizontes (históricos compreensivos) fundam-se dialogicamente: fusão de horizontes.

A roda de conversação pode ser vista como um modo de “recolher¹⁹” e compreender depoimentos de experiência, ou seja, narrativas evocadas a partir da questão-bússola. A conversação se mostra, assim, como um modo de pôr a experiência em curso: uma convers(a)ção. Ao ser tomada como modalidade de intervenção/investigação em uma pesquisa numa perspectiva fenomenológica existencial, a roda de conversação se faz possibilidade de contação de experiência que convida, pesquisadora e participante-colaborador, a transitar entre horizontes - diz do

¹⁹ O psicólogo ser afetado pelo que o outro lhe diz.

modo como caminho-com-outros, podendo ser abertura possível para construir outro horizonte por meio da conversação.

Cabe expor, agora, o procedimento para a colheita das narrativas. No início, foi realizado um primeiro contato com profissionais de Psicologia que exercem uma ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, bem como trabalham ou já trabalharam no Morro Bom Jesus, convidando-os a participar da pesquisa. Nesse primeiro contato, além do convite, foram dadas todas as informações e esclarecimentos necessários, marcado horário e local para a contação da narrativa, que aconteceu em dois momentos: 1) Foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a permissão para gravar a roda de conversação. Em seguida, recolhi as narrativas na Roda de Conversação, a partir da questão provocadora: *Como você, em suas experiências no Morro, compreende a sua ação como psicóloga?*; 2) autentiquei os depoimentos em uma outra Roda de Conversação, autorizando publicizá-los.

Após o contato com as psicólogas, fui a campo escrevendo o meu diário de bordo, bem como contatando com os clientes que foram acompanhados por essas psicólogas, convidando-os a participarem da pesquisa que, também, aconteceu em dois momentos, como os descritos acima, tendo apenas a questão provocadora diferenciada: *A partir da sua experiência, como você compreende a ação do psicólogo no Morro?*

Quanto ao modo de análise para compreensão de sentido após a colheita das narrativas: a) transcrição do áudio das rodas de conversação, como acontecido na gravação; b) literalização ou textualização: colocar a transcrição no formato de texto, possibilitando a compreensão, eliminando os indícios identificadores, para assegurar o anonimato.; c) autenticação: quando as narrativas já textualizadas foram devolvidas aos participantes-colaboradores em uma outra roda de conversação, para que pudessem veracizá-las, ou seja, dar seu testemunho referendando publicamente. A autenticação pode ser vista como um momento de re-conto, no qual há a possibilidade dos participantes-colaboradores continuarem a história ou modificá-la, caso queiram. Ocorreu na segunda Roda de Conversação, quando as modificações necessárias para torná-las mais expressivas de sua experiência, permitiram o direito de incluí-las no corpo da pesquisa, como narrativas legitimadas na qualidade de depoimentos; d) análise dos depoimentos – momento em que incorporei o meu diálogo, como pesquisadora, ao texto dos participantes-colaboradores. Assim, realizei um diálogo com os depoimentos, procurando refletir/meditar acerca do que eles me revelaram/disseram sobre *“Como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, ocorre*

no viver cotidiano?”, articulando-os com os conhecimentos prévios encontrados.

É importante ressaltar dois aspectos que permeiam as duas modalidades de intervenção/investigação apontadas acima:

1) Ambas são tomadas como *Techné* - técnica na perspectiva da tradição (em sua origem grega), não sendo vistas “como instrumentos, mas sim, como um modo de expressão” (Santos & Morato, 2009, p.386), no qual o fenômeno pode desocultar-se. Assim, podem ser compreendidas como recurso acontecimental, “[...] pois é **por em curso** o fenômeno vivenciado, criando a possibilidade de expressão de sentido – experiência” (Santos & Morato, 2009, p.386, grifo meu). Vale destacar que esse olhar está atravessado pelo pensamento heideggeriano, o qual evidencia que

Tékhne não significa, para os gregos, nem arte, nem artesanato, mas um deixar-aparecer algo como isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, no âmbito do que já estar em vigor. Os gregos pensam a *tékhne* [...], o produzir, a partir do deixar-aparecer (Heidegger, 2001c, p.138-139, grifos do autor).

Então, é possível olhar a produção como pôr em manifesto, “deixar-aparecer”, distanciando da noção de fabricar, manipular, operar, já que “*Techné* no sentido grego quer dizer conhecer-se no ato de produzir” (Heidegger, 1999, grifos do autor apud Feijoo, 2000, p.49). Isto é, o sentido oculto da técnica está no saber como desvelamento. Ao falar em “técnica”, nesse modo de pesquisar, não cabe pensá-la pela acepção moderna do termo - a de produção a partir de um controle planejado, manipulado. Emprego-a em seu sentido original: “o da *técnica* como modo de *dar a ver*, de configurar aquilo que não se mostra por si mesmo - é a técnica como *poiésis*.” (Figueiredo, 1996, p. 130).

2) Ambas revelam o construir de uma pesquisa com a narrativa em cena. Para Benjamin (1994) a narrativa é

[...] uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em-si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p. 205, aspas do autor).

A narrativa, então, mostra-se como um modo de comunicar experiência, distanciando-se de uma mera coleta de informação que visa a explicar fatos. Ela busca a compreensão de sentido atribuído pelos narradores-ouvintes à sua experiência. De tal modo, o sentido de uma pesquisa pela via da narrativa implica um sentido em que o pesquisador, ao

recolher experiências, realiza uma aprendizagem compartilhada e a põe em manifesto por meio da sua própria narrativa, como expressão de sua compreensão. Como afirma Schmidt (1990), nesse modo de pesquisar, “cabe ao pesquisador colocar-se, então, mais como um recolhedor da experiência, inspirado pela vontade de compreender, do que como um analisador à cata de explicações” (p. 70). Nessa direção, o sentido da pesquisa através da narrativa implicando sentido apresenta pesquisador e participantes como coautores.

Ao propor uma pesquisa com a narrativa em cena, faz-se necessário destacar que a fenomenologia existencial tem uma linguagem que não caminha pela via da razão, mas sim pela *poiésis*, ou seja, pela criação, criação de sentido. Assim, enquanto *lócus* de desocultação norteado pela *aletheia*, a *poiésis* é, pois, a forma como as coisas nos tocam. Dentro dessa visão, mais do que o conteúdo, o *lócus* de desocultação, norteado pela *aletheia*, visa à expressão da *poiésis* (linguagem) – aqui compreendida enquanto modo para comunicar sentido e não conteúdo.

Tal modo de caminhar pela via da contação de experiências permite a escrita desse estudo em primeira pessoa do singular, uma vez que sua tessitura se revela num diálogo entre a minha experiência e compreensões em relação aos fenômenos desvelados, os depoimentos dos participantes-colaboradores e as articulações compreensivas dialogadas com psicólogos e filósofos.

Retomando a analogia que Benjamin (1994) faz com a comunicação artesanal do narrador, que deixa sua marca na narrativa do mesmo modo que o oleiro marca a argila com a qual trabalha, a escrita do pesquisador, de forma autoral, busca mostrar a afetação e inquietação do narrador-pesquisador que, em sendo oleiro da pesquisa, dá forma, como ceramista, ao seu olhar tatuado pelos horizontes que entrecruzaram sua conversação. Revela em sua comunicação a experiência em lidar com “essa argila” de histórias multicores, que possibilita a criação de sentido para as questões provocadoras: “Como você, em suas experiências no Morro, compreende a sua ação como psicóloga?” (para as psicólogas-colaboradoras) e “A partir da sua experiência, como você compreende a ação do psicólogo no Morro?” (para os clientes-colaboradores).

1.2.4 Análise Compreensiva

Por fim, foi realizada uma análise compreensiva das narrativas escritas nos diários de bordo e transcritas/literalizadas das rodas de conversação, visando a uma

leitura dos fenômenos estudados e abrir possíveis compreensões acerca da ação clínica no viver cotidiano. Para a interpretação dos fenômenos desvelados, fiz uma leitura pela via da “Analítica do Sentido” de Critelli (1996), que me possibilitou compreender a manifestação do fenômeno, articulada à “Hermenêutica Filosófica” de Gadamer (2008; 2010), que me permitiu encontrar modos de investigar e compreender a questão. Ou seja, por elas foi possível encontrar modos de investigar e compreender a articulação, uma vez que os dois métodos propostos compreendem a linguagem e a própria compreensão a partir dos pressupostos ontológicos heideggerianos.

Para Rodrigues (2006),

No discurso é que o homem se mostra como o ente que é; no entanto, está sempre implícita, na própria fala, a possibilidade de ocultamento do que de fato está em questão. A hermenêutica é que possibilita esse exercício de desvelamento, não de explicação, mas de compreensão e interpretação. (p. 59).

Visando a explicitar melhor tal compreensão, destaco o lugar da interpretação no pensamento de Heidegger (2011): “[...] o termo ‘hermenêutico’ não indicava como é costume a metodologia da interpretação, mas a própria interpretação.” (p.95, aspas do autor), continuando a esclarecer que “hermenêutico não diz interpretar, mas trazer mensagem e dar notícia” (p.97). Nessa direção, a origem da palavra hermenêutica está relacionada ao deus grego Hermes que, como mensageiro dos deuses, segue dando notícia “à medida que consegue escutar uma mensagem” (p.96). Desse modo, na análise compreensiva desta pesquisa, a pesquisadora se coloca como mensageira: sua interpretação se mostra como algo que pode ser levado à compreensão, uma vez que sua ação é trazer luz ao sentido, e comunicá-lo. Ou seja, a hermenêutica possibilita esse desvelamento, não pela via da explicação, mas pela via da compreensão de sentido.

Como diz Schwandt (2006), “A hermenêutica filosófica sustenta que a compreensão não é, em primeiro lugar, uma tarefa controlada por procedimentos ou por regras, mas, sim, justamente, uma condição do ser humano. A compreensão é a interpretação.” (p.198, grifo do autor). Penso que uma das impossibilidades da compreensão ser controlada, reside em seu próprio modo de se manifestar, ou seja, a compreensão se pro-duz²⁰, ocorre em diálogo com-o-outro e não por meio da análise de um diálogo pelo significado apontado pelo intérprete. Nesse sentido, “A compreensão é ‘vívda’, existencial.” (p. 200, aspas do autor). Ou como diria Arendt (1993),

²⁰ No sentido de levar adiante (Heidegger, 2001c).

Distinguindo-se da informação correta e do conhecimento científico, a compreensão é um processo complexo, que jamais produz resultados inequívocos. Trata-se de uma atividade interminável, por meio da qual, em constante mudança e variação, aprendemos a lidar com nossa realidade, reconciliamo-nos com ela, isto é, tentamos nos sentir em casa no mundo. (p.39).

Guiada pelos pensamentos de Martin Heidegger e de Hannah Arendt, Critelli (1996) apresenta a fenomenologia como “um novo chão possível”, sobre o qual há a possibilidade de dirigir-se ao real, investigando a compreensão do sentido do ser. O sentido do ser, apontado pela referida autora, “não é um sinônimo de *significado*; [...] é mais um *rumo* que apela, uma solicitação que se faz ouvir, um *apelo* obstinado que se insinua e persegue.” (p. 131-132, grifos da autora).

Critelli (1996) ressalta, ainda, que toda metodologia de investigação demanda tornar explícito o que compreende por “ser”. Se de um lado a metafísica preconiza uma suposta separação entre ser e ente, o ser torna-se a essência do ente, apresentando-se permanente, substancial, visível na ideia que se faz do ente. Por outro lado, na fenomenologia existencial em oposição ao pensamento metafísico, não há cisão entre ser e ente. Ambos coincidem em seu próprio aparecer, mostrando-se impermanente, aparecendo e desaparecendo, em constante possibilidade de poder-ser. Vale apontar que para a referida autora, o aparecimento de algo só ocorre a partir da condição ontológica de coexistência do ser do homem: o ser-no-mundo-com-outros abre a possibilidade para o acontecer do movimento fenomênico - mostrar/ocultar o que se quer investigar. Na “Analítica do Sentido”, destaca-se na investigação, a coparticipação do pesquisador pela via do “olhar que interroga”, bem como a interpenetração com o olhar dos participantes-colaboradores, realçando, assim, uma pluralidade e uma singularidade entre os olhares:

O interrogador faz parte do que ele *quer saber* e *do que ele pode ver*. Ele é elemento constitutivo deste *olhar* em que tudo o que é tem sua chance de aparecer, mesmo que como mera testemunha. [...] Este olhar do interrogador ou interrogado, por sua vez, é jamais um olhar dele mesmo, isolado, mas um olhar plural do qual fazem parte todos aqueles com quem ele mesmo é no-mundo. Mas é também um olhar exclusivo, no qual se expõe toda sua singularidade. Esse olhar do interrogador também deve ser interrogado fenomenologicamente, em busca de seu sentido. (Critelli, 1996, p.134, grifos da autora).

Nessa direção, a referida autora destaca que o aparecer fenomênico dos entes se liga diretamente ao “movimento de realização”, “[...] cujo fundamento e desdobramento são temporais, existenciais e não meramente metodológicos.” (p.69). Por esse movimento, a

interpretação do real acontece através de cinco possibilidades de mostração, apresentadas separadamente, por uma questão didática, não seguindo uma lógica linear, nem uma ordem sequencial, mas acontecendo fundamentalmente pela simultaneidade:

- **desvelamento** - momento da afetabilidade em que o fenômeno é percebido, é retirado do ocultamento, mesmo que momentaneamente, pois pode voltar ao velamento e/ou desvelar-se de outros modos. É o trazer algo à luz, mesmo que desse algo já tenhamos uma pré-compreensão. Entretanto, no movimento, algo pode ser velado e esse encobrimento não fala de um juízo de valor negativo, mas da dinâmica própria do fenômeno de mostrar-se/ocultar-se;

- **revelação** - momento de confirmação e conservação pela linguagem do fenômeno que se apresentou. Aqui, o que se mostra, o que se é desvelado é acolhido, registrado e transmitido pela linguagem, uma vez que, aquilo que não se comunica não existe. Para o aparecimento do que é desocultado, este precisa ser expresso em alguma linguagem;

- **testemunho** - o momento da comunicabilidade, quando o fenômeno desvelado e revelado pode ser visto e ouvido por outros. Nesse movimento, a coexistência se faz presença, uma vez que o que é desvelado e expresso (revelado) passa a ser compartilhado com outros: é visto e ouvido por outros, sendo, então, testemunhado. O testemunho é abertura para que o que foi desvelado e revelado se manifeste; é a explicitação de que no ser-no-mundo nada é individual, mas tudo se faz pluralidade;

- **veracização** - mostração da compreensão, reconhecimento do fenômeno manifesto por uma referência. Ou seja, nada é verdadeiro, mas pode ser veracizado a partir de uma referência. O critério ôntico para a veracização de alguma coisa está na sua relevância pública. Portanto, é na coexistência, na pluralidade, que reside o seu suporte ontológico;

- **autenticação** - na singularidade de cada humano, o que é manifesto tem a possibilidade de se tornar real. Por si mesmo, os humanos não conseguem criar uma realidade particular, como pressupõe os discursos sobre subjetividade. Porém, é através de cada humano, sendo no mundo com-outros, que aparece a possibilidade de se tornar real aquilo que se manifesta.

Deste modo, inspirada em Critelli (1996), é plausível dizer que as narrativas escutadas nas rodas de conversação, bem como os registros nos diários de bordo, testemunham a experiência e con-sentem a tessitura dos depoimentos, através da qual é possível autenticar o sentido do vivido em campo pelos participantes-colaboradores e pesquisadora, já que a investigação ocorre como fenômeno que ilumina/vela, é iluminado/velado pelo olhar que interroga, em direção ao compreender algo que se

desvela. Por outro lado, nessa caminhada de análise, o pesquisador se coloca à disposição para que o outro imprima sua marca, via o compartilhar de experiências por meio da contação de histórias e acontecimentos vividos com-outros. Ao compreender a manifestação do fenômeno é possível tecer fios de entrelaçamentos com a hermenêutica gadameriana, em especial os pontos assinalados pela tradição, fusão de horizontes, conversação e o jogo, dimensões que serão consideradas na análise das narrativas.

A narrativa como um modo de contação da experiência vai imprimindo na história a marca do pesquisador e dos pesquisados, bem como vai sendo transmitida como **tradição**. De acordo com Lawn (2011), a palavra tradição é “Proveniente do latim, *tradere*, que significa ‘passar adiante’, a palavra se refere à atividade de transmissão, passar algo adiante de geração a geração.” (p. 54, aspas do autor). Benjamin (1994), a seu modo, ratifica essa ação de transmissão, ao dizer que o narrador “[...] pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia). [...] Seu *dom* é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (p. 221, grifos do autor). A tradição possibilita aproximar-se do mundo dos outros a partir da transmissão de experiência que revela conhecimentos sobre distintos momentos históricos. É um campo de horizonte pelo qual põem em xeque os próprios conhecimentos. Pela via da narrativa, vai ficando impressa a marca do pesquisador e dos pesquisados passando-se adiante as experiências. A compreensão de uma narrativa ou de uma conversação está entremeada por conhecimentos prévios e opiniões daqueles que dela participam. A tradição então, se faz participante do processo do conhecer, assumindo que o conhecimento ocorre na presença de uma pré-compreensão, que aparece como possibilidade para que a compreensão/interpretação aconteça.

Segundo Gadamer (2010), os pressupostos, preconceitos, pré-compreensões, provêm da tradição humana, não constituindo obstáculos à compreensão do mundo. Então, será possível não considerar os preconceitos ao realizar a análise numa pesquisa? Arrisco a dizer que Gadamer responderia que não. O homem é ser temporal, participante de um dado momento histórico, e “A história é, realmente, uma fonte de verdade distinta da razão teórica.” (Gadamer, 2008, p.60). Cabe à hermenêutica filosófica destacar, explicitar, analisar e interpretar o momento histórico na compreensão do mundo, abrindo à compreensão. Diz ainda o referido autor, “o que está em questão não é o que fazemos, o que deveríamos fazer, mas o que nos acontece além

de nosso querer e fazer.” (p.14). O homem lançado em um momento histórico não se compreende, nem compreende o mundo fora desse momento, por ser historicidade.

Penso que, nesse caso, a tarefa do pesquisador não é apenas reproduzir o que os participantes-colaboradores narram, ou o que teóricos discutem sobre determinada temática, mas ampliar o seu próprio horizonte para que possa interpenetrar o outro e por ele ser interpenetrado. O horizonte de um pesquisador, por essa perspectiva, pode apresentar-se aberto, colocando seus preconceitos à prova no encontro com o outro. Tal **fusão de horizontes** só é possível ao se por à prova nossos pressupostos/preconceitos no encontro com o outro.

Assim, o pesquisador tece com o outro a rede de histórias criando outra(s), abrindo possibilidade para acontecer a fusão de horizontes. Segundo Gadamer (2010, p.405), “Os horizontes separados como ponto de vista diferentes fundem-se num”, revelando, a impossibilidade de uma neutralidade na realização da pesquisa numa perspectiva fenomenológica existencial. Pela disposição afetiva, a implicação é abertura para o acontecer da fusão dialógica de dois ou mais horizontes. Destarte, o horizonte, por ter sido adotado, apresenta-se como outro, agora fundido. Nessa direção, para esse autor, a compreensão se mostra como um encontro entre dois horizontes considerando as condições singulares de cada um, havendo uma fusão dialógica entre os dois horizontes, reveladora da circularidade do movimento de realização do real. Compreender, então, alude a um processo de fusão dos horizontes histórico-culturais de sentido do intérprete e do interpretado.

Vale destacar, à vista disso, que a fusão de horizonte pressupõe **conversação**. Para Gadamer (2010, p.243), “a linguagem apenas se dá no diálogo” e esse se mostra como expressão do meu modo de ser, do meu horizonte, que pode, então, tornar-se outro, pois, através da comunicação dialógica, é possível criar algo novo: fusão de horizontes. Neste mesmo curso, a narrativa como contação de experiência, pressupõe o diálogo, pois, como afirma Benjamin (1994, p.198), “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”. A narrativa se mostra como possibilidade para o acontecer da comunicação numa conversa em ação – convers(a)ção.

Nessa vertente, compreendo que o sentido do pesquisar nunca se esgota no olhar/horizonte do pesquisador, pois quando a investigação, via conversação, circula entre dois contextos históricos, outro sentido pode aparecer. O pesquisador, então, põe em circulação a experiência. Reconhece-se pesquisador-artífice aquele que dá forma à

historicidade pela via da narrativa. Saliento, ainda, que o narrador se empresta nas narrativas num movimento de pôr-se a serviço podendo vir a ser utilizado, ou seja, “dimensão utilitária” da narrativa, pois possibilita, a quem participa da “roda de conversação”, transitar em sua narrativa (Benjamin, 1994).

É esse pôr em curso a experiência pelo transitar por sua narrativa que lembra o **jogo**, o qual se mostra como “[...] o vaivém de um movimento que não fixa em nenhum alvo em que termine [...] mas que renova-se a cada repetição”. (Gadamer, 2008, p.156). O referido autor ressalta a seriedade que há no jogo, bem como a coparticipação de todos os envolvidos: “O jogar só cumpre a finalidade que lhe é própria quando aquele que joga entra no jogo. [...] é só a seriedade que há no jogo que permite que o jogo seja inteiramente um jogo.” (p.155). O jogo aparece nesta pesquisa, como um caminho, uma dança acompanhada, não se constituindo de um movimento linear, mas apresentando-se nos modos de estar jogando pelos quais, múltiplos modos de narrar experiência poderão mostrar como se dá o acontecer da ação clínica no viver cotidiano. Esse modo de compreender o jogo, será evidenciado no próximo capítulo desta tese.

Tomando Gadamer como referência, Santos (2013b) afirma que “jogo é o fenômeno que permeia toda e qualquer configuração fluida daquilo que emerge em um campo de mostraçã” (p.104). Posso dizer, então, que essa configuração fluida, própria do jogo, se mostra como abertura para a revelação de sentido. Penso, inclusive, que o modo como Gadamer (2008) fala sobre o término de um jogo faz sentido quando se põe em andamento uma pesquisa numa perspectiva fenomenológica existencial: o fim do jogo não é a solução das tarefas de um jogo, “mas a ordenação e configuração do próprio movimento do jogo” (p. 161). Assim, diferentemente do método científico que, ancorado em premissas metafísicas parte de uma hipótese procurando respondê-la, a hermenêutica filosófica gadameriana, pela via do jogo, mostra-se numa atitude aberta à realidade que encontramos. Mais importante que as respostas, é apresentar como ocorre o movimento daquilo que se pesquisa.

Nesse modo de pesquisar, em diálogo com Heidegger (2001b), Gadamer (2008; 2010), Critelli (1996), Serres (1993) e Benjamin (1994), lanço-me em uma caminhada marcada por uma conversação, afetada pelo que se mostra como abertura para o desvelamento de fenômenos, e tatuada pelo outro. Nesse encontro, descobre-se e revela-se um movimento de vaivém próprio do jogo, em que me torno testemunha e vou transitando por uma aprendizagem compartilhada, por meio da qual há possibilidade de acontecer uma fusão de horizontes. Num diálogo des-velador de experiência, tecendo a

narrativa pela via da *poiésis*, e compreendendo uma rede de sentido, é possível veracizá-la e, assim, autenticá-la ao compartilhá-la como tradição.

Dou uma pequena pista para quem quer escutar: não se trata de ouvir uma série de frases que enumeram algo; o que importa é acompanhar a marcha de um mostrar.

Martin Heidegger, 1999, p.252

2 SENDO-CAMINHANTE-COM-OUTROS: CARTOGRAFANDO A AÇÃO CLÍNICA EM COMPANHIA DOS COAUTORES

2.1 Versando sobre um modo de caminhar com-outros

A princípio fico refletindo sobre como iniciar uma conversação com todos estes depoimentos que estão sob meus olhos e as minhas mãos. Vou-me apropriando desta tese que se faz cartográfica, e que nesse texto, o vivido se faz referência permanente, como guia, para a posterior tematização a respeito do que for sendo desvelado. Assim, nesse capítulo apresentarei uma elaboração do vivido nas rodas de conversação e nas minhas idas a campo, registradas em meu diário de bordo, mostrando como ocorre o movimento daquilo que pesquiso.

Apresentar esta cartografia pela via da escrita, coloca-me frente a frente com o desafio de dialogar com muitos olhares e dizeres, encontrando-me diante do risco de deixar escapar ou mesmo de enfatizar algum aspecto dessa conversação. Mas como ser-caminhante-com-outros sem se arriscar? Sem se expor? Em sendo assim, sigo no propósito de vivenciar este momento clínico hermenêutico²¹ em companhia daqueles que são coautores dessa pesquisa. A esse respeito, Sá (2002, p.356) lembra que “Uma clínica hermenêutica, pretende-se um espaço [...] de desnaturalização dos sentidos previamente dados, da ampliação dos limites dos horizontes de compreensão.”.

Percebo que, em realidade, o momento de compreensão dos acontecimentos cartografados constitui-se de dois a três elementos: as rodas de conversação articuladas às minhas anotações do diário de bordo para então poder ler/interpretar o que se desvelou. Posso então dizer que, por meio dos registros do diário de bordo e da literalização das rodas de conversação, a cartografia clínica se anuncia, revelando como a ação clínica de psicólogos, por uma compreensão fenomenológica existencial, se dá a ver no viver cotidiano.

Desse modo, construí a partir de fragmentos das narrativas, um “quebra-cabeça”, o qual se foi fazendo pela possibilidade que eu via em dialogar entre clientes-colaboradores, psicólogas-colaboradoras e meu diário de bordo. Para jogar esse jogo de quebra-cabeça é preciso disposição para estar diante de muitas peças, assumindo uma

²¹ Por momento clínico hermenêutico quero dizer a minha leitura/interpretação dos fenômenos que se desvelaram no diálogo entre as rodas de conversação e às minhas anotações do diário de bordo; ou seja, ver como os fenômenos se mostram a partir da conversação com os depoimentos/narrativas, a fim de compreender o sentido desvelado a mim.

atitude de aguardar que os fenômenos presentes nos fragmentos dos depoimentos se desvelem sob o “olhar investigador”. Lembro-me de Boss (1997) ao dizer que o método fenomenológico “pode nos conduzir às coisas e nos fazer demorar junto a elas, enquanto elas vão clareando, até que nossa vista lhes alcance [...]” (p.7). Essa atitude de aguardar se volta a olhar para o modo como se mostram para mim, como me tocam/chegam, as brechas presentes no jogo de quebra-cabeça. E como olhar/ver essas brechas? Penso que demorando em companhia dos depoimentos; e este demorar diz que

O pensamento que medita exige, por vezes, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício [...] Não precisamos portanto, de modo algum, de nos elevarmos às ‘regiões superiores’ quando reflectimos. Basta demorarmos-nos (*verweilon*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora; aqui, neste pedaço de terra natal; agora na presente hora universal. (Heidegger, 1959, p. 14, aspas e grifos do autor).

Portanto, essa composição, se faz pela via da ordem de sentido e não pela via da ordem cronológica como as rodas de conversação foram transcritas e os diários escritos. Desta feita, não estou reproduzindo o real de como aconteceu, mas produzindo um amalgamar do que foi vivido, com uma reflexão construída a partir de como os fenômenos ali desvelados me tocavam e o sentido revelador da experiência em situação. Assim, o caminho escolhido para a escrita deste texto reafirma um transitar pela “fenomenologia hermenêutica que nos permite ver os fenômenos como eles se mostram e desvelar o sentido fundamental de tudo que encontramos” (Spanoudis, 1978, p.6).

Nessa direção, ao jogar o jogo de quebra-cabeça, inspirada em Gadamer (2008), busco apresentar como se deu o movimento de mostraçãõ daquilo que estou a pesquisar, a saber, como a ação clínica ocorre no viver cotidiano. Assim, o importante neste jogo não é um produto a ser apresentado como um resultado final, estático, um quadro já dado. A sua importância se mostra na possibilidade que o jogo de quebra-cabeça abre de não ter um ponto de início ou um modo determinado de continuação, pois é o olhar e a movimentação do jogador-pesquisador em interseção com o que se apresenta, que vai desvelando como seguir uma direção, um sentido... a cada com-posição revelada. A narrativa construída, então, mostra-se reveladora de como a experiência foi compreendida pela pesquisadora. Cabe então destacar a articulação entre a **disposição afetiva** e a **compreensão** desvelando o movimento hermenêutico, que se apresenta via

fusão de horizonte e conversação no arranjo do quebra-cabeça. Esses quatro pontos sinalizados estão presentes na hermenêutica gadameriana.

Vale reafirmar que a disposição foi o guia para a composição do quebra-cabeça que apresentará os depoimentos como possibilidade para o desvelar dos fenômenos cartografados. Pensar a respeito da disposição afetiva me leva a destacar, de um lado, a implicação afetiva e participação do psicólogo-pesquisador no encontro com os coautores, rompendo com a ideia de uma neutralidade científica/profissional, e de outro, a ressaltar que é por meio da disposição afetiva (o estado de humor) que o humano cuida do existir. De acordo com Critelli (1996), o estado de ânimo ressalta o modo através do qual, somos tocados e afetados pelas coisas e/ou pelos outros, em nosso modo de ser-no-mundo. Para Heidegger (2002a, p.192, grifos do autor), “*Na disposição subsiste existencialmente um liame de abertura com o mundo, a partir do qual algo que toca pode vir ao encontro.*”. A disposição afetiva se mostra, assim, como o meu modo de me dispor a ser tocada pelo que experiencio com-os-outros, sendo, então, um modo do homem estar no mundo.

Entretanto, há um outro modo de ser, a saber, a compreensão. Ao olhar a compreensão como um existencial, sendo constitutiva do modo de ser do ser-o-aí²² (Heidegger, 2002a), posso dizer que a compreensão sempre se dará, uma vez que é tomada como abertura do ser-no-mundo, afastando-se da noção de entendimento fincada numa função cognitiva, como algo que pode ou não acontecer, bem como de uma função psicológica, como diz Sá (2006): “Se a existência é o nosso ser-aí e nunca se reduz a objetivações psicológicas, compreendermo-nos é compreender nossos modos de ser-no-mundo-com-os-outros, é apropriar-nos tematicamente do mundo, enquanto abertura histórica de sentido, e não de algum tipo de interioridade psíquica.” (p.14).

Tomando a hermenêutica filosófica de Gadamer (2008; 2010) como orientação, ao me lançar no jogo de quebra-cabeça, inicio um diálogo com as narrativas dos participantes-colaboradores e do diário de bordo, a partir do meu horizonte histórico compreensivo. Destaco que o histórico para esse autor é constituído por compreensões

²² Inwood (2002) destaca que algumas palavras em alemão parecem significar tudo e que “Uma destas palavras é *da*. Ela significa ‘lá’ [...] e ‘aí’ [...]. Como prefixo de *sein*, ‘ser’, ela forma *dasein*, ‘ser aí, presente, disponível, existir’” ou “(*das Dasein*, originalmente no sentido de ‘presença.’” (p.29, grifos e aspas do autor). Para Heidegger (2009) “A palavra ‘Dasein’ significa comumente estar presente, existência. [...] Em *Ser e tempo*, o *aí [Da]* não significa uma definição de lugar para um ente, mas indica a abertura na qual o ente pode estar presente para o homem, inclusive ele mesmo para si mesmo.” (p. 159, grifos do autor). Assinalo que escolho utilizar o termo Ser-o-aí, ao invés de *Dasein* ou Presença por ser uma expressão aceita pelo próprio Heidegger e por não precisar ser traduzida na língua portuguesa.

prévias que cada um traz em sua historicidade. As compreensões advindas da conversação com as narrativas dos clientes-colaboradores, das psicólogas-colaboradoras e do diário de bordo, possibilitam o acontecer de uma interpretação/leitura que se constrói por meio da fusão de horizontes - dois horizontes experienciam um encontro mútuo, a partir do qual se dá a compreensão. Assim, numa conversação com as narrativas, há a possibilidade do acontecer a fusão de horizontes, em que histórias são entrecruzadas, criando outro sentido.

Desse modo, após ler e reler os depoimentos, deixando-me ser tocada, trabalhei com fragmentos das narrativas, buscando tecer uma rede reveladora da ação clínica experienciada nas trilhas cartografadas. A fim de facilitar a visualização da elaboração da cartografia realizada, utilizei a mesma fonte do tema para o meu diário, as minhas reflexões, e para o depoimento de cada participante-colaborador, distinguindo apenas a minha fala no decorrer das rodas de conversação, com o itálico. Surge então, a composição de um quebra-cabeça como elaboração do vivido, que nesse sentido se faz experiência. Ressalto que, para destacar as narrativas ocorridas nas rodas de conversação e do diário de bordo, das reflexões construídas em diálogo com eles, apresentarei as primeiras em blocos de espaçamento simples e tamanho da letra 11 (onze) , como que para “emoldurar” as peças do quebra cabeça. Para facilitar a identificação dos participantes-colaboradores, reapresento seus nomes: Acauã, Mainá e Tiê (profissionais de Psicologia); Cravo, Girassol, Hortência, Lírio, Margarida e Violeta (clientes).

2.2 Jogando com depoimentos: possibilidade para compor o Quebra-Cabeça

Agora pergunto: diante de tantos depoimentos, como ver as articulações para compor um quebra-cabeça? Como pôr em curso minhas inquietações após ler o diário de bordo e as narrativas das rodas de conversação? Como iniciar um diálogo com tantos interlocutores? Arriscando e dando-me a ver, aproximando-me e afastando-me, adentro os depoimentos... mas como transitar por entre tantas narrativas? Nesse momento com tantas questões, percebo que terminei as duas primeiras rodas contando para as psicólogas como foi o início do trabalho no Morro e, para os clientes, como o trabalho de Psicologia, foco dessa pesquisa, chegou ao Morro. Assim, penso que poderia começar este diálogo pelo fim das rodas de conversação. Afinal, na composição de um quebra-cabeça, não importa por onde se começa a junção das peças. Importa que o

encontro de uma peça com a outra, faça sentido. Começo, então, reprisando como foi a chegada ao Morro, uma vez que contei sobre essa entrada na introdução dessa tese. Mas por que começar pelo fim? Pelo motivo de que o fim apontou para o início dessa ação no Morro, ou seja, ao terminar as rodas de conversação, foi solicitado que se recordasse o contexto no qual este trabalho começou. Nesta direção, inicio com uma narrativa histórica:

Pesquisadora – *Então... como vocês desconhecem como este trabalho de Psicologia chegou ao Morro... vou contar a história! Na realidade... eu cheguei para trabalhar aqui em Caruaru e em um trabalho na faculdade... fui apresentada à realidade da violência presente no Morro. Desde o ano de dois mil trabalho com a temática da violência e luto contra toda forma de violência. Logo... me interessei em conhecer o Morro. Soube que um professor tinha feito sua tese de doutorado com o grupo de Hip Hop. Aí cheguei até Nino²³ e a gente se encontrou num banquinho em frente à prefeitura... para a gente se conhecer. Eu disse a ele: “Nino, eu queria fazer um trabalho de Psicologia no Morro... com estagiários e extensionistas da faculdade. Mas eu não tenho acesso ao Morro! Eu o estou conhecendo hoje, e eu não tenho nada pronto pra propor...”*

Lírio – Só o trabalho!

Pesquisadora – *Sim, foi o que eu disse a ele... “A não ser o trabalho de Psicologia... e você pode me apresentar o Morro e a cultura Hip Hop que eu não conheço?” Ai comecei a ir ao Morro em dois mil e oito com os estagiários e extensionistas. Eu era a professora, supervisora! O pessoal do Morro passou a fazer oficinas de Hip Hop na Praça do Centenário, porque antes... eles tinham aquela casa lá em cima como sede! Mas a gente se conheceu uma semana... na outra semana eles perderam a sede! E aí... a gente andando pelo Morro... eu, Nino, Suspeito, os estagiários, os extensionistas, decidimos juntos fazer as oficinas de Hip Hop na Praça do Centenário. Eles faziam oficinas de Rap e de Break... e nos apresentavam “Aqui tem um grupo de Psicologia! Se vocês quiserem conversar... estão aqui!” E as pessoas vinham falar sobre o Hip Hop e sobre as histórias de vida delas. Em dois mil e nove eles falaram “Vamos pras escadarias!” e a gente começou a ir além da Praça. Eles faziam oficinas com as crianças grafitando nas escadarias, nas pedras e nas camisas... e enquanto eles grafitavam... a gente os acompanhava, bem como acompanhava as pessoas que iam ver a grafiteagem!*

Margarida – E conversavam...

Pesquisadora – *Isso! Depois... faleceu uma pessoa no Morro. Nesse dia... a gente ia fazer um evento de final de semestre na Praça... um café junino! Eles ligaram dizendo que tinha falecido uma pessoa... que não realizasse mais o evento... e que a gente não fosse ao cemitério porque estava um clima muito tenso, mas que a gente fosse para a Praça do Centenário. Os estagiários foram para Praça e, depois do enterro, eles foram para Praça... e foi trabalhado com eles a dor da perda, a tensão pelo clima no Morro e pela morte por homicídio...*

Lírio – Isto é muito importante!

Pesquisadora – *Sim... olhávamos para o que envolvia aquela situação... o clima afetivo dos clientes e o clima afetivo no Morro! A partir daí eles disseram... “Agora vocês podem ir nas casas! Nossa família também está precisando conversar sobre este acontecimento!” A gente foi conhecer a mãe, a família, outras pessoas amigas e, a partir daí... eles foram apresentando a*

²³ Um dos líderes do Movimento Hip Hop no Morro Bom Jesus. Ressalto que os nomes que aparecem nessa tese são fictícios, com exceção de Nino e Suspeito que solicitaram a sua identificação, como um modo de divulgação do trabalho do Hip Hop. Após conversarmos, compreendi que atender a esse pedido ganhava o sentido de uma ação ético-política pelo lugar de coautores deste trabalho no Morro e, após a autorização deles, acatei a solicitação identificando-os, bem como identificando o Grupo Consciência Nordestina e 3 Soma.

gente para outras famílias moradoras do Morro! Também nos apresentaram ao grupo de Skate... e a gente começou a trabalhar com o grupo do Hip Hop e do Skate!

Margarida – Muito bom!

Pesquisadora – Foi muito bom mesmo! Depois... o pessoal de uma construtora, vendo umas grafitegens pelas ruas de Caruaru, disse para uma aluna minha... “Eu gosto tanto desses desenhos!” Ela falou... “Minha professora trabalha com o pessoal do Hip Hop!” O dono da construtora falou comigo, eu chamei Acauã... e fomos eu, Acauã, Nino e Carlos, conversar com ele. Dali saiu um contrato assinado... para que eles grafitassem os tapumes dos prédios em construção. A partir daí... a gente começou a atender não apenas o Morro ou no Morro... mas também onde eles estavam grafitando e transeuntes que passavam e se interessavam pela grafitegem! Depois disso... as coisas foram caminhando de várias formas... fomos fazendo trabalhos independentes do Hip Hop... chegamos à Praça São Roque, conhecemos o pessoal de lá... Acauã se formou, ficou acompanhando os estagiários no campo, continuou lá como psicóloga... e eu fui ficando mais como supervisora do trabalho! Então... a gente se encontrava toda semana pra conversar sobre o trabalho! Assim, Acauã passou a ser muito mais conhecida no Morro! Eu acho que é um mérito dela mesma! Enquanto que eu fui ficando mais com a supervisão. Passei a ir ao Morro menos vezes!

Lírio – Mas foi a criadora!

Pesquisadora – Sim... iniciei este trabalho em dois mil e oito, mas ele sempre foi realizado junto com outros! Depois eu passei a ir menos ao Morro... até que me afastei! E hoje... está aí este trabalho que vocês conhecem! Pra mim... este trabalho não é de uma pessoa! Este trabalho é coletivo! É dos psicólogos, do pessoal do Hip Hop, dos moradores, porque sem vocês ele não aconteceria! A gente podia estar ali na Praça o tempo todo, todo dia... a hora que fosse...

Margarida – Sem ninguém!

Pesquisadora – Sem ninguém presente, sem vocês participarem... este trabalho não existiria! A gente podia chegar nas casas e todo mundo fechar a porta! Porque é sua casa! Você abre se quiser! Assim... passou a ter esta ação semanal e estes eventos pelo menos uma vez por semestre! Lembra Cravo... que você foi com Igor... a gente estava na Praça do Centenário, na frente do CRAS²⁴ e vocês levaram as fotos de Caruaru... e contaram a história de Caruaru entrelaçada nas suas histórias! O cinema que tinham ido... como era Caruaru numa época atrás que a gente não viu! E aí a gente ficou na Praça... contando e ouvindo estas histórias... e Cravo foi um que participou...

Cravo – Mostrando as fotos e contando as histórias que tinham acontecido com Caruaru e com a gente!

Pesquisadora – Então... este trabalho nasceu entrelaçando a história de vida com a história de Caruaru, do Morro, entrelaçando a cultura do movimento Hip Hop com a Psicologia!

Que interessante! Começo a ver, a partir desse relato, que a origem do trabalho da Psicologia no Morro está diretamente ligada à arte, mas não apenas isto, está ligada a uma arte que narra a própria história, o modo de viver, o cotidiano daqueles moradores do Morro e habitantes da cidade - A Arte de Rua do movimento Hip Hop. A contação de uma tradição se anuncia pela arte, e, a partir desse anúncio, foi possível encontrar um caminho para adentrar o Morro, fazendo-se presente e pertencente a ele?

Lírio – Muito bom... conhecer a história!

Margarida – É muita história! Acauã tem que se juntar com Nino pra amostrar esta história pro povo da comunidade! Eu acho que é importante divulgar! Uma grande reunião ia dar no Morro! Tipo assim... vocês querem saber como foi que eu cheguei aqui!?

Violeta – É uma ideia, né?

²⁴ Centro de Referência da Assistência Social.

Margarida – Eu toparia dramatizar esta história! Seria muito chique!

Lírio - Sim! Mas tinha que fazer o texto, né?

Margarida – Estudando bastante! Ensaiando... a comunidade tem que ver! É preciso divulgar!

Hortência – Assim, a Psicologia no Morro... eu soube há pouco tempo porque eu morava noutro bairro, não sabia que existia esse serviço de saúde ali não! Mas é muito importante demais!! Muita gente não tem condições e precisa! Acho que no bairro, todo mundo ali precisa por conta de... da família ser desestruturada, não viver num ambiente de paz! Agora... tem que ter mais divulgação! Porque assim... eu soube porque vim morar aqui! E eu nem acreditei!... que existia isso ali em cima! Não sabia não! Foi bom demais!!! Muito Bom!!

Margarida – Muito bom! Muito bom mesmo!! É como se fosse... a gente estivesse vivendo outra coisa com a Psicologia agora! De ter assim... de ter sabido a história! Tava tão próximo de como começou... junto com o Hip Hop do Morro e a gente não sabia! E agora a gente sabe!

Lírio – Precisamos falar isso numa reunião.

Margarida – Tipo assim... vocês da Psicologia estar junto com os meninos do Hip Hop! Quando eles fizer um evento, a comunidade toda junto... eles fazer um Hip Hop... sai ali, vai conversando com a Psicóloga e vai melhorando cada vez mais! Não precisa ficar esperando consulta... aquele dia! Exatamente ali, naquele momento, você já tá acompanhada!

Fico mobilizada ao ver o interesse dos clientes-colaboradores em conhecer essa história, bem como, quando sinalizam a importância desse trabalho em suas vidas, a necessidade de sua divulgação e a disposição de, junto com o pessoal da Psicologia e do Movimento Hip Hop, contarem essa história para os moradores do Morro. Estaria nessa movimentação tanto em prol de si, como em benefício do conviver coletivo uma marca da ação clínica no viver cotidiano? Sou surpreendida com a clareza com que Margarida revela a intersecção entre Arte e Psicologia, apontando que é, no decorrer de um evento artístico, que o acontecer do acompanhamento da psicóloga se dá, sem precisar “ficar esperando consulta... [...] Exatamente ali, naquele momento, você já tá acompanhada!”.

Pesquisadora – *É! A gente não pode negar uma história! E a história da Psicologia no Morro... nasceu desse encontro entre Cultura, Arte e Psicologia! Foi a história do Movimento Hip Hop no Morro que possibilitou o nosso acesso, a nossa presença! Eu procurei conhecer o Morro e o Movimento Hip Hop, mas quem possibilitou que a gente andasse no Morro... numa época em que ninguém de fora andava pelo Morro, foram os integrantes do movimento Hip Hop! Em dois mil e oito, era difícil andar no Morro, mas a gente andava... porque eles abriram pra que a gente andasse! E quantas vezes eles andavam com a mão em nossos ombros como que dizendo... “Essas aqui eu conheço... não mexam!”*

Margarida – Tipo assim... eu tenho trinta e três anos, então é trinta e três anos no Morro, né? Aquela época mesmo que vocês chegaram aqui... até antes, bem antes... a gente da família andava! Mas outros não andavam antes! Se você não tivesse o reconhecimento de Nino e Nino tivesse o seu... a gente tinha vocês lá?

Que pergunta intrigante! A Psicologia se faz presença no Morro pela parceria e reconhecimento recíproco? Andar pelo Morro se mostrava como um desafio. Na realidade, ainda se mostra um desafio andar por vários trechos. Psicólogos adentram o Morro pelo fato de se aproximarem de um movimento próprio, já existente no Morro, o Movimento Hip Hop? Será que foram aceitos pela abertura de viverem o cotidiano do

Morro através do Hip Hop? Fico pensando ao me deparar mais uma vez com essa história: a ação clínica no Morro tem a sua singularidade neste entrelaçamento entre a história de vida, o dia a dia, com a história vivida no Movimento Hip Hop, no Morro, em Caruaru? História, Cultura, Arte e Psicologia? Vejo que os clientes-colaboradores participam do trabalho com o psicólogo, sem saber como o trabalho começou. Fico curiosa para conhecer como as psicólogas-colaboradoras narram a história do seu trabalho no Morro. Retorno às narrativas da roda de conversação e salta aos meus olhos que, ao término da mesma, uma delas ressaltou a necessidade de continuar a falar.

Acauã - Mesmo chegando ao fim eu não quero calar! Vendo agora, a gente começa com o plantão²⁵! Depois que a gente começa com o plantão, começa a fazer algo... não sabe o nome, mas a gente sabe que sabe fazer! Só que a gente ainda não deu nome a isso! E nessa trajetória... nessa conversa de hoje... eu tive esta compreensão que a gente começou com o plantão, passou a fazer algo diferente, hoje a gente tem mais propriedade desse fazer... mas que ainda a gente não sabe dizer o nome!

Tiê- Não dá nem pra nomear!

Pesquisadora – *A impossibilidade de nomear o que vocês fazem... faz com que vocês chamem de plantão!?*

Tiê – Talvez sim... porque a gente começou com o plantão! Porque na faculdade a gente teve aula sobre plantão, a gente começou a trabalhar com o plantão! Só que aí a gente foi vendo outras coisas que era além... começaram a acontecer! Aí chegou o ponto de a gente não ter como nomear! Mas aí a gente continuou a chamar de plantão!!

Acauã – É! Plantão a gente já conhece! E aí a insegurança de dar um nome... A gente faz, mas a gente não sabe dar um nome a isso! E aí quando vai aproximando essa ideia de que... a ideia não!... o fazer que é bem maior dentro dessa cotidianidade... de estar ali partilhando desses momentos bem presentes que é a presença que se faz presente... aí a gente fala assim... “Como se daria um nome a isso? Teria que ter um nome?” Aí como o plantão é conhecido... aí bota o nome de plantão!

Mobilizada pela história da chegada ao Morro, e já na tentativa de compreender o tipo de ação que faz, uma das psicólogas-colaboradoras não quer calar. Nessa narratividade, vejo que as psicólogas desconhecem um pouco da história desse trabalho, bem como da sua própria ação, e a intervenção que fazem, segue sem nomeação. Fico surpresa ao ver que elas apontam a inexistência de uma nomeação em seu fazer de ofício, pois a falta de nomeação, também me mobilizou a realizar esta tese, a pesquisar sobre a ação clínica no viver cotidiano. Sinto um titubeio se a prática psicológica no

²⁵ Referindo-se à modalidade de prática psicológica, o Plantão Psicológico surgiu no IPUSP – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sendo compreendido “[...] a partir da metáfora da ‘grande árvore’: um lugar onde o viajante encontra acolhimento, sombra e repouso. Nessa metáfora, as pessoas seriam viajantes e seguiriam seu caminho de árvore em árvore. Assim, o Plantão Psicológico é um lugar em que aquele que chega pode apropriar-se reflexivamente daquilo que carrega, onde pode olhar para si, pensar seu caminho. [...] Nesse encontro não há pretensão de desvelar todas as possibilidades e interpretações do que emerge do encontro para coaprender o que até então se mostrava sem sentido. Nessa perspectiva, o encaminhamento e o acompanhamento psicológico são caminhos possíveis, mas não necessários. (Nunes & Morato, 2013, p. 262-263).

Morro se faz Plantão Psicológico. Diante da hesitação de Acauã e Tiê, retomo a história, sinalizando que, no começo, não se intervinha por meio do plantão psicológico.

Pesquisadora – *Eu gostaria de dizer que o início do trabalho no Morro não começou com o Plantão Psicológico! Começou com as oficinas de cultura do Hip Hop na Praça do Centenário, entrelaçada com as rodas de conversas! Na Praça aconteciam oficinas de Hip Hop e depois... uma conversa com os participantes e transeuntes sobre a vida deles entrelaçadas com o movimento Hip Hop... ou sobre a vida deles no cotidiano do Morro!*

Acauã – Mas não foi comigo! Foi com Dirce, aquele Padre... eu não estava! O começo não foi comigo! O começo foi com você e eles! Eu cheguei depois... que não foi um depois tão longe mas já tinha acontecido coisas... E aí eu me interessei quando eu vi as grafitegens em Campina Grande e você... “Tem esse trabalho lá!” E eu... “Aonde?” Quando você disse “No Morro!” Aí eu disse... “Eu vou!” Foi aí que eu entrei! E pra mim... toda carga de conhecimento era o plantão... teoricamente falando! Eu venho do plantão! Eu não me agarrei em psicoterapia... não me agarrei nessas coisas! Eu me agarrei no Plantão e não me soltei mais! Nenhuma de nós estava no início do trabalho! Nem eu, nem Tiê, nem Mainá! Bem... aquelas coisas que a gente aprende na faculdade... porque os textos que a gente lia eram voltados para o plantão! Então era dali que a gente pegava as coisas! E aí... teoria e prática... a gente fica... e isso tem muito Suely! A dificuldade entre teoria e prática! Quando a gente está na teoria é uma coisa mas quando a gente vem pra prática é outra! Quando eu fui... a proposta era trabalhar com o Plantão! Só que... quando a gente se viu dentro da comunidade, a gente já começou a fazer outra coisa que não era mais plantão!

Diante da minha narrativa, Acauã sinaliza que não estava no início do trabalho. Que o trabalho teve início com outras pessoas. Afirma, ainda, que, em sua formação, o plantão psicológico teve um lugar de destaque. Essa marca revela que o fazer de ofício no Morro se mostra como um modo presente ou proposto pelo plantão psicológico? Mas que modo seria esse? Em que esse trabalho se singulariza? Acauã põe em foco, ainda, a questão do distanciamento, ou melhor, da tensão entre a teoria e a prática na formação. Com essas questões em aberto, retomo a história dos modos de intervir no Morro.

Pesquisadora – *Depois das oficinas de Hip Hop na Praça do Centenário... fomos para as escadarias! E nas escadarias também não trabalhávamos com o Plantão Psicológico! Entrava o trabalho com a grafitegem e as oficinas!*

Acauã – Aí eu já estava! E Aurora foi com a gente porque Aurora estava nas oficinas de criatividade²⁶. Foi assim... uma história antes junto com a arte do Hip Hop... começou pelo Hip Hop no meio da rua, nas escadarias, em qualquer outro lugar da comunidade. Na Praça, o plantão depois da morte do sobrinho e aí volta as grafitegens de novo!

Num vai e vem de reconto da história, vejo o início da apropriação do modo como a ação clínica foi acontecendo no viver cotidiano no Morro, bem como do percurso que foi construindo em companhia dos moradores/clientes. Acauã já vai se dando conta do lugar que ela ocupa na história da Psicologia no Morro, e vai

²⁶ Criada por Christina Cupertino (2001), lança mão de recursos expressivos (arte), para trabalhar temas diversos, conforme a demanda do grupo. Possibilita um olhar para os modos de relação entre humanos e o compartilhar de experiências, no cuidado com a os modos de existir com-outros.

reconstruindo seu percurso, como também pode falar ao conhecer a história, que o início do trabalho no Morro se dá entrelaçado com a arte do movimento Hip Hop e que o Plantão Psicológico também se fez presente como uma modalidade de prática psicológica a partir de um acontecimento no viver cotidiano no Morro: a morte de um morador. Posso pensar que, nesse contexto, a psicóloga lança mão de uma modalidade de prática psicológica a partir dos acontecimentos do viver cotidiano?

Pesquisadora – *E as intervenções ficam caminhando em paralelo!*

Acauã – Tiveram outros momentos como por exemplo... o empoderamento junto às empresas! Ali também não era plantão! Ali era muito mais do que a gente já estava vendo! Porque o psicólogo ali... nesse transitar de articulação com outros fora da comunidade para trazer para a comunidade... esse universo das empresas já é outra coisa! Porque quando a gente se viu no processo da criação da associação que eles... o grupo do Hip Hop queriam... que eles já fomentavam esta ideia... aí era um momento que aparece a possibilidade que a empresa queria e que eles estavam disponíveis pra estar com a empresa que queria o serviço da grafiteagem nos tapumes de suas obras, e nós estávamos junto às pessoas que faziam isso artisticamente no cotidiano delas! Quem possibilitou o processo do encontro foi o psicólogo! E aí houve mais um empoderamento dessa pessoa! No processo do encontro surge o trabalho pra eles... grafitar os tapumes das obras da construtora! Com isto havia a disponibilidade da gente de ir até o encontro deles! Eles estavam grafitando em algum lugar... aí a gente perguntava...“Vai ser aonde a grafiteagem?” Eles diziam o local e a gente ia até lá! Eles comunicavam também a gente por telefone assim... vai ser em tal lugar... tal dia... a grafiteagem!“ Vão pra lá!... que a gente está lá!”

Pesquisadora – *Seria esse se pôr em andança²⁷ uma possibilidade de articulação entre uma Psicologia na Rua com a Arte de Rua?*

Acauã – Sim! E lá... naquele momento... a partir da imagem que estava sendo grafitada... ele ia revelando o sentido daquela grafiteagem!

Pesquisadora – *Então a grafiteagem era um modo de comunicação... uma abertura para a narrativa de suas histórias!*

Acauã – Era bem interessante porque a gente ficava dizendo...“Meu Deus!!... quanto dessa imagem tem dessa pessoa! Como isso faz sentido em sua história de vida!” De ter um cangaceiro e este cangaceiro revelar o pai!... o nordestino ali expresso! Porque eles sempre trazem a questão do Nordeste, do nordestino nas suas grafiteagens, e o quanto isto revela a família, o pai, o cotidiano de estar numa certa dificuldade da seca!

Pesquisadora – *Você diz que eles contavam a história do cotidiano vivido por eles... pela grafiteagem?*

Acauã – Sim!! Porque nessa fase foi uma fase assim... que foi inicial! Depois que a gente se encontrou com eles, essa grafiteagem com sentido não só deles mas também da gente!... quando acompanhava! Tinha certo sentido para mim e eu achava interessante vê-los grafitar e falar sobre as suas vidas através da grafiteagem!

Pesquisadora – *Eles vão grafitando e vocês conversando sobre essa grafiteagem... vocês estavam trabalhando...*

Acauã – Eu pensava que estava trabalhando com o plantão! Mas eu não vejo mais como plantão! Quando vai vendo aqui, a gente vai tendo a dimensão de que não é mais plantão! [...] Ali a gente está se apropriando da história que o outro revela através de uma grafiteagem! E aí não é mais plantão! Então já tem a grafiteagem, tem a história de vida, tem o cotidiano, tem os imprevistos, a cultura, a sociedade que está ali... o tempo todo nos vendo e participando... e passa olhando... Então, é totalmente diferente do plantão! Nas grafiteagens deles, eles sempre trouxeram a marca dessa coisa política! É porque eu não sei falar de como isso se revela!!... também, naquela imagem! É como se elas... é uma forma de contestar e ele trazia isto em sua

²⁷ Andança no sentido de circular/transitar entre tempo e espaço.

fala! De mostrar pra sociedade! É como se eles estivessem imprimindo naquela grafiteagem... para que a sociedade visse o poder político que eles tinham, que eles têm!

Pesquisadora – *Posso compreender que nesse trabalho acontece o compartilhar de uma história... não apenas para ele e para a psicóloga, mas também para aqueles que transitam...*

Acauã – Ali... o pensamento deles, a ideia deles... a impressão deles! O que está tatuado neles, é impresso ali... naquela parede... como imagem! A história deles impressa ali... naquela imagem grafitada!

É. Diversas intervenções vão sendo lembradas e contadas: Oficinas de *Rap*, de *Break*, de grafiteagem, criação de associação, parceria de trabalho com uma construtora... Mas me salta aos olhos que, a cada depoimento, põe-se em evidência que o início do trabalho da Psicologia no Morro se dá em intersecção com a arte do Hip Hop. Será que foi esse caminho de iniciar uma intervenção pela via da cultura/arte que se fazia presente no Morro, que possibilitou uma ação clínica voltada para o viver cotidiano? A arte do Hip Hop narra, em suas letras do *Rap*, nos movimentos da dança do *Break* e nos desenhos da grafiteagem, a realidade vivida naquele contexto. O trabalho de Psicologia inicia em diálogo com a arte, e o cotidiano cantado e contado nas oficinas de Hip Hop. Estaria aqui uma abertura para olhar a ação clínica como ação política e estética? A arte vai desvelando modos de viver o cotidiano, possibilitando uma reflexão/compreensão acerca dos acontecimentos vividos e compartilhados com-outras, podendo revelar outros modos de estar com-outras em espaços coletivamente habitados, bem como assinalando a dimensão ético-política nessa ação clínica. A arte, também, solicita outro olhar para os acontecimentos, revelando modos de ver/mostrar o dia a dia em sua dimensão estética. No entanto, agora, outra coisa me chama atenção: Acauã e Tiê iniciaram falando que o plantão psicológico se fazia presente no trabalho do Morro, mas o diálogo segue apontando outros modos de intervir, além do plantão psicológico. Sem querer entrar no jogo de acerto e erro, ou de procurar semelhanças e diferenças, me volto para as narrativas buscando ver como a ação e a prática da Psicologia no Morro vão se revelando.

Mainá - Eu até fiquei lembrando assim...“Realmente... a nossa prática lembra o plantão!... ficar lá debaixo de uma árvore... “Aquela coisa de acolher sem uma coisa predeterminada! Assim... quem chegar ali na Praça é acolhido naquele momento!

Pesquisadora – *Fiquei pensando... o lembrar o plantão psicológico é por conta de... de não ter nada determinado, marcado?*

Mainá – É! De estar disponível sem uma predeterminação!

Acauã – É a disponibilidade de estar ali, Suely! Prontidão!... disponibilidade!... esse inclinar pro outro!... em estar aberto!... plantão é isso pra mim!

Pesquisadora – *Essas atitudes dizem respeito a esta modalidade de prática psicológica, o plantão psicológico? (Silêncio) “Prontidão!... disponibilidade!... esse inclinar pro outro!... em estar aberto!...”*

Tiê – Não apenas o plantão! Tem outras modalidades que a gente também tem estas atitudes!

Pesquisadora – *Então... o que faz vocês afirmarem que seria plantão, se outras modalidades também têm essas atitudes?*

Tiê – Eu não sei!

Mainá – Eu acho que é o modo como a gente se coloca!

Pesquisadora – *Como é esse modo?*

Tiê – É... é uma disponibilidade de... de por um momento ser aquele acolhimento para a pessoa! Não com uma coisa que você marcou! Mas que você está ali disponível para acolher e a pessoa vem!... Chega até você! E você está disponível para acolher, para se inclinar, para cuidar! É um momento que ela vai até você! Sem estar marcado! Ela chega e você está lá... disponível pra ter este cuidado com ela!

Acauã – É sim! Porque na clínica de consultório eu estou ali... mas é diferente Suely! Lá tem isso... mas é diferente! No plantão emerge a questão da... eu não sei dizer... é muito diferente! Ele tem uma amplitude!! Essa coisa mesmo de ser grande!! Quando a gente fala plantão!! Tão!! Isto ressoa de uma forma grande e não é pequena!

Percebo, nas narrativas das psicólogas-colaboradoras, um titubeio em relação ao que consideram ser o plantão psicológico, embora afirmem que trabalham com essa modalidade de prática psicológica. Entretanto, avisto também alguns aspectos e atitudes que elas apontam como presentes em sua ação, os quais consideram ser próprios do plantão psicológico, tais como: a disponibilidade, a prontidão, o acolhimento, o imprevisto, o inclinar-se ao outro. Há nessa ação uma disposição para acolher, bem como a ausência de algo predefinido. Estaria nessas atitudes e aspectos a ideia de que trabalham com o plantão psicológico ou essas atitudes e aspectos lembram o plantão psicológico, como afirma Mainá: “a nossa prática lembra o plantão!...”? Seria um certo modo de ser plantonista? Procurando conhecer mais sobre a ação clínica e a prática psicológica no Morro, prossigo indagando.

Pesquisadora – *Como assim? O que você quer dizer, Acauã... quando afirma que o plantão é grande, é tão...*

Acauã – É que antes de chegar aqui... quando a gente falava do cotidiano, se isto realmente era plantão... eu já não percebo mais como plantão! Eu percebo como algo bem mais amplo do que o plantão! Porque o plantão já é uma coisa grande! Tãooo! Mas essa atitude do que a gente está fazendo... da gente estar no cotidiano dele... fazendo parte desse cotidiano... já é uma coisa bem mais ampla do que o plantão... e a gente já não está mais fazendo plantão! E eu me dei conta lendo aqui... agora! Porque quando a gente estava falando, a gente ficou nesse sim... sim... mas não era um sim de certeza! Era um sim de... “é isso mesmo? Como é?” E agora não! Dessa fala que a gente vem de agora a pouco até agora... eu me dei conta que é uma coisa muito além do plantão! E que... desde aquela época que a gente já fazia... eu e você percebíamos, mas não tínhamos certeza! Mas agora não! Agora dá a certeza! Eu tive agora! Nesta conversinha. Mas você lembra que a gente já fazia e a gente já falava do plantão pros outros e os outros diziam... “será que isto é plantão mesmo!?” Estou falando daqueles questionamentos no evento da ANPPEP²⁸ em Recife, em dois mil e nove! Sabe Suely... essa forma de estar no cotidiano do outro... não é só apenas a vida privada! É a vida no contexto de convivência e ali emerge de forma dinâmica, de um modo que a gente está vendo com muita claridade! A gente está dentro disso! A gente não está de fora vendo isto! A gente está dentro do movimento do cotidiano! Mas

²⁸ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia.

isto não é próprio do plantão. Já não é mais do plantão! Porque a gente está dentro do cotidiano da convivência e o plantão não está! O plantão está... disponível! Nesse outro modo de fazer, a gente está dentro... a gente faz parte do movimento do conviver! A gente está indo e vindo com o outro no contexto deste dia a dia! Que aí ele espera... ou ele as vezes não espera por esta passagem desse profissional! E quando ele espera ele diz... “Venha cá... que esse negócio hoje está assim!” E aí a gente já está dentro desse assim... daquilo que se mostra naquele encontro! O cliente nos chama a estar dentro do seu cotidiano! E não tem nada pronto! E aí faz com que a gente tenha novas criatividadees para estar ali com o outro, naquele momento! Vai surgindo... e aí a gente sente que a gente não é mais uma coisa à parte... que a gente faz parte!

Meu Diário - Fico pensando agora no quanto este trabalho requer de nós psicólogos, uma criatividade, uma busca por alternativas que, muitas vezes, não estão à mão, mas que podem ser construídas por nossas “mãos”, ou seja, pelo nosso movimento de dar forma a algo que se mostra, em determinados momentos, disforme. Será que, como psicólogas, aguardamos construir com o outro, modos de acompanhá-lo? Como muitas vezes é difícil abrir mão das técnicas, mesmo assumindo uma perspectiva de clínica inspirada na fenomenologia existencial! Conseguimos nos disponibilizar à abrir mão da tentativa de controlar o que se apresenta para nós, ou apenas “largamos mão” das modalidades de prática psicológica clássicas, na doce ilusão de que não nos agarramos em outras buscas de garantia de controle e eficiência? Inquietação é o que sinto...

É. Estar no viver cotidiano com o cliente solicita criatividade das psicólogas, solicita se permitir “não saber”. Solicita abertura para lidar constantemente com o novo, com o que aparece, algumas vezes, até sem direção? Será esse um desafio para não cair nas armadilhas que o desejo de controle e retorno do próprio fazer provoca? Vou-me dando conta de que a ação clínica solicita uma coconstrução permanente e uma reflexão constante sobre o modo de ser-psicólogo. Por outro lado, Acauã vai-se dando conta, durante a autenticação, de que, em sua ação como psicóloga, o estar presente olhando, acompanhando e experienciando o cotidiano com os clientes, que ela chama de “vida no contexto de convivência”, amplia sua ação, pois “não é só apenas a vida privada!” que se revela na ação da psicóloga, mas o con-viver na acontecência do viver cotidiano, no qual a psicóloga está inserida. Estaria aí uma singularidade dessa ação? Estaria aí uma abertura para pensar numa ação clínica como ação política? Nessa direção, a possibilidade de algo novo acontecer se apresenta pela mutualidade, ou seja, a ação clínica se faz na ação com-o-outro. Assim, essa ação se mostra como ação política, na qual se constrói caminho, constrói-se sentido, no fazer com-outros. Diante dessas questões, retomo a sua narrativa: “A gente está dentro do movimento do cotidiano! [...] a gente faz parte do movimento do conviver! A gente está indo e vindo com o outro no contexto deste dia a dia! [...] a gente não é mais uma coisa à parte... que a gente faz parte!”, e vou ficando curiosa para saber como o psicólogo se faz presente nesse cotidiano.

Tiê – No início da chamada pacificação... tinha polícia toda hora lá! Teve uma vez que eu dei uma carreira... ainda cá! Carreira da polícia! Foi assim... ia eu e uma adolescente do PROJOVEM²⁹. A gente ia andando... ai vinha o carro da polícia... os policiais armados até os dentes... e já vinham armados em nossa direção! E eu ia fazer o que? Só que na verdade, eles estavam indo pegar uns caras que estavam atrás da gente! Como eles vinham em minha direção e da menina... eu só fiz pular, puxar ela e pular! Aí cai em cima de uns negócios!

Pesquisadora – *Posso dizer que esse se pôr em andança... possibilita a inserção no cotidiano do Morro?*

Acauã – Sim! É o se por em andança que possibilita a gente se fazer presente no cotidiano!

Tiê – Aí um homem, um morador que estava do lado disse... “calma!... não se aperrei³⁰ não!... porque se você se aperrear... eles vão achar que você deve!” Aí quando eu olhei pra trás, os policiais estavam pegando os meninos que estavam lá! A pacificação me trouxe mais medo do que antes!

Pesquisadora – *Nessa inserção no cotidiano, os moradores passam a proteger vocês...*

Acauã – Passa! A gente passa a fazer parte daquele cotidiano com eles! A pacificação foi um momento de insegurança pra todo mundo! Pra gente que transitava, pros moradores... porque uma das etapas da pacificação era desapropriar as pessoas de suas casas! Teriam que derrubar tantas casas... e aí eles estavam pagando um valor para indenizar aquela casa e a pessoa teria que comprar outra casa, noutro local, com aquele valor! Aí era tirar a história das pessoas!!...

Tiê – De uma hora pra outra!

Acauã – De uma hora pra outra! Isso aconteceu mais no cume do Morro, na parte mais alta!

Pesquisadora – *E como isso apareceu no trabalho de vocês?*

Acauã – Pelo movimento Hip Hop os meninos falavam!... porque eles estavam muito atuantes e eles traziam... “Pra que mudar o nome do Morro Bom Jesus pra Monte Bom Jesus?” Porque na música de Azulão, o Monte Bom Jesus... este nome já existia!... mas aí a maior parte do tempo a identificação dos moradores era com o Morro Bom Jesus!!... e não com o Monte Bom Jesus! E aí até a identificação do nome do lugar... a pacificação queria tirar! E eles não queriam deixar que isto acontecesse! E aí a provocação em contra partida para o que estava acontecendo, era a grafitagem! As imagens dizendo que não iam deixar de chamar de Morro Bom Jesus! Então eles colocavam mesmo!!... Morro Bom Jesus nas grafitagens e traziam várias imagens do Morro, espalhadas ao redor da comunidade! Nas paredes da comunidade!

Tiê – E tinha outra coisa também... por exemplo, ali as pessoas têm muitos vínculos! Quem mora embaixo tem vínculo com quem mora lá em cima... que às vezes precisam de um ventilador, não sei de que... tomam emprestado... e eu percebia muito o seguinte... uma pessoa dizia assim... “Eita!... fulano vai ter que se mudar, vai ganhar a casa, vai ter que se mudar!” E aí aquela coisa meio triste tipo... vou perder o vizinho!... não vou ter mais!

Pesquisadora – *Fico pensando que, nessa inserção no viver cotidiano, vocês vão acompanhando o movimento...*

Acauã – Da comunidade! Esta questão da pacificação ficou muito assim...

Tiê – Empurrada goela abaixo!

Acauã – Exatamente! E aí não discuti com a população, não chamou para saber os interesses... o que era que elas queriam para elas! Foi uma coisa totalmente empurrada mesmo!!... e eu acredito que não surtiu muito efeito! Porque as coisas continuam tamponadas! E a venda de droga continua! Não está visível hoje... não está nos locais que a maioria do povo transita, mas aquilo que se chama de mazela... que estava visível aos olhos da pessoa, hoje está lá guardada! E acontecendo ainda!

Deparo-me com um momento crucial, crítico, para aqueles que moram e transitam pelo Morro Bom Jesus - a pacificação. Sim, vejo que minhas questões

²⁹ Programa Nacional de Inclusão de Jovens Educação, Qualificação e Participação Cidadã - PROJOVEM, é um componente estratégico da Política Nacional de Juventude, do Governo Federal.

³⁰ Termo popular nordestino, que quer dizer, nervoso.

giravam ao redor da inserção das psicólogas nesse contexto, mas agora compreendo que elas falam para além de estarem inseridas. Falam do modo como vivem o cotidiano, como vivenciam a realidade dessa intervenção governamental, como os moradores protegem quem está lá, e vão trabalhando em parceria com o Movimento Hip Hop que tatua seu repúdio, que estampa a sua rejeição por meio das grafitagens. Assim, no anúncio pintado nas grafitagens, é possível o acontecer de uma atenção psicológica, olhando para o modo como moradores/clientes experienciam o momento de pacificação, bem como a imposição da mudança do nome do espaço em que vivem, mas também, nesse anúncio, revela-se a ação política do grupo Hip Hop como uma ação de resistência, denúncia e luta diante de uma “imposição governamental”. Foi nesse momento que escolhi manter o nome Morro nesta tese, como um modo de reconhecimento ao que expressavam os moradores, em especial o grupo de Hip Hop. Estou aqui, nessa atitude de assumir a nomeação Morro, como expressão viva de resistência e reconhecimento, apontando a coexistência da ação clínica com a ação ético-política nessa *práxis* profissional. Além disso, posso ver que as tatuagens se mostram não apenas nas grafitagens expostas, mas na insegurança apontada como pertencente aos moradores/clientes e às psicólogas. Compreendo que, no Morro, os sentimentos, reivindicações, são expressas nas atitudes.

Meu Diário - Vamos seguindo pelo Morro com o propósito de anunciar a mudança do dia em que estamos no Morro. Acauã liga para um morador perguntando onde é a casa da irmã dele e se podemos ir lá. Ele diz onde está e vamos seguindo em sua direção. Nós vamos onde o cliente está. Ele nos chama e diz onde podemos encontrá-lo. No entanto, encontramos a mãe de uma menina, logo após passarmos pela sua casa. Ela pergunta se Acauã vai passar sem falar com a filha e nos chama para irmos até lá, a sua casa. Me dá a impressão que fomos pega em flagrante. Não é agradável essa sensação. A pergunta da mãe ressoa assim em mim: “como você passa pela minha casa e não entra pra saber como estamos?” Na ação da psicóloga em espaços coletivamente habitados o cliente nos espera passar pelas ruas. Inversão? No consultório nós esperamos o cliente chegar. Voltamos, entramos na casa, uma pessoa da casa vai avisar ao morador que estamos lá. Falam sobre um casal que precisou levar a filha ao hospital, pois estava grávida e teve um aborto. A mãe conta que a filha vai tocar em Agrestina, pelo Projeto Social que tem no Morro. Estão muito felizes. Este é o sentido de Acauã precisar entrar na casa: revelar a conquista de sua filha. Vejo que no viver cotidiano, as novas histórias são contadas pela importância, também, de contar as conquistas. Naquela família, nesse dia, o mais importante era compartilhar a conquista de sua filha. O aborto era contado como algo que poderia acontecer a qualquer momento, com qualquer pessoa. Mas a conquista tocava a mãe, a avó, o tio, a família de modo tão profundo, que precisava ser anunciado e queriam anunciar. E pergunto-me se a *práxis* do psicólogo tem se inclinado aos sabores da vida, no encontro clínico. Será esse inclinar-se as “coisas simples” do dia a dia que possibilita acompanhar o outro no viver cotidiano?

Mainá – Também na questão da escuta neste cotidiano... às vezes não chega só o sofrimento para você escutar! Psicologia? Vai falar só sobre sofrimento! Mas eles chegam lá para falar

sobre a vida deles!!... para falar por exemplo, como surgiu a história dele e como está entrelaçada com o histórico do desenvolvimento da cidade! Sobre como era a cidade antes... passado o tempo... e a história deles entrelaçada com a história da cidade! A importância que tinha para o grupo de idosos! E falar sobre festa! “Vamos comemorar!” o aniversário de senhor Cravo, de senhor Cláudio!... a gente está lá para escutar também sobre coisas boas, sobre coisas que eles gostam de falar!

Começo a compreender, por esses depoimentos, que a ação da psicóloga se faz presente no cotidiano quando psicóloga e cliente se põem em andança, bem como, quando o cliente a procura para falar sobre a sua história. Mas não apenas isso. O cliente narra a sua história em coparticipação, entrelaçando-a à história da sua cidade, aos acontecimentos vividos no contexto em que mora, aqui especificamente, o Morro Bom Jesus. Rompe-se então, com uma escuta de uma história individualizada para uma escuta como abertura para a tessitura de uma rede de sentido, a qual é compartilhada como tradição? Ou, ainda, a tradição é compartilhada no cuidado com os outros com quem convivem naquele contexto? Rompe-se com um olhar de que a Psicologia se volta apenas para o sofrimento psíquico? Como diz Mainá, “Psicologia? Vai falar só sobre sofrimento! Mas eles chegam lá para falar sobre a vida deles!!... [...] e como está entrelaçada com o histórico do desenvolvimento da cidade!”; como falo no diário, “Vejo que no viver cotidiano, as novas histórias são contadas pela importância, também, de contar as conquistas.”. Mas, Mainá ainda revela que participa, como psicóloga, do cotidiano do cliente, ao referir a sua presença na comemoração de um aniversário.

Pesquisadora – *Você fala, Mainá, que como psicóloga... você também participa dessas comemorações e dessas celebrações do aniversário?*

Mainá – Sim!!... participo! E a gente até a partir dessa fala deles sobre sua história, sobre seus aniversários... a partir daí eles resolveram comemorar os aniversários, fazer a festa! E eu não tinha noção de como isto poderia ser importante para eles!!... uma festinha ali, num banco de Praça... até o momento que senhor Cravo chegou pra mim e disse assim... “Qual o sentido desta comemoração? Foi a festa que eu esperava ter desde criança!” Aí foi que eu vim ter noção da importância do que eles estavam falando e comemorando a vida! O cotidiano da vida!... o aniversário contava sobre ele... trouxe o seu desejo de criança de comemorar junto com amigos a sua vida!!... e ali ele se viu acompanhado e disse que cuidaria de festejar sua história! Eu até muitas vezes me perguntava... “E agora... como vai ser isso?” Como se precisasse de algo determinado!... “Você vai fazer isso... aquilo!”

Cravo – O trabalho da Psicologia na Praça é ótimo! Se vocês deixassem a Praça, eu ia sentir muita falta de vocês! Na Praça ela senta para conversar com a gente... o que a gente sente e o que não sente... elas escutam, dizem... e... e continuar a viver! É!... Continuar a viver! Desculpa... eu sou muito ruim de falar! Não sei falar! Quase a fala não quer sair! Me emociono ao falar de como elas conversam na Praça com a gente! Pra mim o trabalho de grupo na Praça com as psicólogas sempre foi bom demais! Fico na Praça o dia todinho... pois não tenho nada o que fazer! Sou aposentado e não tenho mais o que fazer! Fico de oito da manhã até meio dia... vou pra casa, almoço e duas e meia volto! Ali o tempo vai passando... passando... e a gente vai ficando mais velho, se aproximando da morte! E ali... a gente conversa com elas sobre isso... na Praça! Oxi!! Na Praça se conversa com as psicólogas sobre essas questões da aposentadoria, da

vida, da morte, do dia a dia que se vive! Na Praça tem aniversário!... Acauã e Mainá fazem o aniversário da gente... refrigerante... fazem uma festa na rua, tira foto! Comemorar o aniversário na Praça com as psicólogas e o grupo que frequenta é um negócio... que eu não sei nem explicar um negócio desse! Porque tá numa Praça... chega uma psicóloga... dá um apoio, conversa com a gente, e ainda faz uma festa... comemora o aniversário da gente!! Já é uma alegria demais pra gente!

Girassol – Estar na Praça com as psicólogas pra mim é... é bom! Chego lá oito e pouco, nove horas... depois meio dia vou almoçar, aí de tarde volto... todo dia! O dia que tem psicóloga é melhor que a gente fica conversando ali... Sem psicóloga... fica por ali... meio esquisito! E vocês conversando... dizendo uma coisa ou outra, fica melhor... a gente fica mais tranquilo contando nossa história!

Lírio – Eu trabalhei com a psicóloga... eu trabalhei muito... foram os problemas de casa! Que tava sendo muito duro pra mim! Eu cheguei um ponto que hoje eu tô diferente! Problemas de casa é a convivência!... que eu tava estressado mas eu bati muito nesta tecla! Os problemas de casa... a relação com a mulher e as filhas! Eu cheguei até a psicóloga através da cachaça. Eu bebia e queria um caminho pra mim... deixar de beber! Eu acompanhei elas no Morro, elas vieram na minha casa e eu vi que queriam me ajudar... e... tô me dando bem! Bebo se eu quero, faço o que quero, não sou mais aviciado! Trabalhava lá em casa no início! Mas quando desci pra Praça, a mulher não acompanhou! Ela dizia que eu só batia numa tecla. O atendimento no grupo na Praça... cada qual conta o seu problema!... sei lá... cada qual... não sei explicar! Mas a gente não quer perder um dia não! Tá ali conversando, ouvindo, tirando muitas coisas da mente... isto é importante!

Meu Diário – Um morador aparece na Praça e diz que precisa que a psicóloga vá conversar com a irmã dele que não está bem, está querendo deixar a família. Diz que já falou para ela que o remédio dela é a Psicologia. Pergunto: “Como assim?” Ele diz: “É que ela não tá doente! Ela tá sofrendo com o que passa na cabeça dela! Então não é pra curar, é pra ela se abrir... pra viver bem!” Fico tocada com esta compreensão: “A Psicologia é para viver bem!”. Estaria nesse “para viver bem” um sentido para a ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados? Penso no risco de cair no romantismo de que a Psicologia “resolve problemas”, “traz felicidade”, “promove qualidade de vida”... Mas não seria a ação clínica de psicólogos, uma possibilidade de cuidar da vida, do existir, de viver de modo interessante?

A presença da psicóloga se mostra como possibilidade de conversar contando sua história. Isso é visto como um modo de “melhorar” a vivência e convivência no cotidiano na casa e na Praça. Aparecem, aqui, dois espaços para o acontecer da atenção psicológica à casa (ação clínica domiciliar) e à Praça. Além disso, os problemas do dia a dia em casa, também aparecem como uma questão que pode ser trabalhada com a psicóloga, como sendo parte do viver cotidiano. As narrativas vão revelando como se dá a participação da psicóloga no cotidiano - através da comemoração do aniversário, da conversa sobre o cotidiano da aposentadoria, do processo do envelhecer e do morrer, dos problemas do dia a dia em casa. Também, chama a atenção para a presença da psicóloga, que aparece como possibilidade de melhorar o dia a dia na Praça, principalmente para aqueles que são frequentadores diários da Praça, bem como possibilidade de conversar, contar sua história em um local que lhe é tão familiar, como nos conta Girassol: “E vocês conversando... dizendo uma coisa ou outra, fica melhor... a

gente fica mais tranquilo contando nossa história!”. Vejo que o trabalho da psicóloga se faz pela via da conversa. A conversa/escuta possibilitando continuar a viver, como diz Cravo? “Na Praça ela senta para conversar com a gente... o que a gente sente e o que não sente.... elas escutam, dizem... e... e continuar a viver! É!... Continuar a viver!”. A conversa/escuta possibilitando cuidar dos modos de viver, como o morador me falou e coloquei em meu diário? “Então não é pra curar, é pra ela se abrir... pra viver bem!”.

Cravo - Conversar com essas psicólogas que vão à Praça e conversar com aqueles amigos que estão ali na Praça... oxiiii!... tem diferença viu? Claro que tem!! As psicólogas só quer o bem da gente! Só quer o bem! Só o que for melhor pra gente! E lá os colegas... vamos jogar!... um mexendo com o outro... ficam nervoso! Um discutindo com o outro! Vamos beber!...

Lírio – É diferente demais!! A diferença é que a psicóloga... ela trabalha para a pessoa melhorar!... e não para destruir as pessoas! E certos coleguinha... vamos jogar bola!... vamos tomar uma!... vamos arrumar mulher!... vamos beber!... E a psicóloga trabalha ali!... naquele trabalho... naquela tecla da pessoa chegar no eixo! Eu acho assim.

Pesquisadora – *Quando você fala “chegar no eixo”, o que isso quer dizer?*

Lírio – A pessoa já tá cem... não é cem por cento, mas quase setenta por cento realizado... crescendo! Eu acho assim! Pra mim foi muito importante! Eu cheguei dez por cento... falava nada! Ela chegou lá... e eu acabado!... e ela batendo na tecla... naquele treco na cabeça... no sentimento... trabalhando mesmo!!... para a pessoa se recuperar... tocar a vida! Então quer dizer... uma psicóloga no Bairro Centenário, no Morro Bom Jesus... é muito importante! Ninguém tem condição de pagar! A primeira coisa que o psiquiatra manda é a pessoa logo pra psicóloga! “Tá certo doutor!... e a consulta?” E tem tudo isso aqui de graça... e a pessoa não aproveitar!... eu acho importante!... não pode parar!

Hortência – Assim... se eu não tivesse encontrado vocês³¹ naquele dia... que você já sabe da história, eu acho que eu não estaria nem aqui!... contando historia! Tinha morrido! E depois... eu fiquei com outros pensamentos! Não tô boa totalmente ainda, mas aqueles pensamento já foram eliminados! Ai... super bom! Então é como eles dizem... se eu tivesse procurado amigos, acho que eu não teria melhorado nada!... e vocês... vi outros caminhos... que dava para caminhar... entendeu? Eu não tinha contado a meus amigos e se eu tivesse contado... com certeza só teria piorado, porque ia... e vocês não!... conversaram... e eu vi outro caminho... que tinha como resolver sem ser daquela forma! Agora... fico cronometrando os dias de ir, porque é muito bom! Assim... depois que você conversa, você vai... a gente volta diferente, vendo as coisas com outros olhos!

Pesquisadora – *É como se nessa conversa você desse outra direção para o que está acontecendo em sua vida...*

Hortência – Sim! Conteí coisas para vocês que não conto para ninguém!... ninguém!... ninguém! Nem melhor amiga, nem mãe, irmã, ninguém! E assim... com vocês eu não vi nenhum problema de contar tudo!!... em detalhes... e fiquei tranquila! Eu tinha certeza que eu podia confiar em vocês. Não sei como explicar agora... mas eu tinha certeza que tudo eu contei!... não escondi nada!!... coisas que até hoje ninguém sabe, só vocês!!... e fiquei tranquila! Eu senti segurança em vocês duas! Senti assim... e pronto! Esta segurança favorece que eu fale. Porque você não fica é... assim com medo de contar certas partes!. Você se entrega totalmente!... sem medo de nada, porque sabe que vai ficar ali!

Lírio – Puxa mesmo da pessoa... vai contando os detalhes!

Hortência – É! Passa muita segurança! Você não hesita em contar nada! Nada! Foi muito bom!... e eu fiquei assim... “Avi!” Assim... eu tomei outra decisão na minha vida! Não sei nem como explicar... Porque naquele momento para mim, estava tudo perdido mesmo!! E o caminho

³¹ Referindo-se a Acauã e a mim.

que eu queria... assim... a minha segunda opção não era muito boa também! E depois de eu conversar com você e Acauã, não existe... eu nem penso naquela possibilidade mais... de jeito nenhum! Não penso! Quando vem, assim... eu lembro de tudo... sempre... ainda! Mas não fico pensando naquilo que eu pensava antes. Que era muito ruim! Pronto!... e fiquei... querendo um pouco mais... até que vocês foram e eu estava trabalhando. Queria que fosse todos os dias!

Meu Diário - Chego atrasada na Praça, devido a um engarrafamento na saída de Recife. Mas, mesmo atrasada, chego à Praça e me surpreendo, porque hoje, tem muitos homens participando do encontro. Me aproximo da roda e vejo que falam das dificuldades de comunicação entre eles. Dizem que a presença da psicóloga possibilita o diálogo, pois eles se escutam, e a escutam. Dizem ainda, que quando ela não está, na realidade, não tem conversa. Tem acusações e brigas. Aí cada um vai saindo e o grupo vai se desfazendo, porque senão dá uma confusão grande, podendo até ter agressão física. Afirmam que a presença da psicóloga possibilita o diálogo e eles conseguem se ouvir. O que eu via nessa conversação era o reconhecimento de que a conversa com a psicóloga tinha um sentido singular, diferente da conversa entre amigos. Foi incrível ver a clareza com que eles compreendiam o ser-psicóloga no conviver cotidiano. Brinco agora: “amigos, amigos, psicóloga a parte”. Entretanto, esse a parte se mostra para mim como reconhecimento de um lugar próprio da psicóloga no Morro, distanciando do estar fora. É por ser coparticipante, como psicóloga que é possível ser reconhecida de um outro lugar que não igual ao deles, moradores, frequentadores da Praça...

Meu Diário – Nesse dia, dois senhores iniciam uma conversa sobre o cuidar de si. Falam que um amigo está no hospital porque não deixa de beber, de fumar, mesmo sem poder. Essa é uma tônica muito presente nas falas voltadas para o cuidado com a saúde física. Chega mais um idoso e sou surpreendida quando diz que ir para ali, a Praça, com a gente, é se cuidar. Como idosos ficam muito sozinhos e ali conversam sobre suas vidas, fazem amigos, compartilham histórias. Chega mais um, e fala muito, sem ouvir ninguém. Todos se mostram incomodados porque ele fala mal de todo mundo e aponta os vícios de beber e fumar de muita gente. Começam a falar que muita gente fala dos outros e não olha para seus vícios. De repente, senti que eu também, me incomodava com muitas indiretas que jogavam um para o outro como se fosse brincadeira, mas que eu percebia como agressivas. Um deles, inclusive, falava e piscava o olho para mim, o que eu compreendia como uma tentativa de aliança. Vejo o movimento do grupo, ouço as histórias e, naquele Encontro Reflexivo³², acompanho os desdobramentos que foram acontecendo, após a minha intervenção narrando como eu estava sendo tocada naquele encontro. Falam sobre os incômodos que sentem ao não serem escutados, pelas fofocas que rolam na Praça... [...] Pela primeira vez vejo aquele senhor escutar, mesmo com dificuldade. Depois ele diz que seu vício era mulher. Fico pensando que revelar o que a gente está vendo, e o modo como somos tocadas, pode se mostrar como iluminação para que o outro também veja, e se implique no que está dizendo. Do vício do álcool, chegam ao vício do sexo; da queixa repetitiva em relação aos outros, chagam a demanda de como estão vivenciando a sexualidade, ou melhor, da tristeza e de não viverem mais a sexualidade, como antigamente, chegando um deles a dizer: “agora não sou mais galo”. Chegam mais dois idosos. Falam da importância daquele espaço para eles, na Praça. Sentem falta das estagiárias. Comunicamos que vamos mudar o dia de terça para sexta. Um deles diz: “Eita!... é o dia que faço feira... mas posso antecipar para a quinta!”. Vejo a importância daquele encontro. Compreendo que ali, embaixo da árvore, nos bancos da Praça cada um chega ao seu ritmo, e vai participando da conversa na presença da psicóloga. Cada um fala da sua história numa contação de experiências. Ali eles podem se apropriarem da sua solidão, do modo como vivem a sexualidade, do modo como cuidam de si e como convivem... Compreendo que a atenção psicológica se mostra no compartilhar o cotidiano. As falas não são incolores. É uma conversação multicolorida a cada pincelada de histórias de vida.

³² Criado por Heloisa Szymanski, “[...] é uma prática de que se pode lançar mão sempre que houver uma demanda de um grupo de pessoas que desejam buscar soluções e alternativas para questões comuns e significativas de sua existência. (Szymanski & Szymanski, 2014, p. 12)

Mainá – Acho que a diferença de uma conversa entre pessoas que frequentam a Praça... entre vizinhos... está em a gente ver... ver não!!... procurar compreender qual o sentido que ele traz naquele momento! Não é só a conversa em si que ele está trazendo!

Pesquisadora – *Eu posso compreender que a escuta da psicóloga se dá pela compreensão do que está sendo revelado através das histórias de vida?*

Mainá – Sim! Que a gente vê a partir do que ele fala... não é a fala... mas o que ele traz nessa fala, qual o sentido dessa fala... dessa conversa sobre o cotidiano! Por exemplo, quando me pediram para agendar o número do telefone... um pedido imprevisto... qual o sentido que está tendo aquele pedido?!... que foi o sentido de cuidado!!... de cuidado consigo e de um com o outro! Eu acho que a diferença está aí entre uma conversa e uma escuta onde a gente se inclina para ver que sentido ele traz... o que é que ele está trazendo com aquela fala! Acho que é essa a diferença entre uma conversa com amigos e vizinhos e uma escuta que a gente se propõe!

Acauã – E através desse estar com no cotidiano, ele se dá conta da sua história de vida, dando sentido a ela! Então é diferente, porque o que ela... a conversa traz, é o sentido da sua história de vida!... desse cotidiano que ele apresenta! Então quando ele tem esta dimensão de sentido dessa história, então isto já deixa... realmente não é uma conversa entre amigos!!... ou não é uma conversa de vizinhos!

Um ponto que se destaca para mim é a distinção em relação à diferença entre a conversa com amigos e a conversa com a psicóloga. Nessa, abre-se a possibilidade de “tocar a vida”, “tomar decisões”, “ver outros caminhos”, “caminhar”, “se cuidar”. A escuta/conversa aparece como possibilidade de dar direção, sentido ao seu modo de viver. Quantas vezes fui questionada se esse trabalho era realmente uma intervenção psicológica. Quantas inquietações vivi por não responder/atender ao esperado. O sentido desvelado na conversa/escuta revela uma ação clínica via reflexão? Por outro lado, surpreendo-me com o reconhecimento do lugar das psicólogas a partir do olhar para elas como distintas daqueles que são moradores ali, bem como por uma conversação com sentido sobre as experiências no viver cotidiano.

Tiê – E assim... esta produção de sentido que provoca muitas vezes... leva uma mudança, uma transformação! Produção de sentido por exemplo, quando ele traz uma situação que ele não consegue lidar, então ali... naquela conversa, naquela escuta, um sentido pode começar a ser produzido pra que ele comece a pensar, a refletir sobre o que ele está fazendo... como está vivendo o cotidiano e vai produzindo várias outras reflexões que podem levar a uma mudança!

Pesquisadora – *Posso ver então... produção de sentido como...*

Tiê – Como direção! Seria o modo como ele vai guiar a sua história!

Pesquisadora – *Então o sentido da escuta psicológica... seria esta atitude de estar com... que possibilita o dar-se conta de sua história e uma direção à ela!?*

Tiê – Por isso que não é uma mera conversa! Porque numa conversa a gente nunca está preocupado com a direção que você vai tomar... com o sentido que você está querendo dizer ali... para você chegar a uma mudança! Mas aí a gente enquanto profissional de Psicologia, a gente busca isso junto com o outro! Olha aí a direção que eu falo! Além do acolhimento, do cuidado... que ela tome o cuidado de si e se aproprie do sentido naquelas falas e que podem conduzir uma mudança na vida daquelas pessoas!

Acauã - E aí essa transformação pode se dar na medida que ele queira! Deste sentido que ele deu para esta conversa que ele traz... para esta história de vida que ele traz! E aí a gente está acompanhando!! Se vai haver ou não esta transformação... não é o que importa! O que importa é

apropriar-se do cuidado de si a partir da compreensão de sua história! Do sentido dado a sua história!

Pesquisadora – *Então... não é a transformação que é o foco! Não é a passagem... mas como transita na passagem! A psicóloga, então... acompanha o modo como, no acontecer da passagem, o cliente apropria-se do cuidado de si, a partir da compreensão de sua história de vida, da direção que dá a seu próprio viver! A diferença entre conversar com a psicóloga e com outras pessoas está em preocupar-se com a direção, o sentido dado a sua história... além do cliente tomar para si o seu próprio cuidado e ter a possibilidade de inaugurar algo novo com outros! Então... estaria aí uma compreensão de uma ação clínica no viver cotidiano como uma ação ético-política?*

Tiê – Estaria! Inclusive na questão do próprio empoderamento! Quando ele se dá conta de que ele é o próprio cuidado, ele pode fazer mudanças que se dá até como ação política! Ai eu fico lembrando em relação a esta questão política... de Suspeito, quando Suspeito falando de um projeto que eles desenvolviam lá em cima do Morro, que o pessoal chamava de Rap! “Lá em cima no Rap!” que o pessoal falava! Que era um espaço que eles faziam várias atividades com o Rap, a grafiteagem e aí... ele apresentou o projeto para que tivesse mais apoio político para um vereador da comunidade! E esse vereador passou muito tempo enrolando... enrolando... e quando estava bem perto das eleições... este vereador o procurou! E procurou Nino também! Ai eles disseram... “Não! Agora a gente não quer mais não! Porque agora a gente vai lançar a candidatura de um de nós a vereador!” Então quer dizer... eles perceberam que eles mesmos poderiam mudar a situação! Já que não tinha ninguém que se interessasse para ajudar o desenvolvimento de um projeto social para a comunidade, eles mesmos entrariam na política, teriam um vereador e assim... poderiam mudar a realidade daquela comunidade!

Meu Diário – Chega um morador, entramos no seu carro para irmos até a casa de uma cliente. Agora me dou conta de que não apenas me desloco; sou também, levada pelo cliente até outro cliente. No caminho uma pessoa para o carro, pergunta a ele se a campanha política vai continuar com a morte de Eduardo Campos, dizendo em seguida que um candidato a deputado, agora ganharia. Ele diz: “você precisa se informar!... não tem nada a ver!... é presidência e deputado!”. A pessoa diz que não sabe disso. Ele segue conversando com a gente de que na realidade, há uma falta de interesse das pessoas em receber informações, desligam a TV quando começa o horário político, e vai nos contando como se interessou por política. Era ajudante de costura, virou costureiro, mas era muito pouco dinheiro. Não conseguia financiamento para a cultura Hip Hop. Viu aí uma possibilidade de trabalhar pelo Hip Hop e pelas pessoas. Hoje, quer ser vereador. No transitar, vou conhecendo o modo como os moradores do Morro vivenciam o cotidiano social e político. Vou me inteirando do seu modo de conviver. Ser uma psicóloga que se põe em andança, possibilita conhecer a realidade do dia a dia dos espaços coletivamente habitados. Acho isto bem importante. Conhecer os modos como àquelas pessoas vivem o cotidiano me aproxima delas, no sentido de conhecer seus modos de conviver entre si e com situações sociais e políticas do dia a dia. A ação clínica mescla-se com a ação política? Penso ainda o quanto essa atitude me provoca questionamentos a minha formação e ao modo como ainda reconheço uma cristalização burocrática e tecnicista ao fazer de ofício do psicólogo. Sou convidada/convocada a seguir caminhos que muitas vezes, não sei tomar. Me encontro em risco? Coloco-me em risco com-outros? Mas não seria próprio da ação clínica deparar-me com o inusitado? A clínica, numa perspectiva fenomenológica existencial, não se apresenta na atitude de se dispor a aguardar aquilo que se mostra? Não estaria nessa atitude do aguardar o desafio/risco de deparar-me com o não saber, com o não pronto? E as questões seguem de pé, não para serem respondidas, mas para que eu me aproprie de possíveis modos de ser-psicóloga no viver cotidiano.

Acauã – Sim! Sem dúvida uma ação clínica como ação política, porque a política é o movimento dele de apresentar-se à comunidade... sendo protagonista da sua história... mas além do contexto do qual ele está imerso... da coletividade! Mas parte primeiro dele... para depois... uma ação conjunta!

Tiê – Eu acho que o empoderamento! Assim... empoderar aquelas pessoas para que elas tenham força de mudar a realidade da vida delas! O apropriar-se do cuidado de si surge como abertura para um empoderamento e este como uma possibilidade de acontecer algo novo.

Pesquisadora – *Esse cuidado de si como possibilidade de inaugurar algo novo... seria a possibilidade de uma ação política?*

Acauã – No empoderamento está a ação política! Porque a partir do momento que o outro está empoderado... já está acontecendo algo novo! Ele não vai mais agir como agia quando não estava empoderado! Empoderado, ele vai ter outra atitude! E essa atitude não vai só ficar nele! Vai abranger a coletividade.

Fico refletindo: será que narrar suas histórias entre amigos ou familiares ou moradores ou transeuntes que frequentam ou passam pela Praça, acompanhados pela escuta da psicóloga, possibilita que os clientes apareçam para si e para os outros? Será que esse aparecer se torna abertura para que a ação clínica se mostre como ação política? Estaria aqui uma possibilidade de juntos construírem um modo próprio de convivência entre aqueles que são partícipes de espaços coletivamente habitados? Por outro lado, posso compreender que as psicólogas-colaboradoras vão revelando que a conversa/escuta com uma psicóloga se faz singular? Será essa singularidade que oportuniza iniciar algo novo a partir da apropriação do sentido de sua história? Estaria aí mais uma possibilidade de olhar a ação clínica como ação política? Fico pensando ainda: Tiê e Acauã falam do empoderamento como possibilidade para o acontecer de algo novo. Entretanto indago: seria o empoderamento um apropriar-se de si?

Violeta – Porque a gente sabe que... sei lá!... a psicóloga assim... ela passa muita confiança pra gente! Pra mim!... no meu caso! Porque assim... pelo jeito que ela cuidou da minha irmã! Minha irmã... ela sabe, você sabe também pelo que a minha irmã passou e ela conseguiu tirar a minha irmã de casa, porque minha irmã não queria sair de casa mais... só queria estar em casa trancada, numa depressão muito forte... e aí a psicóloga conseguiu tirar ela de dentro de casa... levou ela pra Praça... quando a minha irmã voltou, já voltou outra pessoa... assim... com um brilho no olho... já voltou aquela pessoa mais animada...

Pesquisadora – *Você está me dizendo que este trânsito de sua irmã não ser mais atendida em casa, mas ser atendida na Praça... possibilitou uma mudança na sua irmã?*

Vejo agora, que Violeta apontava em seu depoimento algo mais importante que a mudança, que é o sair de casa para a Praça, o movimento, o percurso. O sair é que se torna o trânsito?

Violeta – Melhorou! Eu nunca me esqueço! Na primeira vez que Acauã levou minha irmã pra Praça, minha irmã falou que no dia que ela foi pra Praça... tava com frio!... aí nunca esperava que ela ia dar o casaco dela para minha irmã! Que a minha irmã falava que todo mundo tinha nojo dela! Aí... naquele momento ali... ela viu que a psicóloga não teve nojo dela! Tirou o casaco dela e deu pra minha irmã! Aí minha irmã disse que lá debaixo da árvore... o vento soprando, Acauã conversando com ela... aí ela foi se sentindo melhor e viu que em Acauã ela tinha aquela segurança de conversar as coisas... Aí eu acho assim... minha irmã ficou muito apegada a ela! Com este atendimento minha irmã se sentia também protegida!... acolhida! Até

quando Acauã não ia... aí ela ficava com raiva porque ela não ia naquele dia! Ela ficava esperando ir lá... e Acauã não ia e minha irmã ficava com raiva! Aí quando encontrava era aquela cobrança! “Estava te esperando!... porque você não veio? Eu estava te esperando!”

Interessante é que essa mesma situação foi contada, também por Acauã.

Acauã - E... teve um momento que na Praça, debaixo de uma árvore... fazia frio nesta manhã, um vento frio na Praça! E aí eu estava com um casaco *jeans* e naturalmente Dália disse assim... “Eu estou com frio!!” Aí eu peguei o casaco e coloquei nela! Eu disse... “Toma meu casaco!” Aí foi este movimento de eu dar o casaco a ela... que ela se abriu! Eu nem esperava! Ela sentiu acolhida com este casaco e foi a partir dali que ela veio pro encontro comigo! Assim... o encontro que eu digo de se abrir, de falar coisas que ela ainda não tinha tanta segurança em falar! E aí ela falou depois que este casaco estava sobre ela! E aí ela revelou da sua doença... do mal que ela tinha naquele momento... Ela era portadora do HIV/AIDS e aí foi quando ela trouxe a tona toda esta realidade! E pra mim foi uma surpresa muito grande!!... naquele momento! Mas assim... foi o encontro que mais se revelou, foi a partir deste casaco! Mas assim... quando a gente está neste lugar, nestes lugares, neste trânsito... qualquer coisa pode acontecer! Porque a gente está dentro do imprevisto, sabe Suely?

O trânsito entre a casa e a Praça, acompanhado pela psicóloga, aparece como possibilidade de atenção psicológica. A atitude da psicóloga de chamar para a Praça, de dar o seu casaco, possibilita um reconhecimento, uma quebra de preconceito para o cliente, bem como se mostra como abertura para o encontro. Ao me voltar para a narrativa das psicólogas-colaboradoras, olhando para esse trabalho no cotidiano do viver, retomo a roda de conversação.

Pesquisadora – *Posso compreender que a psicóloga vai trabalhando na acontecência do cotidiano... e isto a faz se deparar constantemente com o inusitado, o que a leva, muitas vezes, a se dar conta do seu próprio fazer de ofício, como afirmou Mainá lá em cima... “Aí foi que eu vim ter noção da importância do que eles estavam falando e comemorando a vida!”*

Entretanto, fico a questionar: estar na acontecência do cotidiano surpreende-a por requerer que sua ação acolha o inusitado do próprio viver?

Mainá – É! É o inusitado!!! Algo que eu não tinha imaginado ainda como era! Aí ficava muitas vezes... apegada ao que a gente estudava muitas vezes na faculdade, no curso!

Pesquisadora – *E o que vocês estudavam no curso... como fica quando estão lá... no Morro?*

Acauã – Não fica!

Pesquisadora – *Como assim?*

Mainá – Começava a não ficar! Começava a construir algo novo! Assim... tinha tipo... desapegando de uma fórmula... tipo assim... e vendo que tem algo a mais do que o que se passa na maior parte do curso!

Tiê – Interessante!!... porque quando eu comecei lá no Morro, eu achava que não ia ter sentido! Que era tudo tão solto, tão sem direção, tão sem rumo... que eu achava que não ia chegar a lugar nenhum! Porque na verdade a gente está acostumada com tudo predeterminado! Acho que em Psicologia na faculdade, a gente sempre aprendia que tinha que ser quarenta e cinco minutos... dentro de uma sala... padronizado... sem os acasos... e lá não! A gente contava com os acasos o tempo todo!! E depois... as próprias pessoas que a gente atendia começaram a esfregar na minha

cara!... esfregar mesmo assim!!... que eu fazia sentido na vida deles e que o meu cuidado tinha sentido ali!... que meu acolhimento para eles era importante!!... e tinha possibilitado mudança na vida deles! O cliente é quem mostra o sentido do psicólogo na vida dele! Ele diz o tempo todo assim... o quanto a gente faz sentido pra ele! O quanto o nosso trabalho está gerando mudança... o quanto a gente é importante!

Pesquisadora – *Como se o curso de Psicologia de certa forma... enquadrasse ou apresentasse para vocês um modelo a ser seguido! Sair do padrão ditado... leva-as a sentir-se sem chão, sem direção como psicólogas?*

Confesso que sou surpreendida. Apesar de ter sido questionada inúmeras vezes sobre o trabalho que desenvolvia no Morro, quando professora/supervisora/orientadora, não me havia ocorrido que pesquisar a ação clínica de psicólogos que ocorre no viver cotidiano, a partir de uma compreensão fenomenológica existencial, levar-me-ia a olhar para a formação do psicólogo. Será que essa formação possibilita uma ação clínica no viver cotidiano? As narrativas de Mainá e Tiê assinalam que em suas formações a ação clínica do psicólogo era apresentada como se estivesse dentro de um manual. Um manual próprio da psicoterapia? O acaso tão presente no viver cotidiano pode ser compreendido como sendo o inusitado? Como um aspecto próprio desse trabalho? Claro que em uma psicoterapia há o inusitado do que o cliente vai levar. Mas é aquele cliente, aquele *setting*, aquele horário já certo, já determinado. Ali não. O acaso é permanente, até em relação a quem será o cliente. Não se sabe a quem se vai atender, onde vai atender, como vai atender, quanto tempo vai atender... Ao ser surpreendida por lançar-se no viver cotidiano, passa a questionar o seu modo de ser psicóloga? E mais, passa a questionar o papel e a formação do psicólogo? Será que é o inusitado na ação clínica do viver cotidiano que leva o psicólogo aonde deve ir?

Acauã - Refletindo sobre esse acaso que Tiê fala anteriormente, é este acaso que é o não determinado... não ter nada determinado... que movimenta a gente! Eu não chamo de desaloja... é um desalojamento, mas que eu chamo de movimento! É o que põe a gente em movimento neste encontro! Neste estar com! Porque a presença é importante, mas ela precisa se revelar também... em movimento nesse encontro! Porque na primeira vez que eu cheguei lá!!... que a gente sentou na Praça, numa calçada de uma casa próxima a uma Praça... e a gente tinha combinado algo mas não ia poder ser realizado porque tinha morrido alguém da família! E ali pela primeira vez... aconteceu o plantão! E assim... como eu não tinha na cabeça nenhuma imaginação sobre a psicoterapia... isto não estava dentro de mim! E o primeiro encontro foi com este plantão, pra mim! E eu percebi naquele momento que era um plantão! É... quando eu estava lá... que ele começou a contar da história do acontecimento na família dele... então ali eu percebi, naquele momento, que estava acontecendo o plantão! Então eu disse... “Meu Deus!” Me deu uma certa insegurança!!... que eu precisava tirar a certeza na minha supervisão! E aí eu... “A gente fez alguma coisa?” Eu lembro que eu perguntei! E... “Você acha que fez?” Esta foi a resposta da supervisora! E aí eu disse... “Realmente!... a gente fez!... a gente escutou! A gente estava do lado dele numa dor... acompanhando! E este acompanhar de lá pra cá foi muito interessante!!... porque a gente acompanhou gradativamente... a gente acompanhou da Praça para as escadarias, das escadarias para a casa deles e assim... é muito interessante quando eu

lembro destas coisas!!... de quando a gente chegou... e como hoje está, sabe Suely? Eu me emociono e choro quando recordo disto... aqui! Eu vejo que liberdade, autonomia, seja lá o que for!!... eles alcançaram! Essa possibilidade de alçar voo eles enxergaram isto! Estou me referindo ao grupo de Hip Hop que a gente acompanhou e que até hoje a gente acompanha!

Pesquisadora – *A escuta e o acompanhar aparecem como possibilidade de se apropriar do seu lugar de psicóloga? E aí eu fico pensando... mesmo não estando com o modelo da psicoterapia marcado em si, atender na rua, na Praça, na calçada, nas escadarias... deixa uma dívida... “A gente fez alguma coisa?”, passando a questionar se sua ação é de psicóloga!*

Tiê – Hoje não questiono! Na época do estágio eu ficava... mas hoje não!

Acauã – Hoje não! Na época do estágio... era! Porque era algo muito novo! Aliás... pra quem chegar lá hoje, é algo muito novo! Mas pra gente que já está lá um certo tempo, a gente já percebe esta diferença!

Mainá - É!... hoje não!

Tiê – E a gente hoje... a gente já vê o resultado do sentido do nosso trabalho! Não que naquela época a gente não via! Mas a gente estava tão naquela efervescência da faculdade de... de científico, de que tinha que ser assim, que aí a gente ficava... eu ficava meio assim... sem saber como caminhar, pisando em ovos... E hoje não! Hoje a gente tem aquela segurança! Que o que a gente tem... faz... é Psicologia, é ciência e faz sentido! Eu acho que é o que é mais importante! A gente vê que faz sentido na vida dos nossos clientes!... e na nossa! Porque no curso de Psicologia ainda é muito clínico no sentido de consultório! Mais de clínica de consultório! E aí a gente tinha outros professores que tinham uma outra visão... a visão do plantão psicológico, a visão da fenomenologia existencial... e aí as vezes a gente ficava naquela confusão! Como é a clínica nesse lugar, o Morro? Mas aí aos poucos a gente foi afunilando e a gente foi lendo muita coisa... e a prática também... e aí a gente foi vendo que não tinha nada determinado, que era aquilo mesmo... que era da vida! Que na vida não tem nada determinado!

Acauã me mostra a sua emoção ao se dar conta de sua formação em seu fazer de ofício como psicóloga no Morro. Uma ação que, ao mesmo tempo em que questiona a sua própria prática, põe em questão a formação do psicólogo. Nessa mesma direção, Tiê me leva a questionar: a demanda revelada solicita outra ação, outra intervenção, enquanto a “efervescência científica” chama para um enquadramento dentro dos moldes do que tem sido considerado científico?

Pesquisadora – *Tiê fala que o clínico... a clínica na faculdade, é passada como sendo mais de consultório! E a Clínica lá no Morro? Como é vivida... como é vista?*

Tiê – Não como esse *setting* que é do consultório! Mas um *setting* mais ampliado... sem ser as quatro paredes!

Pesquisadora – *Como um setting?*

Acauã – Não! Não é o *setting*! É o espaço! Espaço de convivência!

Pesquisadora – *Clínica então... é o espaço de convivência!?*

Acauã – Não! A clínica lá no Morro... é do que vai acontecendo ali... na hora! Que a gente não está pronta pra aquilo ali! A gente...

Tiê – Porque a clínica do consultório... é claro que tem aquele inclinar-se também, como no Morro a gente tem... a gente se volta pra esse outro, acolhendo! Mas a grande diferença que eu acho... é que no consultório é tudo muito determinado! Então são quarenta e cinco minutos... você vai atender uma pessoa naquele tempo, naquele espaço... E no Morro não! É muito diferente! São muitas outras questões envolvidas! Não é só aquela pessoa... são várias pessoas, é o contexto social, é o lugar que a gente está...

Vejo a marca da clínica na formação do psicólogo, como um lugar. Vejo, também, a marca da psicoterapia como uma prática psicológica da clínica. Estaria a formação do psicólogo ainda atrelando a clínica a uma modalidade de prática psicológica – a psicoterapia, ou até mesmo a um local de atendimento - o consultório? As narrativas expressam essas marcas tanto na formação, como no titubeio presente nos depoimentos ao contarem sobre como a ação clínica se mostra no Morro. Falam de uma desconstrução do que foi visto e aprendido em suas formações. Sim, estar no Morro é desalojador. Reconheço-me nesse espaço, sem chão. Será que, por isso, o *setting* e o contrato, nesse momento, se sobressaem, mesmo que nos depoimentos apareça a clínica como atitude? Mas algo se evidencia para mim: estariam falando de um espaço acontecimental?

Pesquisadora – *Vocês falam de uma clínica implicada no acontecer do dia a dia... o que faz com que vocês se deparem constantemente com o inusitado! Falam ainda que a clínica é uma atitude de se inclinar e isso pode ser feito no Morro, no consultório ou em outro lugar! Mas falam também que no Morro vocês têm que se inclinar para além da história de vida daquele cliente! Vocês têm que se inclinar para...*

Acauã - Uma diversidade de acontecimentos do cotidiano daquelas pessoas!

Mainá - Uma diversidade de pessoas...

Tiê – De histórias de vida... de...

Acauã – Histórias de vida que se cruzam e se entrecruzam o tempo todo com os acontecimentos próprios do Morro!

Mainá – Sim! Isso!! Aí a gente ficava refletindo... “É um atendimento... acolhimento... que a gente está disponível para o que chegar... para aquele momento!” Não existe uma coisa predeterminada! É uma desconstrução e construção muito grande!!... do que a gente aprende na faculdade e de como a gente trabalha ali!

Pesquisadora – *Eu posso compreender que a ação clínica no Morro solicita uma disposição como uma abertura para o que é novo? Como é esta desconstrução, construção... que você fala Mainá?*

Mainá – Sim! Foi bem diferente do que eu imaginava do que é ser psicóloga e do que eu aprendi do que é ser psicóloga! A diferença de... o papel do psicólogo! Por exemplo, teve um dia que eu estava no grupo com os idosos, aí de repente... eles conversando sobre o fato de que um deles tinha passado mal e precisou ligar para um deles! Depois entrou outros assuntos... aí depois lá veio senhor Cláudio... “Olha!... eu queria que você agendasse aqui o número do telefone de tal pessoa!” se referindo a um dos participantes do grupo! Pediu que eu fizesse a agenda dele com os telefones do pessoal do grupo... colocar no papel mesmo!! Aí eu pensei... “Será que eu estou fazendo a coisa certa aqui?” Por que agendar o número do telefone!?... Mas aí me dei conta... eu me liguei em conversar com eles sobre este pedido de um ter o número de telefone do outro! Passaram a falar sobre a importância um com o outro e que ao ter o número de telefone do outro, estavam cuidando de si pois teriam como pedir ajuda! “Coloca aqui neste papel!...” Aí eu coloquei e eles disseram que se sentiam mais fortalecidos no cuidado com eles, pois se um precisar pode contar também com o outro!

Acauã – Aí quando fala dessa questão do telefone... então, são esses tipos de coisas aqui... que dentro de um *setting* de espaço de consultório, não é levado! Não acontece! E já neste outro espaço acontece, isto é conversado, entendeu? Isto vem... assim...

Pesquisadora – *Isto é conversado! Mas me parece que o diferencial é que, no trabalho do psicólogo no Morro, esta conversa acontece muitas vezes na própria acontecência! E não é*

comum dentro de um setting de consultório essas solicitações que o cliente faz a vocês! Posso compreender que com isso... vocês se inserem no cotidiano deles!?

Tiê – É!

Acauã – Isso mesmo!

Mainá – Sim!... e foi falando sobre o pedido de ter o número de telefone que eles chegaram a falar do cuidado! É importante se ter o número um do outro, pois quando um precisar terá com quem contar, terá este cuidado! Cuidar um do outro... ter contato um com o outro! Mas foi além... estava neste pedido também, cuidando de si! Porque se este outro precisa, ele pode ligar pra mim! Ele tem com quem contar! E caso eu mesmo precise, também terei com quem contar! Então é uma forma de cuidar de si, caso ele por exemplo... teve um que ficou doente, aí ligou pros outros, foram socorrer... aí é cuidado com o outro e consigo!

Acauã – E... o quanto esta colocação de números na agenda do telefone, sabe Mainá... foi importante para eles, porque até hoje eles mantêm este contato e o vínculo aumentou mais ainda, depois dessa intervenção!

O cuidado vai se mostrando na ação clínica da psicóloga no viver cotidiano. Vou apreendendo no depoimento que aquilo que poderia parecer ocupação, no momento em que Mainá pergunta compreendendo o sentido do pedido, passa a ser pré-ocupação. Ao recolher o pedido do cliente (colocar o telefone em uma agenda), há a possibilidade de junto ao cliente compreender sua demanda (cuidar de si e dos outros, com outros)?

Tiê – Falando em cuidado, lembro que o senhor Lírio passou muito tempo sem beber, e em cada recaída dele a gente sempre estava ali!!... e a gente sempre acolhia! Até muitas vezes quando ele estava bêbado, a gente chegou lá e a gente foi um suporte! A gente acompanhava... e acompanhava a esposa que estava sóbria! Os dois juntos! Ele conseguiu junto com a gente... a gente junto com ele na verdade, superar isto! Agora... eu fiquei pensando sobre isso! Não sei... mas eu sinto que quando a gente fala assim... “a gente junto com ele...” parece que ele é mais ativo! Parece que ele é quem põe em prática as coisas. Ele é quem é ativo! E quando eu falo assim... “ele conseguiu junto com a gente...” parece que a gente é maior que ele!

Estaria Tiê falando em modos de estar com o cliente? Um modo no qual pode ser libertador e outro em que pode se alimentar uma dependência? Em sua narrativa, fico a refletir e penso que o estar-com-o-outro, o estar junto ao outro se mostra como possibilidade de cuidado. Assim, o estar junto a, junto com, amplia a possibilidade do cuidar de si; abre-se um outro espaço para o cuidar de si e não uma dependência ao outro. Mas algo também me instiga no depoimento:

Pesquisadora – *Eu fiquei pensando... estaria aqui, uma revelação de que o cliente não é o “doente”, aquele que sofre de um “mal”, mas todos que participam da situação cotidiana? Seria esta revelação uma abertura para a quebra da ideia de que não se deve atender alguém que esteja usando algum tipo de droga?*

Acauã – Tem estas coisas mesmo que as pessoas dizem... “ele não pode responder”...

Tiê – “Ele não está em sã consciência!!”... E tanto foi impactante pra ele, que depois ele lembrava das coisas que a gente tinha conversado com ele quando ele estava bêbado! Algo ficou!

Acauã – E ele trazia isso nos encontros depois! Mas a sensação que me dava era... era não!... é de estar com! Esta ação é de estar com eles! Estar com... tem o sentido de ser presente! É estar

presente naquele momento ali, com o outro! E esta presença!!... o quanto revela coisas de vida dele! Ele sente esta presença! Então esta presença é muito importante no encontro! Então estar com... é estar presente!

Tiê – Eu acho que o acolhimento tá muito ligado à disponibilidade!!... a estar disponível para o que aquele outro trazer!!... o que ele precisar! Se ele tiver sofrendo... a gente acolhe o sofrimento dele! Se ele tiver feliz!!... a gente acolhe a felicidade também. O acolhimento se dá pelos acontecimentos da vida! Independente de ser... eu vou pro psicólogo porque estou doente!!... ou eu vou pro psicólogo porque eu estou com problema!!... estou doido!!...

Acauã – É o cotidiano que ele apresenta!!... e que a gente acolhe naquele momento! E o quanto este acolhimento do cotidiano é importante para a relação do psicólogo e cliente.

Essas narrativas me provocam algumas questões: posso falar de um acompanhamento pela via da abertura para acolher o outro no inusitado? O acompanhamento se mostra diferente por acolher o outro no cotidiano do viver? Por acolher nos acontecimentos do dia a dia? Acompanhar no acontecer cotidiano seria uma abertura para a quebra da despatologização da ação do psicólogo?

Tiê – E aí eu acho que esta é uma grande desconstrução! Porque socialmente o psicólogo está pra que? Pra quem está sofrendo!!... pra quem está louco!!... pra quem... e não numa perspectiva de prevenção e promoção da saúde, que é o que eu acho que a gente faz! A gente está naquele contexto social para o que vier... para tudo o que aparecer!

Tiê ressalta uma desconstrução do papel do psicólogo ao trabalhar numa perspectiva de prevenção e promoção à saúde, rompendo com a perspectiva voltada para a cura. Mas, outro aspecto também me chama atenção: refere-se ao contexto social, ao conviver na cotidianidade. Aí reside uma singularidade?

Pesquisadora – *Estaria neste acompanhamento aos acontecimentos do cotidiano um modo próprio de ser psicólogo?*

Tiê – Eu nunca digo que sou psicoterapeuta! Até porque quando fala assim... “Fulano tá fazendo terapia!” Já vem a doença! Para mim... sou assim! Por exemplo, fisioterapia vai fazer... consertar seus ossos! Aí é como se o psicólogo fosse consertar alguma coisa! A minha ideia é essa! Não sei se é o certo ou não!

Acauã – Eu nunca digo que sou psicoterapeuta! Eu digo que sou psicóloga! Interessante como o próprio cliente... ele tem noção de qual é o papel do psicólogo! Desse nosso modo de estar! Eles revelam que nós estamos ali pro cuidado! Pra prevenir, pra saúde, pra cuidar mesmo! Eles dizem assim!

Tiê – E em relação à saúde também... por exemplo, eles sempre diziam assim... “Oh Acauã... fulano está com um problema muito sério na família! Vai lá que eu não quero que ele adoça!... que eu tô vendo a hora dele entrar numa depressão!” Então... antes que aconteça!...

Acauã - E mesmo quando eles têm essa coisa de dizer... “Ah!... já tá doente!... já tá com depressão... mas vai lá!” Porque ele não traz... ele não nomeia com patologias! Ele traz o cotidiano mesmo!!... é a ida ao médico, a relação familiar... ele traz todo o contexto do dia a dia, as brigas que houve na rua entre outras pessoas, e ali ele traz! Quando uma vez ou outra aparece um caso de depressão... que surge mesmo!!... mesmo assim... falando sobre... não aparece o nome depressão. Ele traz o acontecimento que o deixou daquele jeito! E aí foi uma briga, uma discussão entre familiares... Às vezes, quando a gente se encontrava com uma pessoa que a mãe dizia que tinha transtorno mental, Carla... a gente se encontrava com Carla e a mãe dela dizia assim... “Ah!... ela tá vendo coisas!!... ela tá... e eu não sei o que é isso!... o que a gente vai

fazer?” Eu sei que a gente acompanhou Carla por um bom tempo!!... e Carla trazia as demandas da vida dela... do que ela viveu!!... do que ela viu naquelas escadarias e o quanto isto deixava ela sem possibilidades de fazer coisas na vida!

Posso olhar o papel do psicólogo a partir dos depoimentos como uma atitude de atender: atendimento psicológico. Acauã e Tiê vão me mostrando, também, que ser psicóloga no viver cotidiano tem um modo próprio de o cliente revelar os seus pedidos, as suas queixas e/ou demandas. Ou seja, elas mostram que o cliente revela sua queixa e/ou demanda não pelas psicopatologias, mas pelos acontecimentos do dia a dia.

Pesquisadora – *Vocês falam que eles solicitam uma ação de vocês a partir dos acontecimentos no cotidiano! Fiquei pensando aqui... e vocês? Como vocês se inserem nesse cotidiano?*

Tiê – Não!!... a gente ficou...

Acauã – Você presenciou Tiê! Eles contam e a gente também presencia com eles algumas coisas desse cotidiano... brigas, enterro...

Tiê - O acaso é tão grande!!... que a gente às vezes está dentro da briga! No caso de senhor Lírio mesmo, a gente presenciou senhor Lírio dando na cara de Eliana... da esposa! Ficou eu e Acauã passadas!!... mas a gente precisava intervir! Não tinha como sair de lá correndo e deixar o pau quebrando!!... né?

Então há um acompanhar na acontecência do cotidiano. O inusitado, o inesperado possibilita que a psicóloga se encontre na acontecência do fenômeno.

Pesquisadora – *Mas, como vocês entrevistaram?*

Tiê – A gente teve aquele susto inicial e aí a gente teve que... “Perai!!... como é isto? O que está acontecendo aqui?” Isto era a gente pensando... e até porque nesse dia ele estava alcoolizado!!... não foi Acauã?

Acauã – Foi!

Tiê - E aí ele estava alcoolizado e a gente se preocupou com a vida dela até!!... porque a gente não sabia até onde ia! Foi logo no começo quando a gente começou a acompanhar!

Acauã – E a gente naquele momento depois do susto, o silêncio pairou... ele também percebeu que estava diante da gente e nesse ver... no momento o que veio a cabeça foi a reflexão! Foi pensar sobre a atitude!

Pesquisadora – *Então vocês estão me dizendo que, mesmo ele alcoolizado, conseguiu ver vocês e refletir?*

Acauã – Ele parou! Ele nos viu e parou! Se era uma reflexão eu não sei!!... porque ele não falou! Mas a ação de olhar pra gente e parar ali!!... e aí foi dona Eliana que começou a chorar, a falar sobre... e aí a gente acolheu Eliana naquele momento!

E aí pergunto: será que olhar, presenciar, estar como psicóloga acompanhando uma situação de confronto, de briga, não buscando o culpado a ser eliminado, mas o modo como convivem, como participam dessa dinâmica conjugal, familiar, social, estão intervindo através de um caminho inovador, que sai do “ciclo de olhar para os culpados ou doentes”, para como é possível compreender essa situação? Além disso, o que poderá ser iniciado, ser novo nessa situação?

Pesquisadora – *Será que esse ser presente no cotidiano... naquele momento da briga... isto pode quebrar esse olhar de lidar com o cliente como... eu vou curar um doente ou buscar culpados... quem é o culpado dessa briga... para o psicólogo compreender a situação?*

Acauã – Quebra sim... de fato quebra! Essa questão de que o psicólogo vai intervir só diante de uma patologia ou diante de uma pessoa que não pode estar alcoolizado...

Pesquisadora – *Passaríamos a ser profissionais que olham não para uma cena inicial, mas para o modo de conviver naquela cena que, muitas vezes, se repete no cotidiano do existir? Será que deixaremos de olhar para uma mudança fatural, individual, mas nos voltaremos para uma reflexão sobre os modos de conviver em situações de conflitos, com aqueles que delas participam?*

Acauã – Sim! Faz todo o sentido!

Tiê – Sim! E a gente além de acolher, a gente precisou orientá-la!... porque ele estava num ritmo de bebida tão grande!!... que ele estava começando a perder a noção! Passava dias sem tomar banho, sem se alimentar... e aí era violento com ela... e aí depois dessa nossa intervenção, ela saiu de casa, deixou ele lá... e ela foi para a casa de uma prima! Passou lá um período até que ele conseguiu se restabelecer novamente!

Pesquisadora – *Vocês falam em orientação! Ao mesmo tempo falam que a ação de vocês é clínica! Eu posso compreender que é também uma ação educativa?*

Tiê – Sim!... Pode! Porque a gente está constantemente informando as pessoas sobre os direitos que elas têm, que elas não sabem, muitas vezes! E a gente tem este papel também, de dar esta orientação, neste sentido mesmo... dar informação! De quem procurar, onde ir...

Acauã – Sim... também tem orientação, mas a base do nosso trabalho é o cuidado! É o acolher, a escuta, mas é importante a informação e a orientação! Porque muitas vezes, eles desconhecem sobre as questões da violência, como se processa, como isso está na relação... então não compreende aquilo como violência! Então é importante entrar a orientação, a informação sobre... e aí também tem esta parte educativa! “Ah é!... isso é violência!” A gente lida com esta situação através da informação, mas não é só pela informação pois tem a informação, mas tem a reflexão! Primeiro vem a reflexão diante do que está sendo vivido, da experiência, mas depois... pode ter uma conversa sobre aquele fenômeno e aí... pode entrar informações e orientações!

Na produção de movimento, está surgindo a parte educacional da ação clínica? Será que posso compreender a orientação como uma possibilidade para que a história que está sendo narrada, continue? Será que uma reflexão acerca do acontecimento, acompanhada de uma orientação/informação, quando necessário, abre a possibilidade para que essas se mostrem como um dizer vivo? Nesse movimento, destaca-se a inserção do psicólogo no cotidiano do cliente, num fluxo próprio de contação de uma história que está viva e aberta a novos modos de continuar, e de ser contada?

Violeta - Depois que a psicóloga também entrou na minha vida, na vida do meu marido também... ela sempre conversa com a gente... Quando eu tô com algum problema que converso com ela... ela me escuta, sempre me ajuda em relação a minha filha que é especial... ela também tá sempre me orientando... mas assim também... eu deixo escapar...

Pesquisadora - *Como assim... “eu deixo escapar”?*

Violeta - Assim... eu... me orientou a fazer algumas coisas e eu não fui atrás ainda! Você também sabe disso! Mas eu vou atrás! É porque agora, meus sobrinhos tão comigo agora, aí é muita coisa agora, muito trabalhoso agora... é muito menino!

Pesquisadora – *Posso compreender então... que, mesmo que a psicóloga oriente você para alguma ação, é você no seu ritmo que faz esta ação!*

Violeta – É! E assim... é aquela troca! A gente... a gente dá... a gente entrega o problema a ela, como se a gente quisesse que ela resolvesse... naquela hora ali! A gente entrega... a gente

desabafa com ela, mas na mesma hora ela vem com uma palavra... que é a gente que resolve... que vê como faz! Assim... com palavra! As vezes você fala ali... tá com problema sério ali!! Ela não vai resolver... “faz assim...” não!! Ela vem com aquelas palavrinhas dela ali... com o jeitinho dela falar...

Pesquisadora – *Você diz que ela não diz o que você vai fazer! Ela não resolve...*

Violeta – Isso! Aí é isso... ela acolher... que faz com que a gente desabafe tudo com ela! Não tem medo! A gente... nenhum aqui tem medo de falar com ela! Nenhum! Fala mesmo!! O que tem!... coisas boas, coisas ruins... o que a gente fez, o que a gente deixou de fazer... é aquela confiança que ela passa pra gente! Eu mesmo... tudo o que eu vivi na minha vida... assim... tem coisas que eu nunca falei pra minha mãe... eu falei pra ela! E muita coisa que eu já falei pra ela que nem meu marido mesmo... eu não converso com meu marido! Eu sei que... eu vou conversar com ela... que eu sei que ela é um porto seguro, como se diz! Ela é um porto seguro! Meu porto seguro ali! Que a gente vai conversar... e conversando com ela eu choro, eu desabafo... coisa que eu não quero chorar pra meu pai não ver, meu marido ver, e com ela eu choro, desabafo, e boto tudo... chega dá uma limpada! Aquela alma da gente purifica! Não sei o que é! Não sei dizer o que é! Chega dá aquela aliviada depois.

Vejo que a ação da psicóloga é vista como uma “troca”. Há coparticipação: o cliente confia suas histórias, e a psicóloga escuta; há uma conversa/reflexão. Vejo ainda que, mesmo quando a psicóloga orienta, é o cliente quem toma para si a responsabilidade sobre como vai guiar sua história.

Pesquisadora – *Então a ação das psicólogas transita entre uma ação clínica e uma ação educativa?*

Tiê– Sim! A gente continuou indo lá... e aí assim... teve uma vez que eu passei lá... e aí quando eu passei descendo as escadarias, senhor Lírio estava sentado... ele estava com uma lata de cana! E aí eu passei, falei com ele... e aí quando ele olhou para mim, ele começou a chorar! Ele chorava!!... chorava!!... chorava desesperadamente e aí assim... eu parei!... conversei com ele... ele se achando fraco, se achando no fundo do poço!... achava que não ia conseguir! A gente continuou investindo nele e nela também! E aí chegou um momento que ele parou de beber!!... ela voltou para casa... e aí ele foi resistindo a bebida... e ele começou a ir pro AA³³... e eu fui junto com ele para o AA!

Com isto posso compreender, mais uma vez, que a atenção psicológica em espaços coletivamente habitados se faz no acompanhar o outro/cliente na acontecência do cotidiano, o que requer uma articulação com diversos segmentos presentes nesses espaços ou até mesmo nas redondezas.

Tiê – Eu fui umas duas, três vezes ao AA com ele!!... eu fui algumas vezes com ele porque ele pediu que eu fosse! Teve uma vez que a esposa dele foi também, e se emocionaram... e ele continuou frequentando... passou bastante tempo sem beber!

Lírio – Eu acho um trabalho importante!... porque ali no Morro destrói a vida de muitas pessoa! Porque se você tá pensando numa cachaça, tá pensando em fazer aquilo... a psicóloga trabalhando com você... isso nada... você tira isso da cabeça...

Girassol – Esquece!

Lírio – É!... porque você sabe que você vai se prejudicar... vai se prejudicar mais ainda! O trabalho com a psicóloga me ajudou a ir pro AA, a deixar de beber... me acompanhar até as

³³ Alcoólicos Anônimos.

palestras no AA foi muito importante ela me acompanhar tudo de perto! Minha filha falou comigo, na frente dela, que não tinha um pai... e hoje em dia ela tem um pai! Então todo mundo chorou! Quer dizer que isso foi importante demais pra mim!! Ela me deu a maior força! Quer dizer... isso pra mim foi tudo! Tiê me acompanhou até o AA, assistia as palestras e aí conversava comigo! Eu vivia direto com a cachaça... eu bebia direto!! Pra mim a psicóloga foi muito importante! Ela vai conversando... eu vendo a minha vida, que não era pra se desesperar... eu vendo que tinha que tomar um outro caminho, eu tinha que cuidar de mim e da minha família, que tinha família pra criar, cuidar do meu estresse! Agora... foi um negócio assim que eu fiquei pensando... fiquei vendo que precisava me cuidar!... é a mesma coisa de quem bebe! “Oxi! Tô curado!” Mas não é... se não cuidar do estresse, volta tudo de novo! Então foi no acompanhamento com ela, com o psiquiatra...

Vejo, na narrativa de Lírio, as ressonâncias do trabalho com a psicóloga. Vejo, ainda, que a psicóloga participou com ele das reuniões do AA e que logo após conversavam. Estaria aqui uma singularidade desse trabalho? Ou seja, as psicólogas participam com o cliente, inserem-se no cotidiano do cliente por meio da presença em reunião do AA, em oficinas de grafiteagem na rua, no cotidiano da Praça... essa inserção no cotidiano do viver se faz abertura para o acontecer da ação clínica educativa, que se mostra através de uma conversa? Lírio refere-se a um enquadre clássico: participação no AA, com o psiquiatra; mas, mesmo assim, cabe a ação clínica no viver cotidiano, uma vez que Lírio me diz que esta conversa convida-o para olhar para o seu modo próprio de viver, criar sentido (direção) e chama-o ainda para o cuidar de si e dos outros.

Acauã – Sabe Suely, este trabalho se dá também com os estagiários e extensionistas... e também a gente faz um trabalho de rede, a gente faz os encaminhamentos necessários para um trabalho junto à psiquiatria, junto à rede de saúde, o médico clínico geral! E assim... não é um trabalho só! É um trabalho em rede!! A gente faz os encaminhamentos necessários! É pertinente, quando a gente vê que a Psicologia sozinha não dá conta... a gente precisa fazer... ir com esta pessoa até um ambulatório, ir com esta pessoa até um posto de saúde, o CRAS, então assim... a gente trabalha num sistema de rede!

Pesquisadora – *Quando vocês falam que trabalham num sistema de rede... vejo uma articulação com os parceiros...*

Tiê – Sim! Pois não é só encaminhar!... acompanhar também! Acompanhar aquele caso! A gente encaminha, mas a gente não deixa pra lá! É... matriciamento! Que a gente continua acompanhando os desdobramentos! Agora, é muito difícil! Pelo menos eu sinto! Por conta da própria demanda mesmo, dos serviços! Que é uma fragilidade nacional! Não é uma fragilidade nossa, ou... é uma fragilidade do sistema de não se dar continuidade a esses acompanhamentos! E termina virando só encaminhamento! A gente sempre estava... me lembrei daquela época de Dália... pegar cesta básica, sempre estar em contato com a psicóloga para saber como era que estava a situação, se ela estava recebendo, se o CRAS continuava acompanhando...

Acauã – E ainda tem mais!!... a comunidade nos vê atuando como profissional de Psicologia! Eu estava lembrando agora... que as Agentes Comunitárias de Saúde, ACS, sabem a nosso respeito por eles, os clientes!!!... e diante das dificuldades encontradas de não ter profissional disponível no posto, elas lançaram mão de chamar o profissional de Psicologia para estar com os pacientes!

Pesquisadora – *Eu posso compreender então... que os clientes também acionam a rede!*

Mainá - Sim!... e as outras pessoas também informam sobre a gente!

Acauã – Sim! E aí uma ACS chamou através do posto de saúde, que tinha uma pessoa precisando ser atendida! E eu não pensava que a gente tinha tanta... tinha repercutido tanto!!... a proporção deste trabalho na comunidade! Também o clínico geral do posto de saúde... de estar aberto a este diálogo, de encaminhar pacientes dele para o atendimento do plantão com a gente! Ele solicitou a visita para a casa de uma pessoa que estava no momento, sem possibilidade de chegar até a Praça por debilidade física! E aí... foi quando eu me encontrei pela primeira vez com uma pessoa, Dália! E ela assim... muito fragilizada!!... Num primeiro momento ela não tinha condição de ir pra Praça e ali... na casa dela, eu realizei o plantão! Mas foi indicação do médico e da ACS que souberam do nosso trabalho e pediu que a gente fosse até ela! E neste caminhar com Dália de quase dois anos, foi muito interessante a recuperação que se deu! E quando a gente chamou-a para Praça, ela foi várias vezes pra Praça! Em uma das vezes é... que ela estava trazendo o seu cotidiano, o que mais fazia ela sofrer... mas ela não tinha se aproximado ainda totalmente! E eu...“Um dia o encontro acontece! Não vou me apressar!” Ai é acompanhar mesmo!! Ficar a espera!!... na disponibilidade! Mas tem também a questão da informação! Mas eu acho que a gente ainda é muito tímido nessa ação da informação! Acho que a gente poderia ser mais!

Mainá – Mesmo fazendo parceria com a Secretaria da Mulher, para que a Secretaria da Mulher levasse informações sobre os serviços disponíveis para as mulheres! Quando a gente fez o evento, algumas pessoas foram querendo saber como poderiam procurar alguns serviços! Eu lembro de uma senhora que tinha uma filha que estava no presídio e ela queria saber como poderia fazer para visitar essa filha! Se teria transporte, ônibus, o filho pequeno dela que ela queria levar, como chegar até lá!? E aí a gente faz esta rede articulando com a Secretaria da Mulher...

Acauã – O CRAS, também o posto de saúde...

Tiê – Porque por exemplo... a mulher que está presa, se ela trabalhava de carteira assinada, ela tem direito a um auxílio reclusão para a família dela! Então... a assistente social do CRAS pode viabilizar isso, para garantir este direito! Aí a questão de ônibus para ir até Buique³⁴, a Secretaria da Mulher... não sei se ainda tem... mas tinha um ônibus que levava as famílias para verem estas mulheres em Buique!

Pesquisadora – *Então vocês estão me dizendo que, nesse trabalho que vocês fazem, vocês precisam estender a articulação de rede e ter conhecimentos sobre o seu funcionamento...*

Tiê – Da questão da garantia de direitos...

Acauã – Porque quando a gente chega à comunidade, no início mesmo da ação das grafitagens junto ao movimento Hip Hop, é como se a informação lá dentro da comunidade fosse muito escassa! Aliás, fosse não! É escassa! E o acesso a essa informação, o saber dessa informação gera um empoderamento! É esse empoderamento que vai fazer com que essa ação aconteça politicamente! Porque aí não é uma coisa só de um! É uma coisa de todos! Onde todos ali vão compartilhar! Mas antes, escutamos estas pessoas em relação a sua experiência com cada situação apresentada! É pela via da experiência que a gente pode ver a importância de levar informações!

Pesquisadora – *A escuta da experiência... abre para a compreensão da situação de vida revelada...*

Acauã – Abre! Aí a gente aciona a rede para cuidar dessas informações! E além deles terem acesso a esta informação, passa a ter várias transformações na vida deles, politicamente! Política enquanto coletivo!... enquanto participação coletiva, no grupo!

Tiê – E a informação se dissemina entre eles! Por exemplo, Dália!... Dália tinha HIV e tinha direito ao BPC³⁵! E aí enquanto ela não recebia o BPC, ela precisava entrar numa cesta básica! E aí o CRAS pode ajudar nesse sentido!

Acauã – E aí ela teve todas as garantias que ela tinha direito! A gente tem as informações a respeito da política pública e isso facilita... possibilita a ação clínica neste contexto!

³⁴ Município do Agreste Pernambucano que tem um Presídio Feminino.

³⁵ Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social.

É pelos clientes que as psicólogas vão dando-se conta da ressonância do seu trabalho no Morro. Em espaços coletivamente habitados, vê-se a importância do trabalho em rede, de dar-se a conhecer pelos serviços presentes. O inusitado da situação, o encontrar-se com o novo, não retira, mas legitima o que já está construído. Vejo que houve a identificação de uma escassez de informação para a comunidade que, espontaneamente, procura as psicólogas em busca de conhecimento e orientação. Essa procura leva à necessidade de articulação com a rede. A psicóloga aciona a rede e, em conjunto, cuidam da atividade de informar. Através da apropriação desses conhecimentos, os próprios clientes/moradores se fazem disseminadores das informações, tornando-se agentes multiplicadores. Vejo que a informação/orientação como ação educativa chama a uma participação conjunta/coletiva, havendo uma apropriação dos participantes-colaboradores, o compartilhar de experiências e a possibilidade de inauguração de algo novo. Estaria aí uma possibilidade da ação clínica no viver cotidiano se fazer ação política e educativa? Vou-me dando conta, também, que, em uma ação clínica no viver cotidiano, há uma solicitação de conhecimento sobre Políticas Públicas por parte das psicólogas e que esse conhecimento se mostra como abertura para a ação clínica em espaços coletivamente habitados.

Mainá – Eu acho que a nossa ação é uma ação de cuidado, de atenção com aquele outro que está ali com a gente, naquele momento... de poder parar um pouco e ser alguém que está ali, disponível para escutar sem estar assim... faça isso ou faça aquilo!!... mas para escutar livremente o que aquela pessoa tem para dizer ali, naquele momento! Sem aconselhar!... sem julgar!... mas para acolher!... pra compreender qual o sentido que ele traz e poder de alguma forma acompanhá-lo na revelação deste sentido! Eu vejo assim!

Tiê – Eu acho que... resumindo... nossa ação é acolhimento!... cuidado!... reflexão!... transformação!

Acauã – O cuidado com certeza!!... eu vejo que é o carro chefe dessa ação, sabe? O cuidado!... a atenção!... a disponibilidade!... a reflexão!... são coisas que são fundamentais no encontro!

Tiê – É possibilitar a apropriação da vida! Porque no momento em que ele se apropria daquela realidade da vida, ele vai encontrar vários caminhos!

Pesquisadora – *Você fala, Mainá, que a ação de vocês “é uma ação de cuidado, de atenção” e Tiê fala que “É possibilitar a apropriação da vida!”. Posso compreender que isso seria a ação clínica que Acauã aponta?*

Mainá – Sim!

Tiê – E eu fiquei assim... nas mudanças que a gente... junto com aquelas pessoas conseguiu! Aí eu fico pensando em cada uma delas! Adriana sair de casa, sair daquela cápsula, dela voltar a estudar, dela começar a namorar, ter uma vida!

Mainá – E ir a praça... que ela nem... nem ir a Praça ia!

Tiê – Exatamente! Ter amizade, relações afetivas... Então, isto na vida de um ser humano... eu acho que é algo muito significativo... de uma pessoa que estava na pior! E tão jovem, que na época ela tinha dezenove anos só! E aí muitas coisas tinham sido perdidas, ela já tinha parado de estudar... acho que já tinha mais de um ano! Então assim, ao caminhar com a gente pelo Morro, ela tinha mais relações sociais e aí ela retomou a vida! Voltou a estudar, a namorar, frequentar a igreja, a transitar pelo Centenário... Senhor Lírio parou de beber, voltou a trabalhar... Dona

Eliana também saiu daquele lugar de inércia... Dália que tinha a questão do HIV que muitas vezes ela sentia diminuída com isso, também conseguiu benefício, passou a cuidar melhor do filho... Eu acho que isso são mudanças muito importantes na vida de um ser humano! Nino que hoje é vereador... que era desempregado, fazia bico com pinturas...

Acauã – Que ele se aproprie do sentido dessa realidade, dessa história dele naquele contexto, naquela cidade! Quando ele se apropria desse sentido da história... a coisa acontece diferente!

Mainá - Ao trabalharmos nessa apropriação do sentido da história dele, do cuidado com ele... estamos numa ação clínica ali no Morro!

Acauã – Ação clínica! Eu não vejo outro lugar! E tem pessoas que não acreditam não!!... viu? Que esta ação é ação clínica!!

Tiê – Nosso trabalho possibilita a apropriação do cuidado da sua vida!!

Mainá – Possibilita que ele compreenda o sentido daquele modo de viver!

No modo de compreensão das psicólogas-colaboradoras, a ação clínica se faz pela via do cuidado, além de estar à disposição para acolher, escutar, compreender, acompanhar a revelação do sentido. Assim, apropriar-se do seu modo de existir, de viver se mostra como possibilidade de dar sentido, direção ao viver cotidiano. Mas outro ponto se destaca: não é aconselhar. Lembro que, em outros momentos, durante a roda de conversação, falou-se sobre acompanhar, acolher, escutar, estar com... Assim pergunto: como é que neste contexto aparece esse acolhimento e essa escuta?

Acauã – É bem interessante escutar as pessoas assim... quando a gente passa na rua, mesmo quando a porta está fechada, a gente oferece... e aí a gente chama a visão!

Pesquisadora – *Qual o sentido de “a gente oferece”?*

Mainá – De informar sobre o trabalho!

Tiê – De dizer que a gente está ali disponível, que a gente está na Praça, que se precisar eles podem passar lá, que a gente está lá para escutar!

Oferecer é dizer da disposição de acompanhar, e dizer sobre o modo como a atenção psicológica se dá no Morro: psicólogas e clientes se põem à vista e se põem em andança em espaços coletivamente habitados.

Tiê – Sim! Por isso que Acauã diz...“E aí a gente chama a visão!”

Acauã – Disponibilidade! Disponibilidade para aqueles que estão ali... e a gente vai vendo quando está passando pelas ruas! A gente se põe disponível e disponibiliza a atenção da Psicologia! A escuta, a prevenção, do cuidar da saúde... Assim, passando pelas ruas a gente fica na visão deles... e como hoje muita gente no Morro já conhece a gente... passar pelas ruas tem o sentido de oferecer acolhimento... de estar disponível a escutar!

Pesquisadora – *Eu vejo que este é um modo dos clientes chegarem até vocês!... quando vocês se põem a andar pelas ruas!*

Meu Diário - Ainda na caminhada de volta, Violeta manda mensagem por telefone se queixando de que Acauã não foi na sua casa, mesmo passando pela rua em que ela mora. Acauã diz que foi, mas ela não estava em casa. Passar pelas ruas anuncia a nossa presença. Somos “vistas” mesmo sem encontrar Violeta. Os moradores anunciam a nossa presença e somos “convocadas” a atender aos chamados. A andança se mostra como anúncio, como presença.

Mainá – É! Oferecer acolhimento quer dizer da nossa disponibilidade para o atendimento!

Acauã - E às vezes... a gente bate à porta... Se a pessoa quiser, a pessoa vem! Também se não quiser, a gente segue adiante! E muitas vezes a gente é convidada a entrar na casa ou ficar ali mesmo!!... na porta! E a escuta se dá por aquilo que se apresenta! E é uma escuta de acompanhamento do que ela vai trazendo deste cotidiano... de uma semana ou de dias que a gente se encontrou, e ali vai havendo uma troca do que eu vou sentindo e vou levando também o meu entendimento pra ela... o que tocou em mim!

Pesquisadora – *É como se aí houvesse uma abertura e ocorresse uma troca... eles afetando vocês... vocês afetando a eles? Porque assim... quando fala “que ela vai trazendo deste cotidiano... e ali vai havendo uma troca do que vai sentindo e levando também a compreensão pra ela...” me parece que vai havendo uma intersecção entre histórias e afetações!*

Num jogo de conversação das histórias e expressões de afetações, vai-se construindo uma compreensão e uma abertura para a história continuar a ser contada com sentido?

Tiê – Ah!... Sim... Sim! Só que não a história das nossas vidas, mas como aquilo nos afeta!

Acauã – Sim! Aquilo que me fala e que me afeta eu levo pra ele de volta... da minha afetação... e acaba provocando uma outra afetação nele! E quando eu dou esse retorno a ele, eu continuo sendo afetada pelo que ele me diz porque ele traz outras coisas! Aí fica... afetação e afetação e afetação... é um movimento!

Pesquisadora – *Um movimento de afetações?*

Acauã – De reflexão também, sobre as afetações! Chamo de reflexão o pensamento! Não!... meditação... reflexão... meditando sobre aquela afetação que ele me provocou e que eu provoquei nele! E aí a gente passa a meditar sobre aquela afetação, aquela situação, aquela ação... É por esta via que se dá! Que é uma via que vai... e que vem...

Pesquisadora – *Qual o sentido de meditação para você?*

Acauã – Questionar sobre a atitude... sobre aquilo que está ressoando em cada um da gente! Não é um pensamento que... não tenha uma atitude! É um pensamento que questiona, que olha pra a atitude e que provoca algo! Esse meditar... é refletir sobre a atitude... mas em ação!

Pesquisadora – *E vocês vão questionando com eles... e eles continuam narrando...*

Mainá – É!

Acauã - E às vezes... pode ampliar ou não o olhar dessa pessoa!

Mainá – E da gente também!

Fico surpresa diante dos depoimentos: estariam falando sobre o pensamento que medita? Refletir em ação, como diz Acauã, seria o acontecer do pensamento que medita, que se abre para questionar, aguardar? Um vaivém de questões sentidas, compreendidas e trocadas entre psicóloga e cliente?

Tiê – Com Certeza! E aí eu acho que surge outra grande quebra que é a questão da neutralidade! Você não pode se deixar ser afetado... que a gente estudou muito na faculdade! Mas aí... neste trabalho, a gente vê que isto não existe! Não existe neutralidade! A gente faz bem... eles fazem bem pra gente e a gente troca afetação mesmo!

Mainá – É uma proximidade assim... no sentido de... você estar ali... junto das outras pessoas... você sentado ao lado das outras pessoas ali no banco... não é aquela coisa... alguém está aqui e você está ali... no seu sofá, na cadeira... sei lá! É um proximidade física também! Sentada ao lado... no banco da Praça! E uma proximidade na relação, de conversar sobre o cotidiano, de conversar... conversar com um... depois chega outro e conversa... eu me sentia próxima deles!

Tiê – E quando a gente sai andando também, isso faz com que esta proximidade aconteça! Porque a gente entra beco... sai beco... algumas pessoas nos acompanham... a gente para... fala com um... fala com outro... mesmo quem não participa já sabe quem nós somos...

Mainá – Senta na calçada... chama para entrar dentro de casa... é a proximidade!

Acauã – Me vem na cabeça... e olhando para a prática, que a gente está trabalhando com gente, com pessoas... e não tem como não estar próxima delas neste contexto! Qual o sentido de estar próxima como psicóloga? É acompanhar ali... naquele momento... o que ele está trazendo nesta proximidade! E que esta proximidade... faz com que aconteça um movimento de... do que a gente já falou antes... da afetação de um com o outro! Isso é o que nos torna próximo! É esse afetar e afetar novamente um ao outro! Isso é o que nos torna próximo!

Mainá – É! A gente é afetada e cresce com eles!

Acauã – Crescemos! Crescemos sim! Porque assim... ele não sabe o que a gente está passando... se está frágil, se a gente está forte... ele não sabe disso! Ele não tem nem noção! Ele sabe que a gente está ali, disponível para o encontro com ele! Mas quantas vezes... diante do dia a dia... a gente tem as fragilidades também, mesmo sem ele saber ele diz... “Eu vou com você! Vamos... vamos... vamos!” E aí chama... e a gente... “Meu Deus!... hoje eu tenho que ir... vamos embora!” E aí é isso que levanta, que emerge, que vai... que não é só estar ali pra apoiar ou estar com ele! Ele também nos apoia... mesmo sem saber!

Estaria Acauã falando de uma pré-compreensão? Posso compreender que essa proximidade apontada se dá tanto pela aproximação física como pela afetação ressaltada? Seria esta proximidade a quebra da ideia da neutralidade do psicólogo em um ação clínica, educativa?

Tiê – É terapêutico pra gente também! Nós também sentimos o cuidado... nos reconhecemos cuidado quando a gente está cuidando!

Acauã – A referência... é que o profissional de Psicologia é o cuidado!

Tiê - Para mim... a nossa ação como psicólogas no Morro, ela se mostra como uma ação de cuidado com este outro! Um cuidado diferenciado do que a gente está acostumada a compreender dentro da Psicologia! Eu acho que esta diferença está... em junto com ele... para que ele compreenda que ele é o próprio cuidado de si! Ou seja, que ninguém pode cuidar dele! Só ele próprio! E que ele precisa se dar conta disso! Que ele é o autor da sua própria história, da sua própria vida! É ele quem constrói, quem escreve todas as linhas desta história! E eu acho que a gente faz isso junto com ele... para que ele se dê conta e construa essa história, o seu caminho... e se dê conta... e mude de atitude ou permaneça na mesma...

Neste instante, recorro ao meu diário de bordo, em que narro um momento muito significativo para mim, no qual vi e vivi o acontecer desse chamado a cuidar de si, bem como a compreensão de que, na ação clínica do viver cotidiano, o psicólogo oferece um espaço no qual há possibilidade de o cliente apropriar-se e responsabilizar-se de si e dos outros, uma vez que há uma compreensão do sentido de seu modo de ser, de existir:

Meu Diário - Vejo que a psicóloga chegou, mas como num passe de mágica ela some e me encontro sozinha. Como ela desapareceu? Eu a tinha visto conversando com um senhor. Mas... estou sozinha e caminho para a Praça. Encontro alguns homens jogando dominó. Sento entre dois deles. Um me diz que a psicóloga foi à casa de um morador, pois ele voltou do hospital, mas ainda está se recuperando e não pode ir à Praça. Me chama a atenção que um idoso está perto, pois ele sempre está na praça, mas senta-se distante e sempre diz não, quando é chamado a se aproximar. Pela primeira vez, inicio um diálogo com ele, mas quase não ouço som quando

ele fala. É preciso estar próxima e atenta para compreendê-lo, pois é mais uma leitura labial. Sinto um certo desconforto por não escutá-lo em alguns momentos, e a voz mais alta dos outros idosos me leva para uma conversa sobre as eleições, mas meu olhar o segue, quando deixa uma sacola com seu amigo, dirigindo-se a venda. Parecia que nesse dia, a Praça seria o jogo de dominó e conversas sobre a situação política do Brasil e de Caruaru. De repente, sou surpreendida mais uma vez pelo idoso. Além de estar próximo, conversando comigo, ainda saiu para “presentear” a mim e a psicóloga, com um lanche. Eis um modo singular de dizer que me reconhecia como psicóloga e que assim, poderia contar suas histórias? Mas, a “tranquilidade” daquele encontro é quebrada quando seu amigo “brinca”, dizendo que levaram sua sacola. Ele muda sua fisionomia. Começa a tremer e corre para onde estava sua sacola. Neste momento, não compreendo nada. E fico indagando, silenciosamente, o que está acontecendo? Sigo-o com o meu olhar e vejo que pega sua garrafa com cachaça, bebe um gole e começa a se acalmar. Me dou conta ali, da sua dependência ao álcool. Lá estava ele... tremendo, angustiado, seu rosto era de desespero. Ele não larga mais a sua sacola. Fico paralisada. Não sei o que me paralisou, mas vi e ouvi o seu desespero, a risada do amigo... mas não conseguia falar, nem fazer nada. Fiquei afetada pela sua/minha angústia e me paralisei. A psicóloga chega com mais um idoso e eu penso que isso me aliviaria. Ledo engano... Num grupo de seis pessoas, inicia-se uma conversa sobre a dificuldade do idoso de deixar de beber. Todos falam, enquanto ele encontra-se calado, de cabeça baixa. Não paro de olhar para ele, e aqui, consegui quebrar a minha paralisação. Me sentia angustiada diante de tantas “acusações e descrenças” e vou em busca de compreender como ele está vivenciando aquela conversa sobre ele. Mas uma vez sou tomada de surpresa. Eu vi/sentia tanto peso e ele diz que percebe preocupação com ele, que todos ali gostam muito dele. A ressonância me desaloja. Penso: como assim... preocupação e afeto sentido como bem querer, com tanto descuido no modo como falam e agem em relação a ele? A psicóloga pergunta se ele gosta dele. Como? Estaria meu desconforto no olhar para como os outros o veem? Em meu desconforto, eu estou olhando para como ele se sente e se reconhece? A partir do seu gesto de mais ou menos, feito com a mão, respondendo a pergunta da psicóloga, continuo meu encontro com ele, pela conversa. A sua dificuldade em largar a bebida, faz com que ele se descuide, se reconheça fracassado, e as lágrimas caem silenciosamente. Sinto que em seu choro/lamento ele me chama pra perto dele. Levanto e vou sentar junto a ele e escutar sua história que narra tentativas frustradas de parar de beber, sua dor/sofrimento por viver na solidão. Ele vai se dando conta que a bebida é sua companheira. Há uma imensa tristeza por não ter alguém que cuide dele e me pergunta por que Jesus não cuida dele. Digo que não sei responder porque Jesus não cuida dele, mas como ele se vê cuidando de si? Ele vai se dando conta que não se olha, não se cuida, fica esperando que outros cuidem dele. Chora. A bebida é a expressão de sua solidão, fraqueza. Fico a me perguntar: como não o vi antes? E olha que ele estava na Praça todos os dias em que eu fui até lá. A sua história vai sendo acompanhada silenciosamente pelos outros que antes, “apenas” o criticavam. E, na revelação do quanto é sofrido sustentar-se na bebida, há o anúncio de que, muitas vezes, sente vontade de se matar. Aqui, um outro participante quebra seu silêncio, assustando-se com esse desvelamento. Passamos a olhar para essa preocupação. E, nesse instante acompanho simultaneamente o cuidado consigo e com os outros. O idoso alcoolista expressa seu afeto amoroso, amigo, àquele que mostra pré-ocupação. A partir daí, inicia-se um movimento grupal de cuidado, no qual cada um vai desvelando afetos e atitudes para acompanhar e ser acompanhado. Essa é uma ação clínica tecida no cotidiano? O dia a dia com a bebida, com a solidão, caminha para uma atitude de solicitude, de chamar para perto, de cuidado? Cuidado de si, cuidado de ser-com-os-outros? Me emociono com essa situação. Aquele que era distante, tão perto. Aquele que se fechava para um contato, tão aberto. Em seu pedido para que eu não o esqueça, ele revela que vai lembrar-se de mim, dessa conversa. Pega a minha mão, beija e diz que se sentiu acompanhado por gente, pela gente. Outra companhia diferente da bebida, foi a abertura para ele narrar a sua história. Mas não só isso, para que seus colegas/amigos que vivenciam com ele o drama com a bebida, o acompanhassem e se disponibilizassem a serem acompanhados por ele. Fiquei feliz apesar da minha lenta jornada em direção a ele. Lembro de Chico Buarque: “todo dia ela faz tudo sempre igual”. Todo dia ele fazia igual: sentava-se distante, não se aproximava. Mas todo dia eu também fazia sempre igual: ficava à distância, esperava a psicóloga. Hoje comecei diferente:

sentei junto dele e o vi pela primeira vez. Outro idoso fala que a solidão é a pior coisa. Que aquela Praça com a presença da psicóloga, é um espaço de ser acompanhado. Não tenho como esquecer aqueles idosos. Não dá para deixar de mostrar a marca desse encontro em mim, pois arrisquei a estar na Praça sem a psicóloga e hoje, me sinto mais uma vez fazendo parte dessa caminhada na rua, na Praça, no Morro. Estou muito feliz. Não sou mais uma estranha. Eu me sinto pertencente.

Sim, vejo e me sinto experienciando um cuidado diferenciado como Tiê aponta. Um cuidado que acontece na acontecência do dia a dia, em coparticipação.

Acauã - Cuidado diferenciado, no sentido de que é atenção através da escuta! Quando a gente passa a escutar o cotidiano dele... naquele local no qual ele vive.

Tiê – Eu acho que o cuidado diferenciado fala que... envolve todas as outras questões da comunidade! Não só por exemplo... questões próprias daquele cliente... mas entram questões da convivência, entram o fato de que aquela comunidade é muito vulnerável pelo tráfico de drogas, pela baixa renda... E aí a gente vai olhar para todo o contexto! Não só para o individual, o singular, mas para o contexto social onde ele está inserido.

Acauã - E que é atravessado pelo cotidiano mesmo do dia a dia com o vizinho, com os amigos da comunidade... Então, essa atenção está voltada para todo este contexto do cotidiano e ali bem próxima a ele... que ele pode encontrar no momento em que ele achar necessário. Para como ele vivencia o cotidiano.

Isso é interessante: o cuidado nessa ação clínica pode ser compreendido tanto ontologicamente, o homem ser cuidado, como onticamente, ou seja, no Morro, o cuidado se faz diferenciado “do que a gente está acostumada a compreender dentro da Psicologia!”, tanto pela atenção psicológica “[...] olhar para todo o contexto! Não só para o individual, o singular”, voltando-se para além da singularidade do cliente, como ainda, “Para como ele vivencia o cotidiano!”. A diferença está em voltar-se para os modos de existir no dia a dia? Um cuidado que se mostra na escuta do lamento (trágico). A ação da psicóloga se amplia para os acontecimentos próprios e cotidianos dos espaços coletivamente habitados, indo além do olhar individual. Estaria aqui uma possibilidade de olhar a ação clínica como ação ética?

Mainá – Mas tem outra coisa! Pra mim é muito interessante!! Muito bom estar no Morro desde o meu estágio, porque foi muito diferente da concepção que eu tinha do que era ser psicólogo! Daquela construção tanto própria... minha... antes do curso, como também durante boa parte do curso de Psicologia! Aquela coisa da psicoterapia... ficar no consultório... e quando eu fui pro Morro foi surpreendente!!

Tiê - Porque para a Psicologia a gente passa muito tempo trancada dentro de uma sala, naquele *setting* de psicoterapia... e pra gente no Morro, o *setting* é aquele espaço ali todo! E assim... o cuidado é com aquelas pessoas!

Escuto um dizer acerca do trabalho do psicólogo no cotidiano, rompendo com uma visão tradicional da Psicologia Clínica voltada para o consultório e a psicoterapia?

Mainá – Eu acho que é diferenciado também pelo espaço que a gente se encontra! Não ser uma coisa que... é aquela psicoterapia marcada, que você vai lá numa sala... é numa Praça, numa rua, numa calçada... eu acho que é diferenciado por isso!

Pesquisadora – *Pelos locais de atendimento, seria uma ação diferenciada?*

Tiê – Não! O que está se falando é que a nossa ação como psicólogas é onde quer que o cliente esteja... mas o lugar pouco importa! O que importa é ele ali no viver cotidiano, onde quer que ele esteja!

Então, a ação clínica no viver cotidiano não tem delimitação do *setting*, do local de atendimento! É todo o espaço de convivência! Ou melhor, todo espaço de convivência se faz espaço em que pode acontecer a atenção psicológica, o cuidado, a ação clínica? É um espaço acontecimental? Fico pensando que faz sentido o espaço de convivência, pois, como foi dito acima, é o cotidiano, o con-viver, o viver com, que dá sentido à ação das psicólogas. Vejo um olhar voltado para um modo de ser junto a, junto com, um abrir de si que vai para a questão da ética. Mas já que falaram em *setting*, vamos olhar para os locais da ação, quem é o cliente, o contrato de trabalho...

Tiê – Os clientes são aquelas pessoas que estão naquela família... não só um cliente por exemplo, no caso de senhor Lírio que a gente acompanhou durante muito tempo... a gente acompanhou toda aquela família! Quem chegasse era atendido! E muitas vezes chegava o filho que estava na escola, o vizinho, a família... no caso a esposa, os três filhos que ele tem...

Pesquisadora – *Você está me dizendo que o cliente não é apenas aquele que procura... mas todos que chegam...*

Mainá – Todos os que chegam quando a gente está atendendo podem entrar na roda!

Pesquisadora – *Todos que fazem parte daquele contexto ou mesmo que se disponibilizam a participar de um atendimento!*

Mainá – Isso!

Acauã – Não é só a família, mas vizinho, criança...

Mainá - Quem passa pelo local onde está acontecendo o acompanhamento!

Os clientes são os transeuntes e moradores do Morro, como espaço coletivamente habitado. São todos aqueles que se disponibilizam a contar e participar de uma conversa com o psicólogo. Mas, como eles chegam e como eles entram nessa conversa, nesse atendimento?

Tiê – Muitas vezes entravam, sentavam onde a gente estava e nem falavam! Mas já participavam de alguma forma! E muitas vezes chegavam e falavam! Já davam uma opinião sobre aquela história... já falavam sobre si!

Acauã – [...] ou o outro chegar e... você estar ali inclinada totalmente para alguém e alguém que já faz parte da nossa convivência e dizer... “Aqui tem espaço pra eu também falar aqui, agora...? Eu quero falar!”

O cliente chega e se insere no acontecer da atenção psicológica quebrando com a sua linearidade. A psicóloga não tem conhecimento de quem vai ser seu cliente naquele atendimento, nem se o atendimento será individual ou grupal. O cliente, muitas vezes,

chega espontaneamente, e procura seu espaço de atendimento entre outros clientes. Ele anuncia que quer ser escutado. É preciso fluidez, abertura para lidar com o inusitado, para lidar com o imprevisto durante o acontecer da atenção psicológica.

Acauã - Aí você tem um... a gente chama de manejo, mas de lidar com o imprevisto mesmo!! De ter que sair desse encontro que é com o outro e envolver todo mundo num mesmo!!... sei lá!!... não sei as palavras... mas é todo mundo ali falando sobre sua vida, seus sentimentos, seus cotidianos! O que era um já passa a ser dois, já passa a ser três... como era na casa de senhor Lírio!

Pesquisadora – *Então vocês estão em um local... começam a chegar outras pessoas... este atendimento é realizado em que local?*

Tiê – Na casa dele ou muitas vezes ele estava na porta e a gente passava... e ali a gente ficava na porta ou ele chamava a gente para entrar... ou na Praça também... a gente já atendeu nas escadarias, em todos os lugares!

Mainá - Logo no primeiro dia que Acauã foi com a gente... ia passando pelas ruas, pelas casas e o atendimento era ali!... as vezes na calçada... acontecia ali na calçada! Às vezes a gente nem entrava na casa da pessoa, mas o acolhimento era ali na calçada, nas porta das casas, dentro de casa, na Praça...

Acauã – Outra coisa... por a gente estar atendendo assim... o tempo todo em vários outros lugares, dentro deste imprevisto... o que me vem na mente é algo que eu nunca esqueço na sala de aula com você!...“A vida!” Porque quando a gente trabalhava ali na sala de dinâmica, você nunca fechava a porta! E você dizia assim... “Pra que fechar a porta? A vida é tão aberta!!... entra e sai pessoas... vem e vai... não precisa fechar!” E aí isso!... lidar com o imprevisto o tempo todo é estar com a porta aberta!

Pesquisadora – *Qual sentido de “estar com a porta aberta”?*

Tiê – Eu acho que a porta aberta é a disponibilidade de assim... quando a gente abre a porta... entra vento, entra poeira, entra gente... e aí eu acho que é bem isso... que a gente está aberta...

Mainá – Aberta ao que surge!

Tiê – É!... ao que surgir!

Acauã – Disponibilidade!

Pesquisadora – *“Estar com a porta aberta”... seria uma disposição para trabalhar com o que surge no viver cotidiano?*

Acauã – Com certeza! Porque é ela que nos chama a estar nesse cotidiano! E aí se dá o movimento da porta estar aberta, porque o cotidiano não fecha! O cotidiano se movimenta o tempo todo! Então é aí a porta... o cotidiano! Então não tem como dizer assim...“A gente vai trabalhar deste modo aqui!”, entendeu? Fechado! De forma fechada! Padronizar!... estabelecer! Não tem como ali!!... trabalhar desse modo! Não tem! Ali é lidar com o imprevisto o tempo todo!!... é trabalhar nesta movimentação de estar na calçada, daqui a pouco estar dentro da casa de alguém, daqui a pouco vai até a Praça...

Fico a pensar: será que para além de um local de atendimento, e até mais que uma disponibilidade, “estar com a porta aberta” pode-se revelar como o viver na própria abertura?

Hortência – Meus atendimentos sempre foi na Praça e na igreja na frente da Praça, também na calçada! Na Praça é o melhor lugar ali! Menos agitado... na Praça do Centenário, por causa das árvores, sombra...

Pesquisadora – *Esse ambiente aberto... árvores... essa sombra...*

Hortência – Favorece muito ser atendida num ambiente assim! Até eu tinha dito ao outro menino³⁶... é que eu esqueci o nome dele! Eu trabalho em dois trabalhos! Uma loja e em outro lugar! Esse que é no centro, que é bem agitado, eu já não estou querendo ir! E o outro... é lá por trás do fórum... é descampado e eu gosto quando é o dia de eu ir pra lá e não gosto quando é no agitado! Por conta de árvore, o clima me ajuda muito! Ser atendida na Praça me ajuda muito! O próprio local! É muito bom! Porque assim... lá na minha casa não tinha condição porque é muito movimentada, e eu precisava de silêncio!... porque também eu queria segredo... não poderia ser na minha casa jamais! Até porque se fosse lá em casa e chegasse qualquer pessoa, já ia tirar o foco! Eu acho que eu não ia conseguir continuar! E lá não! Foi super tranquilo na Praça! A Praça é um espaço para contar segredos!

Meu Diário - Mais uma vez o cliente nos encaminha para o local de atendimento. Gosto muito desse modo de seguir o chamado do cliente e o canto onde a conversa pode acontecer. Numa Praça Pública uma história privada se mostra sigilosamente. Sinto isso como abertura e desafio.

Lírio – O meu acompanhamento sempre foi feito no bairro! Na Praça do Centenário elas iam pa minha casa, atendiam eu e a minha mulher lá... quando eu não ia na Praça, batiam na minha porta, iam na minha casa! Me ajudou um bocado! Eu tenho essa gratidão por elas! Tem um probleminha! Porque ficar de casa em casa às vezes não tem espaço! Aí ficava melhor ir pra praça porque ficava todo mundo! Eu achei que foi uma boa ideia! De casa pra Praça! Porque também ela não tinha capacidade de ir pra casa de todo mundo! Entendeu agora? Então quando é o dia, todo mundo vai tal dia na Praça, tem mais espaço para todo mundo poder ficar...

Meu Diário – Estamos na Praça São Roque com um grupo em atendimento. Chega um senhor idoso com um cachorro, perguntando se a gente sabia onde podia encontrar alguém para ver seu cachorro que estava doente e chorando, começa a narrar sua experiência com a solidão por estar só no mundo, sem pai e mãe. Vejo o sofrimento desse senhor e penso que está muito triste pela doença do seu cachorro, pela possibilidade de morte de um companheiro. Mas não sabemos onde pode cuidar do cachorro e sinto medo daquele cachorro tão perto da gente. Surge uma mulher que diz que pode olhar o cachorro. Fico sem compreender bem: de onde surgem essas pessoas? Como é que de repente numa Praça, tantos desconhecidos se mostram tão solícitos e solidários? A ação do psicólogo no viver cotidiano vai me mostrando que frequentar uma Praça pode ser abertura para numa conversa entre clientes e psicóloga, haver uma compreensão sobre a história que está vivendo e a possibilidade para a tomada de uma atitude/ação em relação àquele acontecimento, e para uma convivência solidária, uma convivência em prol do bem estar de si e daqueles que ali transitam.

Vai ficando claro que o *setting* no acompanhamento do psicólogo, em espaços coletivamente habitados, é visto como um espaço do conviver, ou seja, todo espaço em que há a convivência cotidiana: a casa, a rua, a Praça, a escadaria... Mas não só. É estar aberto ao inusitado do próprio viver. Fico pensando... o dar-se conta da impossibilidade de uma padronização no modo de trabalhar quando a ação clínica acontece no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados, seria um modo de estar com a porta aberta? Posso compreender que lidar com o imprevisto é uma das marcas desse trabalho? Também vejo que este espaço parece já se mostrar por si só, como um espaço terapêutico, no sentido de um espaço de cuidado. A Praça aparece como possibilidade de contar segredo, de silêncio, de sigilo. A casa não. Começo a pensar no sigilo da

³⁶ Referindo-se a um estagiário.

Psicologia, e também em como compreender o público e o privado nesse contexto. A Praça aparece, ainda, como um espaço para acompanhar um maior número de clientes. Entretanto, como eles sabem desse atendimento?

Mainá – A gente diz da nossa disponibilidade da escuta naquele local!

Acauã – Fala que o profissional de Psicologia está ali disponível, está em um dia da semana e se eles quiserem conversar, a gente está ali! Por onde a gente passa... a gente divulga!

Mainá – É esta disponibilidade que a gente informa as pessoas e quando eles querem... eles vão lá... eles sabem o local que a gente está!

Acauã – E na andança mesmo pelo bairro, a gente sai dizendo da disponibilidade do profissional de estar lá... nesse dia!

Lírio – O dia era na terça, hoje na sexta! É muito importante! Rafael me deu três telefones de Acauã! Eu peguei até chip da TIM pra ligar!

Violeta – A minha irmã era atendida em casa e na Praça! Aí depois que a minha irmã faleceu, foi que eu fiquei tendo acompanhamento porque veio a morte da minha mãe, veio agora a da minha irmã... aí sempre... a pessoa tem que precisar de uma ajuda! Porque não é forte, né? Porque duas perdas!! Perdi minha mãe, minha irmã, num tem psicológico que fique... porque qualquer coisa fico chorando agora... eu fiquei com aquilo dentro de mim!! Quando a minha irmã adoeceu, foi Nino quem levou a psicóloga até a minha irmã! Teve também doutor Abel. o médico do posto que falou de Acauã!

Margarida – Uma vez doutor Abel disse... procura um psicólogo pra cuidar da sua mãe! Eu disse... “Eu já tenho!” “Como?” “A gente já tem! É Acauã!” “Ah!... tá bom! Tá em casa! Todo mundo tá em casa!”, ele falou!

Acauã - Esta semana Fábria me disse que ela gostaria que eu fosse atender uma pessoa amiga dela, que esta amiga não estava em condições de ir à Praça e estava precisando de um psicólogo! Foi muito interessante a chegada na casa dessa amiga dela, ela dizendo assim... Ela foi comigo!... ela me levou na casa da pessoa! Ela disse assim... “Olha!... hoje eu não estou precisando de você... eu não estou precisando ser escutada não! Eu quero que você escute minha amiga! Ela não está bem!... o marido dela já fez muita coisa, levou ela pro CAPS, ela está tomando remédios, mas ela não está melhorando! Ela continua dormindo, continua sem tomar banho, tá lá entregue! Eu vou com você lá!” E aí me levou até a casa dessa pessoa! [...] é perceber também, que esta referência que a gente se tornou no Morro como profissionais de Psicologia, da credibilidade que eles tem na gente... é de levar... “Olha!... esta é minha psicóloga!!” “Fulano está precisando!... vamos na casa dele que ele está em depressão!” E aí acaba levando a gente para outros lugares! Eu vejo também, uma importância muito grande deste estar com, de estar ali naquele momento!... ele percebe a importância disso e ainda divulga para outros vizinhos! E isto sempre continua nessa caminhada da gente!

Vejo que falam do modo como os clientes ficam sabendo da presença das psicólogas no Morro e do trabalho que elas realizam. Vejo que um cliente leva o psicólogo até outro cliente; vejo ainda que o psicólogo não tem um local fixo de atendimento, pois ele está em andança pelo Morro atendendo e divulgando o trabalho. Mas além de encontrá-lo pelas ruas, existem outros modos de comunicação entre clientes e psicólogos?

Meu Diário - Não fui hoje para o Morro, pois Acauã liga avisando que está chovendo muito e não dá para transitar pelo Morro. Fico a pensar: como os clientes ficam sabendo que a psicóloga não vai? Lembro que em 2013 uma moradora, dona de um bar, ofereceu o espaço para o

acompanhamento, caso chovesse, porque o Bar não abria de manhã. Fica uma sensação de frustração e curiosidade.

[...]

Na semana seguinte, pergunto a Acauã como ela faz para avisar que não vai. Ela me disse que usa o fone com alguns e eles fazem a rede e/ou coloca inbox no facebook para outros. Fico pensando nesse modo de comunicação e o que me chama atenção é a rede que os clientes/moradores criam para comunicarem a ausência e/ou presença da psicóloga. É uma comunicação coparticipava. Eles se tornam corresponsáveis pela divulgação entre eles.

Violeta – Eu me comunico por telefone!

Margarida – Eu sempre encontro ela nos cantos, nos lugares do bairro, na comunidade que a gente convive... eu encontro ela andando pelo Morro! Encontro e já converso! Eu sempre vejo as psicólogas circulando pelo Morro na parte de baixo e de cima! Circula muito! Muito! Coitadas... sobe Morro, desce Morro!

Violeta – Ela sempre fala... “Vou ali agora... conversar com fulano!” Aí ia lá na outra rua, na principal...

Margarida – Às vezes tem gente que vem procurar a gente, pra a gente procurar ela!

Violeta – Procurar ela pra poder já passar uma pessoa para ela atender!

Hortência – Pra mim é... eu não sabia que tinha este atendimento porque eu morava em outro bairro, como você já sabe! Só soube quando eu vim morar aqui, porque uma pessoa me indicou! Foi Nino quem me apresentou a Psicologia no Morro! Eu perguntei a ele, porque eu tava precisando... isto foi numa quinta, eu tava muito... muito... muito... assim... eu tinha ido trabalhar... não entrei! Fiquei lá fora chorando, até dez horas da manhã! Chorando... o povo passava, olhava... aí dez horas eu liguei... aí eu disse... “Oh Nino...” Aí contei... a história não! Como eu estava! Aí ele disse... “Eu vou ver o que que eu faço por tu!” Aí na sexta vocês já foram pessoalmente lá! Aí... eu não vi tão rápido! Expresso! Se lembra?

Violeta – É expresso!

Margarida – É expresso!

Hortência – Nossa Senhora!... é demais! Eu nem estava contando que fosse tão rápido! Pensei que vocês ia lá, ia ligar, ia marcar um dia... mas não!... mas foi imediatamente! Naquela hora que vocês chegaram, eu pensei que nós ia marcar pra outro dia! Vocês... “Pode ser agora?” Eu tava na lavanderia! Ontem quando Acauã chegou lá em casa...

Violeta – Quando Acauã chega o coração sente!

Hortência – Eu tinha marcado para ir lá... tô meio esquecida! Assim... eu fiquei surpresa! Assim... lógico que eu sabia que tinha vindo as outras vezes, mas ela não sabia onde era a casa! Eu tinha comentado com Helena... “Eita!... hoje eu preciso falar com a psicóloga... estou esperando ela e eu tenho que ir lá no Olavo pegar o almoço, que é o casamento da minha sobrinha! Se eu sair e ela chegar...” Aí eu... “Saio e volto!” Aí eu fui bem rápido! Aí Helena ouviu... quando ela viu a psicóloga andando na rua falou assim... “Tu tá atrás de Hortência, né?” Porque Helena... ela dá conta de todos os recados! Aí quando chegou... “Vixi! Quem te ensinou a casa?” Ela disse... “Foi uma senhora que está ali!” Aí eu disse... “Ela tem óculos? Apois né mãe não!” Aí depois... veio na minha mente que era Helena! Outro dia eu fui atrás da psicóloga! Quando passou pelas ruas... eu vi ela e fui atrás!

Meu Diário - Estamos nos despedindo para irmos embora e um morador passa de carro e grita: “Acauã, preciso falar com você!”. Dá a volta na Praça e vem ao nosso encontro. Diz que precisa que a psicóloga vá conversar com a irmã dele que não está bem. Ele pergunta: você vai Acauã na casa dela?”. Acauã pergunta onde é. Ele diz que não pode ser agora porque não sabe onde ela está, mas que as 21 horas estaria na casa dela e que Acauã ligasse. Ela diz que essa hora está dando aula e não pode ligar. Ele diz: “Então... fico até vinte e duas horas e você liga, tá?”. Esse olhar para a Psicologia no Morro, me deixa uma marca de felicidade, de resistência, de compromisso, de realização. Assim, os clientes e moradores vão guiando como podemos transitar ao mesmo tempo em que, também vão se movimentando para que a gente possa acompanhá-los. Ele ainda reclama porque Acauã mudou o dia de atendimento para sexta feira e

não avisou nada: “Se eu não passasse por aqui, por acaso, nem ia saber!”. Acauã diz que é a primeira sexta. E penso que é preciso anunciar o novo dia para os moradores do Morro.

As psicólogas-colaboradoras apontam para os modos como divulgam seu trabalho, enfatizando o se pôr em andança para comunicar a existência da Psicologia no Morro, bem como para o fato de que são levadas até o cliente por meio de outros clientes. Por outro lado, os clientes-colaboradores apontam que entram em contato com as psicólogas através do telefone, encontrando-as pelas ruas do Morro, por um acontecimento, ou sendo indicados/levados por outros clientes. Vejo isto acontecendo e expresso, também, em meu diário de bordo.

Entretanto, algo me instiga: como a psicóloga é solicitada fora dos dias previstos? A determinação de Nino de esperar a psicóloga até 10h fala de um risco de se ver diante de uma disponibilidade vista como ilimitada? Outra coisa me chama a atenção: o atendimento acontece, pois ambos, clientes e psicólogas, movimentam-se, ambos se põem em andança, ambos se dão a ver. Outro aspecto apontado é a rapidez em ser atendido, sendo visto como “expresso”, bem como a sinalização de que a presença da psicóloga é sentida. Mas o cliente é quem diz quando ele precisa ser escutado!

Acauã – O cliente diz quando quer ser escutado! E quando ele não quer... também ele diz!

Tiê - E assim... não tem um tempo determinado... é o tempo necessário para ele pensar sobre as próprias questões! Por exemplo, no consultório a gente atende em quarenta e cinco minutos! No Morro não! No Morro é o tempo que ele precisa ali e o tempo que a gente também, tem disponível para ele! Porque é o tempo do outro, não é nosso tempo! É quando ele quer e quando ele tem a disponibilidade de falar sobre isso... de refletir! Quando ele não quer ele diz e pronto! Aí a gente também nem insiste! Porque a gente já sabe...

Mainá – O aguardar se faz presente neste trabalho! É!... é ele quem conduz... quem tem seu tempo de refletir com a gente!

Chama-me a atenção esse aguardar, esse tempo de reflexão. Será que posso pensar no pensamento que medita? E esse tempo tão aberto?

Pesquisadora – *Eu posso compreender que vocês estão falando de uma quebra do tempo cronológico... e se voltando para acompanhar o cliente no tempo existencial?*

Mainá – Concordo! Até porque às vezes, tinha alguns que chegavam na Praça, ficavam um tempinho e... eu vou ali... daqui a pouco eu volto! Aí era o tempo que ele ia ficar ali e que ele sentia que queria ficar... depois eles voltavam para o encontro novamente!

Acauã – Pode! E quando a gente se apresenta, se disponibiliza para o encontro, às vezes eles dizem... “Não! Hoje eu não quero não! Hoje eu não vou falar não! Outro dia a gente fala!”

Tiê – Isso!! E o outro tem autonomia! Ele está aqui agora e se ele quiser levantar e ir embora... qual é o problema? Ele vai dizer... “Não! Agora eu não quero não!!... mas tem aquele vizinho... ele vem!!... eu vou sair agora porque eu vou embora!”

Pesquisadora – *Vocês estão dizendo que são eles que dão esta direção... são eles quem guiam? Assim, hora de chegar, hora de ir embora, hora de falar, hora de... hoje eu quero!... o dia que eu não quero!...*

Mainá – Isso! Agora a gente tem um horário que a gente está disponível lá... e eles sabem que a gente está lá naquele dia!... naquele horário! Agora não tem horário no sentido de... se a gente chegar nove horas, eles têm que chegar às nove horas! Eles vão chegando, chega um... às vezes a gente chega lá e eles já estão!... não tem um horário fixo deles chegarem e saírem! Se eles quiserem ir embora antes... “Preciso resolver alguma coisa!” Vai resolver... às vezes volta!

Está aqui expresso um contrato de trabalho? Um acordo de convivência profissional? Um con-trato como um modo de lidar, tratar com os outros? Não há hora de o cliente chegar, de ir embora, mas há um dia certo de estar lá! Além disso, vejo que o cliente vai regendo com as psicólogas o tempo para ser escutado.

Tiê – Adriana uma vez... eu ficava pensando... “Porque ela sempre vem atrás da gente?” E ela ia com a gente... subia Morro, descia Morro, e eu ficava pensando assim... E até eu lembro que Adriana... ela tinha medo também...

Mainá – Lembro também!... com a gente ela não tinha medo!

Tiê – É!... Ela dizia... “Interessante! Quando eu tô com você eu não sinto mais medo! Meu medo desaparece! Eu tenho contato com as pessoas, falo com um, com outro, e o medo...” No começo ela ficava com as mãos suando, ela sentia mal, ela ficava ofegante, e com o tempo... ela mesmo percebeu que não ficava mais assim!

Acauã – E era ela quem se disponibilizava a ir acompanhando!

Tiê – E eu não lembro muito bem... mas eu sei que um dia ela chegou e disse que a gente era muito importante!!... [...] que ela tinha visto o quanto a vida dela tinha mudado, que ela estava mais independente da mãe! Ela tinha algum comprometimento cognitivo... a gente não sabe exatamente o que era e a mãe dela muitas vezes limitava ela! E aí assim... ela conseguiu ficar livre e mostrar que ela conseguia fazer várias outras coisas além de ficar em casa! Ela queria participar ativamente, ela queria ser útil! Ela voltou a estudar... que ela não queria mais estudar... ela voltou! E aí assim... isso foi uma coisa fantástica!!

Fico a pensar como se dá esse trânsito pelo Morro com a participação das psicólogas e clientes, e aí, mais uma vez, compreendo que o acompanhar o caminhar com, o caminhar juntos cliente-psicóloga, esse se pôr em andança pelas ruas, pelas escadarias, pelas Praças, mostra-se como possibilidade de ação clínica. O trânsito se mostra como uma atitude de transitar junto, de transitar com-o-outro, como um modo da ação clínica no viver cotidiano?

Tiê – Primeiro porque na história da vida de Adriana... ela ficava muito tempo em casa! Porque ela não... quase não saía, era muito presa! E aí... com a gente não! Com a gente ela começou a ver pessoas, ela começou a sair... descer Morro, subir Morro... que até atividade física é!... para uma pessoa que estava em depressão... muito deprimida e aí... isso fazia muito sentido pra ela! Isso possibilitava mudança! Essa andança!... e até o sentimento de pertença! De pertencimento... de pertença àquele espaço, àquele lugar! Mas esse se por em andança fala também do pertencimento da gente naquele lugar!

Acauã – E até o próprio reconhecimento quando a gente passa na rua... eles referem... “Oh a psicóloga do Morro!”

Tiê – É como se a gente fosse dali!

Acauã – Faz parte daquele contexto já! E aí... ela se sentia muito segura de tá com a gente! Inclusive ainda hoje, quando... aconteceu agora... “Você está procurando tal pessoa é?! Aí eu me dei conta que a pessoa estava me observando! Aí eu... “Estou!” Aí... “Ela está ali oh!...”

naquela casa... então dobre a direita que ela está ali!” Aí eu... “Tá certo... obrigada!” Teve também um rapaz que fazia parte do movimento do grupo Hip Hop, a mãe dele sofreu uma fratura na perna e ele solicitou que a gente fosse até a casa dele, porque a mãe dele não podia ir até a Praça! E a gente foi! Eu fui com ele, e durante várias semanas eu fiz esse acompanhamento desta senhora... que quando chegava lá, quase ela não falava... e quando falava era realmente da necessidade naquele momento, de sair daquilo!... que aquela perna ficasse boa e que ela saísse dali! Mas eu não tinha dimensão de que o trajeto da Praça até a casa, acompanhando aquele filho, tivesse resultado num atendimento! Também tem destas coisas, que a gente vai estar com alguém e para este alguém, só o fato da gente estar ao lado ou o fato da gente ir ao encontro de algum parente... esta disponibilidade que se revela para o outro de alguma maneira muito próxima, de fazer algo na vida dela... porque anos depois eu encontrei ele no banco, e no banco ele... “Ei... você como está?” “Eu estou bem!... e você? Me diz... sua mãe está melhor?” Ela já tinha se recuperado e aí ele disse da importância dessa trajetória da Praça até a casa... ao encontro com a mãe dele! Então foi outra coisa que me chamou muito... assim... poxa... a atitude de caminhar ao seu lado até a sua casa! Isto reflete também como acolhimento! Então não é só a fala articulada, mas também a atitude do estar ali, sabe?

Pesquisadora – *Este estar transitando com o outro... caminhar com o outro... seria um modo de cuidado? Acompanhar como modo de cuidado da atenção psicológica no viver cotidiano...*

Acauã – É sim um modo de cuidado! Tanto que ele revela que estar andando ao seu lado foi importante!

Tiê – Este caminhar ao lado do outro é singular... eu acho, da prática! Não só deste momento, mas da prática do que a gente está fazendo!

Pesquisadora – *Como assim? O que é singular dessa prática que vocês estão fazendo?*

Tiê – É o transitar neste cotidiano!

Pesquisadora – *Hum... então uma das singularidades deste trabalho está justamente... por ele se dar no transitar pelo cotidiano?*

Mainá – Sim! Uma das! Pois o lugar onde a gente se encontra, o modo como a gente se disponibiliza junto a estas pessoas também é singular, e o escutar o que esta pessoa traz naquele momento! Este cotidiano mesmo! E como a gente se encontra neste cotidiano!

Margarida – Avi Maria!... encontrar com ela³⁷ pelos cantos do Morro... é tudo!! Eu acho que ali a gente conversa e vem uma solução pra gente... quando a gente vê ela, eu acho assim... encontrei minha... a minha vida! Eu acho que aquela vida que a gente vinha... tava apagada! Quando a gente vê ela, conversa e acende! Então eu acho que é uma coisa que não pode sair nunca da gente! Eu... pra mim assim... porque o que a gente temos... a gente vivi pensando numa coisa, pensando noutra, o que acontece na família da gente... a gente tá ali quebrando a cabeça sozinha e uma pequena palavra as vezes modifica! Conversando com ela, neste momentozinhos que a gente passa!

Meu Diário - Digo a Hortência que estamos de 15 em 15 dias no Morro e que a caminhada pelo Morro inicia na Praça São Roque. Ela diz que irá à Praça na próxima semana, pois foi muito importante aquela conversa e ela está precisando muito. Levanta e segue junto com a gente em direção a sua casa e nós seguimos para o local onde estava o carro. Em espaços coletivamente habitados, o cliente percorre os caminhos ao nosso lado. Somos vistas em andança com eles e a conversação não cessa por estarmos em espaço público.

[...]

Noutro dia, confesso que estava na expectativa de que Hortência iria até a Praça São Roque. Mas até as 11h15 ela não tinha aparecido. Vejo que a expectativa era minha e que Hortência me dizia que ela é quem nos procuraria. Seguimos para a andança pelas ruas. Decidimos que caminharíamos pelas ruas, mas não iríamos até sua casa, até porque ela tinha deixado claro que não queria conversar em casa. Se ela nos visse passar, e nos chamasse, parariamos ou retornariamos junto com ela à Praça. Essa decisão me deixa confortável. Éramos psicólogas que transitávamos pelas ruas do Morro, mas era a cliente quem nos sinalizava se parávamos, onde parávamos. A procura é deles e nós “transeuntes” atentas e com disposição para acompanhar.

³⁷ Referindo-se a psicóloga.

O encontro com a psicóloga aparece como possibilidade de “acender” o próprio modo de viver, pela via da conversa. Nesses depoimentos, ao se pôr em andança, as psicólogas não apenas se dão a ver aos clientes, moradores e transeuntes do Morro, mas são acompanhadas e acompanham os clientes em trânsito; mas, além disso, compreendo que o se pôr em andança possibilita um sentir pertencente àquele espaço coletivamente habitado. Estaria aqui uma abertura para se reconhecer habitando este espaço?

Tiê - E aí assim... a gente nunca deixa de ser psicóloga! E a gente sempre é uma referência de psicóloga para estas pessoas! Eu acredito que mesmo saindo do Morro e voltando... teria este impacto!!... e eles me veriam como psicóloga! Veriam, pois já passei a habitar o Morro e habitar como psicóloga! Não é como Tiê pessoa... Não! É como Tiê psicóloga! Até porque a gente não compartilha as nossas histórias de vida! Assim... a nossa história pessoal a gente não compartilha! Mas é um lugar muito profissional! Parece que está muito bem delimitado! Tanto que... encontrei Adriana depois de anos, no dia do evento sobre a despatologização da vida e ela veio, e eu fui psicóloga mais uma vez! E ela já veio com a referência! Ela falando sobre ela! E isto para mim se confirmou de que a gente realmente... mesmo saindo do Morro... ele está na gente, e a gente volta... e continua sendo referência para aquelas pessoas!

Acauã – O Morro também passa habitar a gente! Não é só a gente habitar o Morro, mas o Morro habitar na gente!

Pesquisadora – *Como o Morro habita em vocês?*

Acauã – Nessa proximidade de estar presente o tempo todo, mesmo na ausência nós estamos presentes! Quem já passou por lá se voltar hoje, mesmo quando não está... é referendada ainda! E eu escuto muito falar dos que por lá já passaram!

Eu também me reconheço habitando o Morro e nessa direção indago: acompanhar clientes que vivem em um espaço coletivamente habitado, nos acontecimentos em seu cotidiano, pode-se mostrar como abertura para que o psicólogo se reconheça habitando esse espaço? Seria esse modo de habitar, uma possibilidade para o acontecer da ação clínica no viver cotidiano?

Meu Diário - Chega a hora do enterro de uma cliente, e seguimos pelas ruas acompanhando o cortejo até o Cemitério São Roque. Lembro da minha infância e adolescência no interior. Faz tanto tempo que não acompanho um cortejo assim, a pé, tão perto dos familiares, amigos e ali, de clientes. Vem uma estranheza, pois estou seguindo um cortejo, que segue com tristeza e para uma despedida; mas, algumas pessoas que já foram atendidas por nós, e que estão nas portas de suas casas nos chamam, abraçam, cumprimentam, expressando alegria e presença, encontro. É o inusitado do viver que se mostra sempre presente ao nos lançarmos a experienciar a ação clínica em espaços coletivamente habitados? A caminhada vai me dando uma sensação de que habito aquele lugar como psicóloga pesquisadora. Não preciso morar ali. Mas me sinto pertencente e participante, me inclinando aos outros que vivem o dia a dia neste contexto.

Meu Diário - [...] Saímos em direção à casa de uma cliente. Olhamos uma para outra e comentamos a sensação esquisita de transitar pelo Morro naquele dia. As ruas vazias, um silêncio, as pessoas dentro das casas, crianças sozinhas com as portas fechadas, ficamos desconfiadas. Decidimos passar apenas na casa dessa cliente e depois irmos embora. Estamos inquietas, inseguras. Chegamos a casa. Percebo-a muito inquieta, e sua inquietação se mostra no

movimento de empurrar o tempo todo o carrinho da filha. Ela fala da estranheza daquele dia. Parece que se aproxima da que sentimos na rua; fala de uma inquietação que é sua? [...] nesse dia sinto mais vontade de ir embora. A sensação de inquietação andando pelas ruas me acompanha, mesmo estando dentro da sua casa. Chamo Acauã para irmos embora. Saímos, e chegando à Praça São Roque onde estava o carro, somos surpreendidas com a presença da polícia. Fazia tempo que não víamos a polícia pelo Morro, a não ser a da “pacificação”. Fico a pensar: a ação clínica no viver cotidiano me possibilita sentir o clima afetivo presente nos espaços coletivamente habitados: tensão, inquietação, estranheza... Vamos sendo afetadas pelo clima afetivo vivido no Morro, o que possibilita o movimento de nos protegermos, de recuarmos em nossa atenção psicológica? Mas também, mesmo não sendo falado, é “dito” pelos clientes, nos chamando para dentro de casa, nos mostrando pelas suas atitudes que algo está diferente. Estaria neste jogo de mostraçõ de afetabilidades uma possibilidade de habitar, pela via da ação clínica, estes espaços coletivamente habitados? Estaria no habitar, uma abertura para acompanhar o outro numa ação clínica no viver cotidiano? Esta ação clínica solicita do psicólogo uma disposição para habitar o próprio caminhar?

Sem a pretensão de exemplificar ou mesmo de responder a essas questões, mas como um diálogo entre minhas inquietações e minha experiência como psicóloga pesquisadora, lanço mão do meu diário de bordo, narrando a experiência de acompanhar clientes num funeral, bem como de percorrer as ruas do Morro. Tal compreensão abre espaço para outra vertente de discussão: como pensar a prática de psicólogos numa ação clínica no viver cotidiano, caminhando por entre espaços coletivamente habitados, colocando-se à disposição e acolhendo demandas a partir do momento em que são solicitados? Que lugar é esse que passa a ocupar, já que não está mais “protegido” pelos espaços convencionalmente instituídos para o exercício da clínica psicológica? Quando as psicólogas-colaboradoras falam que se sentem habitando o Morro, por ser presença, fico pensando na importância de uma apresentação deste espaço coletivamente habitado, que se chama Morro Bom Jesus.

Tiê - Por exemplo, a questão ali do Morro... que eu acho que o Morro sempre foi um lugar muito invisível e visível! Visível porque todo mundo que chega a Caruaru vê o Morro, e invisível no sentido de que na cidade... ninguém... todo mundo tem uma visão totalmente negativa desse Morro! Tanto que quando eu fui para lá, todo mundo... os colegas, todo mundo disse... “Meu Deus!!... você vai pro Morro?” Foi antes da pacificação! E aí... como é que estas pessoas se viam morando naquele lugar? Como é que aquelas pessoas estavam ali, morando no Morro? Muitas diziam que morava no Bairro São Francisco para não dizer que morava no Morro! E aí assim... eu acho que esta invisibilidade tinha um impacto negativo para estas pessoas também!... de morarem num lugar muito violento, que tinha morte sempre, de conviver com esta violência... tanto que Carla por exemplo, presenciou mortes!! Mortes ali, era uma questão frequente naquelas ruas ali... na Rua da Sé! Era estranho quando estava tudo calmo, porque o cotidiano era de armas, com vendas de drogas!

Margarida – Primeiro... este trabalho não pode parar, pelas condições de vida do abiente que a gente vive... não é fácil! Nós convivemos com gente com drogas, com o tráfico de... todo tipo de coisa! E a gente temos filho, temos família, e a gente acha que se tiver assim... uma pessoa sempre presente com a gente, a gente vai tá mais seguro!... que nada daquilo que a gente tá veno, vai acontecer na nossa família! Eu acho que é a conversa no dia a dia, maneiras de... ela tratar a gente na conversa, que me faz pensar que se tiver esta conversa a gente tá mais

protegido! A gente também passar isso pra ela, porque tem gentes que a gente vê lá... que as vezes, eu sou vizinha de Violeta, ela é minha vizinha! Eu chegar lá... eu converso! Mas tem coisas que a gente... não! E ela³⁸ chega lá e a gente conversa! Aí ela ajuda na conversa da gente! Tem que continuar! Acauã sabe! Eu tenho receio de que este trabalho pare! Deus que me livre!... nunca que acabe! Se acabar, a gente temos que fazer uma revolução!... para a gente poder ir atrás!... porque eu já estou com um problema e ela já tem que ir lá em casa!

Lírio – Eu só quero dizer que vocês nunca deixassem parar, que dessem continuidade, porque é muito importante para nós e para quem vai chegando agora! Porque a gente tem família! Eu não confio não! Não confio de passar alguém... “Tome dez reais” pra levar aquilo ali... pode ser droga!... Já tô botando meus netos na escolhinha... eu tô acompanhando eles direto... a hora de chegar, de sair, porque qualquer desvio que dá... então quer dizer que tem que ter um trabalho de Psicologia... muitas coisas lá em cima no Morro! A segurança começou, tô achando fraca!... tô achando pacificamente um... eu posso ir amanhã... passar por um beco ali... ter um tiroteio...

Tiê me toca ao falar da “visibilidade e invisibilidade” do Morro. Lembro que disse na introdução desta tese o quanto sou provocada quando tentam tornar inacessível, através de uma divisão social por preconceito, os grupos chamados de “minorias”. Sim, o Morro se revela pela sua localização geográfica de estar no centro da cidade. Ao mesmo tempo, o Morro vela uma realidade dura do tráfico de drogas, da violência que se mostra no preconceito de se assumir morador desse espaço coletivamente habitado, e nos olhares externos lançados a ele. Chama-me a atenção, ainda, que o cotidiano do Morro é apresentado pelos clientes como um pedido para que o trabalho da Psicologia não pare. Nessa realidade de violência, do tráfico de drogas, o trabalho da Psicologia não pode parar por acompanhar o cliente nesse cotidiano? O trabalho não pode parar por acompanhar o cliente no transitar no dia a dia do viver? Por outro lado, a conversa e a atitude da psicóloga se mostram como aspectos significativos no acompanhamento do próprio cotidiano. A presença da Psicologia se mostra importante pela realidade presente no Morro, de convívio com as drogas e a violência. Mas como este cotidiano é visto e é conversado com as psicólogas?

Tiê – [...] Assim... eu via muito quando a gente transitava... até dava um medinho às vezes... quando eu via os meninos lá na escada com um montinho de crack na mão... lá... vendendo na moral! Aí isso dava aquele medinho assim... sei lá!!... vai que tem um tiroteio... e às vezes ouvia umas histórias... Mas eu nunca fui abordada porque a gente conhecia as pessoas de lá, e eles sabiam que a gente estava ali não para bisbilhotar... mas para ajudar!

Pesquisadora – *Posso compreender que o reconhecimento do seu trabalho a protege de situações de violência?*

Tiê – Com certeza! Porque nós somos uma referência de cuidado, e eles cuidam também para que a gente tenha segurança!

Acauã – Protege e muito! Porque mesmo quando eles estão lá em cima, que eles nos veem subindo as escadas, eles sabem que somos as psicólogas! E aí eles não mexem! Porque logo no início... no início mesmo quando eu era aluna, você se lembra? Pronto!... naquela época ali eles não nos conhecia e ali fazia medo! Eles olhavam pra gente com a cara totalmente estranha!

³⁸ Referindo-se a psicóloga.

Agora não! Agora eles nos veem entrando... não fazem nenhuma menção! Mas logo no início, você não tinha chegado Tiê... mesmo Suely falando com os articuladores, os líderes, eles precisavam nos conhecer! E aí teve um dia que eles disseram... “Você hoje pode nos encontrar em tal lugar? Em tal residência?” Eu disse... “Posso... mas eu não sei chegar!” porque entra em beco e sai em beco, e a gente não sabe não porque perde a orientação... quem não tem o hábito de andar ali em muitas direções! Aí alguém me pegou no caminho principal, na rua principal, e me levou até esta casa! E lá... participando de uma roda de conversa e perguntando da minha intenção... de como eu ia trabalhar, de como isto era... aí eu disse... “Meu Deus! Isto aqui é um inquérito pra saber se eu estou apta ou não apta a trabalhar neste lugar!?” Porque a gente chegou justamente no ápice da violência e da droga no Morro! E eu ainda muito assim... na minha inocência... não percebi que quando eu entrei naquela casa, me dei conta que tinha um cheiro muito bom que parecia ser um cheiro de incenso! Eu ainda não tinha sentido o cheiro de maconha! Para mim era um cheiro muito bom e que se aproximava do cheiro de incenso! Só tive noção que aquilo era maconha quando cheguei na supervisão! Ai todo mundo riu de mim!... “Oh cheirinho bom de incenso!” “Acorde que aí não é incenso!” Temos contato com a questão da droga! Quando você perguntou chega... eita!... Por exemplo, o crack é uma delas!... e não sei se Tiê presenciou, mas Theo foi quem mais esteve comigo nesse lugar com Raul.

Tiê – Com Raul não! E tem a questão do álcool.

Acauã – É! Foi feito alguma coisa, mas eu acho muito pouco! Muito pouco em relação às drogas... que a gente tem trabalhado! Porque é algo muito velado! Não é revelado! É velado mesmo! É embutido, é escondido, não é falado! Apesar de se mostrar assim... querendo falar e se aproximar da Psicologia, mas assim... tem medo... é o que me passa, o que me chega. A questão do medo, a insegurança, se realmente não vai abrir o segredo do trânsito da droga! Mas tem uma curiosidade de estar perto do profissional de Psicologia! Tem! Isto tem! Das pessoas que vendem a droga, dos traficantes! Eles querem estar perto! Querem estar perto do trabalho do profissional de Psicologia! De querer ser escutado! De querer ter vez... ter voz! É neste sentido de dizer assim... “Eu queria que você visse... que você me ouvisse!” É nesse sentido! É um chamado para o olhar... “Me olha! Me vê!! É assim como eu sinto! Porque o diálogo não está estabelecido de forma articulada... aberta! Não!... não está não! Ainda não! Ai por isso que eu digo este trabalho... quando olhei pra cá e pensei assim... “Vixi Maria... como foi o trabalho?” Como está sendo? Eu acho que hoje a gente tem bem mais abertura do que antes! Bem mais! Como se tivesse estabelecendo nesse caminhar... a confiança!

Tiê – E aí teve... lembra quando Pedro apareceu na televisão? Porque teve um tiroteio e Pedro era parente de... sobrinho dos meninos do Hip Hop, e Pedro estava na hora e levou um tiro! E aí apareceu na televisão que ele era traficante também! Que estava traficando! Sendo que Pedro não estava traficando! Ele só estava no lugar errado... na hora errada! E aí... além de acolher, até orientar a família, porque ele tinha aparecido na televisão, e o impacto na vida dele... de aparecer na televisão uma informação que não era verdadeira! E aí... a gente também orientou que aquela família tinha direitos! De um lado acompanhamos como viviam com aquela história que apareceu na televisão, e de outro como lidar com aquela situação! A gente trabalhou no sentido de como eles estavam vivendo aquela situação, como foi para eles, como estava sendo para eles aquele momento! Porque Pedro também levou um tiro!

A inserção em espaços coletivamente habitados passa pela articulação com as lideranças. Adentrar o cotidiano do Morro se mostra como um modo dos moradores conhecerem a psicóloga e o seu trabalho. Eles a levam para seu contexto, sua casa. Mas vou-me dando conta de que a questão do tráfico de drogas ainda se faz velada na ação das psicólogas, no viver cotidiano. Entretanto, Acauã expressa o desejo dos traficantes de se aproximarem do trabalho, de serem vistos e escutados. Em relação à questão da violência, da morte ou mesmo dos ferimentos físicos, emocionais e sociais é possível

visualizar uma intervenção, um modo de trabalhar que passa por uma ação clínica política de acompanhar as ressonâncias de uma história em uma família, bem como uma ação educativa, orientando a família em relação aos seus direitos. Será que isso se faz presente no olhar dos colaboradores-clientes?

Lírio – Eu converso tudo!

Hortência – Eu ainda não tive a oportunidade de falar sobre isso! Só sobre o que tava me preocupando! Mas eu já tinha pensado sobre essa possibilidade de entrar nestas partes aí!

Violeta – Eu não! Nunca falei não!

Margarida – Com a psicóloga assim... não! Eu não falei porque eu não tive oportunidade!! Mas eu sei que ela sabe... que ela anda... tá vendo ali a comunidade como é! Os meninos da gente mesmo, as vezes precisa brincar, precisa se divertir, se distrair, gostam muito de jogar bola, esse tipo de coisa...e não tem essa oportunidade! Porque se eles estão na calçada sentado, conversando, mexendo até no celular que nem eles gostam de fazer... a polícia chega para abordar e não quer saber quem é quem... ou não!... já vai fazendo como se diz...

Hortência – A revista!

Margarida - O trabalho dele! Então... que a gente sabe os nossos filhos! Uma mãe de verdade, um pai de verdade, sabe quem é seu filho! Às vezes a gente pode até ficar enganada, mas até num certo ponto! Mas a gente sabe se o nosso filho é errado ou não! Aí às vezes os meninos fica sem prioridade, fica martelando aqui... coisas na cabeça! Os meninos ficam só dentro de casa, se estressa com os irmãos, se estressa com a gente, a gente se estressa com ele! Agora não é devido o conviver de dentro de casa... é a prisão que eles se sentem de tá preso... só preso ali e não ter o que viver! Porque por exemplo se... tipo que nem teve uma ação lá na Praça! Faz uns quinze dias. Uma ação cultural. Teve uma ação cultural com a turma do Hip Hop com a turma de vocês da Psicologia! Se juntou e fizeram. Aí muitas crianças vai ter aquela oportunidade de tá aqui! Vivendo uma coisas boa. Depois que aquilo passa, cada um pro seu rumo, cada um no meio da rua... Mas as mães que tava ali e tem seus filho livre, porque tem muita mãe que não liga, deixa pra lá! Tem crianças que fica certas horas no meio da rua...

Pesquisadora: *Essas ações acontecem sempre no Morro?*

Margarida – Assim... quem mexe muito pra fazer esse tempo todinho que eu vivo ali... e eu entendo!... eu vejo só mais quem faz... é o povo da Psicologia que é o povo de Acauã e Nino que é o menino do *Rap* que mexe com a comunidade... sobre isso! Mas fora isso... não tem nada! Eles se junta... o Hip Hop e a Psicologia... eles vai reunir o povo da comunidade... aqueles que eles já convivem atendendo e aqueles que não sabem... mas se junta! E ali... passam a tarde como combinou! Não pude ir, mas eu vi tudinho... as fotos... e aí nós vê que os menino se sente bem, o povo sente seguro porque tem uma atividade! E sem isso... não tem nada!

Lírio – É!... eu vou dizer a senhora agora... é o seguinte... eu acho muito importante nesses grupos aqui no Bairro do Centenário e lá em cima no Monte... ter uma psicóloga ao menos meia hora para conversar com os menino! Trabalhar com ele! É muito importante!... porque eles já saem dali pensando...

Margarida – Porque você anda ali dentro do Bairro, você vê muita coisa! Né todo dia... mas você vê! Tipo coisas errada! E o nossos que não são... praticamente vive no meio!

Lírio – Em cada esquina tem um bar e tem um som!

Margarida – Lá na rua da gente, nossos filhos vive entre a minha casa e a casa de Violeta! Eles gostam de tá ou na porta dela ou na minha! A polícia no dia que passou, abordou todo mundo ali! Agora... quem era errado? Nenhum! Nenhum! Os menino de Violeta e os meu! Eu doente... que eu tava doente! Não tava podendo falar, mas eu falei! Ai teve um que disse assim... “Eu vou subir ai... e vou invadir... vou pegar ela!” Podia? Quer dizer que os menino da gente se sente o que? Preso! Preso! Eles vão botar o que na vida deles? Fica tudo estressado dentro de casa sem poder sair! Se não for a gente fazer um esforço pra ter alguma coisa dentro de casa tipo um jogo de vídeo game, um computador, uma televisão... se não tiver condições, fica ao relento... todo mundo jogado! Porque não tem! Não tem mais nada no Morro... deles se ocupar!

Pesquisadora – *E a Psicologia... como se faz presente?*

Margarida – Eu acho que quando elas tão lá... convivendo com eles, elas busca coisas deles que a gente não... não busca, porque uma mãe mesmo que entenda seu filho, não vai buscar o que ela vai... fazer... ela vai buscar a liberdade, o que eles sente, o que eles queriam fazer no dia a dia, o que eles pretendem ter... e tudo isso! É uma forma que ela vai escutar... buscar para eles ter... e a gente também! Então isso... se a gente não tiver, tá tudo perdido!

Violeta – E assim... eu acho assim também Suely, tem muita gente ali no Morro que precisa de atendimento! Mas também tem muita gente que não sabe que existe essa... esse atendimento na Praça! Eu acho assim também... que deveria ter mais divulgação para as pessoas saberem mais... porque a gente mora mais na parte de baixo! E o pessoal que mora lá em cima? Não só as pessoas adultas, mas as crianças também... que precisam também de uma ajuda psicológica! Porque as vezes vevi num convívio que o pai bate na mãe... é aquela agressão... a criança fica ali... vendo aquilo... vai crescer uma criança o que? Com problema! Porque a gente que vevi ali embaixo, na rua principal ali... a gente vê muita coisa! Mas quem mora ali... naquelas escadarias, naquelas casa capaz de cair com uma chuva... se der muito forte!

Acauã – Ai!... é complicado Suely esse negócio do... do lidar com a droga! Eu nunca soube não! Eu fico com muito medo!! Sei lá! Eu fico mais do que pelas beiradas!

Tiê - Deve ter mesmo!!... porque agora ele é traficante!!... é crime!!... né? E ai pra gente estar junto... dentro da casa dele!!... é preocupante!

Pesquisadora – *Você acha que esse medo que você sente e que Tiê aponta que é crime... que faz medo mesmo... faz com que a questão da droga chegue velada até você...*

Acauã – Esse meu medo faz com que chegue velada! É como eu me revelo pra eles! Quer dizer... o meu medo chega pra eles! Aí não há ainda essa troca totalmente! Nem pra eles... nem deles pra mim! Tem aquela coisa de se aproximar um do outro... mas não vai! Ainda não foi não! Não é que não dá para aguentar lidar com a questão da droga! Até dá! Mas é que isto ainda vai levar um certo tempo para aproximação! Porque eu acredito que a gente já avançou muito em relação à droga! Porque é algo muito delicado Suely! E por exemplo... hoje mesmo Fábria... eu sentei lá no sofá dela e teve um momento que ela... “Ah Acauã!... eu gosto de você!” Porque ela não tem aquela coisa de dizer que só sou eu... que gosta só de mim!? “Olha!... todo mundo chega na minha casa! Inclusive estava sentado aí no seu lugar, onde você está sentada... um traficante! Não faz nem meia hora! Ele tava aqui! Então na minha casa pode vir todo mundo!” Aí eu... porque fica ali o tempo todo com a gente e a gente não se dá conta que aquela pessoa é traficante! E aí eu... “Meu Deus!... que universo é esse que a gente ainda também não conhece!” A gente sabe de algumas pessoas pontualmente, mas no grosso!... quem é quem ali... se é traficante... a gente não sabe não!

Vou compreendendo que a violência e o tráfico de drogas presentes no Morro apontam para a questão de que a atenção da Psicologia tem que ir além dos sofrimentos singulares. Será que uma ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial se faz possibilidade nesse contexto, por olhar os modos de viver-com e ser-com-o-outro-no-mundo? Por outro lado, as narrativas me fazem ver que a psicóloga sabe da presença do tráfico de droga, da violência ao se pôr em andança. Entretanto, nem sempre esse assunto é posto em questão nas conversas com as psicólogas, inclusive pela própria dificuldade da psicóloga de lidar com a realidade do tráfico de drogas. Assim, a questão da droga até na fala se mostra velada. Mas, a questão do álcool chega às psicólogas. Chega por ser uma droga lícita? Mas algo desponta nos depoimentos: a atenção psicológica na rua se mostra como possibilidade de os moradores saírem da mira da

polícia, bem como das crianças viverem “livremente”, ou seja, poderem brincar, conversar nas ruas, nas Praças.

Vale destacar ainda a sinalização da importância da interseção entre a Arte de Rua – o Movimento Hip Hop - e a Psicologia na Rua, havendo inclusive uma solicitação, por parte dos clientes, de ampliar mais as ações interligadas entre Cultura, Arte e Psicologia, bem como uma maior divulgação do trabalho. Esse Morro que se apresenta nos depoimentos é o Morro real. E me parece que é real da situação de vida do nosso país. Como é a ação do psicólogo nesse contexto? A que segurança eles se referem? Será que perguntam: como posso viver apesar dessa realidade? Será que o ser acompanhado pelo psicólogo aparece como uma possibilidade de conviver, sem perder-se nele, na paralização, no preconceito? Uma questão social e econômica comunitária se coloca. Existe um certo trânsito da psicóloga, mas a questão das drogas é ameaçadora e torna-se vulnerável para todos, se houver uma exposição completa. Parece então que, para a proteção de todos, há um jogo ambíguo em prol de uma questão de um convívência comunitária.

Acauã – Nosso trabalho é uma ação clínica, uma ação política! Há um entrelaçamento de histórias de vida com a história daquele contexto! Eu vejo dessa forma!

Tiê – Fazemos algo diferente! Eu acho que a gente já falou um monte de coisa que é diferente! Coisas que a gente nem consegue nomear! Este trabalho tem muitos desdobramentos!

Acauã – Oh Suely... será que a gente chega a um nome? Ou tem que chegar? Olha... estou tão curiosa! A gente sabe como faz! Mas não sabe nomear! Eu não sei não nomear! Agora hoje eu já tive uma nova apropriação! Desse encontro de hoje... eu já vi que não é plantão por ter outras coisas além do plantão! Porque o plantão, ele está ali disponível... o outro chega e coloca! O da gente tá... a gente está imersa no cotidiano do outro! Veja a diferença! Você já sabia disso, né?

Pesquisadora – *Vocês que estão me contando... eu estou questionando isso... mas vocês é quem podem dizer!*

Tiê – E que é uma coisa que precisa ter nome!!... porque tem um impacto clínico e social muito grande!! E eu acho que precisa ser disseminado para que outros psicólogos conheçam isso também! Porque assim... a transformação que esta prática tem possibilitado... o impacto que isto tem tido na vida das pessoas e da comunidade é algo que tem sido extremamente significativo!

Pesquisadora – *Essa coisa de não saber nomear... você falou, Tiê, que seria importante nomear... “que é uma coisa que precisa ter nome!!... porque tem um impacto clínico e social muito grande!!” Parece-me que você reconhece essa importância de nomear o que faz... a partir do impacto que está tendo nos clientes e no Morro!*

Tiê – Isso! Social no sentido de empoderamento deles, para que eles muitas vezes saiam até daquela situação da pobreza! Tipo assim... se dar conta de que tem possibilidades de mudança, tem saídas para aquela pobreza, tem outras possibilidades! Que ele não precisa necessariamente nascer e morrer na pobreza! E eu acho que isso é o impacto social! A informação também tem um impacto social de conhecimento dos direitos... isto também é importante, é um outro impacto! Clínico no sentido de mudança mesmo... deixa eu dizer melhor... eu acho que é no sentido de transformação e mudança mesmo dessas pessoas! Mudança de vida...

Mainá – Acho que é uma mudança clínica e social! Clínica da atenção... dele se apropriar do que acontece com ele e tomar uma atitude de cuidar desse aspecto da sua vida... e social dele se dá conta que pode habitar esses espaços públicos!

Acauã – O impacto é que ele amplia a visão de que a Psicologia não está na questão da psicopatologia, ela vai além disso! Ela vai pro cotidiano das pessoas e aí é trabalhar em cima da vida da pessoa! E aí... isso é o grande impacto! Trabalhar com a vida da pessoa! Eu acho que é por aí! Porque a vida não é só doença! A vida é doença, saúde, um monte de coisa junto! Dizem que saúde e doença são as faces da mesma moeda! E as duas coisas não estão dentro da vida?... da existência humana!?

Acauã se dá conta de minha curiosidade como pesquisadora. Mas pensa que eu já sabia, quando, na realidade, eu estou tentando compreender em diálogo com os participantes-colaboradores. Sim, tenho uma curiosidade em compreender como se dá a ver a ação clínica, numa perspectiva fenomenológica existencial, no viver cotidiano. Mas há de se nomear? Tiê reconhece a necessidade e importância de nomear esse trabalho no Morro, pelo impacto clínico e social que ele tem revelado, apontando a importância de difundir o trabalho. Mainá abre a questão de uma ação ética. Há desdobramentos na atenção psicológica, e um deles que se destaca para mim é que, no viver cotidiano, em espaços coletivamente habitados, a ação do psicólogo está implicada concomitantemente a clínica, a política, a ética e a educação.

Lírio – O que eu tenho a dizer é que este trabalho de vocês não pode parar! Tem que continuar! Faz falta se parar!

Margarida – Eu tenho receio que pare! Muito! Porque se a gente não tá precisando naquele momento, mas tem muita gente que tá precisando! E se a gente não tiver... onde é que a gente vai ter verba, vai poder pagar para poder ter?

Lírio – É que muitos ali não sabem da Psicologia!

Margarida – Se você não consegue hoje... pra daqui a um ano já tem passado! Então não adianta! Pra mim eu acho que este trabalho tem que ser constante, porque a gente nunca fica sem um problema! A gente sempre temos um problema! A gente melhora e já vem outro! Então a gente sempre se encontra com ela... mas é para mudar de problema! Não fica sem ele!

Lírio – Eu já acho assim... que a gente vem sendo acompanhado... já tá mais a par da situação! Mas tem muita gente que não entende que precisa ser acompanhado... ir puxando os outro! Então... não pode parar! “Ah!... eu não vou me abrir pra ninguém!”. “Aquilo serve pra que?” Então... não sabe de nada! Então... dando continuidade e vendo a pessoa caminhado... chegar no eixo... Mas se ninguém faz? Se ninguém acompanha? Se abandonar?

Pesquisadora – *Quando vocês falam desse receio de que pare... de que acabe... que são difíceis as questões financeiras... o que pode ser feito para não parar?*

Margarida – Eu assim... eu sempre falo que se a gente se juntar mais, se reunir mais, pra que hoje não tenha ninguém... e ao mesmo tempo hoje tenha mais do que a gente imagina... já pra gente não deixar parar! E a gente chega lá!

Lírio – Isto era pra ter uma sede ali no Morro, pra todo dia vocês estar lá trabalhando constantemente! De lá... sair pra andar pelo Morro! Sabe, falta uma ação do governo! Eu acho... e muito!

Violeta - Isso!

Margarida – Muito! Pra mim aquele CRAS, eu não vejo solução... porque quando o meu pequenininho precisou que Acauã não tava, ela tinha viajado pra fora... eu perguntei pra Nino ele disse... “Ela não tá! Só tal dia que ela volta!” Então ele tava muito necessitado! Eu fui lá milhões de vezes! Quando cheguei lá, a psicóloga do CRAS disse... “Não! Daqui ele vai ser encaminhado, ele vai ser falado com uma pessoa daqui que é psicólogo e daí essa psicóloga vai

encaminhar ele para qualquer lugar do SUS³⁹ se tiver vaga... ele vai ser atendido! Se não...” Eu disse... “Mas você não é a psicóloga e você não está aqui?” Ela disse... “Mas eu não resolvo!” “Então se você é psicóloga, tá lá e não conversa... não resolve... você tá fazendo o que lá?” Então aquilo ali tá valendo de nada! Quando a gente procura vocês... a gente é atendido logo! Não que dizer que seja naquele dia... mas é rápido! Na sexta feira a gente vai ser atendido!

Pesquisadora – *Quando vocês procuram os órgãos governamentais... aí fica sendo protelado e vocês são encaminhados?*

Margarida – Isso! Que nem ele foi! Ele foi encaminhado para a Policlínica! Ai toda terça feira ele tinha que ir! No período que ele cursou... até que ele desempenhou um pouco, mas teve um período que não! Mas teve um dia que eu não pude ir... nem minha irmã pode levar ele! Aí ela disse... “Bom!... já que você perdeu o dia, não vai ter direito mais!” “Como? Se a pessoa tivesse doente, sem condições de ir... aí por conta disso... aí perdia...” Ela disse... “Perdia!” Aí ele perdeu, não foi mais e ficou assim! O caso dele foi muito grave! Porque foi desde pequeno que eles viram o que aconteceu com o pai dele! Então não vai ser fácil! Porque detalha com detalhe... tudo assim! Faz o que? Cinco anos! A mesma coisa ele conta! Então esta criança... ele não tá completamente... e constantemente as coisas só vem acontecendo com eles! Porque depois disso... aí a mãe faz uma coisa de errado, faz outra... aí os filho fica tudo desestruturado no mundo! Só não fica mais por conta que temos a gente! Que me chama de mãe e chama meu marido de pai! Aí eu acho assim... que eles chamando de pai, sente que tem um pai... mas eu acho que ele precisava muito! E eu não vou no CRAS porque eu sei que não tem! Pra fazer isso não adianta, que nem eu disse a Acauã... “você vai ter que vim olhar pra... conversar ca quele ali... ca quele ali é fechado!... é fechado!” Então se for pra uma pessoa assim... trinta segundos de conversa... não vai sair nada! Eu acho... pelo que eu passei! Ele foi... ficou lá... tudinho... aí eu falei... “E o menino não vai ser atendido não é?” Ela disse... “Não!” Eu dei pra mais de oito viagem... aí não fui mais! O pessoal de vocês, elas têm um pouco mais de paciência! Escuta o que a gente quer dizer e o que a gente não quer... elas escuta! Mas os outros não!

Lírio – Eu acho assim... a Associação do Morro muito fraca!... que era pra apoiar tudo isso... trazer pra comunidade! Eu não sei se é a política... porque ele não dá porque é de outro partido! Eu fico calado! Mas tem o presidente do Morro! Ele cobra a associação... dos sócios! Agora quando é tempo de campanha... ele... tem quinhentas pessoas na sociedade lá! Quanto ele cobra do vereador, do deputado!

Margarida – É porque assim... eu acho que a gente que vive na comunidade, que mora na comunidade, a gente que somos eleitores, a gente temos que olhar é isto! E muita gente não faz isso... porque? São comprado por... por mixaria! E a gente não precisa de ser comprado não! A gente não precisa de vender nosso voto! A gente não precisa de vereador agora... hoje... neste momento... nessa hora! A gente precisa disso... um médico, uma médica, um psicólogo, uma psicóloga! A gente precisa de...

Lírio – Uma praça de lazer...

Margarida – A gente precisa de muitas coisas! Então... a maioria dos eleitores vê a política naquela hora, naquele momento! Não vê a política... não vê há quatro anos, não vê a necessidade... Aí fica difícil! Eu acho assim... vocês teve o reconhecimento de Nino e Nino teve o seu... Eu acho que foi Nino que levou vocês pra lá!

Lírio – Eu acho que foi pelo esforço de Acauã! O esforço dela! Não foi nem tanto Nino! Nino tinha a atividade lá pra fazer! Mas Acauã de porta em porta, de casa em casa...

Margarida – E dela principalmente! Ela buscou, ela foi buscar, ela foi trazer, ela foi lá levar, porque chegar na porta... vamos fazer isso... ela teve muita paciência! Eu acho que até bater a porta na cara! Ela ter ido buscar e a pessoa dizer... “Não! Não quero!” E ela lá... passando... e não era pro mal... era pro bem! Mas a maioria das pessoas... “Não quero ir lá!” Ela... “Tá!”

Lírio – Teve dia dela passar uma hora na minha casa... lá!

Pesquisadora – *Essa atenção de dedicar tempo, de confiança, de passar pelas ruas, de estar presente nas ruas, Praças, de ser atendido quando solicita... é isso que fala pra vocês dessa atenção psicológica no Morro?*

³⁹ Sistema único de Saúde.

Lírio – É! Eu acho! Porque ela vai... trabalha na sua casa... naquele dia... fica lá... e a pessoa... a pessoa se sente bem!

Margarida – Também acho! Porque não é fácil não! Até tipo assim... uma religião... assim... chega um crente na minha porta... eu não sou! Mas chega! Mas ele vem falar de que? Da palavra de Deus! Aí... “Quero ouvir não!” Ele veio a mim! Não é fácil você ir buscar!

Lírio – Eu acho importante! Porque... não adianta procurar psicóloga ou psiquiatra quando tá no fundo do poço! Porque não tem... e não tem condição de pagar particular! Aí então... eu acho o encaminhamento deste trabalho importante... não acabar... por causa disso! Porque só quando tá perdido?! Quer dizer... quem tá perdido... E outros que tem tendência... tendo acompanhamento, ele não vai chegar ao fundo do poço! Só se não tiver acompanhamento!

Margarida – Porque precisa muito! Ter um canto assim... fulano atende... fulano vai lá!

Ao final, os clientes-colaboradores ressaltam, novamente, a importância do trabalho não parar. Entretanto, algo de novo surge nesse pedido: a realidade socioeconômica da população que participa desse trabalho, bem como a crítica aos serviços de Psicologia oferecidos por órgãos governamentais em vista da demora ou mesmo ausência do atendimento. Outro aspecto que me surpreende é a sinalização de que seria bom/importante um local fixo para as psicólogas ficarem, para população procurar e de lá sair para a andança pelo Morro. Estaria aqui uma dificuldade nesse trabalho, um local para os clientes saberem onde encontrarão a psicóloga? Interessante que esse pedido não exclui a andança. Há também, um reconhecimento de que o movimento Hip Hop abriu as portas para a iniciação desse trabalho, mas é o esforço da psicóloga, o se pôr em andança, o se pôr à vista dos moradores que faz com que o trabalho permaneça, e a Psicologia na Rua é apontada como necessária e oportuna não apenas para si, mas para a comunidade, uma vez que os problemas cotidianos são constantes - “apenas mudamos de problemas”. Aparecem ainda as questões políticas da associação de moradores em articulação com a política partidária. Vejo que aqui é preciso ficar atento. Aqui mora um risco?

E o que apontam as psicólogas-colaboradoras ao fim desta trajetória?

Tiê – Com esta conversa fico pensando na minha prática o tempo todo! Me faz repensar muito! Foi um dedo na ferida! Repensar o quanto ela não está muito legal lá no CRAS... em outro interior! O quanto eu precisava trabalhar lá assim... e não faço!

Mainá – Fico pensando na supervisão também... assim... me lembro uma vez que a gente... aí Acauã disse... “A gente vai fazer a supervisão!” Aí a gente partiu de uma Praça, saiu pelo Morro, visitou algumas casas e fomos para uma Praça no Morro... e a supervisão foi ali debaixo de uma árvore! Eu acho que a supervisão tem o lugar neste trabalho de... de acolher a gente... e também de... estar lá... junto da gente naquele momento! Não era só um lugar que a gente ia lá... fazia aquela ação e depois trazia para a supervisão! A supervisora estava lá presente... a maior parte do tempo ela estava lá... com a gente!

Pesquisadora – *Quando você diz... é uma atenção à gente, você está falando que é um momento no qual o profissional é olhado, é cuidado! E que a supervisora está “in loco”, está presente enquanto vocês estão trabalhando...*

Mainá - Isso! Tanto quando a gente estava na Praça, nas ruas, nas casas... ela estava lá com a gente... e era muito acolhedor!! Me sentia bem!

Tiê – A presença da supervisora *in loco* tem o sentido para mim... de cuidado também com o profissional!

Mainá – É refletir sobre a nossa prática! É tanto que... no primeiro dia que eu tinha ideia do Morro como um lugar perigoso... e quando ela foi com a gente... eu não senti medo! Não senti medo algum!

Acauã – O que eu acho interessante, é a oportunidade que a gente tem de discutir ali, de falar sobre... o caso acontecendo assim... esse momento de troca, ali mesmo! E de cuidado e atenção a este profissional! E como emergia muitas coisas muito forte! Que eu lembro quando a gente desceu aquela escada... eu e Mainá, ela muito nervosa, eu disse... “Mainá... como você está se sentindo?” Aí ela... “Não dá para falar agora!” Aí eu... “Sim! Mas eu estou aqui! Qualquer coisa você me diz!” E aí... tempo depois na caminhada... foi que ela se abriu!

Mainá - Foi! Eu lembro! É! No momento que emerge a situação, está presente com a gente!

Acauã – Com Tiê eu acho que era de outro modo, não era? Eu ia falando... você ia falando também... Saia trocando as ideias! Eu lembro que a gente ia subindo as escadas do... da Rua de senhor Lírio e a gente ia falando sobre estas coisas, e você dizendo da sua insegurança, de como era pra você transitar... E aí... “Que lugar eu estou? Qual é o meu papel?” E aí você colocava isso em cheque!

Vejo que apropriar-se do seu trabalho com a Psicologia na Rua leva a repensar e questionar a própria prática em outros contextos. Fica em evidência, também, a importância da supervisão de campo no próprio acontecer do trabalho. A supervisão aparece como um espaço do psicólogo também ser acompanhado, para refletir sobre a prática, bem como para as psicólogas se cuidarem. Acho interessante quando vejo que ela acontece enquanto se anda, se transita. Assim, a supervisão acontece na acontecer da ação da psicóloga. Além disso, é uma ação que se faz acompanhada, tendo uma supervisão de campo e em campo.

2.3 A composição do quebra-cabeça des-velando fenômenos

Ao final desse percurso, olhando para esse quebra-cabeça, vou visualizando alguns fenômenos que se desvelaram por entre e no amalgamar de uma composição, como próprios da ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, no viver cotidiano. Sem dúvida outros pesquisadores poderiam construir outros arranjos para esse quebra-cabeça, bem como visualizariam outros fenômenos e brechas. Mas a composição do meu quebra-cabeça com suas peças/fragmentos das narrativas, mostram/expressam para mim os seguintes fenômenos: ao iniciar o trabalho num entrelace entre a Arte de Rua - o Hip Hop - e a Psicologia na Rua, fica a marca da intersecção entre Psicologia, Arte e Cultura na trajetória dessa ação clínica no viver cotidiano. Essa ação solicita uma inserção no cotidiano dos acontecimentos vividos nos

espaços coletivamente habitados, pondo em destaque a atitude de se pôr em andança. Nesse caminhar, há a presença de uma ação do psicólogo como ação clínica, política, ética, estética e educativa coexistindo indivisamente. Entretanto, todo esse movimento põe em questão a formação do psicólogo quando sua intervenção se faz no viver cotidiano, não como contraponto ao tradicional, mas na direção de que, ao entreolharem-se, pode dar sentido ao caminho-ação. Mas há de haver algo singular, algo próprio: a ação clínica se mostra, uma vez que as psicólogas sabem o que e como fazem, bem como os clientes conhecem e compreendem a sua ação; mas ainda é algo que acontece sem nomeação.

Eu quase que nada não sei, mas desconfio de muita coisa.

Riobaldo, em “Grande Sertão Veredas” – Rosa, 2008, p. 15

3 TECENDO A AÇÃO CLÍNICA CARTOGRAFADA, NUM DIÁLOGO COM-OUTROS

3.1 Tocando em frente

Diante de minhas desconfianças, sigo neste capítulo em direção a uma tematização⁴⁰ acerca de uma compreensão da ação clínica de psicólogos no viver cotidiano, em espaços coletivamente habitados, numa perspectiva fenomenológica existencial. Para tanto, busco um diálogo entre o sentido revelado na cartografia apresentada no capítulo anterior pelos participantes-colaboradores e pesquisadora, as compreensões teóricas e a perspectiva filosófica. Assim, parto da experiência no campo de pesquisa para, então, iniciar uma conversação com outros olhares, na composição desta proposta.

Compreendo este momento como um desafio: apropriar-me de todo um trajeto vivido, pela via do pensamento que reflete/medita. Nesse caminhar, muitos fenômenos foram desvelados e, sem dúvida, muitos também se fizeram encobertos a partir do olhar que lancei, e do modo como fui afetada no diálogo com todos os “colaboradores” com os quais foi possível uma conversação, em vista de demarcar de que lugar compreendo os fenômenos que destacarei, ou seja, um olhar atravessado predominantemente pela Analítica Existencial de Heidegger e acompanhado da Hermenêutica Filosófica de Gadamer.

Vale salientar que essa interlocução é possível, uma vez que Gadamer, como Heidegger, atribui à compreensão uma dimensão originária. Nessa direção, ressalto que Heidegger (2002a), ontologiza a compreensão, inserindo-a no caminhar mesmo do poder-ser do homem, pensado como ser-o-aí, diferenciando-a da dimensão de características humanas – Analítica Existencial. Assim o ser-o-aí está no mundo compreendendo, adotando “um modo de ser que Heidegger chama de ‘hermenêutico’” (Lawn, 2011, p.80, aspas do autor). Vai-se configurando a introdução radical de uma outra visão de homem, na qual ao invés da consciência é proposta uma hermenêutica do ser-o-aí, revelando uma direção para o existir humano, a existência:

⁴⁰ Tematizar é aqui compreendido como apropriar-se reflexivamente do vivido que se mantém permanentemente aberto.

A analítica existencial tem pretensões de tomar o lugar entre as teorias da consciência e as modernas teorias da linguagem. *Entre a onto-(teo)lógica das teorias da consciência e a semio-lógica das teorias do discurso, situa-se a ontologia da finitude – a analítica existencial [...] (Stein, 2005, p.33, grifos do autor).*

Partindo dessa visão, Gadamer se volta para tudo que envolve o processo de compreensão, introduzindo a noção de horizonte compreensivo; ou seja, dirige o olhar para a dinâmica constituinte do acontecer da compreensão como fusão de dois horizontes singulares que dialogam num jogo compreensivo – Hermenêutica Filosófica (Lawn, 2011). Assim, a compreensão se mostra na interpenetração de dois horizontes: o horizonte inerente (conhecimentos prévios) e o horizonte próprio (pressupostos), como uma realização que não esgota as possibilidades de sentido do que se procura compreender. Desse modo, na conversação com-outro, compreende-se um modo dele experimentar um possível sentido a respeito de algo, e requer uma abertura à opinião do outro.

3.2 Compondo histórias com-outros

Ressalto que apresentarei cinco fenômenos que se desvelaram pela via da disposição afetiva, como possibilidade para tecer um diálogo com-outros, bem como revelar os desdobramentos a partir dessa conversação, buscando compreender como ocorre a ação clínica no viver cotidiano. Faz-se necessário esclarecer que eles não são independentes, nem seguem uma ordem sequencial ou categorial, mas se entrelaçam e acontecem pela simultaneidade.

3.2.1 Entre-laçando: Psicologia, Arte e Cultura

O nascedouro da ação clínica de psicólogos no Morro Bom Jesus, vem sendo contado nesta tese, em especial na introdução e no capítulo dois. Fico indagando: qual o sentido dessa repetição? Penso que, nessa origem, reside um aspecto relevante para uma compreensão da ação clínica no viver cotidiano: é na atitude⁴¹ de abertura para haver um entrelace entre a Psicologia, a tradição do Morro e a cultura/arte do movimento Hip

⁴¹ Uso a palavra *atitude* como abertura para ação clínica, como inclinar-se distanciando da noção de postura.

Hop, que surge a possibilidade de uma ação clínica em espaço coletivamente habitado, como é possível ver em minha narrativa durante a roda de conversação:

Pesquisadora – *Então... este trabalho nasceu entrelaçando a história de vida com a história de Caruaru, do Morro, entrelaçando a cultura do movimento Hip Hop com a Psicologia! [...] a gente andando pelo Morro... eu, Nino, Suspeito, os estagiários, os extensionistas, decidimos juntos fazer as oficinas de Hip Hop na Praça do Centenário. Eles faziam oficinas de Rap e de Break... e nos apresentavam [...] E as pessoas vinham falar sobre o Hip Hop e sobre as histórias de vida delas. [...] enquanto eles grafitavam... a gente os acompanhava, bem como acompanhava as pessoas que iam ver a grafitagem!*

Diante dessa narrativa, dou-me conta de que sempre me inquietei com o psicologismo. Questionava muito, quando o olhar lançado para o ser humano se restringia a uma leitura psicologizante. Vejo, nesse depoimento, que a entrada no Morro em coparticipação com os integrantes do movimento Hip Hop, me aponta que a ação clínica no viver cotidiano se expande, estando entre-laçada com a arte/cultura, com a tradição própria daquele espaço coletivamente habitado - o Morro Bom Jesus.

Embora não tendo o propósito de debater, neste estudo, o movimento Hip Hop⁴², a partir do seu entrelaçamento com a ação clínica no viver cotidiano no Morro Bom Jesus, é importante situar um pouco a sua trajetória. Vale ressaltar que ele surge no Brasil, no final da década de 70, início dos anos 80, ao mesmo tempo em que eclodem os chamados “novos movimentos sociais”, os quais dão visibilidade às questões raciais e de gênero na constituição de uma sociedade mais participativa, democrática, pluralista (Mourad, 2000; Sader 1995), criando novas formas de ação política reivindicatória.

Segundo Bruni (1988), nos novos movimentos sociais, por meio de suas práticas, o espaço do viver cotidiano deixa de ser visto como um lugar de rotinas, e passa a ser olhado como espaço em que acontece

[...] a experiência concreta da dominação e da opressão. ‘Aquele que fala da revolução sem mudar a vida cotidiana tem na boca um cadáver’ já dizia um grafite de 68. Assim, os novos movimentos sociais vão trazer [...] novos tipos de conflitos, novos tipos de espaços políticos em que estes se desenvolveram. (p.27, aspas do autor).

Desse modo, o Movimento Hip Hop, que agrega jovens da periferia brasileira, mostra-se como um movimento social atravessado pelas desigualdades culturais e

⁴² Hip = quadril e Hop = salto. No início a expressão se reportava aos movimentos dos dançarinos de *break*. Depois, passou a designar a união de elementos como o *rap*, o *break*, o *grafite* e o *disc jockey* (*DJ*).

sociais, reivindica uma representação política trazendo a contestação através de suas manifestações artísticas e culturais, bem como apresenta o espaço do cotidiano como um lugar onde o viver acontece.

Para Barbero (2006), se, de um lado, uma determinada classe social pede “informação apenas à televisão, porque vai buscar em outra parte o entretenimento e a cultura - no esporte, no teatro, no livro e no concerto” (p.303), de outro lado, a maioria dos habitantes da periferia busca tudo isso por meio do Hip Hop, justamente por esse possuir uma linguagem que revela o seu cotidiano. Nessa direção, a Arte de Rua do movimento Hip Hop, canta, pinta e dança a própria história desse espaço coletivamente habitado, narrando os modos de viver do cotidiano dos moradores do Morro e habitantes da cidade. Neste sentido, destaca-se a conversação abaixo:

Acauã – A pacificação foi um momento de insegurança pra todo mundo! Pra gente que transitava, pros moradores...

Pesquisadora – *E como isto apareceu no trabalho de vocês?*

Acauã – Pelo movimento Hip Hop os meninos falavam!... [...] E aí a provocação em contrapartida para o que estava acontecendo, era a grafiteagem! As imagens dizendo que não iam deixar de chamar de Morro Bom Jesus!

Ocorre-me diante desse depoimento que um modo da Arte de Rua se entrelaçar à Psicologia na Rua pode ser visto a partir da contação de uma tradição. No sentido gadameriano, a tradição é vista como um passar adiante que possibilita uma aproximação entre horizontes, a partir da transmissão de experiência reveladora de conhecimentos do dia a dia (Gadamer, 2010). Pela via da arte da grafiteagem, os próprios moradores anunciavam para os demais habitantes do Morro, de um lado, uma história que estava sendo vivida por todos e, de outro, abriam uma possibilidade de haver uma conversa sobre como estavam vivenciando aquele momento. Havia um componente histórico que se revelava pela via da arte do grafite, como também apareciam os pressupostos de cada um que desejava compreender a situação da pacificação. A ação clínica se mostra na disposição das psicólogas em acompanhar, através dos anúncios da grafiteagem, a experiência de cada um com aquela realidade que surge em seu dia a dia.

Na experiência desse momento crítico, que foi a pacificação, as psicólogas revelam como vão trabalhando em parceria com os *hip-hoppers*⁴³, os quais tatuam seu repúdio, estampando, no grafite, um nome através do qual se reconhecem: Morro Bom Jesus. Nessa direção, nas andanças pelo Morro, as grafiteagens anunciam o modo como

⁴³ Artistas/integrantes do movimento Hip Hop.

moradores experienciam o momento de pacificação, bem como a imposição da mudança do nome do espaço em que vivem. Aqui, vai-se tecendo a possibilidade da atenção psicológica, da ação clínica no viver cotidiano. Vejo que foi, por meio de anúncios como esses, ser possível em diálogo, encontrar um caminho para a Psicologia adentrar o Morro e as psicólogas se fazerem presentes nele, como conta Margarida: “Aquela época mesmo que vocês chegaram aqui... [...] Se você não tivesse o reconhecimento de Nino e Nino tivesse o seu... a gente tinha vocês lá?”

Eis uma pergunta intrigante. Ela me desperta interesse e me provoca a questionar: a ação clínica no viver cotidiano chega e se faz presença no Morro pela parceria e reconhecimento recíproco? Em 2008, quando o trabalho se iniciou, era um desafio andar pelo Morro. Na realidade, ainda se mostra um desafio andar por vários trechos. As psicólogas entram no Morro pelo fato de se terem aproximado do movimento Hip Hop, já existente no Morro? Será que a presença das psicólogas foi aceita pela disposição de viverem o cotidiano do Morro, através do Hip Hop?

O Movimento Hip Hop sempre me chamou a atenção por retratar, em suas manifestações artísticas, culturais e políticas (o *rap* - sigla derivada *rhythm and poetry* - ritmo e poesia, uma forma de canto falado ou fala rítmica; o *break* - dança, e o grafite - artes visuais), um modo de viver de uma comunidade, sendo “voz” de grupos chamados de “minorias”. Desses três elementos, o grafite se destaca na arte de rua, arte urbana ou arte pública, como intervenção urbana. Como disse Seno, E., McCormick, C., Schiller, M. e Schiller S. (2010) “Os grafites são a forma mais antiga de arte pública sem permissão, da qual evoluíram todas as formas de afirmação estéticas ou radicais feitas na geografia do espaço público.” (p.50). Cada vez mais o grafite invade as grandes cidades, enchendo de cores, de palavras, de imagens, muros, escadarias, paredes, viadutos, pontes... mostrando-se como “[...] uma arte feita nas ruas, para quem está nas ruas e rebelde ao mercado de arte e a seus códigos de inserção pública. Seus suportes são de difícil conservação e praticamente invendáveis.” (Beiguelman, 1998, p.2).

Já o *rap* narra às experiências cotidianas, e em seu modo de narrar, lembra o sentido que Benjamin (1994) dá ao narrador: de um lado aconselha com seus ensinamentos, mostrando a dimensão utilitária da narrativa, como aponta o filósofo:

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se

‘dar conselhos’ parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. (p. 200, aspas do autor).

De outro lado, o *rap* se volta para a história das experiências cotidianas, para acontecimentos vividos no dia a dia, convertendo-os em temas de suas letras, pois "Os *rappers* não cantam situações idealizadas. Mas aquelas do dia-a-dia de todo mundo" (Andrade, 1996, p.124, grifos da autora). Na arte do seu canto, contam o modo como se vive na cidade/periferia deixando marcadas na “pele urbana” suas histórias através da narrativa. Como diria Benjamin (1994),

O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. [...] Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. [...] Assim, seus vestígios estão presentes de muitas maneiras, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata. (p. 201 e 205).

Em se tratando do *Break*, Menezes (2010), em seu trabalho: “Break: ‘o grito corporal da periferia’”, diz:

O elemento *break* (dança) atua no movimento hip hop, como uma linguagem corporal modificada, repleta de movimentos quebrados e acrobáticos, onde numa roda os dançarinos se desafiam em um verdadeiro combate, sendo vencedor aquele que melhor apresentar na dança movimentos corporais com maior grau de dificuldade e criatividade naquele momento. (p. 45, grifos da autora).

As diversas formas dessas variações corporais revelam olhares para si e para os outros, apresentando uma dimensão da sua existência, do seu modo de ser-no-mundo-com outros. A palavra *break* tem, também, no português, o sentido de quebra (quebrada). Enquanto dançam, até que ponto os *b-boys* e *b-girls*⁴⁴, não estão rompendo/quebrando com questões sociais de discriminação, preconceito e buscando dar visibilidade à realidade vivida na periferia? Na “quebrada” (que na linguagem Hip Hop quer dizer lugar), saltam, com seus corpos, os muros que se tornam “invisíveis” com a arte de mostraçõ de seu modo de ser-no-mundo, que tem uma ressonância no coletivo por expressarem situações também vividas por aqueles que participam da roda, seja como dançarino ou expectador.

Silva (2005), referindo-se à intervenção urbana da arte, afirma que

⁴⁴ *b.boy* – “b” é abreviação de *break* e *boy* significa garoto. O termo diz então daquele que dança *break*. O feminino é *b.girl*.

As intervenções em espaço público estão presentes na vida do homem desde os seus primórdios, durante a pré-história, quando pintavam horizontes nas cavernas com a intenção de comunicar e capturar animais. No decorrer da história a arte pública construída nos templos, nos palácios e praças, tinha uma função social de reunir a comunidade num determinado local, visando glorificar os deuses e governantes. Mas a partir dos meados do século XIX, com o advento da modernidade, a arte pública passa a ser discutida enquanto experiência artística, propiciadora de transformações estéticas, sociais e políticas. (p.35).

Pensando a intervenção urbana como uma experiência que possibilita a inauguração de algo novo em espaços coletivamente habitados, posso compreender a ação clínica no viver cotidiano, como ação política⁴⁵, mostrando-se como uma intervenção urbana que tem a conversação/comunicação como abertura para estar entre homens, compartilhando histórias, uma vez que “[...] a vida humana se tece entre histórias. Melhor, entre narrativas de acontecimentos nas quais encontramos armazenados sentidos e significações para a vida” (Critelli, 2012, p. 13). Na visão gadameriana, a conversação se mostra como possibilidade de criar algo novo, quando houver uma fusão de horizontes entre aqueles que dela participa (Gadamer, 2010). Retomando a narrativa de Acauã sobre o momento da “pacificação”, vou-me dando conta de que as grafitagens estampavam o olhar não apenas dos *hip-hoppers*, mas de muitos habitantes do Morro Bom Jesus. É justamente este compartilhar de histórias publicizadas na arte do grafite que abre a possibilidade daqueles habitantes/clientes cuidarem de uma nova realidade em seu cotidiano, bem como das psicólogas acompanharem o movimento de mostraçõ do sentido desse acontecimento, para aqueles que o vivenciam.

Vai se configurando o entre-laçamento entre a Arte de Rua e a Psicologia na Rua, numa perspectiva fenomenológica existencial. Ambas se dirigem para a contação das experiências, para as manifestações humanas, e para a dimensão da existência. Será que foi a disposição dos *hip-hoppers* e das psicólogas de narrarem e escutarem as histórias do dia a dia, os modos de ser, existir, naquele espaço coletivamente habitado, que se fez abertura para o acontecer da ação clínica no viver cotidiano?

Sempre me inquieto ao ver que a Psicologia, em especial a chamada Psicologia Clínica, ainda é vista como elitista. Será que aqui reside o meu interesse pela Psicologia na Rua? Seria uma tentativa de tornar a ação clínica de psicólogos acessível aos grupos “minoritários”? Mas como fazer isso acontecer? Na narrativa, Margarida aponta um

⁴⁵ Essa questão será discutida no próximo subitem, intitulado “Coexistindo indivisamente: uma ação do psicólogo como ação clínica, política, ética e educativa”.

caminho - “reconhecimento”: “Se você não tivesse o reconhecimento de Nino e Nino tivesse o seu... a gente tinha vocês lá?”. Essa frase tem o seguinte sentido para mim: de um lado, leio a presença da importância do conhecimento mútuo; de outro, leio a presença da atitude de receptividade recíproca. Fez-se necessário conhecer o Morro pela via da cultura/arte do Hip Hop, bem como uma coparticipação entre psicólogas e *hip-hoppers*, para que houvesse abertura para a ação clínica se fazer presente no cotidiano do Morro. A clínica se mostra, então, como um espaço onde é possível a mostra de si mesmo. A partir da recepção do outro, eu sou reconhecido. Posso ver essa atitude de receptividade e reconhecimento na narrativa de Margarida:

Eles se junta... o Hip Hop e a Psicologia... eles vai reunir o povo da comunidade... aqueles que eles já convivem atendendo e aqueles que não sabem... mas se junta! [...] Tipo assim... vocês da Psicologia estar junto com os meninos do Hip Hop! Quando eles fizer um evento, a comunidade toda junto... eles fazer um Hip Hop... sai ali, vai conversando com a Psicóloga e vai melhorando cada vez mais! Não precisa ficar esperando consulta... aquele dia! Exatamente ali, naquele momento, você já tá acompanhada!

Mesmo conhecendo essa história, sou surpreendida com a clareza com que Margarida revela a interseção entre a Arte de Rua e a Psicologia na Rua, apontando que é no acontecer de um evento artístico que o acontecer do acompanhamento da psicóloga pode se dar, sem precisar “ficar esperando consulta... [...] Exatamente ali, naquele momento, você já tá acompanhada!”. Essa frase me toca, especialmente quando Margarida revela o estar acompanhada. Vai ficando claro que este é o lugar da psicóloga: “acompanhar” - “apanhar com-o-outro” o sentido do vivido no cotidiano.

Mas, afinal, o que vem a ser o cotidiano? Para Pais (2003), “o cotidiano é o que acontece diariamente [...] Então, pode-se dizer que o cotidiano é o dia-a-dia que passa, sem que as coisas pareçam passar.” (p. 28-29). Entretanto, contraditoriamente, ou inusitadamente, mesmo parecendo uma repetição que se mostra como uma vivência “outra vez” do dia a dia, surgem possibilidades para acontecer algo “de novo⁴⁶”. Afinal, “a vida cotidiana é a vida de todo homem [...]” (Heller, 2004, p. 17), e essa, embora, muitas vezes, se mostre como “nada de novo”, é marcada pelo inusitado do próprio viver que modifica as rotinas, dando outras direções ao modo de ser, existir. Retomando Bruni (1988), vale ressaltar que o cotidiano, embora seja marcado por algumas ações

⁴⁶ No sentido de novidade. Algo inaugural (Pompeia & Sapienza, 2004).

repetitivas, ele deixa de ser visto como um contexto de rotinas, para ser compreendido como um espaço onde os modos de existir se manifestam. Para Heidegger (2002b),

a cotidianidade se refere *ao* modo de existência em que a pre-sença se mantém ‘todos os dias’. Entretanto, ‘todos os dias’ não significa a soma dos ‘dias’ conferidos à pre-sença em seu ‘tempo de vida’. [...] Primordialmente, porém, a expressão cotidianidade indica um determinado *modo* de existência que domina a pre-sença em seu ‘tempo de vida’. (p.173, grifos e aspas do autor).

Vai ficando cada vez mais evidente que o viver cotidiano é trançado no modo de existir da cotidianidade, o qual se mostra como um modo de existência do humano que se evidencia naquele tempo de vida. Sou movida, a partir de agora, pela curiosidade de olhar para o cotidiano no Morro Bom Jesus e, assim, recorro às narrativas:

Tiê – [...] o Morro sempre foi um lugar muito invisível e visível! Visível porque todo mundo que chega a Caruaru vê o Morro, e invisível no sentido de que na cidade... ninguém... todo mundo tem uma visão totalmente negativa desse Morro! [...] Mortes ali, era uma questão frequente naquelas ruas [...] Era estranho quando estava tudo calmo, porque o cotidiano era de armas, com vendas de drogas! [...]

Margarida – Primeiro... este trabalho não pode parar, pelas condições de vida do ambiente que a gente vive... não é fácil! Nós convivemos com gente com drogas, com o tráfico de... [...] e a gente acha que se tiver assim... uma pessoa sempre presente com a gente, a gente vai tá mais seguro!... [...] Eu acho que é a conversa no dia a dia, maneiras de... ela tratar a gente na conversa, que me faz pensar que se tiver esta conversa a gente tá mais protegido! [...]

Acauã – [...] Foi feito alguma coisa, mas eu acho muito pouco! Muito pouco em relação às drogas... que a gente tem trabalhado! Porque é algo muito velado! [...] Apesar de se mostrar assim... querendo falar e se aproximar da Psicologia, mas assim... tem medo... é o que me passa, o que me chega! A questão do medo, a insegurança, se realmente não vai abrir o segredo do trânsito da droga! Mas tem uma curiosidade de estar perto do profissional de Psicologia! [...] Das pessoas que vendem a droga, dos traficantes! [...] De querer ser escutado! De querer ter vez... ter voz! É neste sentido de dizer assim... “Eu queria que você visse... que você me ouvisse!” [...] Porque o diálogo não está estabelecido de forma articulada... aberta!

Margarida – Eu não falei porque eu não tive oportunidade!! Mas eu sei que ela sabe... que ela anda... tá vendo ali a comunidade como é! [...]

Acauã – [...] é complicado Suely... esse negócio do... do lidar com a droga! Eu nunca soube não! Eu fico com muito medo!! [...] Eu fico mais do que pelas beiradas! [...] Esse meu medo faz com que chegue velada! [...] Quer dizer... o meu medo chega pra eles! [...] Tem aquela coisa de se aproximar um do outro... mas não vai!

Num jogo de velar/revelar, o Morro se mostra para todos os moradores e visitantes da cidade, pela sua localização geográfica, no centro da cidade. Ao mesmo tempo, por ser socioeconômico periférico, o Morro vela uma realidade dura do tráfico de drogas e da violência. Nas palavras de Alves e Alvim (2007, p.7), “O Morro Bom Jesus, em virtude de sua localização, poderia ser considerado um cartão-postal da cidade

não fosse seu aspecto socialmente dramático [...]”. Num movimento de vaivém próprio do jogo, como diz Gadamer (2008), mostrado aqui no velar/revelar, vou compreendendo como se apresentam as configurações de convivência no Morro Bom Jesus. Fica explícito nas narrativas que o trabalho da psicóloga não pode parar, pois, ao acompanhar o cliente em seu cotidiano, faz-se possibilidade para algo “de novo” acontecer.

Ao mesmo tempo, vai-se revelando o quanto a questão da droga ilícita, seja pelo consumo ou pelo tráfico, é presente. Entretanto, parece que olhar de longe, não se aproximar, mostra-se como um modo de psicólogas, clientes e/ou moradores se inserirem nessa ação clínica, ainda velando a questão das drogas ilegais, que, inclusive, são uma forma de economia do Morro. Essa é uma dimensão social que até por eles é censurável, mas é sustentável. A economia está nessa ação, de um modo ou de outro. Assim, parece que interessa a todos que haja esse silêncio.

Volto ao jogo e penso que, no movimento de vaivém, há do lado da psicóloga a presença do medo; do lado dos traficantes, há uma intimidação que diz: “eu estou lhe vendo”, e ao mesmo tempo, há um pedido: “me olha”; já do lado do cliente, há o silêncio na “certeza” de que a psicóloga, por caminhar pelo Morro, sabe, conhece essa realidade. Ninguém fala, ninguém diz. Existe um certo trânsito da psicóloga, mas a questão das drogas é ameaçadora e deixa todos vulneráveis, se houver uma exposição completa. Parece que o próprio Morro vive no contraponto, em que, para proteção de todos, há um jogo ambíguo, em prol de uma convivência comunitária.

Diante dessa trajetória, buscando compreender a ação clínica no Morro, entrelaçada à arte e à cultura, vejo que o Hip Hop é um movimento que se compõe de distintos elementos que se intersectam para que a arte e a cultura surjam. Assim, a ação clínica no viver cotidiano surge a partir de uma sincronicidade com a arte e a cultura próprias do Morro, o que lhe confere uma singularidade em seu modo de se constituir.

3.2.2 Ser em andança: um modo de ser-psicólogo no viver cotidiano

Pensar na inserção do psicólogo no viver cotidiano dos clientes/habitantes, atravessado pela atitude de se pôr em andança, leva-me até Milan Kundera (1990), escritor tcheco, que, em seu romance ‘A imortalidade’, diz:

Caminho: tira de terra sobre a qual se anda a pé. A estrada diferencia-se do caminho não

só porque a percorremos de carro, mas porque é uma simples linha ligando um ponto a outro. A estrada em si não faz nenhum sentido; só têm sentido os dois pontos ligados por ela. O caminho é uma homenagem ao espaço. Cada trecho do caminho tem um sentido próprio e nos convida a parar (p. 247).

A partir dessa citação, indago: ao pensar na ação clínica no viver cotidiano, o psicólogo, ao se pôr em andança, transita pela estrada ou pelo caminho? Tomar a andança apenas como deslocamento, parece-me que é percorrer estrada. Por outro lado, lançar-se a percorrer caminhos com-outros pode ser constituinte de um modo próprio de o psicólogo trabalhar em espaços coletivamente habitados? A atitude de se pôr em andança com-outros, por entre caminhos, abre possibilidade para a tessitura de uma ação clínica no viver cotidiano?

Diante desses questionamentos, lembro-me de Heidegger (1969), ao dizer que “O caminho recolhe aquilo que tem seu ser em torno dele e dá a cada um dos que o percorrem aquilo que é seu” (p.69). Nessa direção, vou compreendendo que o caminho pode chamar uma atitude, atitude essa que lança um apelo que só pode ser ouvido por aqueles que se dispõem a percorrer o caminho. Assim, que caminhos são esses a que psicólogos e clientes se dispõem ao se porem em andança? Recorro às narrativas para olhar para essa atitude de se pôr em andança:

Tiê – [...] eu ficava pensando... “Porque ela sempre vem atrás da gente?” E ela ia com a gente... subia Morro, descia Morro... [...] Ela dizia... “Interessante! Quando eu tô com você... [...] Eu tenho contato com as pessoas, falo com um, com outro, e o medo...” [...] ela chegou e disse [...] que ela tinha visto o quanto a vida dela tinha mudado, que ela estava mais independente da mãe! [...] Ela voltou a estudar... [...] Com a gente ela começou a ver pessoas, ela começou a sair... [...] Isso possibilitava mudança! Essa andança!... e até o sentimento de pertença! [...] Mas esse se pôr em andança fala também do pertencimento da gente naquele lugar! [...] É como se a gente fosse dali! [...] ao caminhar com a gente pelo Morro, ela tinha mais relações sociais e aí ela retomou a vida! Voltou a estudar, a namorar, frequentar a igreja, a transitar pelo Centenário...

Acauã – [...] Teve também um rapaz que fazia parte do movimento do grupo Hip Hop [...] e ele solicitou que a gente fosse até a casa dele, porque a mãe dele não podia ir até a Praça! [...] Mas eu não tinha dimensão de que o trajeto da Praça até a casa, acompanhando aquele filho, tivesse resultado num atendimento! [...] a gente vai estar com alguém e para este alguém, só o fato da gente estar ao lado ou o fato da gente ir ao encontro de algum parente... esta disponibilidade que se revela para o outro de alguma maneira muito próxima [...] a atitude de caminhar ao seu lado até a sua casa! Isto reflete também como acolhimento! Então não é só a fala articulada, mas também a atitude do estar ali, sabe?

Os depoimentos revelam que a atitude de transitar com-o-outro, de caminhar juntos cliente e psicóloga, de se pôr em andança se mostra como um modo da ação clínica acontecer no viver cotidiano. Olhando para a atitude de deslocar-se, de se pôr em

andança, lembro-me da *démarche*, apresentada por Lévy (2001), como uma possibilidade para compreensão da ação clínica. De acordo com Andrade, Morato e Schmidt (2007) “O substantivo *démarche* [...] refere-se a *andar, modo de andar, passo*; o verbo *démarcher* comporta as especificidades deste andar” (p. 197, grifos das autoras). Nessa linha de compreensão, as narrativas acima vão revelando algumas peculiaridades desse modo de se pôr em andança pelo Morro, como conta Tiê, acima, revelando a atitude de se pôr em andança, entremeada por outras atitudes de mudança e pertencimento. O cotidiano da cliente vai sendo tocado pela atitude da psicóloga de acompanhá-la em suas andanças pelo Morro, o que faz com que ela se reconheça pertencente àquele espaço coletivamente habitado e se movimente de modo diferente. Do mesmo modo, o cotidiano da psicóloga também é tocado pela solicitação/atitude da cliente de sair em andança juntas e, ao estar atenta a esse acontecimento, vê-se uma ruptura com um modo tradicional de ser psicóloga. Posso dizer que, de passo em passo, importa como se vive essa situação-transeunte como pude ver na narrativa de Violeta:

Porque a gente sabe que... sei lá!... a psicóloga assim... ela passa muita confiança pra gente! [...] Porque assim... pelo jeito que ela cuidou da minha irmã! [...] e ela conseguiu tirar a minha irmã de casa, porque minha irmã não queria sair de casa mais... só queria estar em casa trancada [...] levou ela pra Praça... quando a minha irmã voltou, já voltou outra pessoa... assim com um brilho no olho... já voltou aquela pessoa mais animada...

Paro diante do depoimento de Violeta e sou tocada ao compreender que ela aponta a importância das atitudes durante o percurso de se pôr em andança acompanhada com outro. Neste “abrir caminhos” com-outros, há a possibilidade do humano encontrar-se defrontando com o seu poder-ser? Parafraçando Feijoo (2009), digo que é nessa confrontação que emergem duas possibilidades: retomar os sentidos já vividos que colore a experiência ou encontrar outras possibilidades para o poder-ser do ser-o-aí. A partir da perspectiva fenomenológica existencial, posso dizer que, ao se pôr em andança com-outros, a ação clínica pode ser compreendida como um acontecer que se dirige para um movimento existencial. Corroborando com essa ideia, Sá (2009) afirma: “Para uma clínica de inspiração heideggeriana, talvez o ‘insight’ terapêutico mais essencial, não seja a descoberta de potenciais identidades positivas, mas a experiência de si como mero ‘poder-ser’” (p. 85, aspas do autor).

Retomando a narrativa de Acauã, “[...] a atitude de caminhar ao seu lado até a sua casa! Isto reflete também como acolhimento! Então não é só a fala articulada, mas também a atitude do estar ali”, penso que o caminhar com-outro abre possibilidade para

o surgimento do psicólogo caminhante, o qual se encontra em trânsito, lugar esse que aponta um sentido de percorrer caminhos com-outros: encontrar-se em diferentes cenários, nutrir outros pertencimentos, escutar e compartilhar histórias, narrativas das experiências, como revelam os clientes-colaboradores:

Margarida – Avi Maria!... encontrar com ela pelos cantos do Morro... é tudo!! Eu acho que ali a gente conversa e vem uma solução pra gente... quando a gente vê ela, eu acho assim... encontrei minha... a minha vida! Eu acho que aquela vida que a gente vinha... tava apagada! Quando a gente vê ela, conversa e acende! [...] a gente vivi pensando numa coisa, pensando noutra, o que acontece na família da gente... a gente tá ali quebrando a cabeça sozinha e uma pequena palavra as vezes modifica! Conversando com ela, neste momentozinhos que a gente passa!

Cravo – [...] Na Praça ela senta para conversar com a gente... o que a gente sente e o que não sente... elas escutam... dizem... e... e continuar a viver! [...] Fico na Praça o dia todinho... [...] Fico de oito da manhã até meio dia... vou pra casa, almoço e duas e meia volta! Ali o tempo vai passando... passando... e a gente vai ficando mais velho, se aproximando da morte! E ali... a gente conversa com elas sobre isso... na Praça! Oxi!! Na Praça se conversa com as psicólogas sobre essas questões da aposentadoria, da vida, da morte, do dia a dia que se vive! Na Praça tem aniversário!...

Girassol – Estar na Praça com as psicólogas pra mim é... é bom! Chego lá oito e pouco, nove horas... depois meio dia vou almoçar, aí de tarde volto... todo dia! [...] Sem psicóloga... fica por ali... meio esquisito! E vocês conversando... dizendo uma coisa ou outra, fica melhor... a gente fica mais tranquilo contando nossa história!

Lírio – Eu trabalhei com a psicóloga... [...] foram os problemas de casa! [...] a convivência!... [...] a relação com a mulher e as filhas! Eu cheguei até a psicóloga através da cachaça. Eu bebia e queria um caminho pra mim... deixar de beber! Eu acompanhei elas no Morro, elas vieram na minha casa e eu vi que queriam me ajudar... e... tô me dando bem! Bebo se eu quero, faço o que quero, não sou mais aviciado! Trabalhava lá em casa no início! [...] O atendimento no grupo na Praça... cada qual conta o seu problema!... [...] não sei explicar! Mas a gente não quer perder um dia não! Tá ali conversando, ouvindo, tirando muitas coisas da mente... isto é importante!

Dentro desse clima que ressalta os encontros entre psicólogas e clientes, recorro ao meu diário de bordo num encontro com um morador:

Meu Diário – Um morador aparece na Praça e diz que precisa que a psicóloga vá conversar com a irmã dele que não está bem, está querendo deixar a família. Diz que já falou para ela que o remédio dela é a Psicologia. Pergunto: “Como assim?” Ele diz: “É que ela não tá doente! Ela tá sofrendo com o que passa na cabeça dela! Então não é pra curar, é pra ela se abrir... pra viver bem!” Fico tocada com esta compreensão: “A Psicologia é para viver bem!”.

Nessas narrativas, vejo alguns espaços em que se dá a ação clínica no viver cotidiano, quando as psicólogas e clientes se põem em andança: a rua, a Praça e a casa. Também, há a revelação de como se dá a participação da psicóloga no cotidiano - por meio da comemoração do aniversário, da conversa sobre a aposentadoria, sobre o

envelhecer e o morrer, os problemas do dia a dia em casa, as questões familiares, dentre outros. Essa manifestação pode levar a pensar que há dois modos de acompanhar os clientes: de um lado, através da contação dos acontecimentos do dia a dia e, de outro, no momento do próprio acontecimento. Porém, o que se mostra nos depoimentos acerca da ação clínica no viver cotidiano é que há uma tessitura que entrelaça esses modos, fazendo com que sejam uno, pois, no modo de acompanhar os clientes no Morro, esses acontecimentos aparecem entretecidos.

Olhando para essa inserção das psicólogas no dia a dia dos clientes, lembro que Heidegger (2002b) assinala que, em seu cotidiano, o ser-o-aí encontra-se tão submerso no mundo, que pouco pensa acerca de sua existência, do modo como a vive, encontrando-se, na maioria das vezes, mergulhado na impessoalidade, existindo de maneira inautêntica. Buscando explicitar melhor tal compreensão, chamo Sá (2009) ao refletir,

[...] falamos cotidianamente como impessoalmente se fala, nos comportamos em cada situação como as pessoas devem se comportar, somos diferentes e originais como se deve ser e até criticamos a impessoalidade da vida cotidiana como ‘todo mundo’ critica. Quanto maior a falta de estranhamento e surpresa, mesmo quando a curiosidade e a novidade são exaltadas, a impessoalidade domina a existência cotidiana. (p.79-80, aspas do autor).

Entretanto, indago: a presença da psicóloga, no viver cotidiano, se mostra como possibilidade de questionar o modo de viver o dia a dia, de quebrar uma linearidade no modo de viver, como nos contam, acima, Cravo e Girassol? Se assim for, pergunto: a presença da psicóloga no viver cotidiano pode se mostrar como possibilidade de, a partir da narrativa, apropriar-se da experiência de vida? Penso ainda que a ação clínica das psicólogas pode mostrar-se como um acontecimento, o qual solicita flexibilidade para lidar com aquilo que surge como diferente numa conversa/escuta com a psicóloga, aparecendo, então, como possibilidade de “Continuar a viver!”, como disse Cravo, e encontrar “a minha vida!”, como discorreu Margarida e, ainda do “não é pra curar, é pra ela se abrir... viver bem” que o morador sinalizou.

Esse cenário me leva novamente a Sá (2009), quando diz: “Acontecimentos simples do dia-a-dia podem produzir pequenas iluminações a partir do modo de correspondência daquele que os acolhe” (p.91). Penso que é na atitude do cliente de abrir-se a compartilhar seu dia a dia, em coparticipação com a atitude da psicóloga de

recolher⁴⁷ aquilo que lhe é narrado, que a ação clínica se mostra como possibilidade para iluminar modos de poder-ser no viver cotidiano.

Assim, posso dizer a partir de um olhar benjaminiano que, como caminhante, o psicólogo, num encontro com os clientes/moradores, abre a possibilidade de pôr em circulação a experiência e se deixa interpenetrar pela história compartilhada, a partir de suas andanças pelo viver cotidiano. Portanto, posso falar que o modo como o psicólogo vive essa situação-transeunte com-o-outro fala de um modo próprio, singular, em que ele imprime, de forma artesanal, a sua marca no modo da ação clínica se dar no viver cotidiano (Benjamin, 1994). Nessa vertente, Acauã vai contando sobre a singularidade da ação clínica no Morro:

Acauã – [...] essa forma de estar no cotidiano do outro... não é só apenas a vida privada! É a vida no contexto de convivência e ali emerge de forma dinâmica [...] A gente está dentro disso! A gente não está de fora vendo isto! A gente está dentro do movimento do cotidiano! [...] a gente faz parte do movimento do conviver! A gente está indo e vindo com o outro no contexto deste dia a dia! [...] O cliente nos chama a estar dentro do seu cotidiano! E não tem nada pronto! E aí faz com que a gente tenha novas criatividade para estar ali com o outro, naquele momento! [...] e aí a gente sente que a gente não é mais uma coisa à parte... que a gente faz parte! [...] É o se pôr em andança que possibilita a gente se fazer presente no cotidiano!

Estar no viver cotidiano com o cliente solicita abertura para lidar constantemente com o novo, com o que aparece. Mas não apenas. É, também, atender ao convite do cliente, para se inserir, fazer parte do “movimento do conviver”, como disse Acauã. Segundo Sá (2009), é no contexto cotidiano “que pode se abrir de modo privilegiado a experiência de co-pertencimento entre homem e mundo” (p.91). Acauã vai-se dando conta de que, em sua ação como psicóloga, o estar presente olhando, acompanhando e experienciando o cotidiano com os clientes, que ela chama de “vida no contexto de convivência”, amplia sua ação, pois “não é só apenas a vida privada!” que se revela na ação da psicóloga, mas o conviver no viver cotidiano, no qual a psicóloga está inserida. Mas como se dá a inserção das psicólogas no cotidiano do Morro? Acauã me aponta uma possibilidade: “É o se pôr em andança que possibilita a gente se fazer presente no cotidiano!”. Estaria aí uma singularidade dessa ação? Estaria Acauã revelando que a ação clínica no viver cotidiano se constitui em andança? O psicólogo se dispõe a caminhar com-outro (o cliente). E mais, o se pôr em andança se mostra como uma disposição afetiva que co-acontece entre psicóloga e cliente(s)?

⁴⁷ O psicólogo ser afetado pelo que o outro lhe diz.

Nesse sentido, destaco os depoimentos de Acauã: “a gente faz parte do movimento do conviver!”, “E não tem nada pronto!” e, em seguida indago: estaria Acauã falando que o acontecer do viver cotidiano é imprevisível e se dá no conviver com-outros em copertencimento? Pensar o acontecer como um “poder-ser” me faz compreender que o acontecer no viver cotidiano é possibilidade, é projetar-se. Diante de tudo isso, lembro-me de Figueiredo (1994), quando se refere ao acontecimento:

Na condição de disruptor de uma trama, ou tecido - ou seja, na condição de *destecedor* - o acontecimento efetua uma atividade *analítica* no sentido próprio da palavra; [...] O acontecimento não é *algo* que (ir)rompe e transita: **ele é a ruptura e a transição mesmas; [...] O acontecimento destrói mundo e funda mundo, estando suspenso entre mundos**” (p.152, grifos do autor).

Por outro lado, o cotidiano é o que acontece diariamente. Nas palavras de Heidegger (2002b), “Chamamos de *cotidianidade* o modo de ser em que a pre-sença, de início e na maior parte das vezes, se mantem” (p.172, grifos do autor). Nessa vertente, embora a repetição esteja presente na cotidianidade, mostrando-se como um modo de ser do homem, ela não se faz rotina e sim, possibilidade de algo novo se mostrar na existência humana. Vale salientar que, nesse modo de viver o seu dia a dia, os humanos são constantemente surpreendidos com o acontecimento do inusitado do viver. Como disse o referido autor, “A monotonia da cotidianidade considera como mudança, justamente aquilo que o dia traz” (p.173). Ao provocar uma quebra na cotidianidade da trama do con-viver em espaços coletivamente habitados, o acontecimento pode-se mostrar como abertura para o desvelamento de sentido a partir da apropriação do vivido. Estaria aí, um sentido para se propor uma ação clínica no viver cotidiano? Uma ação clínica sendo vista como uma intervenção, um modo de intervir que se volta para o poder-ser com outros nas acontecências presentes no viver cotidiano.

Um acontecimento, como diz Maffesoli (2006), anuncia “a chegada de algo estranho, estrangeiro ao lugar” (p.274). Então, posso pensar num entrelaçamento da ação clínica tecida no viver cotidiano com o encontrar-se com o inesperado, o inusitado, o acaso como conta Tiê:

O acaso é tão grande!!... que a gente às vezes está dentro da briga! No caso de senhor Lírio mesmo, a gente presenciou senhor Lírio dando na cara de Eliana... da esposa! Ficou eu e Acauã passadas!!... mas a gente precisava intervir! Não tinha como sair de lá correndo e deixar o pau quebrando!!... né?

Dentro desse movimento de narrar sobre modos como o inusitado se mostra na ação clínica no viver cotidiano, recorro do meu diário de bordo:

Meu Diário - Chega a hora do enterro de uma cliente, e seguimos pelas ruas acompanhando o cortejo até o Cemitério São Roque. [...] Faz tanto tempo que não acompanho um cortejo assim, a pé, tão perto dos familiares, amigos e ali, de clientes. Vem uma estranheza, pois estou seguindo um cortejo, que segue com tristeza e para uma despedida; mas, algumas pessoas que já foram atendidas por nós, e que estão nas portas de suas casas nos chamam, abraçam, cumprimentam, expressando alegria e presença, encontro. É o inusitado do viver que se mostra sempre presente ao nos lançarmos a experienciar a ação clínica em espaços coletivamente habitados?

Até aqui foi possível ver que a psicóloga acompanha na acontecência do cotidiano. O inusitado, o inesperado possibilitam que a psicóloga se encontre na acontecência do fenômeno. Além disso, essas narrativas me fazem compreender que o caminhar e o acontecer podem apresentar-se como inquietante no cotidiano humano - a angústia manifesta pelo não saber como e onde algo vai acontecer ressalta a condição de não controle da situação já que não se sabe, previamente, como vai ser ou mesmo com quem, onde e quando vai ser o “encontro” na situação clínica do viver cotidiano. Vai aparecendo como o acontecimento como disruptor se mostra na ação clínica no Morro.

Estaria, nesse acompanhar no viver cotidiano, uma possibilidade para falar em uma “escuta em ação”? Geralmente a escuta do psicólogo se volta para o passado, para o que ocorreu. O cliente chega contando o que viveu. Entretanto aqui, além disso, ela também se mostra ocorrendo; ela se dá na própria acontecência do viver cotidiano, como narrou Tiê; ela se mostra como uma escuta em ação, na qual ambos - psicólogo e cliente - estão vivendo o acontecimento. Uma “escuta em ação”, a qual acompanha não apenas o relato de uma experiência, mas acompanha no próprio acontecer do vivido. Essa escuta então, não se prende ao conteúdo, nem ao quê ou por quê. Sua diferença efetiva está na ação de voltar-se para o modo, o como o viver acontece no cotidiano. Através dela, pode-se dar conta do modo de existir humano na sua acontecência. Experimenta-se um diálogo de afetação que possibilita a abertura presencial de uma escuta da demanda do outro. Escutar numa “escuta em ação” é, em termos clínicos, acompanhar e recolher o movimento de mostração desse outro no momento do acontecimento no viver cotidiano. É estar aberto ao ser-com e ao poder-ser. Nas palavras de Heidegger (2002a), “Escutar é o estar aberto existencial da pre-sença enquanto ser-com os outros. [...] o escutar constitui até mesmo a abertura primordial e

própria da pre-sença para o seu poder-ser mais próprio”. (p.222). Escutar é, ainda, reconhecer o outro e se fazer testemunha para o outro, como diz Duarte (2013):

[...] a escuta não é testemunha apenas de abertura originária que me garante a possibilidade de reconhecer o outro em sua alteridade, mas também testemunha de abertura do Dasein para o outro que ele já é e que traz junto a si; (p.66).

Numa “escuta em ação”, espera-se o acontecer de uma atenção serena, uma atenção que aguarda. Assim, a compreensão acontece no caminhar com-outros, e este se mostra como abertura para o acontecer do pensamento que medita/reflete. Essa reflexão me conduz a dialogar com o texto “Serenidade”, de Heidegger (2000), ao pensar a “escuta em ação” a partir da disposição de aguardar o inesperado, sustentando-se na abertura ao acontecimento, mantendo-se num espaço que possibilita o meditar/refletir, distanciando-se de explicações e representações sobre algo já previamente conceituado.

Então pergunto: a escuta do psicólogo escuta os diversos modos de expressão humana que se revelam no dia a dia? A escuta do psicólogo escuta os sons presentes na rua? Essas questões sobre a escuta do psicólogo me fazem pensar na possibilidade de haver uma “escuta em ação”, em espaços coletivamente habitados. Ao falar de uma escuta em ação, faz-se necessário dizer que a escuta está sendo compreendida como um modo de acompanhar o movimento de mostraçãõ desse outro. Só se escuta, portanto, na presença de alguém que se permite revelar-se, por sentir que há um recolher de sua narrativa. Vale destacar que a narrativa é vista nesse estudo como uma contaçãõ de experiência que ocorre na conversaçãõ entre psicólogas e clientes (Benjamin (1994); Gadamer (2010); Critelli (2012)), e que o recolher é compreendido, como a disposiçãõ em direçãõ ao dizer do outro. Na clínica psicológica, há uma escuta de como o dito que está no outro chega a mim; como ressalta Benjamin (1994), não é só o narrador que se mostra na contaçãõ de sua experiência; o outro tem que saber vê-lo. Compreendo, então, que a escuta traz sempre um sentido implicado, pois escuto o narrador, a partir de onde estou, pois “é como eu o olho com o meu ouvir; é como ele se imprime/exprime em/para mim que posso escutar clinicamente, porque olho/ouço e, ao vê-lo/escutando-o, estou implicada em estar ali.” (Santos, 2005, p.116).

Passo a compreender que, na ação clínica no viver cotidiano, urge uma sensibilidade de lançar-se à atitude de inclinar-se para escutar o aflorar da narrativa de quem demanda atenção para transitar de modo próprio em seu cotidiano. Mas há ainda, um entrançado entre ação, escuta e acontecimentos do cotidiano. Posso então falar de

uma escuta em ação que pode se mostrar como acontecimento? Nesse sentido, na ação clínica no viver cotidiano, a escuta em ação se volta para a fala falante - para aquela fala que está em trânsito no próprio acontecer do encontro - e se dirige para a narratividade espacializada e temporalizada em mostração, como se vê na narrativa:

Mainá – Mas eles chegam lá para falar sobre a vida deles!!... para falar por exemplo, como surgiu a história dele e como está entrelaçada com o histórico do desenvolvimento da cidade! Sobre como era a cidade antes... passado o tempo... e a história deles entrelaçada com a história da cidade! A importância que tinha para o grupo de idosos!

Diante desse depoimento e inspirada em Heidegger (2002a), posso dizer que narrar a experiência se mostra tanto como possibilidade de compreensão do próprio existir (narratividade espacializada), e também como possibilidade de apropriar-se do que já foi realizado por outros humanos ao longo da história, poder modificá-la, compreendendo a própria existência (narratividade temporalizada). A escuta em ação se faz numa conversação em que a narratividade se constrói no vivido.

A narrativa do cliente aparece, então, como um falar situado. Lembrando Benjamin (1994), a narrativa se mostra como um modo da experiência se trazer em depoimento. Desse modo, é um dizer no fazer situado; portanto essa ação se mostra com possibilidade para a elaboração da experiência. Para o mesmo autor, a história “se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história” (p.205). Compreendo que, nesse movimento de tecer a história em coparticipação com os moradores do Morro, surge um sentido para a escuta em ação - por acontecer em trânsito, ela possibilita o espacializar e o temporalizar da existência, pois se mostra como abertura para o humano se apropriar e compreender a sua existência ao longo da sua história narrada em coparticipação, enquanto percorre com-o-outro espaços coletivamente habitados.

Agora, pergunto: como o psicólogo transita nesses espaços coletivamente habitados? Inicialmente esclareço que me refiro ao espaço coletivamente habitado não como espaço geográfico, mas como um espaço acontecimental no qual há o jogo da experiência do viver-com, bem como o desafio de conviver no dia a dia, o que me remete à questão da ação clínica como acontecimento. Estaria aqui uma visão de um espaço de acontecimentos que se manifestam através do compartilhar das experiências cotidianas? A partir dessa questão, posso olhá-lo como um espaço possível de ser habitado? Deparo-me por onde transita o ser em andança, numa compreensão fenomenológica existencial - “Tu te vestes como o roteiro de tuas viagens?” (Serres,

1993, p.2), ou seja, sou marcada pelas histórias e pelos contextos por onde transito ao me por em andança em espaços coletivamente habitados. Por essa via de leitura, importa, sobretudo, remeter-me à morada (*ethos*, no sentido heideggeriano), ao modo desses habitantes habitarem o mundo do con-viver, ou simplesmente, a sua existência.

Nessa ótica, posso falar em um espaço *habitável* que, certamente, não é um espaço físico, mas um *lugar no mundo-com-os-outros*, remetendo-me à morada. Lembro-me das narrativas de Tiê e Acauã:

Tiê – E aí assim... a gente nunca deixa de ser psicóloga! E a gente sempre é uma referência de psicóloga para estas pessoas! Eu acredito que mesmo saindo do Morro e voltando... teria este impacto!!... e eles me veriam como psicóloga! Veriam, pois já passei a habitar o Morro e habitar como psicóloga! [...]

Acauã – O Morro também passa habitar a gente! Não é só a gente habitar o Morro, mas o Morro habitar na gente!

Pesquisadora: *Como o Morro habita em vocês?*

Acauã – Nessa proximidade de estar presente o tempo todo, mesmo na ausência nós estamos presentes!

Tocada por essas histórias apontando que o Morro passa a ser morada para as psicólogas que por lá transitam em uma ação clínica no viver cotidiano, recorro, também, ao meu diário de bordo:

Meu Diário - [...] Saímos em direção à casa de uma cliente. Olhamos uma para outra e comentamos a sensação esquisita de transitar pelo Morro naquele dia. As ruas vazias, um silêncio, as pessoas dentro das casas, crianças sozinhas com as portas fechadas, ficamos desconfiadas. Decidimos passar apenas na casa dessa cliente e depois irmos embora. Estamos inquietas, inseguras. Chegamos à casa. Percebo-a muito inquieta [...] Ela fala da estranheza daquele dia. Parece que se aproxima da que sentimos na rua; fala de uma inquietação que é sua? [...] nesse dia sinto mais vontade de ir embora. A sensação de inquietação andando pelas ruas me acompanha, mesmo estando dentro da sua casa. [...] chegando à Praça São Roque onde estava o carro, somos surpreendidas com a presença da polícia. Fazia tempo que não víamos a polícia pelo Morro, a não ser a da “pacificação”. Fico a pensar: a ação clínica no viver cotidiano me possibilita sentir o clima afetivo presente nos espaços coletivamente habitados: tensão, inquietação, estranheza... Vamos sendo afetadas pelo clima afetivo vivido no Morro, o que possibilita o movimento de nos protegermos, de recuarmos em nossa atenção psicológica? Mas também, mesmo não sendo falado, é “dito” pelos clientes, nos chamando para dentro de casa, nos mostrando pelas suas atitudes que algo está diferente. Estaria neste jogo de mostraçõ de afetabilidades uma possibilidade de habitar, pela via da ação clínica, estes espaços coletivamente habitados? Estaria no habitar, uma abertura para acompanhar o outro numa ação clínica no viver cotidiano? Esta ação clínica solicita do psicólogo uma disposição para habitar o próprio caminhar?

Diante dessas narrativas, penso que habitar fala da experiência de travessia peregrinada no *mundo-com-os-outros*. Diz dos modos de tecer o con-viver nos espaços coletivamente habitados, os quais vão possibilitando a revelação de sentido.

Ao me referir a esses modos de estar no mundo, é inevitável não dirigir mais uma vez o meu olhar para duas questões fundamentais apresentadas por Heidegger (2002a): a espacialidade e a temporalidade. Na ordem da primeira questão, é pertinente dizer que consiste no modo como o ser humano vivencia o espaço em sua existência. Portanto, a espacialidade não se limita a uma localização fixa, objetiva, uma vez que o humano, embora se encontre concretamente em determinado lugar, ele compreende o seu próprio existir no mundo. Já diante da segunda questão, posso dizer que o ser humano pode compreender sua própria existência, ele pode apreender o que, ao longo da história, foi realizado por outros homens, mais ainda, pode modificá-lo e, por isso então, ser visto como um ser temporal e histórico. Nessa perspectiva, “Somente quando nossa existência puder ser articulada numa história e tivermos testemunhas para ela, o sentido que fazemos na vida se desencobrirá” (Critelli, 2012, p.69-70). Sendo assim, é possível dizer que a existência humana se encontra enraizada nas pautas constituintes da historicidade e, por conseguinte, da temporalidade.

Compreendo, então, que falar de habitar remete tanto a como o humano se situa em sua existência (espacialidade), quanto a como ele compreende a sua existência ao longo da história (temporalidade) (Heidegger, 2002a). Aqui, continuo a indagar: o dia a dia exposto na cotidianidade tem sido escutado pelos psicólogos? Qual o compromisso dos psicólogos com a abertura das portas dos consultórios para que entrem os sons, os sofrimentos, os cheiros, os barulhos, as turbulências, as alegrias, as vozes, os choros, os tumultos, os risos, os riscos, as vulnerabilidades e os seres “estranhos” que fazem parte de nossas vidas? Como o psicólogo pode se fazer presente em espaços do próprio viver?

Essas considerações me levam a refletir que a atitude de se pôr em andança está sendo para além de um transitar por diferentes lugares; o se pôr em andança se mostra como acontecimento, como uma ação/atitude singular de se pôr em andança com-o-outro-no-mundo, num entrelaçamento com o inesperado, a atitude de se pôr a vista, de reconhecer-se caminhante e recolhedor de experiências, tatuando-se com o outro. É nesses espaços coletivamente habitados que se faz presente a possibilidade para o encontro entre habitantes/clientes e habitantes/psicólogos, em que, na coexistência, há uma abertura para o acontecimento do desvelamento da demanda. Estaria, aqui, o sentido para se pensar uma ação clínica no viver cotidiano? Ou seja, posso compreender

que, no viver cotidiano, há uma ação clínica que tem um modo e um lugar próprio, que é o caminhar com-outros por entre espaços coletivamente habitados. Mas esse caminhar reveste-se de uma singularidade que se revela na escuta em ação, a qual me dirige a pensar numa ação clínica como acontecimento.

3.2.3 Coexistindo indivisamente: ação clínica, ética, política, estética e educativa

Diante do desvelamento de que na ação do psicólogo no viver cotidiano, há uma coexistência indivisível entre ação clínica, ética, política, estética e educativa, uma questão apareceu: de onde parto para dialogar com psicólogos e filósofos sobre essa coexistência? Para levar adiante tal inquietação, penso que um olhar fenomenológico existencial para a questão do sentido do ser (uma questão hermenêutica), ao modo como Heidegger desconstrói a noção substancialista, metafísica, a respeito do que é o homem, poderia me ajudar a pôr essa questão em andamento. Para tanto, recorro a Sá (2009):

Com esse deslocamento do plano metafísico para aquele de uma hermenêutica que se sabe irremediavelmente histórica, as psicoterapias se definem menos a partir de formulações técnico-científicas e se afirmam como práticas reflexivas de conhecimento e transformação de si, envolvendo as dimensões ontológicas, estéticas, éticas e políticas da existência humana. (p.73).

Essa afirmação me faz pensar que, pela via da hermenêutica, bem como pela visão de homem como ser-no-mundo-com-outros, há o envolvimento de diversas dimensões não apenas para a modalidade de prática psicológica da psicoterapia, mas para as modalidades de prática psicológica que têm como orientação epistêmica a fenomenologia existencial. Eis um desafio: como compreender essas dimensões olhando para a coexistência delas na ação clínica do psicólogo no viver cotidiano?

Tomando, como partida, o modo como a ação clínica vem sendo compreendida neste estudo, como uma atitude de inclinar-se ao outro, de acompanhar o cliente numa “[...] ‘ação preocupada’, atenta ao modo como o cliente vive o seu cuidar, a sua existência, a sua história” (Barreto, 2013, p.39, aspas da autora). Mas, como se mostra esse inclinar-se na ação clínica no viver cotidiano? Recorro às narrativas buscando compreender essa questão:

Mainá – Acho que a diferença de uma conversa entre pessoas que frequentam a Praça... entre vizinhos... está em a gente [...] procurar compreender qual o sentido que ele traz naquele momento! Não é só a conversa em si que ele está trazendo! [...] mas o que ele traz nessa fala, qual o sentido dessa fala... dessa conversa sobre o cotidiano! [...] Eu acho que a diferença está aí entre uma conversa e uma escuta onde a gente se inclina para ver que sentido ele traz... [...]

Acauã– E através desse estar com no cotidiano, ele se dá conta da sua história de vida, dando sentido a ela! Então é diferente, porque o que ela... a conversa traz, é o sentido da sua história de vida!... desse cotidiano que ele apresenta! Então quando ele tem esta dimensão de sentido dessa história [...] realmente não é uma conversa entre amigos!!... ou não é uma conversa de vizinhos!

Hortência – [...] se eu não tivesse encontrado vocês naquele dia... [...] eu acho que eu não estaria nem aqui!... contando historia! Tinha morrido! E depois... eu fiquei com outros pensamentos! [...] se eu tivesse procurado amigos, acho que eu não teria melhorado nada!... e vocês... vi outros caminhos... que dava para caminhar... [...] Eu não tinha contado a meus amigos e se eu tivesse contado... com certeza só teria piorado [...] e vocês não!... conversaram... e eu vi outro caminho... que tinha como resolver sem ser daquela forma! [...] depois que você conversa, você vai... a gente volta diferente, vendo as coisas com outros olhos!

Pesquisadora - *É como se nessa conversa... você desse outra direção para o que está acontecendo em sua vida...*

Hortência – Sim! Conteí coisas para vocês que não conto para ninguém!... ninguém!... ninguém! [...] Eu tinha certeza que eu podia confiar em vocês! [...] eu tomei outra decisão na minha vida! [...] Porque naquele momento para mim, estava tudo perdido mesmo!! [...] E depois de eu conversar [...] eu nem penso naquela possibilidade mais... [...] eu lembro de tudo... [...] Mas não fico pensando naquilo que eu pensava antes.

Diante desses depoimentos que contam sobre como as participantes-colaboradoras compreendem a conversação com a psicóloga, volto-me para o meu diário de bordo, em dois dias diferentes:

Meu Diário – [...] me surpreendo, porque hoje, tem muitos homens participando do encontro. Me aproximo da roda e vejo que falam das dificuldades de comunicação entre eles. Dizem que a presença da psicóloga possibilita o diálogo, pois eles se escutam, e a escutam. Dizem ainda, que quando ela não está, na realidade, não tem conversa. Tem acusações e brigas. [...] Afirmando que a presença da psicóloga possibilita o diálogo e eles conseguem se ouvir.

Meu Diário – [...] Chega mais um idoso e sou surpreendida quando diz que ir para ali, a Praça, com a gente, é se cuidar. Como idosos ficam muito sozinhos e ali conversam sobre suas vidas, fazem amigos, compartilham histórias.

Essas narrativas revelam que um modo das psicólogas se inclinarem na ação clínica no viver cotidiano, é no acontecer de uma conversação. Entretanto, esse diálogo se faz singular, pois a escuta psicológica se volta para a apropriação do sentido dado pelo cliente a sua história de vida, aos acontecimentos vividos no cotidiano. Penso ainda que, para além da apropriação do sentido, na conversação há a possibilidade de construir um outro sentido. Estaria aqui, a revelação da ação clínica como

acontecimento? Na conversação há uma ruptura com o “instituído” ou com um modo de compreender um fenômeno, e a ruptura nos coloca diante de outro posicionamento, isto é, “funda mundos”. Estaria na ação clínica como acontecimento o desvelar de que a mudança/transformação não se mostra pelo resultado de um produto, mas pela produção como o surgimento/aparecimento de outro sentido as experiências do viver cotidiano? Estaria aqui, ainda, a mostraçãõ da ação clínica como atitude de aguardar e receber o novo, o que aparece, possibilitando o reconhecimento de si e dos outros? Recordo-me de Critelli (2012) ao contar: “De muitas maneiras, a vida me foi sendo apresentada como uma profusão de histórias em andamento. Algumas concluídas, outras em pleno movimento. Narrativas de histórias que carregavam um sentido de ser.” (p. 14). Nessa direção, Sá e Barreto (2011) afirmam que,

[...] para demarcar uma clínica de compreensão fenomenológica existencial, pode-se entender a atitude clínica como possibilidade do cuidado do psicólogo implicado no movimento de atenção ao cliente como existência, acompanhando-o na tarefa de apropriar-se daquilo que sabe pré-ontologicamente, possibilitando, na sua situação concreta e totalmente singular, que se compreenda e assuma o que ele é, em seu estar-lançado, e o que pode ser. (p.392-393).

A conversa como possibilidade para o desvelamento do sentido diferencia de uma mera conversa. Aí reside uma peculiaridade dessa ação clínica. Por voltar-se para a compreensão do sentido dado pelo cliente, faz-se abertura para a possibilidade de dar outra direção ao seu modo de viver o cotidiano, como um destinar-se a cuidar de si, como narrou Hortência: “[...] vi outros caminhos... que dava para caminhar... [...] e eu vi outro caminho... que tinha como resolver sem ser daquela forma! [...] depois que você conversa [...] a gente volta diferente [...] vendo as coisas com outros olhos!”. Vale a pena ressaltar:

Não se trata, portanto, de encontrar o ‘verdadeiro sentido’, já que todo desvelamento de uma possibilidade implica, ao mesmo tempo, ocultamento do que não foi desvelado, mas sim de manter-se em uma condição de abertura na qual os sentidos possam vir a luz. (Rodrigues, 2006, p.59, aspas do autor).

As narrativas ainda me levam a olhar essa conversação como um modo de cuidado, pois, como me contou um idoso, frequentar a Praça com as psicólogas se mostra como um modo de cuidado. Para Pompeia e Sapienza (2011),

A *humanitas* do homem consiste nisso: tecer, fazer história, reunindo tudo aquilo que, sem história, se mostraria apenas como fatos fragmentados. Essa tarefa de fazer história pertence ao homem porque corresponde à sua essência, que é o cuidado – de si, dos outros homens, do mundo - cuidado que junta futuro, passado e presente, que faz história (p.108-109, grifo dos autores).

Nessa vertente, Tiê, Acauã e Mainá vão colaborando para que eu possa tecer o modo como, numa conversa com a psicóloga, o sentido se revela, e como ocorre seu entrelace com o cuidado:

Tiê – [...] esta produção de sentido [...] leva uma mudança, uma transformação! [...] então ali... naquela conversa, naquela escuta, um sentido pode começar a ser produzido pra que ele comece a pensar, a refletir sobre o que ele está fazendo... como está vivendo o cotidiano e vai produzindo várias outras reflexões que podem conduzir a uma mudança!

Pesquisadora – *Posso ver então... produção de sentido como...*

Tiê – Como direção! Seria o modo como ele vai guiar a sua história! [...] Por isso que não é uma mera conversa! [...] Olha aí a direção que eu falo! Além do acolhimento, do cuidado... que ela tome o cuidado de si e se aproprie do sentido naquelas falas... e que podem conduzir uma mudança na vida [...]

Acauã – [...] sentido que ele deu para esta conversa que ele traz... para esta história de vida [...] E aí a gente está acompanhando!! Se vai haver ou não esta transformação... não é o que importa! O que importa é apropriar-se do cuidado de si a partir da compreensão de sua história! Do sentido dado a sua história!

Pesquisadora – *Então... não é a transformação que é o foco! Não é a passagem... mas como transita na passagem! [...] estaria aí uma compreensão de uma ação clínica no acontecer do viver cotidiano como uma ação ético-política?*

Tiê – Estaria! Inclusive na questão do próprio empoderamento! Quando ele se dá conta de que pode ser o próprio cuidado, ele pode fazer mudanças que se dá até como ação política! Ai eu fico lembrando em relação a esta questão política... [...] quando Suspeito falando de um projeto que eles desenvolviam lá em cima do Morro [...] Que era um espaço que eles faziam várias atividades com o *Rap*, a grafiteagem e aí... ele apresentou o projeto para que tivesse mais apoio político para um vereador da comunidade! E esse vereador passou muito tempo enrolando... enrolando... e quando estava bem perto das eleições... este vereador o procurou! E procurou Nino também! Ai eles disseram... “Não! Agora a gente não quer mais não! Porque agora a gente vai lançar a candidatura de um de nós a vereador!” Então quer dizer... eles perceberam que eles mesmos poderiam mudar a situação! [...]

Acauã – Que ele se aproprie do sentido dessa realidade, dessa história dele naquele contexto, naquela cidade! Quando ele se apropria desse sentido da história... a coisa acontece diferente!

Mainá - Ao trabalharmos nessa apropriação do sentido da história dele, do cuidado com ele... estamos numa ação clínica ali no Morro!

Tiê – Nosso trabalho possibilita a apropriação do cuidado da sua vida!!

Mainá – Possibilita que ele compreenda o sentido daquele modo de viver!

Frente a esses depoimentos, penso que Tiê poderia ficar aprisionada à mudança/transformação como “produto”, no sentido de resultado da ação clínica, o que se aproxima da noção de operar, fabricar, manipular, através da sua narrativa. No

entanto, ela revela outro olhar ao dizer que produção de sentido, diz da direção dada pelo cliente ao acontecimento em seu dia a dia/história de vida. Nesse sentido, vale ressaltar que, segundo Heidegger (2001b), Pro-dução é levar algo adiante, é conduzir algo à vigência. Já Acauã aponta que a transformação se mostra como possibilidade, não sendo um objetivo a ser atingido na ação clínica no viver cotidiano.

Quando se pensa na direção de enfatizar a mudança/transformação como um “produto” a ser alcançado adota-se uma perspectiva na qual se almeja chegar a um objetivo já dado, distanciando de uma perspectiva reflexiva, voltada para o pensar/meditar, interrogando o sentido de um certo acontecimento. Fico refletindo como, na ação clínica no viver cotidiano, o levar algo adiante se reveste de uma ação ético-política ao imprimir o olhar e o mover-se num outro/novo modo de se posicionar/mostrar no mundo com-outros, como Tiê rememora as atitudes de Suspeito diante do vereador. Mas fico, também, a pensar na possibilidade de uma ação clínica como uma ação ético-estética. Afinal, a pro-dução diz de um modo de deixar-aparecer, diz de um modo de revelação da verdade sobre o mundo. Nessa vertente,

[...] lentamente me sinto transitando num caminho que se abre para a questão da estética. Em sua tessitura nada mais distante do que uma ideia de estética apenas compreendida no sentido de ‘belas formas’. A estética de que falo pede um outro olhar sobre e desde o mundo, onde a beleza, por se mostrar num acontecimento, pede investigação para uma sucessiva abertura ao nascimento de outras realidades. Essa investigação não teme os recursos da ilusão, mas se apresenta como uma possibilidade de lidar com uma verdade flexível, mutante, fantasiada, realizada, que me coloca [...] a caminho, numa atitude que requer tolerância às incertezas. (Santos, 2005, p.130, aspas da autora).

Vale salientar que tomo a verdade em seu sentido originário de des-velamento (*aletheia*). Seria esse um caminho possível para compreender a dimensão estética coexistindo com a ação clínica? Se assim for, recorro a Gadamer (2008) que, inspirado nas mudanças radicais que Heidegger (2012) expressa sobre a obra de arte ao enfatizar que a arte é reveladora, imprimindo seu engajamento com a verdade, volta-se para a compreensão da obra de arte distanciando-se do *status* de ornamentação ou entretenimento, para a sua contribuição na compreensão do mundo. Nessa direção, nesta tese, a dimensão estética na ação clínica, distanciando-se da ideia de contemplação do belo, passa a ser compreendida como aquilo que tal pro-dução é capaz de revelar, sendo assim, uma manifestação aberta ao mundo.

As narrativas de Tiê e Acauã me levam a compreender que uma ação clínica no viver cotidiano tem a singularidade de voltar-se para o questionamento do sentido, como sinaliza Heidegger (2009), através do pensamento que reflete/medita. Nessa vertente, a disposição de serenidade assume um lugar de destaque, levando-me a olhar para a possibilidade da ação clínica acontecer como *techné*. A ação clínica, quando tomada como uma técnica moderna, parte de uma aplicabilidade de recursos a partir de um objetivo a ser alcançado, como já sinalizado anteriormente. Tomando-a como *techné*, há uma aproximação com a noção de serenidade, a qual solicita uma atitude de aguardar, de deixar-aparecer algo que já está em vigência (Heidegger 2000, 2001b).

Em suas narrativas, as psicólogas-colaboradoras assinalam, ainda, que o sentido dado à experiência está atravessado pelo apropriar-se do cuidado de si, dos modos de viver, da sua história: “Além do acolhimento, do cuidado... que ela tome o cuidado de si e se aproprie do sentido naquelas falas...” (Tiê), “O que importa é apropriar-se do cuidado de si a partir da compreensão de sua história! Do sentido dado a sua história!” (Acauã) e “Ao trabalharmos nessa apropriação do sentido da história dele, do cuidado com ele... estamos numa ação clínica ali no Morro!” (Mainá). Assim, a ação das psicólogas se faz ação clínica ao inclinar-se aos modos de existir como possibilidade de compreensão do sentido dado ao viver cotidiano - o destinar-se a estar cuidando de existir, do ter que ser.

Posso ver essa compreensão nas narrativas de Violeta, Acauã e Mainá, revelando que o cuidado de si e com o outro se faz presença na ação clínica no viver cotidiano, bem como se mostra não apenas no modo da conversação, mas em outras atitudes de acolhimento; ou melhor, que outras atitudes de acolhimento se mostram como abertura para que haja uma conversação e o desvelamento e revelação do sentido:

Violeta – [...] minha irmã falou que no dia que ela foi pra Praça... tava com frio!... aí nunca esperava que ela ia dar o casaco dela para minha irmã! Que a minha irmã falava que todo mundo tinha nojo dela! Aí... naquele momento ali... ela viu que a psicóloga não teve nojo dela! [...] aí ela foi se sentindo melhor e viu que em Acauã ela tinha aquela segurança de conversar as coisas... [...]

Acauã - [...] Aí foi este movimento de eu dar o casaco a ela... que ela se abriu! [...] Ela sentiu acolhida com este casaco e foi a partir dali que ela veio pro encontro comigo! [...]

Mainá – [...] teve um dia que eu estava no grupo com os idosos [...] eles conversando sobre o fato de que um deles tinha passado mal e precisou ligar para um deles! [...] veio senhor Cláudio... “Olha!... eu queria que você agendasse aqui o número do telefone de tal pessoa!” [...] Pediu que eu fizesse a agenda dele com os telefones do pessoal do grupo... colocar no papel mesmo!! Aí eu pensei... “Será que eu estou fazendo a coisa certa aqui?” Por que agendar o número do telefone?... Mas aí me dei conta... eu me liguei em conversar com eles sobre este pedido de um ter o número de telefone do

outro! Passaram a falar sobre a importância um com o outro e que ao ter o número de telefone do outro, estavam cuidando de si... [...] aí é cuidado com o outro e consigo!

Mainá – [...] E eu não tinha noção de como isto poderia ser importante para eles!!.. uma festinha ali, num banco de Praça... até o momento que senhor Cravo chegou pra mim e disse assim... “Qual o sentido desta comemoração? Foi a festa que eu esperava ter desde criança!” Aí foi que eu vim ter noção da importância do que eles estavam falando e comemorando a vida! O cotidiano da vida!... o aniversário contava sobre ele... trouxe o seu desejo de criança de comemorar junto com amigos a sua vida!... e ali ele se viu acompanhado e disse que cuidaria de festejar sua história! Eu até muitas vezes me perguntava... “E agora... como vai ser isso?” Como se precisasse de algo determinado!...

Sou tocada pelas narrativas, em especial, quando compreendo que a ação clínica no viver cotidiano é atravessada pelos movimentos advindos do encontro entre psicóloga e cliente. Penso que a ideia do movimento pode estar na atitude fenomenológica. Assim, tomo como metáfora “dar o casaco”, para falar sobre essa atitude, bem como sobre o cuidado como ocupação e pré-ocupação. Nessa direção, vale destacar o olhar para esta atitude, constitui-se por uma inclinação/disposição para o outro em seu modo de ser-no-mundo-com-os-outros. Segundo Sá (2008),

[...] a atitude fenomenológica pode servir de guia para a elaboração temática da prática clínica com explicitação da experiência vivida, visando o favorecimento da atenção, do cuidado, da consciência de si e da desconstrução de identificações rígidas e restritivas do poder-ser humano. [...] O exercício clínico da atitude fenomenológica não se caracteriza, portanto, pelo método ou pela técnica empregada, mas pelo fato de que seja qual for a técnica utilizada, caso alguma o seja, ela deve estar sempre subordinada a uma compreensão fenomenológica hermenêutica da existência. (p. 2 e 9)

Em vista disso, faz-se necessário destacar a atenção que Heidegger (2001b) desprende em relação à distinção entre a técnica moderna e a essência da técnica. Tomada como instrumento, ferramenta, a técnica moderna se apresenta como utilitária, sendo usada como meio para se alcançar um fim. No que se refere à essência da técnica, Heidegger questiona essa dimensão utilitária, evidenciando seu caráter de armação (*Gestell*) e seu modo de desocultamento. Aqui, evidencia o sentido original da técnica como *techné* - a produção como o deixar-viger, deixar-aparecer.

Vou vendo que ceder um casaco, fazer com o cliente a agenda do participante do grupo, bem como comemorar o aniversário se revelou como uma atitude fenomenológica, como um modo de conduzir adiante a partir do que se apresenta, o que pode me guiar para pensar a questão ética na ação clínica no viver cotidiano. Por outro lado, vou vendo, também, que essas mesmas três atitudes poderiam parecer ocupação; no entanto, passam a ser pré-ocupação, no momento em que Acauã e Mainá se inclinam

para compreender o sentido dado pelos clientes. Heidegger (2002a), refere-se a dois modos do cuidado se mostrar: na forma de ocupar-se com os entes que estão ao alcance de suas mãos, e na forma de pré-ocupação ou de uma atitude de solicitude para com os outros. Ao escutarem/recolherem o pedido do cliente (“Eu estou com frio!”, “Olha!... eu queria que você agendasse aqui o número do telefone de tal pessoa!”), e “a partir daí eles resolveram comemorar os aniversários, fazer a festa!”), há possibilidade da revelação e compreensão da demanda: cuidar de si e dos outros, com outros:

Tiê – É terapêutico pra gente também! Nós também sentimos o cuidado... nos reconhecemos cuidado... quando a gente está cuidando!

Acauã – A referência... é que o profissional de Psicologia é o cuidado!

Tiê – [...] a nossa ação como psicólogas no Morro, ela se mostra como uma ação de cuidado com este outro! Um cuidado diferenciado do que a gente está acostumada a compreender dentro da Psicologia! Eu acho que esta diferença está... em junto com ele... para que ele compreenda que ele é o próprio cuidado de si! Ou seja, que ninguém pode cuidar dele! Só ele próprio! [...] Que ele é o autor da sua própria história, da sua própria vida! É ele quem constrói, quem escreve todas as linhas desta história! E eu acho que a gente faz isso junto com ele... [...]

Acauã – Cuidado diferenciado, no sentido de que é atenção através da escuta! Quando a gente passa a escutar o cotidiano dele... naquele local no qual ele vive!

Tiê – Eu acho que o cuidado diferenciado fala que... envolve todas as outras questões da comunidade! [...] entram questões da convivência, entram o fato de que aquela comunidade é muito vulnerável pelo tráfico de drogas, pela baixa renda... E aí a gente vai olhar para todo o contexto! Não só para o individual, o singular, mas para o contexto social onde ele está inserido!

Acauã - [...] Então, essa atenção está voltada para todo este contexto do cotidiano e ali bem próxima a ele... que ele pode encontrar no momento em que ele achar necessário!

Essas narrativas me levam ao encontro de um trecho do meu diário de bordo em que narro um modo como a disposição do psicólogo de recolher as experiências do cliente, pode-se mostrar abertura para o cliente apropriar-se e responsabilizar-se pelo seu modo de ser e de viver-com, uma vez que há uma compreensão do sentido de seu modo de ser, de existir no mundo com outros:

Meu Diário - [...] Sigo-o com o meu olhar e vejo que pega sua garrafa com cachaça, bebe um gole e começa a se acalmar. [...] Num grupo de seis pessoas, inicia-se uma conversação sobre a dificuldade do idoso de deixar de beber. [...] ele diz que percebe preocupação com ele, que todos ali gostam muito dele. [...] A sua dificuldade em largar a bebida, faz com que ele se descuide, se reconheça fracassado, e as lágrimas caem silenciosamente. [...] vou sentar junto a ele e escutar sua história que narra tentativas frustradas de parar de beber, sua dor/sofrimento por viver na solidão. Ele vai se dando conta que a bebida é sua companheira. Há uma imensa tristeza por não ter alguém que cuide dele [...] Ele vai se dando conta que não se olha, não se cuida, fica esperando que outros cuidem dele. [...] A sua história vai sendo acompanhada silenciosamente pelos outros [...] na revelação do quanto é sofrido sustentar-se na bebida, há o anúncio de que,

muitas vezes, sente vontade de se matar. Aqui, um outro participante quebra seu silêncio, assustando-se com esse desvelamento. Passamos a olhar para essa preocupação. E, nesse instante acompanho simultaneamente o cuidado consigo e com os outros. O idoso alcoolista expressa seu afeto amoroso, amigo, àquele que mostra preocupação. A partir daí, inicia-se um movimento grupal de cuidado, no qual cada um vai desvelando afetos e atitudes para acompanhar e ser acompanhado. [...] O dia a dia com a bebida, com a solidão, caminha para uma atitude de solicitude, de chamar para perto, de cuidado? Cuidado de si, cuidado de ser-com-os-outros? [...] Pega a minha mão, beija e diz que se sentiu acompanhado por gente, pela gente. Outra companhia diferente da bebida, foi a abertura para ele narrar a sua história. Mas não só isso, para que seus colegas/amigos que vivenciam com ele o drama com a bebida, o acompanhassem e se disponibilizassem a serem acompanhados por ele. [...]

Como revelaram Tiê e Acauã, vejo um cuidado diferenciado. Um cuidado que, além de ocorrer no acontecer da situação vivida, dá-se em coparticipação com outros que fazem parte do dia a dia. Posso pensar então, no cuidado *Sorge*, que nas palavras de Loparic (2013), seria “o ter-que-ser que tem o sentido de ter que se responsabilizar ontologicamente e onticamente por si mesmo, pelos outros seres humanos e pelo mundo (p. 44-45, grifos do autor). As narrativas também me recordam os dois modos de cuidado assinalados por Heidegger (2002a), quando o filósofo aponta que há um cuidado superprotetor, extremado, o qual desresponsabiliza o outro de sua tarefa primordial de cuidar da sua possibilidade de poder-ser; e outro, de preocupação com os outros, tendo como horizonte o ficar ao lado, acompanhando-o e até lembrando-o daquilo que lhe é próprio, ou seja, “o pôr-se diante do outro não suprimiria nem supriria suas ocupações e necessidades, mas cuidaria do outro ao restituir-lhe ao próprio cuidado de si” (Duarte, 2013, p.67). Um cuidado que se mostra na escuta do lamento, em coparticipação? A ação clínica da psicóloga não se volta para o individual, o particular, ela se amplia para os acontecimentos próprios e cotidianos dos espaços coletivamente habitados. Está aqui uma possibilidade de olhar a ação clínica como ação ética.

Segundo Santos (2013a), a expressão “ética do cuidado”, aparece na década de 80 a partir de pesquisas realizadas por Carol Gilligan. Continua afirmando que, ao tomar a referida autora como referência, pode dizer que a ética do cuidado “tem a ver com a ‘preocupação’ e a responsabilidade que temos em relação ao cuidado com o outro”. (p.102, aspas do autor). Nessa direção, Figueiredo (1996) aponta a ética como uma atitude diante do homem no mundo, tendo a ver com o “*habitar o mundo*”. Para Heidegger (2001c), “A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre a terra é o *Buan*, o habitar” (p. 127, grifos do autor), me levando à questão da morada, ao modo dos humanos habitarem o mundo - o *ethos*. Essa

compreensão já aponta para um modo de coexistência humana na ação clínica no viver cotidiano, em que psicólogo e clientes são coparticipantes e corresponsáveis. A ética como *éthos*, diz do modo como o humano se mostra. Tal ótica me chama a refletir a respeito dos modos de coexistência entre os humanos no viver cotidiano.

Essa forma de clinicar, a partir da própria dinâmica existente em espaços coletivamente habitados, faz-me pensar, de novo, a ação clínica como algo acontecimental. Sendo assim, esse modo de psicólogo e clientes constituírem-se dentro das situações próprias do cotidiano, leva-me a ver que a ação clínica é acontecimental em função da questão do viver-com, do viver-entre, isto é, da condição existencial de con-vivência. É nesse constante poder-ser com outros que se abre a possibilidade da ação clínica como ação ético-política. Destaco que a participação do humano, na vida diária/cotidiana, ocorre no espaço coletivo. E é, justamente nesse espaço, onde se encontra o psicólogo, que se dispõe a uma ação clínica no viver cotidiano. Entretanto, a partir das experiências singulares de vida, cada um toma direções próprias sobre o modo de viver seu cotidiano, com as marcas registradas pela pluralidade:

Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. (Arendt, 2001, p.188).

Por esse olhar, é nessa ação coletiva, já discutida acima, e na possibilidade de se inaugurar algo novo que reside a coexistência numa ação do psicólogo como ação clínica, ética, política:

Acauã – Nosso trabalho é uma ação clínica, uma ação política! Há um entrelaçamento de histórias de vida com a história daquele contexto! [...] Sem dúvida uma ação clínica como ação política, porque a política é o movimento dele de apresentar-se à comunidade... [...]

Tiê – Eu acho que o empoderamento! Assim... empoderar aquelas pessoas para que elas tenham força de mudar a realidade da vida delas! O apropriar-se do cuidado de si surge como abertura para um empoderamento e este como uma possibilidade de acontecer algo novo!

Acauã – No empoderamento está a ação política! Porque a partir do momento que o outro está empoderado... já está acontecendo algo novo! Ele não vai mais agir como agia quando não estava empoderado! Empoderado, ele vai ter outra atitude! E essa atitude não vai só ficar nele! Vai abranger a coletividade!

Os depoimentos me despertam alguns questionamentos: a contação de histórias em espaços coletivamente habitados, acompanhada da escuta da psicóloga, possibilita que os clientes apareçam para si e para os outros? Estaria nessa narrativa/escuta uma possibilidade de juntos construírem um modo próprio de convivência entre aqueles que são partícipes de espaços coletivamente habitados? A conversa/escuta com uma psicóloga se faz singular pela possibilidade de iniciar algo novo a partir da apropriação do sentido de sua história? O empoderamento pode ser visto como o descobrir em si o poder, apropriando-se do seu modo de ser-com-os-outros? Para Duarte (2011), “[...] a política seria, antes de toda serventia social, o que permite ao sentido deixar de ser privado para se tornar comunicável entre nós.” (p.124). Nessa direção, as quatro questões acima, me levam a falar de uma ação clínica como ação ético-política, uma vez que elas se revestem de uma presença marcante do ser-no-mundo-com-outros. Chamo Arendt (2001) para dialogar, pois me faz pensar que,

Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especialmente a condição - não apenas o *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* - de toda vida política. Assim, o idioma dos romanos - talvez o povo mais político que conhecemos - empregava como sinônimos as expressões ‘viver’ e ‘estar entre os homens’ (*inter homines esse*), ou ‘morrer’ e ‘deixar de estar entre homens’ (*inter homines esse desinere*). (p.15, grifos e aspas da autora).

Compreendo que a ação política se faz essencial numa ação clínica no viver cotidiano. Existencialmente, ela se mostra como parte da vida. Assim, a política não é usada como instrumento para alcançar fins alheios a ela mesma ou a alguns objetivos. Tomando o pensamento de Arendt como inspiração, posso olhar o sentido da política a partir de sua condição de possibilitar que no “estar entre homens” a pluralidade seja evidenciada e a inauguração de algo novo aconteça.

Ao trabalhar com a ação clínica no viver cotidiano, cria-se a possibilidade de um con-viver acontecimental, revelando a dimensão existencial do ser-com no modo da convivência. Por ele, acordos e negociações são necessários. É através do acontecer desses trâmites que se apresenta a linguagem própria desse modo de ser na convivência, encarnado num dizer público compartilhado - sua publicidade. Tal publicização diz de uma ação ético-política, uma vez que implica a realização de uma possibilidade do modo de ser da convivência. Nesse sentido, a ação clínica no viver cotidiano aponta a direção de compromissos éticos expressos entre homens.

Assim, esse dizer público tem o valor de uma ação política como autenticação de si mesma. Esse dizer/ação funda-se por outra perspectiva: de um “dizer que vem para mim para dizer de mim para outro”. Um dizer que se articula na perspectiva do entre-os-outros, implicando a conexão entre o modo de ser-com entrelaçado numa ética para realizar-se como ação política. Quando olho para a ação clínica a partir dessa ótica, a questão do modo de ser da convivência mostra-se como uma ação ético-política, portanto, mediada por um con-trato - trato com o(s) outro(s) os modos de con-viver:

Acauã – [...] é como se a informação lá dentro da comunidade fosse muito escassa! Aliás, fosse não! É escassa! E o acesso a essa informação, o saber dessa informação gera um empoderamento! É esse empoderamento que vai fazer com que essa ação aconteça politicamente! Porque aí não é uma coisa só de um! É uma coisa de todos! Onde todos ali vão compartilhar! [...] escutamos estas pessoas em relação a sua experiência com cada situação apresentada! É pela via da experiência que a gente pode ver a importância de levar informações!

Pesquisadora – *A escuta da experiência... abre para compreensão da situação de vida revelada...*

Acauã – Abre! Aí a gente aciona a rede para cuidar dessas informações! E além deles terem acesso a esta informação, passa a ter várias transformações na vida deles, politicamente! Política enquanto coletivo!... enquanto participação coletiva, no grupo!

Tiê – E a informação se dissemina entre eles! Por exemplo, Dália!... Dália tinha HIV e tinha direito ao BPC! E aí enquanto ela não recebia o BPC, ela precisava entrar numa cesta básica! E aí o CRAS pode ajudar nesse sentido!

Acauã – E aí ela teve todas as garantias que ela tinha direito! A gente tem as informações a respeito da política pública e isso facilita... possibilita a ação clínica neste contexto!

Encontro nas narrativas sobre a ação clínica no viver cotidiano uma dimensão ético-política (*ethos-polis*) que aparece como uma forma de organização do convívio humano, um tratado de con-vivência entre diferentes (Arendt, 2002), e uma dimensão ético-educativa (*ethos-paidós*) mostrando-se num compartilhar de experiências que sinalizam, muitas vezes, a importância de se ter/buscar informação. Destaco que me chama atenção o lugar que a informação/orientação ganha na ação clínica no viver cotidiano: além de iniciar com o compartilhar de experiências, ela convida a todos a uma participação conjunta/coletiva, havendo uma disseminação entre aqueles que compartilham histórias em espaços coletivamente habitados. Nesse sentido, a ação educativa “[...] deve garantir a responsabilidade coletiva pelo mundo de modo a evitar que modelos de soberania ou coerção se estabeleçam e possam cercear a liberdade humana.” (Walckoff & Lira, 2013 p.7). É possível ver nas narrativas de Tiê e Acauã, logo abaixo, o lugar da informação/educação, numa ação clínica no viver cotidiano:

Tiê – [...] teve um tiroteio [...] e Pedro estava na hora e levou um tiro! E aí apareceu na televisão que ele era traficante também! [...] Sendo que Pedro não estava traficando! Ele só estava no lugar errado... na hora errada! E aí... além de acolher, até orientar a família [...] e o impacto na vida dele... de aparecer na televisão uma informação que não era verdadeira! E aí... a gente também orientou que aquela família tinha direitos! De um lado acompanhamos como viviam com aquela história que apareceu na televisão, e de outro como lidar com aquela situação! A gente trabalhou no sentido de como eles estavam vivendo aquela situação [...]

Tiê – E a gente além de acolher, a gente precisou orientá-la!... porque ele estava num ritmo de bebida tão grande!!... que ele estava começando a perder a noção! Passava dias sem tomar banho, sem se alimentar... e aí era violento com ela... e aí depois dessa nossa intervenção, ela saiu de casa, deixou ele lá... e ela foi para a casa de uma prima! Passou lá um período até que ele conseguiu se restabelecer novamente!

Pesquisadora - *Vocês falam em orientação! Ao mesmo tempo falam que a ação de vocês é clínica! Eu posso compreender que é também uma ação educativa?*

Tiê – Sim!... Pode! Porque a gente está constantemente informando as pessoas sobre os direitos que elas têm, que elas não sabem, muitas vezes! E a gente tem este papel também, de dar esta orientação, neste sentido mesmo... dar informação!

Acauã – [...] tem orientação, mas a base do nosso trabalho é o cuidado! É o acolher, a escuta, mas é importante a informação e a orientação! [...] mas não é só pela informação pois tem a informação, mas tem a reflexão! Primeiro vem a reflexão diante do que está sendo vivido, da experiência, mas depois... pode ter uma conversa sobre aquele fenômeno e aí... pode entrar informações e orientações!

Vou compreendendo que a coexistência entre a informação/ação educativa e a ação clínica se dá pela via da reflexão. Logo, uma informação/orientação não é dada apenas como transmissão de conteúdo a ser passado, mas como possibilidade para que a história que está sendo vivida/narrada continue, como também, para que o cliente se aproprie da sua vivência, podendo dar sentido a ela. Recordo-me de Benjamin (1994) ao referir-se a ameaça advinda da informação, quando se volta para a explicação dos fatos ao invés da contação da experiência, sendo então, responsável pelo declínio da narrativa. Por outro lado, as psicólogas-colaboradoras apontam a reflexão como possibilidade para que a informação/orientação não se restrinja a instruir os clientes sobre seus direitos ou esclarecê-los sobre os serviços disponibilizados, mas chamá-los a refletir sobre a experiência da vida vivida no dia a dia, a partir inclusive de informações/orientações configurando-se como uma ação educativa que acontece numa situação clínica. Assim, pergunto: será a reflexão um caminho para que a orientação/informação, como ação educativa, coexista com a ação clínica? Paraphrasing Benjamin (1994), posso dizer que nesse sentido, a informação/orientação não visa a dar respostas a dúvidas, perguntas ou acontecimentos do dia a dia, mas pôr em circulação uma conversa que encontra um fluxo próprio para continuar a contação de uma história:

Violeta – [...] Quando eu tô com algum problema que converso com ela... ela me escuta, sempre me ajuda em relação a minha filha que é especial... ela também tá sempre me orientando... mas assim também... eu deixo escapar... [...] me orientou a fazer algumas coisas e eu não fui atrás ainda!

Pesquisadora – *Posso compreender então... que mesmo que a psicóloga oriente você para alguma ação, é você no seu ritmo que faz esta ação!*

Violeta – É! E assim... é aquela troca! [...] a gente entrega o problema a ela [...] a gente desabafa com ela, mas na mesma hora ela vem com uma palavra... que é a gente que resolve... que vê como faz! [...] Ela não vai resolver... “faz assim...” não!! Ela vem com aquelas palavrinhas dela ali... com o jeitinho dela falar...

Violeta conta como a conversa/escuta com a psicóloga põe a contação da história em circulação. É explicitado que a informação/orientação pode vir da psicóloga, mas é a cliente quem toma para si a responsabilidade sobre a direção que vai dar a sua história, o que me remete a Santos (2013), quando diz: “quando pensamos sobre o sentido de nosso ser, nós nos colocamos diante do caminho que devemos trilhar enquanto um ser que, na medida em que está sendo, põe em jogo sua própria existência.” (p. 103). Nessa direção, lembro da fusão de horizontes de Gadamer (2010), quando o autor evidencia o acontecer do conhecimento pela via da fusão de horizontes, ao invés da reprodução racional de ideias repassadas para que o intérprete compreenda. Desse modo, a sua hermenêutica filosófica ressalta que todo conhecimento acontecerá a partir da fusão de dois horizontes: o horizonte próprio (os pressupostos) e o horizonte inerente (ideias já conhecidas). Ou seja, será no encontro desses dois horizontes que a interpretação, como possibilidade compreensiva poderá ser abertura para o surgimento de um novo sentido para aquilo que se busca compreender.

Ao falar sobre um novo sentido, remeto-me novamente a coexistência da ação clínica com a dimensão estética. Como na arte, na ação clínica há uma revelação, há um dizer de algo para alguém, ou seja, é um acontecimento que se faz diálogo. Talvez por isso seja possível dizer que “A estética tem que ser consumida nas hermenêuticas” (Gadamer, 2001, p. 69⁴⁸ apud Lawn, 2011, p.128), podendo mostrar-se como mensageira do “belo” da vida ou do viver. Como criação que se constitui numa linguagem pela *poiesis*, revelando o modo como as coisas nos tocam, ou qual o sentido do que se desvela, a dimensão estética vai-se fazendo presença no jogo da luz, no jogo de palavras, em que no “vaivém do movimento do jogo se produz como que por si mesmo” (Gadamer, 2008, p.158), uma outra possibilidade de luz, uma outra compreensão. O “belo” é pôr a luz em movimento. No jogar, tanto o artista como o cliente falam de si,

⁴⁸ Gadamer, H. G. (2001). *Gadamer in conversation: reflections and commentary*. New Haven, Connecticut: Yale University Press.

de um modo muito próprio e original/singular, mas por ser-no-mundo-com-outros, precisam dialogar. Assim, posso dizer que é na conversação que ambos alimentam a sua existência.

3.2.4 Forma(ção), Form(a)ção: o ser-psicólogo posto em questão

Achei interessante iniciar esse subitem, com a narrativa abaixo, por me provocar a pensar a respeito da ação clínica no viver cotidiano e a formação do psicólogo:

Mainá – [...] Pra mim é muito interessante!! Muito bom estar no Morro desde o meu estágio, porque foi muito diferente da concepção que eu tinha do que era ser psicólogo! [...] Aquela coisa da psicoterapia... ficar no consultório... e quando eu fui pro Morro foi surpreendente!!

Ao me deparar com o depoimento acima, recordo o quanto já fui questionada em relação ao trabalho no Morro, como psicóloga/professora/orientadora/supervisora: isto é Psicologia Clínica? Isto é Psicologia Social? Afinal, o que você faz lá no Morro, como psicóloga? Diante dessas interrogações, outras indagações foram aparecendo para mim, tais como: o que é tão estranho no trabalho do Morro? O trabalho do psicólogo no viver cotidiano rompe com a cisão entre a Clínica e o Social? Estará a formação do psicólogo, ainda voltada a olhar a clínica como uma modalidade de prática psicológica - a psicoterapia, ou até mesmo a um local de atendimento - o consultório?

É crescente a ação do psicólogo clínico em contextos sociais - nas instituições, nas comunidades e nos espaços coletivamente habitados. Como diz Ferreira Neto (2004), “[...] nunca existiu uma clínica que não fosse atravessada pelo contexto social e a que este não respondesse de alguma maneira a partir da ética da qual é portadora.” (p.166). Por se tratar de uma inserção relativamente recente, é possível apontar a necessidade de pesquisar a entrada do psicólogo clínico em diversos contextos da assistência social e da saúde e em outras demandas que se apresentam do ponto de vista institucional. Como também urge acolher o reconhecimento de fatos novos na clínica e o esforço de descrevê-los, abrindo caminhos para novas possibilidades compreensivas que apontam para a revisão das matrizes conceituais, ampliação de intervenção nos encontros clínicos, mobilização de novos modos de “presença” do psicólogo, possibilidades outras de pensar uma ação clínica desvinculada de matrizes positivistas preconizadas pelas teorias e técnicas tradicionalmente reconhecidas.

Diante de tal contexto, pergunto: é possível questionar a ação clínica e a prática psicológica, a partir das considerações críticas feitas por Heidegger, à ciência moderna e aos pressupostos metafísicos, norteadores da construção da Psicologia Científica Moderna? Tal possibilidade aponta para uma reviravolta na compreensão da ação clínica do psicólogo, reconhecendo que poderá estar fundada em outras perspectivas paradigmáticas, a partir do diálogo com o pensamento de Heidegger, tanto na Ontologia Fundamental desenvolvida em “Ser e tempo” (Heidegger, 2002a), como dos questionamentos à questão da técnica moderna e a história do sentido do ser, presentes nos seus escritos tardios, após a década de 30.

Partindo da filosofia, Stein (2005) assinala à possibilidade de pensar a Psicologia atrelada ao pensamento ontológico da fenomenologia existencial heideggeriana:

Uma psicologia ou a psicanálise enquanto ciências, se forem pensadas na sua radicalidade, não podem prescindir das estruturas ontológicas da fenomenologia existencial. Estruturas estas que não são mais metafísicas: que resultaram da forclusão do cosmo e da exclusão do divino. (p.100).

Entretanto, cabe indagar: a formação de psicólogos possibilita pensar a ação clínica desses profissionais em conversação com o pensamento de Heidegger? Wertz (2012) baliza o distanciamento do diálogo entre a Psicologia e a Filosofia ao dizer que “As tendências fenomenológicas ainda são uma perspectiva pequena e minoritária nesse tempo, em que a maioria dos pesquisadores continua a adotar uma abordagem hipotético-dedutiva científica natural que isola variáveis e apoia-se em medidas e em análise quantitativa.” (p.369). Apoiando-se nessa afirmativa, continua apontando, especificamente, que a fenomenologia existencial: “[...] não está tipicamente representada em currículos acadêmicos, os alunos têm oportunidades limitadas de exposição. Os estudantes precisam descobrir a abordagem por conta própria ou por sugestão de um professor que, no máximo, ofereça oportunidades para o estudo independente.” (p.369).

Diante desse desconhecimento, existem alguns mal entendidos em relação à ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial, como a ideia de que ela faz uma “aplicação” de uma Filosofia, ou de uma ontologia a uma prática psicológica. No entanto, diferentemente desse equívoco, a ação clínica em diálogo com o pensamento de Heidegger se mostra no assumir pressupostos de uma atitude fenomenológica na clínica, bem como uma visão de homem como ser-no-mundo-com-outros, e não de uma

“aplicação” ou de uma teoria da clínica. Vale destacar que Penna (1997) aponta a impossibilidade de uma unificação do pensamento psicológico, diante da grande dispersão dele, pela presença de diversas perspectivas epistemológicas, metodológicas e conceituais, apresentando quatro perspectivas epistemológicas que permeiam os estudos psicológicos: a positivista, a crítica, a fenomenológica e a existencial. É justamente essa quarta perspectiva epistemológica que toma o pensamento de Heidegger como direção. Fica claro, então, que a perspectiva fenomenológica existencial já se faz presente e reconhecida como possibilidade de compreensão na Psicologia.

A partir da narrativa inicial de Mainá, bem como da possibilidade de pensar a ação clínica de psicólogos em conversação com a fenomenologia existencial de Heidegger, cabe uma outra questão: a formação do psicólogo possibilita uma ação clínica, no viver cotidiano? As psicólogas-colaboradoras contam:

Mainá – [...] Aí ficava muitas vezes... apegada ao que a gente estudava muitas vezes na faculdade, no curso!

Pesquisadora – *E o que vocês estudavam no curso... como fica quando estão lá... no Morro?*

Acauã – Não fica! [...] A dificuldade entre teoria e prática! Quando a gente está na teoria é uma coisa... mas quando a gente vem pra prática é outra! [...]

Mainá – [...] Começava a construir algo novo! [...] desapegando de uma fórmula... [...] e vendo que tem algo a mais do que o que se passa na maior parte do curso!

Tiê – Interessante!!... porque quando eu comecei lá no Morro, eu achava que não ia ter sentido! Que era tudo tão solto, tão sem direção, tão sem rumo... que eu achava que não ia chegar a lugar nenhum! Porque na verdade a gente está acostumada com tudo predeterminado! [...] sem os acasos... e lá não! A gente contava com os acasos o tempo todo!! [...] Porque no curso de Psicologia ainda é muito clínico no sentido de consultório! [...] Como é a clínica nesse lugar, o Morro? [...] a gente foi vendo que não tinha nada determinado, que era aquilo mesmo... que era da vida! Que na vida não tem nada determinado!

Vou reconhecendo essa situação revelada nos depoimentos, nos cursos de Psicologia por onde transitei. Lembro-me de três instituições distintas: na primeira, a fenomenologia existencial é apresentada como sendo Gestalt-terapia ou Abordagem Centrada na Pessoa; na segunda, a fenomenologia existencial também vem atrelada a Gestalt-terapia, e há ainda um preconceito, a partir de um desconhecimento de que não tem referências bibliográficas próprias e, na terceira, as disciplinas específicas da fenomenologia existencial estão na malha curricular como eletivas. A minha experiência, vinculada à afirmação de Wertz (2012) em relação à não representação da fenomenologia nos currículos acadêmicos, bem como as narrativas das psicólogas-

colaboradoras revelam o quanto ainda é preciso avançar para que haja uma presença efetiva da fenomenologia existencial na formação dos psicólogos.

Ainda diante dos depoimentos acima, penso que, ao lançar-se numa ação clínica no viver cotidiano, a qual se distancia do que foi aprendido em sua formação, há um titubeio em relação a sua própria ação, fazendo com que questione o seu modo de ser psicóloga. Esses depoimentos me convidam a olhar para a formação do psicólogo marcada por um enquadramento que distancia teoria e prática, bem como para a possibilidade de afastar ou até mesmo poder inviabilizar uma intervenção que recolha a demanda revelada no viver cotidiano. Assim, pergunto: Forma(ção) ou Form(a)ção? Ou seja, a formação está voltada para sermos enquadrados em uma forma, ou para formar/produzir⁴⁹ ação? Nessa direção, a Forma(ção) está diretamente ligada à técnica moderna, por meio da qual se dão diretrizes desdobradas em competências e habilidades, orientando o uso de ferramentas para atuar como psicólogos. Já a Form(a)ção preocupa-se com a “pro-dução”, com o modo como o psicólogo se dispõe a acompanhar, inventar/criar e intervir nos fenômenos que se apresentam, podendo aproximar-se do modo como Heidegger(2001b; 2000) compreende a tensão existente entre o pensamento que calcula e o pensamento que reflete/medita. Buscando elucidar melhor essa questão da formação, convoco Figueiredo (1996) para dialogar, por me lembrar que “*Formar é proporcionar uma forma, mas não é modelar uma forma. Ao formar estamos oferecendo um continente e uma matriz a partir dos quais algo possa vir-a-ser.*” (p.117, grifos do autor). Em se tratando desse estudo, pergunto: como tem sido esse vir-a-ser psicólogo no viver cotidiano?

No que diz respeito à questão acima, o referido autor assinala que, “*Ser-psicólogo é também ocupar espaços e posições na história e na cultura de nossa sociedade e estar preparado para lidar com outras posições, para lidar com alteridades, o que nos remete à dimensão ética e política de nossa profissão.*” (p.118, grifos do autor). Essa citação me convida a olhar para a ação clínica e a prática psicológica e me aponta o quanto ainda é preciso cuidar do vir-a-ser psicólogo. Então, será no campo da experiência que o psicólogo confrontará seus estudos, experienciará estar diante do padecimento humano e dos acontecimentos cotidianos e deverá pôr em ação uma atitude ético-política.

⁴⁹ Produção no sentido de pôr em manifesto, “deixar aparecer”.

Para contextualizar tal discussão, importa destacar que o espaço psicológico emerge dentro de uma tradição na qual o método das ciências naturais era aplicado às ciências sociais. O caráter histórico das teorias psicológicas, ao apoiar-se na tradição metafísica, reafirma a positividade de um psiquismo, apresentado como propriedade de um “Eu” dotado de uma essência com privilégio do modelo explicativo, próprio das ciências da natureza (Feijoo, 2011). Tal compreensão aponta para um desencontro histórico entre o projeto epistemológico, ancorado em teorias psicológicas construídas, pressupondo uma interioridade e a constituição de um “eu” substancializado, localizado no tempo e no espaço, dotado de determinações e sentidos prévios, e que se apresenta voluntarista e racional, e os novos saberes psicológicos, engendrados pelas diversas possibilidades de pensar a subjetividade e a alteridade partindo de tutores da Filosofia como Lévinas, Merleau-Ponty e Heidegger (Figueiredo & Coelho Júnior, 2004).

Diante desse cenário, recorro a Figueiredo e Coelho Júnior (2004) ao proporem matrizes consideradas como figuras organizadoras de diferentes dimensões da intersubjetividade, partindo de uma nova caracterização do conceito e da experiência de intersubjetividade que rompe com a tradição moderna das teorias psicológicas que partem de um “Eu” como unidade autoconstruída, independente de “outros” singulares.

Assim, o foco dessa discussão centraliza-se na matriz de “Intersubjetividade trans-subjetiva” e dialoga com as reflexões advindas de um de seus patronos - Heidegger. Partindo de tal matriz, pode-se apontar que a intersubjetividade trans-subjetiva, permite pensar numa modalidade pré-subjetiva da existência e refere-se a um campo de uma realidade primordial - anterior à separação entre interno e externo -, concebida como continente, como solo de acolhimento e sustentação, no qual o outro/alteridade emerge como constitutivo das experiências subjetivas com uma dimensão de inclusão primordial. Desse modo, considerando que a tradição que nos procede e nos envolve pode ser compreendida como aquilo que não sendo eu faz com que eu possa vir a ser o que sou - ser-o-aí -, pode-se reconhecer uma “certa” alteridade como presença constitutiva das subjetividades (Figueiredo & Coelho Junior, 2004).

Em tal perspectiva, a partir do diálogo com o pensamento de Heidegger, o outro pode ser pensado não como acréscimo circunstancial do ser-o-aí, mas como participante do ser-no-mundo, mundo que o acolhe e desvela sentido. Nessa direção, encontrar o outro não significa a simples apreensão ou oposição de um sujeito, ao contrário, “[...] os outros são encontrados emergindo do mundo no qual o ser-o-aí habita referindo-se a ele através do cuidado” (Heidegger, 1981, p.35).

A prática psicológica foi-se constituindo, assim, no nível das técnicas e da aplicação das teorias psicológicas fundadas em pressupostos metafísicos e vinculada às ações clínicas norteadas pela dimensão da técnica moderna, com procedimentos prescritivos voltados para o tratamento e a cura. Tal contexto aponta para a necessidade de refletir sobre a experiência de insuficiência que permeia a ação clínica e a prática psicológica clássica diante do viver cotidiano.

Nesta direção, quando Tiê refere-se ao modo de olhar à clínica, em sua formação, remete-me a Pompeia e Sapienza (2011) ao afirmarem que a clínica, no campo da Psicologia, é vista praticamente como sinônimo de psicoterapia, ou seja, um atendimento clássico de consultório, no qual sobressai a intenção de curar, de tratar o paciente. Para esses autores, a clínica psicológica “[...] tem se ancorado em uma teoria do conhecimento que estabelece o logos categorizador como o modo privilegiado de conhecer e em alguns pressupostos metafísicos sobre o homem, o mundo, a realidade.” (p.150).

Figueiredo (1996) parece corroborar esse pensamento, ao apontar a existência de equívocos a respeito tanto do que vem a ser a clínica psicológica como o psicólogo clínico, quando, por exemplo, a clínica fica sendo vista como um lugar concreto (consultório) ou uma modalidade de prática (a psicoterapia), ressaltando que, ainda hoje, o olhar sobre o lugar e o sentido da clínica psicológica sobrevive turvado numa atmosfera de mal entendidos. Em contraponto, o mesmo autor apresenta a clínica como um “*ethos*”, enquanto o clínico é a própria “escuta de que o nosso tempo necessita para ouvir a si mesmo naquilo em que lhe faltam as palavras. Se assim for, serão outros os padrões éticos a que deveríamos responder [...]” (p. 40).

Por minha vez, acrescentaria que não apenas a “outros padrões éticos”, como também, a um questionamento dessa perspectiva científico-natural de muitas matrizes da Psicologia, com uma consideração insuficiente à especificidade do modo de ser do homem, bem como a solicitação dos clientes quando o psicólogo se insere no viver cotidiano. Tal reflexão não significa uma oposição reativa ao saber científico, mas “chegar a uma relação refletida com a ciência e verdadeiramente meditar sobre seus limites” (Heidegger, 2009, p.48). Para tanto, tal situação pode ser considerada como uma “brecha” que possibilita outra forma de pensar, caracterizadas por atravessamentos de paradigmas com a superação de velhas separações e oposições teóricas e consequente desconstrução de oposições paradigmáticas. Tais brechas permitem identificar pontos de fissura, como também revelam os impasses e as impossibilidades que marcam o

pensamento psicológico no seu registro sistemático anterior. Nessa direção, a ruptura é indicação de movimento, de novos modos de pensar. Assim, diante do fazer de ofício das psicólogas no viver cotidiano, vejo-me diante do acontecimento, o qual me lança simultaneamente na quebra da estabilidade de uma realidade conhecida e no chamamento à criação de novo sentido (Figueiredo, 1994). Recordo que,

A clínica psicológica, que se instituiu como técnica a partir da virada do último século, é dependente das concepções de homem e de natureza subjacentes à visão de mundo moderno, no interior da qual ela se afirma como proprietária de uma região específica. Assim, para se pensar o sentido de clínica, ao invés de tomá-la como uma aplicação técnica meramente dada, não há como evitar a tarefa de desocultamento e desconstrução dos sentidos previamente dados e velados nas interseções institucionais em que emerge como saber teórico e prático. (Sá, 2002, p.354)

Posso então dizer, que a ação clínica vem sendo provocada a uma reflexão sobre a importância da desmistificação do saber técnico-científico, bem como desafiada a voltar-se para uma articulação entre *techné*, *poiésis* e *alétheia*, uma vez que a *alétheia* (desvelamento) se mostra como o fundamento da *poiésis* (deixar vir à luz) através da *techné* (modo próprio de desocultar o ente em seu ser) (Duarte, 2010). A tentativa de olhar para trajetórias de uma ação clínica voltada para o viver cotidiano, viver-com, o existir humano, lança um desafio de conviver com as fragilidades das verdades absolutas. Assim, tomando Barreto (2006) como referência, assumo que, nesse estudo, a ação clínica está sendo compreendida “como possibilidade de intervenção do psicólogo implicado no movimento de experiência do cliente” (p.205), e ainda “como espaço aberto, condição de possibilidade para a emergência de uma transformação não produzida, mas emergente em forma de reflexão, aqui compreendida como quebra do estabelecido e condição necessária para novo olhar poder emergir” (p.206). Nesse sentido, como então pensar a prática do psicólogo, considerando que emerge da implicação “no movimento de experiência do cliente”? Emerge como “presença” constitutiva das experiências do coexistir? Emerge como expressão viva da dimensão estética, a qual convida à criação de outro sentido para o que se escuta/narra? Estaria na ação clínica no viver cotidiano, uma possibilidade para se pensar essa prática?

Penso ser essa uma ação que, ao mesmo tempo em que questiona a sua própria prática, põe em questão a formação do psicólogo. Tiê me faz compreender que a demanda revelada no viver cotidiano, solicita outra ação, outra intervenção, enquanto a “efervescência científica” chama para um enquadramento dentro dos moldes do que tem

sido considerado científico. Por isso, deixo o seu depoimento como um convite a sairmos da forma(ção), e adentrarmos numa form(a)ção que possibilite uma ação clínica aberta ao inusitado, que é próprio do viver/existir:

Tiê – E a gente hoje... a gente já vê o resultado do sentido do nosso trabalho! Não que naquela época a gente não via! Mas a gente estava tão naquela efervescência da faculdade de... de científico, de que tinha que ser assim, que aí a gente ficava... eu ficava meio assim... sem saber como caminhar, pisando em ovos... E hoje não! Hoje a gente tem aquela segurança! Que o que a gente tem... faz... é Psicologia, é ciência e faz sentido! Eu acho que é o que é mais importante! A gente vê que faz sentido na vida dos nossos clientes!... e na nossa!

3.2.5 Sustentando-se na tensão de ser nome-ação...

Na escrita de cada subitem, retomo todo o tempo as narrativas apresentadas no capítulo dois e vou vivenciando, através dos depoimentos, cada história contada para, então, recolher os fragmentos com que dialogo nessa tematização. Vou-me dando conta de que é preciso caminhar com os depoimentos dos participantes-colaboradores e do meu diário de bordo, para atravessar o meu olhar com outros olhares e compreender como a história narrada espreita uma ação clínica, uma prática psicológica, ainda sem nomeação. Nesse sentido, vou vendo que uma possibilidade para dar prosseguimento, é narrar algumas singularidades da ação clínica no viver cotidiano, no Morro Bom Jesus.

Retomo, então, os depoimentos que apresentam os clientes e os lugares em que essa ação acontece:

Tiê – Os clientes são aquelas pessoas que estão naquela família... [...] no caso de senhor Lírio [...] a gente acompanhou toda aquela família! Quem chegasse era atendido! E muitas vezes chegava o filho que estava na escola, o vizinho, a família...

Mainá – Todos os que chegam quando a gente está atendendo podem entrar na roda! [...] Quem passa pelo local onde está acontecendo o acompanhamento!

Tiê – Muitas vezes entravam, sentavam onde a gente estava e nem falavam! Mas já participavam de alguma forma! E muitas vezes chegavam e falavam! Já davam uma opinião sobre aquela história... já falavam sobre si!

Acauã – [...] ou o outro chegar e... você estar ali inclinada totalmente para alguém e alguém que já faz parte da nossa convivência e dizer... ... “Aqui tem espaço pra eu também falar aqui, agora...? Eu quero falar!” [...] Aí você tem um... a gente chama de manejo, mas de lidar com o imprevisto mesmo!! De ter que sair desse encontro que é com o outro e envolver todo mundo num mesmo!!... [...] O que era um já passa a ser dois, já passa a ser três... como era na casa de senhor Lírio!

Vejo que, nas andanças pelo espaço coletivamente habitado, os clientes vão chegando e vão entrando na roda, sendo, então, todos aqueles que se disponibilizam a

contar sua história numa conversa com a psicóloga, sendo essa muitas vezes acompanhada por outros transeuntes e moradores do Morro. Nesse modo de inserir-se no acontecer da ação clínica no viver cotidiano, a psicóloga não tem um conhecimento prévio de quem vai ser o cliente naquele atendimento, muito menos de quantos serão os clientes, não havendo, também, como antever a modalidade de prática psicológica, da qual lançará mão, uma vez que esta se apresenta de acordo com a demanda. O inusitado/inesperado é presença constante, podendo ser o cliente todos aqueles que participam da situação cotidiana:

Meu Diário - [...] A mãe conta que a filha vai tocar em Agrestina, pelo Projeto Social que tem no Morro. Estão muito felizes. Este é o sentido de Acauã precisar entrar na casa: revelar a conquista de sua filha. Vejo que no viver cotidiano, as novas histórias são contadas pela importância, também, de contar as conquistas. [...] a conquista tocava a mãe, a avó, o tio, a família de modo tão profundo, que precisava ser anunciado e queriam anunciar. E pergunto-me se a *práxis* do psicólogo tem se inclinado aos sabores da vida, no encontro clínico. Será esse inclinar-se as “coisas simples” do dia a dia que possibilita acompanhar o outro no viver cotidiano?

Mainá – [...] às vezes não chega só o sofrimento para você escutar! Psicologia? Vai falar só sobre sofrimento! [...] E falar sobre festa! “Vamos comemorar!?” o aniversário de senhor Cravo, de senhor Cláudio!... a gente está lá para escutar também sobre coisas boas, sobre coisas que eles gostam de falar!

Algo nesses depoimentos me chama a atenção. A psicóloga, no viver cotidiano, quebra com o olhar de que a Psicologia Clínica está voltada eminentemente, para o sofrimento humano? O sofrimento é um acontecimento que pode solicitar a presença do psicólogo. Mas, no viver cotidiano, o acontecimento como o aniversário ou uma conquista podem ser, também, demandas para uma intervenção da psicóloga. Outro aspecto que me chama a atenção é que a narrativa da história se dá em coparticipação. Como afirma Critelli (2012), “[...] toda história pessoal só é possível em meio aos outros. A condição humana fundamental da vida pessoal é a pluralidade.” (p.96). Os clientes, assim, são todos aqueles que estão presentes no momento em que a psicóloga passa e para, inclinando-se a escutar, na disposição de estar com-o-outro:

Acauã – [...] Esta ação é de estar com eles! Estar com... tem o sentido de ser presente! É estar presente naquele momento ali, com o outro! E esta presença!!... o quanto revela coisas de vida dele! [...]

Tiê – Eu acho que o acolhimento tá muito ligado à disponibilidade!!... a estar disponível para o que aquele outro trazer!!... o que ele precisar! Se ele tiver sofrendo... a gente acolhe o sofrimento dele! Se ele tiver feliz!... a gente acolhe a felicidade também. O acolhimento se dá pelos acontecimentos da vida! Independente de ser... eu vou pro

psicólogo porque estou doente!!... ou eu vou pro psicólogo porque eu estou com problema!!... estou doido!!...

Acauã – É o cotidiano que ele apresenta!... e que a gente acolhe naquele momento! [...]

Mainá – A gente diz da nossa disponibilidade da escuta naquele local! [...] É esta disponibilidade que a gente informa as pessoas e quando eles querem... eles vão lá...

Acauã – E na andança mesmo pelo bairro, a gente sai dizendo da disponibilidade do profissional de estar lá... nesse dia! [...] Eu vejo também, uma importância muito grande deste estar com, de estar ali naquele momento!... ele percebe a importância disso e ainda divulga para outros vizinhos!

Essas narrativas me suscitam algumas questões: ao falarem de disponibilidade e acolhimento, estariam as psicólogas-colaboradoras apontando para um acompanhamento psicológico pela via da disposição de abertura ao outro? Está no se inclinar a estar com o outro nos acontecimentos cotidianos, uma singularidade dessa ação clínica? Para Heidegger (2002a),

O que indicamos *ontologicamente* com o termo disposição é *onticamente*, o mais conhecido e o mais cotidiano a saber, o humor, o estado de humor. Antes de qualquer psicologia dos humores, ainda bastante primitiva, trata-se de ver este fenômeno como um existencial [...]. (p.188, grifos do autor).

Nessa direção, a disposição então se manifesta numa tonalidade afetiva, constituindo-se como um modo de ser da abertura do ser-no-mundo. Os depoimentos acima me levam a compreender, também, que há um entrelace entre a disposição do psicólogo em acompanhar o cliente e a atitude de se pôr em andança, como um modo de ser psicólogo no viver cotidiano. Assim, há uma revelação de possíveis modos de encontro entre clientes e psicólogas:

Violeta – A minha irmã era atendida em casa e na Praça! Aí depois que a minha irmã faleceu, foi que eu fiquei tendo acompanhamento [...] Quando a minha irmã adoeceu, foi Nino quem levou a psicóloga até a minha irmã! Teve também doutor Abel, o médico do posto que falou de Acauã! [...] Eu me comunico por telefone!

Margarida – Eu sempre encontro ela nos cantos, nos lugares do bairro, na comunidade que a gente convive... eu encontro ela andando pelo Morro! Encontro e já converso! [...] Às vezes tem gente que vem procurar a gente, pra a gente procurar ela!

Violeta – Procurar ela pra poder já passar uma pessoa para ela atender!

Hortência – Pra mim é... eu não sabia que tinha este atendimento porque eu morava em outro bairro [...] Só soube quando eu vim morar aqui, porque uma pessoa me indicou! Foi Nino quem me apresentou a Psicologia no Morro! [...] Outro dia eu fui atrás da psicóloga! Quando passou pelas ruas... eu vi ela e fui atrás!

A partir desses depoimentos reveladores do modo como se dá o encontro entre psicólogas e clientes no Morro, lembro-me de uma narrativa do meu diário de bordo:

Meu Diário - Não fui hoje para o Morro, pois Acauã liga avisando que está chovendo muito e não dá para transitar pelo Morro. Fico a pensar: como os clientes ficam sabendo que a psicóloga não vai? Lembro que em 2013 uma moradora, dona de um bar, ofereceu o espaço para o acompanhamento, caso chovesse, porque o Bar não abria de manhã.

[...]

Na semana seguinte, pergunto a Acauã como ela faz para avisar que não vai. Ela me disse que usa o fone com alguns e eles fazem a rede e/ou coloca inbox no facebook para outros. Fico pensando nesse modo de comunicação e o que me chama atenção é a rede que os clientes/moradores criam para comunicarem a ausência e/ou presença da psicóloga. É uma comunicação coparticipava. Eles se tornam corresponsáveis pela divulgação entre eles.

Paro diante destas narrativas e vejo que elas me fazem pensar no modo como o contrato vai sendo construído na ação clínica no viver cotidiano do Morro. O modo de tratar com-o-outro o acontecer do acompanhamento psicológico revela singularidades de como a rede vai sendo tecida entre moradores para divulgação do trabalho, bem como para comunicar mudanças inesperadas, como a ausência devido à chuva. A corresponsabilidade se mostra presente, me levando a ver que,

Os outros com os quais vivemos não são apenas nossos espectadores e, portanto, testemunhas de que somos e de quem somos. Eles constituem e sustentam, junto conosco, o que chamamos de realidade. [...] O que chamamos de realidade, ou existência, portanto, brota do fato de os homens existirem em conjunto e só se sustenta enquanto eles se mantiverem associados. (Critelli, 2012, p.96-97).

Penso que faz todo o sentido tal modo de composição do contrato de trabalho, ao compreender o homem como ser-no-mundo-com-outros. Além disso, nesse modo de ser coexistente, haverá constantemente uma exposição mútua que acontecerá independente da vontade, uma vez que ser é aparecer (Camasmie, 2014). Tal modo de ser do humano me leva a compreender que aqui pode residir uma abertura para olhar a questão do sigilo na ação clínica, no viver cotidiano. Esse não pode ser visto fora desse contexto da coexistência e, nesse, não há como um ser não aparecer em presença de um outro, mesmo que seja pelo encobrimento.

Lembro que sempre me refiro às minhas experiências como participante e profissional de grupo, quando se fala de sigilo na Psicologia. Foi nesse cenário que compreendi que o sigilo se mostra na atitude de compartilhar experiências, acompanhada de uma corresponsabilidade, de um responsabilizar-se contínuo que Heidegger (2002a) chamou de cuidado. Então, o sigilo não acontece como uma norma, mas pela ação clínica no viver cotidiano ser marcada pela experiência da convivência compartilhada, que chama a presença de uma atitude ética. Como diria Duarte (2013),

Não se trata propriamente de amor, mas de acolhimento amistoso [...]. Se Heidegger não elaborou uma ética, nem por isto seu pensamento tornou-se cego para a alteridade e para o cuidado do outro. Pelo contrário, Heidegger nos mostra que, no resguardo de nossa precariedade constitutiva, o cuidado de si é também um cuidado do outro. (p.69)

Por esta vertente, o sigilo pode ser compreendido como uma atitude que recolhe o que lhe é revelado no encontro com-outros e pela via do cuidado de si, como cuidado do outro, há possibilidade da alteridade se fazer presente. Nesse reconhecimento do outro, como um outro distinto, atrelado ao cuidado, o sigilo se manifesta e o contrato se faz de forma coparticipativa, como é possível ver nas narrativas abaixo:

Acauã – O cliente diz quando quer ser escutado! E quando ele não quer... também ele diz!

Tiê – [...] não tem um tempo determinado... é o tempo necessário para ele pensar sobre as próprias questões! [...] No Morro é o tempo que ele precisa ali e o tempo que a gente também, tem disponível para ele! [...] É quando ele quer e quando ele tem a disponibilidade de falar sobre isso... de refletir! Quando ele não quer ele diz e pronto!

Mainá – O aguardar se faz presente neste trabalho! É!... é ele quem conduz... quem tem seu tempo de refletir com a gente! [...] tinha alguns que chegavam na Praça, ficavam um tempinho e... eu vou ali... daqui a pouco eu volto! Aí era o tempo que ele ia ficar ali e que ele sentia que queria ficar... depois eles voltavam para o encontro novamente!

Acauã – [...] E quando a gente se apresenta, se disponibiliza para o encontro, às vezes eles dizem... “Não! Hoje eu não quero não! Hoje eu não vou falar não! Outro dia a gente fala!”

Tiê – [...] E o outro tem autonomia! Ele está aqui agora e se ele quiser levantar e ir embora... qual é o problema? Ele vai dizer... “Não! Agora eu não quero não!!... mas tem aquele vizinho... ele vem!!... eu vou sair agora porque eu vou embora!” [...]

Mainá – [...] Agora a gente tem um horário que a gente está disponível lá... e eles sabem que a gente está lá naquele dia!... naquele horário! [...] Eles vão chegando [...] às vezes a gente chega lá e eles já estão!... [...] Eu acho que a nossa ação é uma ação de cuidado, de atenção com aquele outro que está ali com a gente [...] de poder parar um pouco e ser alguém que está ali, disponível para escutar [...] Sem aconselhar!... sem julgar!... mas para acolher!... pra compreender qual o sentido que ele traz e poder de alguma forma acompanhá-lo na revelação deste sentido!

Tiê– [...] nossa ação é acolhimento!... cuidado!... reflexão!... transformação!

Acauã – O cuidado com certeza!!... eu vejo que é o carro chefe dessa ação, sabe? O cuidado!... a atenção!... a disponibilidade!... a reflexão!... são coisas que são fundamentais no encontro!

Tiê – É possibilitar a apropriação da vida! Porque no momento em que ele se apropria daquela realidade da vida, ele vai encontrar vários caminhos!

Acauã – [...] reflexão... meditando sobre aquela afetação que ele me provocou e que eu provoquei nele! E aí a gente passa a meditar sobre aquela afetação, aquela situação, aquela ação... É por esta via que se dá! [...]

Pesquisadora – *Qual o sentido de meditação para você?*

Acauã – Questionar sobre a atitude... sobre aquilo que está ressoando em cada um da gente! [...] É um pensamento que questiona, que olha pra a atitude e que provoca algo! Esse meditar... é refletir sobre a atitude... mas em ação!

Os depoimentos continuam contando como o con-trato, o modo de tratar com- outros o acordo de convivência entre psicóloga e clientes vai sendo construído a cada encontro. Mas fico instigada, também, a olhar para o modo como o cliente vai regendo com as psicólogas o tempo para ser escutado e vou compreendendo que o tempo de atendimento se mostra aberto, aguardando o tempo da reflexão, como nos conta Mainá: “O aguardar se faz presente neste trabalho!” ou nas palavras de Acauã, “Esse meditar... é refletir sobre a atitude... mas em ação!”.

Sou provocada pelos depoimentos no sentido de que fica explícita a clínica do cuidado presente no viver cotidiano; mas, ao mesmo tempo, vejo, em alguns depoimentos, a referência à reflexão/meditação. E a provocação se faz questão: será que a ação clínica como serenidade já não coexiste com a ação clínica do cuidado nesse transitar no viver cotidiano, pela via do “meditar em ação”?

Ao me referir à serenidade, estou falando da atitude que Heidegger (2000) aludia ao debater sobre as duas possibilidades de manifestação do pensamento humano: o pensamento calculante e o pensamento que medita. A atitude de serenidade diz ao mesmo tempo sim, para a irremediável utilização da técnica moderna, e não, para o uso veloz da técnica, lançando um olhar compreensivo. Assim, respectivamente o sim, acolhe o pensamento calculante e, o não, acentua uma dimensão reflexiva e meditativa do pensamento. Nas palavras de Heidegger (2000), “Podemos dizer ‘sim’ à utilização inevitável dos objetos técnicos e podemos, ao mesmo tempo, dizer ‘não’, impedindo que nos absorvam e, desse modo, verguem, confundam e, por fim, esgotem a nossa natureza (*Wesen*).” (p. 23-24, aspas e grifos do autor). De acordo com Sá (2009),

A serenidade é um modo livre e aberto ao mistério. [...] sugerimos que além da disposição afetiva da angústia, a serenidade também poderia ser pensada como uma disposição privilegiada para a experiência do ser-o-aí humano em seu modo mais próprio e singular. [...] pensamos que a partir da serenidade é possível dizer, simultaneamente, sim e não às identificações do impessoal. É possível dizer sim, porque o mundo das ocupações cotidianas é visto como um horizonte do desvelamento de sentido, não sendo o caso de negá-lo reativamente em nome de alguma outra suposta verdade. Ao mesmo tempo, é possível dizer não porque fazemos a experiência de que o poder deste horizonte não lhe é inerente, mas dependente de uma dinâmica de originação que o ultrapassa. (p.84).

Penso que, por esse olhar, a serenidade se faz presente na ação clínica no viver cotidiano. O mundo das ocupações se apresenta na acontecência da ação clínica no viver cotidiano, é recolhido pelas psicólogas para então, simultaneamente, buscar lidar com aquilo que está a emergir a partir da reflexão e da abertura ao poder-ser. Retomando a

narrativa de Acauã, continuo a pensar: refletir em ação seria o acontecer do pensamento que medita? Por outro lado, essa reflexão em ação possibilitaria, também, o acontecer da fusão de horizontes? Um vai e vem de questões sentidas, compreendidas e trocadas entre psicóloga e cliente? Compreendendo que a fusão de horizontes pressupõe conversação, diálogo, penso que na escuta/narrativa que se dá entre psicólogas e clientes, preconceções podem ser postas em questão, ocorrendo a possibilidade de algo novo surgir. Ou seja, dois ou mais horizontes históricos compreensivos podem-se fundir dialogicamente, podendo coconstruir algo novo (Gadamer, 2010).

Fico refletindo: nessa ação clínica o se pôr em andança, caminhando com o outro, não tem apenas o sentido do andar por entre espaços, mas também o caminhar com o outro compondo em coparticipação um modo de acontecer a ação clínica no viver cotidiano. Nessa vertente, volto-me para as narrativas:

Tiê – Este caminhar ao lado do outro é singular... [...] Não só deste momento, mas da prática do que a gente está fazendo!

Pesquisadora – *Como assim? O que é singular dessa prática que vocês estão fazendo?*

Tiê – É o transitar neste cotidiano!

Mainá – [...] o lugar onde a gente se encontra, o modo como a gente se disponibiliza junto a estas pessoas também é singular, e o escutar o que esta pessoa traz naquele momento! Este cotidiano mesmo! E como a gente se encontra neste cotidiano!

Acauã – [...] este trabalho se dá também com os estagiários e extensionistas... e também a gente faz um trabalho de rede, a gente faz os encaminhamentos necessários para um trabalho junto à psiquiatria, junto à rede de saúde, o médico clínico geral! [...] É pertinente, quando a gente vê que a Psicologia sozinha não dá conta... [...] ir com esta pessoa até um ambulatório, ir com esta pessoa até um posto de saúde, o CRAS, então assim... a gente trabalha num sistema de rede! [...]

Tiê – [...] Pois não é só encaminhar!... acompanhar também! [...] Agora, é muito difícil! [...] Por conta da própria demanda mesmo, dos serviços! [...] de não se dar continuidade a esses acompanhamentos! [...]

Lírio – Eu acho um trabalho importante!... porque ali no Morro destrói a vida de muitas pessoa! [...] O trabalho com a psicóloga me ajudou a ir pro AA, a deixar de beber... me acompanhar até as palestras no AA foi muito importante ela me acompanhar tudo de perto! [...] Tiê me acompanhou até o AA, assistia as palestras e aí conversava comigo! [...] eu vendo a minha vida, que não era pra se desesperar... [...] que tinha que tomar um outro caminho, eu tinha que cuidar de mim e da minha família [...]

Mainá – [...] Eu acho que a supervisão tem o lugar neste trabalho de... de acolher a gente... e também de... estar lá... junto da gente naquele momento!

Tiê – A presença da supervisora *in loco* tem o sentido para mim... de cuidado também com o profissional!

Mainá – É refletir sobre a nossa prática! [...]

Acauã – O que eu acho interessante, é a oportunidade que a gente tem de discutir ali, de falar sobre... o caso acontecendo assim... esse momento de troca, ali mesmo! E de cuidado e atenção a este profissional!

O que me toca nessas narrativas é que esse caminhar com-o-outro não se restringe ao cliente, mas estende-se para um trabalho com redes e para a supervisão profissional. Em se tratando do trabalho com redes, esse não se reduz ao encaminhamento, mas amplia-se para o acompanhamento em rede. Isso requer da psicóloga estender o seu olhar para os fazeres de diversos outros profissionais. Lírio vai deixando explícito o modo desse acompanhamento em rede acontecer. Além disso, chama-me a atenção, na narrativa de Lírio, que ele se apropria de que ele é o cuidado, ele é responsável pelo que ele vai fazer. Vale ressaltar que o trabalho com redes se faz pela via da corresponsabilidade, da horizontalidade em relação ao poder e o caminho para o acontecer do trabalho com redes é o diálogo (Dimenstein & Bezerra, 2008). Saliento ainda, a compreensão sobre rede, neste estudo:

Entendemos rede a partir de Guimarães Rosa (1985), no prefácio I de Tutameia: rede são buracos atados por fios. Transportando este conceito de rede para a nossa realidade, os buracos seriam correspondentes à ausência de algo em determinada instituição. Porém não consideramos este ‘buraco’ como falta nem como vazio irrecuperável, mas sim como abertura de possibilidades e comunicação, uma vez que, pelo contato entre as instituições, seria possível a criação de outros modos de ação para contemplar um melhor atendimento à comunidade. Os fios que atam a rede seriam as interligações entre as instituições parceiras e, conseqüentemente, o caminho que seus atores sociais e clientes poderiam percorrer sempre que se fizessem necessário. (Chohfi, Rezende, Oushiro, Lermes, Rostworowski & Morato, 2013, p.422-423, aspas dos autores).

Isto posto, é no diálogo com instituições presentes no Morro bom Jesus, que as psicólogas vão buscando modos de acompanhar o cliente, podendo, em coparticipação, encontrar uma melhor atenção de cuidado à comunidade.

Em se tratando da supervisão, ela se mostra como um espaço de cuidado *in loco* do profissional. Parece-me que faz todo o sentido esse modo de supervisão, uma vez que, do mesmo modo que o psicólogo está presente nas acontecências do viver cotidiano com o cliente, o supervisor também encontra-se presente, aguardando ser solicitado pelo psicólogo em seu fazer de ofício. A supervisão é vista como

um espaço narrativo continente para a expressão de questionamentos teóricos, práticos, bem como de possibilidade de escuta para emoções e sentimentos levantados na situação de atendimento, que se configura o contato e o reconhecimento por parte do aluno com a constelação e o significado da experiência humana (seja a sua própria, a do outro e a da relação do ser com o mundo). (Morato, 1996, p.95).

Por essa ótica, a supervisão pode ser compreendida como um espaço de cuidado com o profissional, um lugar em que a partir do compartilhar de sua narrativa se vai construindo uma compreensão para que o profissional leve adiante o atendimento que está sendo realizado, a partir do seu próprio jeito de ser psicólogo.

Na singularidade de uma ação clínica aqui proposta, realçada na atitude de transitar com-o-outro no cotidiano, deparo-me com diversos contextos em que a ação clínica no viver cotidiano acontece:

Tiê – [...] pra gente no Morro, o *setting* é aquele espaço ali todo! E assim... o cuidado é com aquelas pessoas! [...]

Acauã – [...] Não é o *setting*! É o espaço! Espaço de convivência! [...] A clínica lá no Morro... é do que vai acontecendo ali... na hora! Que a gente não está pronta pra aquilo ali! [...]

Tiê – [...] É muito diferente! São muitas outras questões envolvidas! Não é só aquela pessoa... são várias pessoas, é o contexto social, é o lugar que a gente está...

Mainá – Eu acho que é diferenciado também pelo espaço que a gente se encontra! [...] Não ser uma coisa que... é aquela psicoterapia marcada, que você vai lá numa sala... é numa Praça, numa rua, numa calçada... eu acho que é diferenciado por isso!

Pesquisadora – *Pelos locais de atendimento seria uma ação diferenciada?*

Tiê – Não! O que está se falando é que a nossa ação como psicólogas é onde quer que o cliente esteja... mas o lugar pouco importa! O que importa é ele ali no viver cotidiano, onde quer que ele esteja!

Esses depoimentos me fazem refletir sobre o quanto a ação clínica no viver cotidiano se mostra de tal modo singular, inovadora, apresentando-se como ruptura de um *setting* amplamente definido durante a formação, ao revelar que, no *setting* clássico, as psicólogas não conseguiriam movimentar-se na amplitude que o cliente solicita na ação clínica no viver cotidiano. Assim, penso o quanto ainda é embrionário e ao mesmo tempo inaugural a tentativa de construir outro sentido para essa ação clínica, diante do inusitado, do novo. Retomo a narrativa de Tiê, e me volto para a seguinte expressão: “é onde quer que o cliente esteja...”. Tal afirmativa me leva a pensar que, para ir encontrar o cliente onde ele estiver, é preciso caminhar e, nessa atitude, constrói-se um *setting* para o acontecer da ação clínica. Logo, o *setting* se faz outro, sendo uma ação clínica que não acontece em um *setting* específico, mas em qualquer “canto de encontro na rua”.

Ainda nas narrativas, chama-me a atenção o *setting* ser apresentado como “Espaço de convivência!”. Nessa direção, posso compreender que, na ação clínica no viver cotidiano, todo espaço de convivência se faz possibilidade para o acontecer da atenção psicológica. Posso pensar num espaço acontecimental? Pensando o

acontecimento como um surgir que rompe, o espaço acontecimental pode ser compreendido como um lugar de acontecências possíveis, o qual se mantém a partir de um esforço para sustentar as tensões advindas das questões suscitadas, até a possibilidade de algo novo acontecer ou de algo se romper definitivamente. A partir dessa compreensão, indago: quais os espaços de convivência presentes no Morro em que acontece a ação clínica no viver cotidiano? Retomo as narrativas, em vista da questão levantada:

Tiê – Na casa dele ou muitas vezes ele estava na porta e a gente passava... e ali a gente ficava na porta ou ele chamava a gente para entrar... ou na Praça também... a gente já atendeu nas escadarias, em todos os lugares!

Mainá - [...] ia passando pelas ruas, pelas casas e o atendimento era ali!... as vezes na calçada... [...] Às vezes a gente nem entrava na casa da pessoa [...]

Hortência – Meus atendimentos sempre foi na Praça e na igreja na frente da Praça, também na calçada! Na Praça é o melhor lugar ali! Menos agitado... na Praça do Centenário, por causa das árvores, sombra... [...] Favorece muito ser atendida num ambiente assim! [...] Ser atendida na Praça me ajuda muito! O próprio local! [...] lá na minha casa não tinha condição porque é muito movimentada, e eu precisava de silêncio!... porque também eu queria segredo... [...] Até porque se fosse lá em casa e chegasse qualquer pessoa, já ia tirar o foco! Eu acho que eu não ia conseguir continuar! E lá não! Foi super tranquilo na Praça! A Praça é um espaço para contar segredos!

Lírio – O meu acompanhamento sempre foi feito no bairro! Na Praça do Centenário elas iam pa minha casa, atendiam eu e a minha mulher lá... [...] Eu achei que foi uma boa ideia! De casa pra Praça! Porque também ela não tinha capacidade de ir pra casa de todo mundo! Entendeu agora? Então quando é o dia, todo mundo vai tal dia na Praça, tem mais espaço para todo mundo poder ficar...

Psicólogas e clientes colaboradores vão revelando alguns dos espaços de convivência em que a ação clínica no viver cotidiano acontece: na Praça, nas ruas, nas casas, na porta da casa, nas calçadas, nas escadarias... Porém, vou compreendendo o quanto essa ação clínica no viver cotidiano solicita disposição e abertura para acompanhar o outro no inusitado do próprio viver. É preciso seguir o chamado do cliente e acompanhá-lo num “canto de convivência”, sendo esse um espaço acontecimental para a conversa acontecer. Será que vai se desvelando a impossibilidade de uma padronização no modo da atenção psicológica acontecer, tão ressaltada nas narrativas? Estaria, aqui, mais uma singularidade dessa ação clínica no viver cotidiano?

Acauã – Nenhuma de nós estava no início do trabalho! [...] Bem... aquelas coisas que a gente aprende na faculdade... porque os textos que a gente lia eram voltados para o plantão! Então era dali que a gente pegava as coisas! [...] Só que... quando a gente se viu dentro da comunidade, a gente já começou a fazer outra coisa que não era mais plantão! [...] Foi assim... uma história antes junto com a arte do Hip Hop... começou pelo Hip

Hop no meio da rua, nas escadarias, em qualquer outro lugar da comunidade. Na Praça, o plantão depois da morte do sobrinho e aí volta as grafitagens de novo!

Sou provocada com essa afirmação: “Só que... quando a gente se viu dentro da comunidade, a gente já começou a fazer outra coisa que não era mais plantão!”. É uma provocação que me mobiliza a questionar: ao estar dentro da comunidade, a ação clínica no viver cotidiano é que guia a psicóloga a lançar mão de uma modalidade de prática psicológica? Em sendo assim, é possível nomear uma modalidade de prática própria para uma ação clínica no viver cotidiano? Questiono ainda: em espaços coletivamente habitados, há uma única modalidade de prática psicológica possível? Há a importância de uma atitude de abertura, de disposição para escutar o que aqueles clientes/habitantes pedem e demandam. É adentrando no viver cotidiano, naquele dia, naquela situação, é a partir de um acontecimento no viver cotidiano que a psicóloga pode se dar conta de qual modalidade de prática psicológica pode lançar mão para o acontecer da ação clínica? São os acontecimentos no viver cotidiano que apontam qual a modalidade de prática psicológica a ser vivenciada? Ou, por outro lado, as singularidades dessa ação clínica, apontam a existência de uma prática psicológica, mas que ainda não tem nomeação? Esses questionamentos levam-me às narrativas:

Acauã - [...] nessa conversa de hoje... eu tive esta compreensão que a gente começou com o plantão, passou a fazer algo diferente, hoje a gente tem mais propriedade desse fazer... mas que ainda a gente não sabe dizer o nome!

Tiê- Não dá nem pra nomear! [...] Porque na faculdade a gente teve aula sobre plantão, a gente começou a trabalhar com o plantão! Só que aí a gente foi vendo outras coisas que era além... começaram a acontecer! Ai chegou o ponto de a gente não ter como nomear! Mas aí a gente continuou a chamar de plantão!!

Acauã – É! Plantão a gente já conhece! E aí a insegurança de dar um nome... A gente faz, mas a gente não sabe dar um nome a isso! [...] o fazer que é bem maior dentro dessa cotidianidade... de estar ali partilhando desses momentos bem presentes que é a presença que se faz presente... aí a gente fala assim... “Como se daria um nome a isso? Teria que ter um nome?” Aí como o plantão é conhecido... aí bota o nome de plantão!

Mainá - [...] Realmente... a nossa prática lembra o plantão!... [...] Aquela coisa de acolher sem uma coisa predeterminada! Assim... quem chegar ali na Praça é acolhido naquele momento! [...] De estar disponível sem uma predeterminação!

Acauã – É a disponibilidade de estar ali, Suely! Prontidão!... disponibilidade!... esse inclinar pro outro!... em estar aberto!... plantão é isso pra mim! [...]

Tiê – [...] Tem outras modalidades que a gente também tem estas atitudes!

Pesquisadora – *Então... o que faz vocês afirmarem que seria plantão, se outras modalidades também têm essas atitudes?*

Tiê – Eu não sei!

Mainá – Eu acho que é o modo como a gente se coloca! [...]

Tiê – [...] você está disponível para acolher, para se inclinar, para cuidar! É um momento que ela vai até você! Sem estar marcado! Ela chega e você está lá... disponível pra ter este cuidado com ela!

Acauã – [...] eu já não percebo mais como plantão! [...] Mas essa atitude do que a gente está fazendo... da gente estar no cotidiano dele... fazendo parte desse cotidiano... já é uma coisa bem mais ampla do que o plantão... [...] essa forma de estar no cotidiano do outro... não é só apenas a vida privada! É a vida no contexto de convivência [...] A gente está dentro disso! A gente não está de fora vendo isto! A gente está dentro do movimento do cotidiano! Mas isto não é próprio do plantão. [...] O plantão está... disponível! Nesse outro modo de fazer, a gente está dentro... a gente faz parte do movimento do conviver! [...] O cliente nos chama a estar dentro do seu cotidiano! E não tem nada pronto! E aí faz com que a gente tenha novas criatividade para estar ali com o outro, naquele momento! Vai surgindo... e aí a gente sente que a gente não é mais uma coisa à parte... que a gente faz parte!

Meu Diário – [...] este trabalho requer de nós psicólogos, uma criatividade, uma busca por alternativas que, muitas vezes, não estão à mão, mas que podem ser construídas por nossas “mãos”, ou seja, pelo nosso movimento de dar forma a algo que se mostra, em determinados momentos, disforme. Será que, como psicólogas, aguardamos construir com o outro, modos de acompanhá-lo? Como muitas vezes é difícil abrir mão das técnicas, mesmo assumindo uma perspectiva de clínica inspirada na fenomenologia existencial! Conseguimos nos disponibilizar à abrir mão da tentativa de controlar o que se apresenta para nós, ou apenas “largamos mão” das modalidades de prática psicológica clássicas, na doce ilusão de que não nos agarramos em outras buscas de garantia de controle e eficiência? [...]

As minhas inquietações se ampliam cada vez mais diante das narrativas. Compreendo que a ausência de nomeação causa um titubeio em relação ao fazer de ofício das psicólogas. Inicialmente, por conhecerem o Plantão Psicológico, parecem ter uma certeza de que essa é a modalidade de prática de que lançam mão na ação clínica no viver cotidiano, ou seja, nomeiam a sua prática de Plantão Psicológico, devido aos seus estudos acadêmicos. Posteriormente, elas vão-se dando conta de que muitas das suas atitudes são também próprias de um plantonista, como disponibilidade, abertura. Considerando as atitudes, passam a compreender que a sua prática psicológica no viver cotidiano lembra o Plantão Psicológico. Mas fica a dúvida: será que é?

Entretanto, aos poucos, à medida que a conversação prossegue, as psicólogas-colaboradoras vão-se apropriando do seu fazer de ofício e, mesmo sem ter um “nome de batismo”, vão apontando algumas singularidades: Mainá diz: “Aquela coisa de acolher sem uma coisa predeterminada!”. Tiê continua: “você está disponível para acolher, para se inclinar, para cuidar! É um momento que ela vai até você! Sem estar marcado! Ela chega e você está lá... disponível pra ter este cuidado com ela!”. Acauã, finaliza: “A gente está dentro do movimento do cotidiano! [...] a gente faz parte do movimento do conviver! A gente está indo e vindo com o outro no contexto deste dia a dia!”. Nesses fragmentos, volta o destaque para a atitude fenomenológica, pois a ação clínica das psicólogas no viver cotidiano se mostra atravessada pela atitude de estar disponível ao outro, bem como pela abertura para lidar com o imprevisto/inusitado, o que não está

predeterminado, incluindo, inclusive, quem será o cliente e o não saber qual a modalidade de prática psicológica de que vai lançar mão. Além disso, a ação clínica volta-se para o cuidado e a inserção da psicóloga no viver cotidiano do cliente, ou seja, o conviver com o cliente na acontecência do viver cotidiano, o se pôr em andança com o cliente no viver cotidiano.

Considerando tal realidade, é importante ressaltar que a ação clínica é compreendida, nesse estudo, como a própria intervenção, estando ligada ao modo singular do psicólogo intervir, enquanto a prática psicológica se mostra como uma modalidade de intervenção. Nas palavras de Santos, Barreto e Morato (2014),

[...] é possível apontar que a ação clínica, enquanto intervenção propriamente dita do psicólogo está presente nas diversas modalidades de prática psicológica, a saber: psicoterapia, plantão psicológico, psicodiagnóstico interventivo/colaborativo, entre outras. Como também podemos acrescentar que pode ser encaminhada por diversas orientações teóricas/epistemológicas e/ou escolas psicológicas. (p.118).

Nessa perspectiva, o Plantão Psicológico ressaltado nas narrativas das psicólogas encontra-se entre as modalidades de prática psicológica que têm como orientação epistêmica a fenomenologia existencial. Embora não seja propósito desta tese debater sobre essa modalidade de prática psicológica, devido ao destaque dado nos depoimentos, vale dizer que Morato (2009a), referindo-se ao Plantão Psicológico, afirma que: “[...] o modo de agir constituiu-se no aproximar-se do fenômeno, partindo de mudança na clínica tradicional, direcionando-a para a coletividade, para o ser entre homens: ser em situação, contextualizado em uma cultura, num certo espaço, num determinado tempo.” (p.2). Por sua vez, Barreto (2009), enfatiza: “[...] o Plantão, por sua prontidão emergencial, acolhe a demanda de ajuda no momento em que ela se instala, podendo ampliar as possibilidades de compreensão dos demandantes [...] circunscritas à realidade socio-cultural da clientela atendida.” (p.5).

Tomando as duas autoras como referência, compreendo o titubeio das psicólogas pela aproximação que elas apontam entre o Plantão Psicológico e o seu fazer de ofício no Morro Bom Jesus. Entretanto, vou compreendendo também que, mesmo sem saber ainda nomear, as psicólogas vão sinalizando que tem algo de singular, como a inserção no movimento cotidiano, a atitude de se pôr em andança, bem como uma diversidade de modalidades de prática das quais se vem lançando mão:

Acauã – [...] o empoderamento junto às empresas! Ali também não era plantão! [...] Porque o psicólogo ali... nesse transitar de articulação com outros fora da comunidade para trazer para a comunidade... esse universo das empresas já é outra coisa! [...] era um momento que aparece a possibilidade que a empresa queria e que eles estavam disponíveis pra estar com a empresa que queria o serviço da grafiteagem nos tapumes de suas obras, e nós estávamos junto às pessoas que faziam isso artisticamente no cotidiano delas! Quem possibilitou o processo do encontro foi o psicólogo! [...] No processo do encontro surge o trabalho pra eles... [...] Com isto havia a disponibilidade da gente de ir até o encontro deles! [...]

Pesquisadora – *Seria esse se pôr em andança uma possibilidade de articulação entre uma Psicologia na Rua com a Arte de Rua?*

Acauã – Sim! [...] a partir da imagem que estava sendo grafitada... ele ia revelando o sentido daquela grafiteagem! [...] Eu pensava que estava trabalhando com o plantão! Mas eu não vejo mais como plantão! [...] Ali a gente está se apropriando da história que o outro revela através de uma grafiteagem! E aí não é mais plantão! Então já tem a grafiteagem, tem a história de vida, tem o cotidiano, tem os imprevistos, a cultura, a sociedade que está ali... o tempo todo nos vendo e participando... [...] eles sempre trouxeram a marca dessa coisa política! [...] é uma forma de contestar e ele trazia isto em sua fala! De mostrar pra sociedade! É como se eles estivessem imprimindo naquela grafiteagem... para que a sociedade visse o poder político que eles tinham, que eles têm! [...] Ali... o pensamento deles, a ideia deles... a impressão deles! O que está tatuado neles, é impresso ali... naquela parede... como imagem! A história deles impressa ali... naquela imagem grafitada!

Ainda não está claro o que faz Acauã afirmar que não trabalha com o Plantão Psicológico quando está intervindo via grafiteagem. Como essa psicóloga percebe aquilo que faz, com quem faz, do jeito que faz? Frente à falta de clareza, surgem algumas questões. Será a grafiteagem? Será o modo de intervir em coparticipação com outros “curiosos” em ver a grafiteagem? Será a interseção com a arte/cultura? Mas algo se imprime em sua narrativa – a marca viva das dimensões ética, política, estética e educativa coexistindo na ação clínica no viver cotidiano. Em minhas indagações, a partir da narrativa de Acauã, surge uma abertura para que eu possa pensar que a ação clínica no viver cotidiano se faz atravessada para além da história de vida do cliente, mas em coexistência com uma ação política, ética, cultural, estética e educativa. Estaria aqui uma singularidade dessa ação clínica chamando outra modalidade de prática psicológica, que não o Plantão Psicológico? Mas qual seria? Essas indagações me levam às narrativas:

Tiê – Fazemos algo diferente! Eu acho que a gente já falou um monte de coisa que é diferente! Coisas que a gente nem consegue nomear! Este trabalho tem muitos desdobramentos!

Acauã – [...] será que a gente chega a um nome? Ou tem que chegar? [...] A gente sabe como faz! Mas não sabe nomear! [...] Porque o plantão, ele está ali disponível... o outro chega e coloca! [...] a gente está imersa no cotidiano do outro! Veja a diferença! [...]

Tiê – E que é uma coisa que precisa ter nome!!... porque tem um impacto clínico e social muito grande!! E eu acho que precisa ser disseminado para que outros psicólogos conheçam isso também! Porque assim... a transformação que esta prática tem possibilitado... o impacto que isto tem tido na vida das pessoas e da comunidade é algo que tem sido extremamente significativo! [...] Social no sentido de empoderamento deles, para que eles muitas vezes saiam até daquela situação da pobreza! Tipo assim... se dar conta de que tem possibilidades de mudança, tem saídas para aquela pobreza [...] A informação também tem um impacto social de conhecimento dos direitos... isto também é importante, é um outro impacto! Clínico [...] é no sentido de transformação e mudança mesmo dessas pessoas! Mudança de vida...

Mainá – Acho que é uma mudança clínica e social! Clínica da atenção... dele se apropriar do que acontece com ele e tomar uma atitude de cuidar desse aspecto da sua vida... e social dele se dá conta que pode habitar esses espaços públicos!

Acauã – O impacto é que ele amplia a visão de que a Psicologia não está na questão da psicopatologia, ela vai além disso! Ela vai pro cotidiano das pessoas e aí é trabalhar em cima da vida da pessoa! E aí... isso é o grande impacto! Trabalhar com a vida da pessoa!

Será que haverá uma nomeação? As psicólogas-colaboradoras assinalam a importância de uma nomeação pelas ressonâncias que o trabalho vem tendo na vida dos clientes e da comunidade. Nesse momento, independente de ser nomeada, dá-se a ver um fazer outro como ação clínica. Entretanto, buscar nomeá-lo poderia dizer algo a mais do que se revelou? Como sustentar-se na tensão da possibilidade de ser nomeação⁵⁰?

⁵⁰ No sentido de que não se sabe *a priori* a modalidade de prática psicológica que se lançará mão. Como nome-ação revela que a modalidade de prática psicológica será escolhida e/ou criada em ação e na ação com-outros.

*Não sabia por caminho tomar
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.
Assim tem sido sempre a minha vida e,
Assim quero que possa ser sempre –
Vou onde o vento me leva e não me
Sinto pensar.*

Alberto Caeiro - Caeiro in Pessoa, 2008, p. 160

4 PREPARANDO O TERRENO E COMPREENDENDO A MARCHA: POR ENTRE-LINHAS

4.1 Por entre-linhas⁵¹... algumas elucid(a)ções

Assim como já enunciado desde a introdução, o caminho assumido para interpretação dos fenômenos des-velados nessa tese recorre aos pressupostos hermenêuticos existenciais enquanto orientações possíveis para questionar como ocorre a ação clínica no viver cotidiano. Perante tal escolha, neste capítulo, lanço-me numa trajetória a fim de elucidar o “terreno” epistemológico e os possíveis contornos compreensivos que possibilitaram pensar/questionar a ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados. Desse modo, é importante compreender a “marcha” que se constituiu por entre-linhas, através das quais se inscrevem os pressupostos da Analítica Existencial de Heidegger e a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, bem como um modo próprio de reconhecimento daqueles que participam do encontro clínico. Entretanto, é sabido que as investigações, no campo da pesquisa, abrigam diferentes caminhos de acordo com as premissas ou os pressupostos que as orientam.

No caminhar desta tese em que me deixo ser levada/guiada por onde a questão-bússola aponta possível direção, uma reflexão se mostra presente, provocando-me a seguinte interrogação: como compor uma relação com a Psicologia como ciência, a qual é construída a partir de premissas positivistas e ancorada no paradigma biomédico, com uma ação clínica no viver cotidiano?

Tal questão me leva a realçar que o modelo hegemônico de ciência da natureza da modernidade encontra-se enraizado em premissas do saber teórico-explicativo, premissas essas que buscam uma generalização, universalização do que se constitui seu objeto de estudo. De acordo com Ferrater Moro (2004a, p.2356), “As premissas são os antecedentes do raciocínio que dão lugar ao conseqüente ou conclusão”. Nesse sentido, a maioria das teorias e a prática da Psicologia como ciência moderna, principalmente as de matrizes positivistas, partem de premissas teórico-normativas, as quais, derivando de um método reconhecidamente científico, apontam para o fazer técnico de um psicólogo

⁵¹ Entre-linhas no sentido de que os fenômenos revelam-se nessa tese por entre-linhas percorridas em andança, por entre-linhas mostradas na escrita, ao mesmo tempo que encobertas por essa mesma escrita co-construída com-outros.

conhecedor de um saber que enfatiza uma perspectiva descritiva e curativa, através da qual “pode” esclarecer, tratar, solucionar, responder à demanda do cliente, num desdobramento que toma o âmbito da lógica formal como parte fundante da conclusão, na direção de tentar apresentar um “diagnóstico” da existência humana.

Conforme Figueiredo (1991), esse projeto epistemológico moderno é marcado pelas matrizes científicas as quais adotam o modelo das ciências naturais, por assumirem a existência de uma “verdade” a ser confirmada pelo método científico e a crença na universalidade e na objetividade. Importa também ressaltar a presença de outras matrizes como as românticas e pós-românticas que enfatizam a singularidade do humano, privilegiam a experiência e procuram outros aportes científicos que as legitimem. A Psicologia abriga, então, uma pluralidade de olhares teórico-metodológicos, tornando-se um espaço de dispersão do pensar e do fazer psicológico.

Diante dessas várias PsicoLOGIAS, faz-se necessário trazer à luz uma trilha apontada por Heidegger (2000), ao ressaltar a necessidade de questionar os procedimentos técnicos oriundos das ciências, quando:

Deixamos os objetos técnicos entrar em nosso mundo cotidiano e ao mesmo tempo deixamo-lo fora, isto é deixamo-los repousar em si mesmos como coisas que não são algo de absoluto, mas que dependem delas próprias de algo superior. (p. 24).

Tal questionamento pode ser encontrado na perspectiva fenomenológica existencial que anuncia outra possibilidade para a compreensão de um fenômeno a partir de pressupostos como indicativos formais, que são tomados como pontos de partida para olhar o fenômeno em sua singularidade, buscando nutrir fios mais flexíveis para acompanhá-lo numa atitude hermenêutica. Segundo Moro (2004b), o pressuposto pode ser tomado no mesmo sentido que o termo “suposto”, e este pode referir-se a “aquilo que se supõe que pode responder um nome. E como um mesmo nome pode responder a vários modos significativos, pode ter diversas suposições” (p. 2797). Nessa ótica, um fenômeno a ser compreendido pode ser visto com várias facetas, delineadas pela mobilidade nos modos de se referir ao mesmo. A indicação ou indício formal é uma noção introduzida por Heidegger que assinala para o termo “caminho”:

Nós chamamos a ‘indicação formal’ o uso metódico de um sentido condutor para a explicação fenomenológica. Os fenômenos são visualizados em ligação com aquilo que o sentido formal indicativo traz em si [...] O problema da ‘indicação formal’ pertence à

teoria do método fenomenológico mesmo [...]. (Heidegger⁵² 1995, p. 55, aspas do autor apud Sena, 2012, p.61).

Se expressões fenomenológicas são indicações formais (não como forma, mas como ponto de partida mostrativo não demonstrativo), parte-se delas como um modo de “indicar” (olhar) para algum fenômeno sem atribuir ou fixar nele uma essência, uma representação, mas sinalizando ou indicando uma visualização de direção. Ou seja, aponta para o caráter fluido, dinâmico e não teórico de um possível caminho de interpretação. É indicar de maneira formal o modo como o fenômeno se apresenta sob a forma de um saber pré-reflexivo e, a partir disso, pôr em jogo a compreensão.

Isto posto, assumo que uso a lente da hermenêutica heideggeriana como pressuposto ontológico existencial na composição dessa tese cartográfica, pelo meu próprio movimento de empreender uma compreensão singular do que estou pesquisando a partir de indicações formais. A sua tematização se guia pelo que se “deixa-viger”, valorando a variabilidade e a singularidade das indicações formais que se apresentam como mensageiras manifestas para a compreensão do fenômeno. Nas palavras de Barreto (2006),

[...] a hermenêutica assumida na analítica existencial como situação ontologicamente constitutiva da existência pode oferecer, enquanto pressupostos ontológicos e ‘extracientíficos’, novas possibilidades de tematização dos fenômenos psicológicos e da ação clínica. Precisamente, a adoção desses pressupostos impede e exige o abandono de toda tentação de transpor para o âmbito da clínica os elementos essenciais do método científico-natural: objetividade, quantificação e mensuração. (p.2005, aspas da autora).

Diante de tal contexto poderia outro caminho ser vislumbrado para compreender os fenômenos psicológicos? A hermenêutica filosófica, ao modo de Heidegger, poderia ser tomada como “lente” em direção à compreensão do que se quer en-caminhar, ou seja, é possível trilhar outro caminho para compreender a experiência humana? Importa ressaltar que Heidegger não era adverso à técnica moderna, nem à ciência ao reconhecer a necessidade da superação do paradigma metafísico. Mas buscou abrir espaço para o pensamento não metafísico, como possibilidade de “favorecer a constituição de disciplinas científicas *existencialmente* fundadas, as quais escapassem dos dilemas e perigos em que a pesquisa científica tradicional se enreda sem sabê-lo.” (Duarte, 2010, p.142, grifo do autor). No horizonte dessa problematização, busco refletir, em

⁵² Heidegger, M. (1995). Einleitung in die Phänomenologie der Religion. In Phänomenologie des religiösen Lebens (GA 60; M. Jung, Hrsg.). Frankfurt a. Main: Vittorio Klostermann.

conversação com alguns pressupostos hermenêuticos existenciais de Heidegger e Gadamer, um caminho possível para compreender a ação clínica que acontece nas andanças pelo viver cotidiano.

4.2 Por entre-linhas... revela-se um modo de re-conhecimento

Antes de indicar os pressupostos aludidos, esclareço que, neste momento de construção da tese, deparo-me com uma inquietação já conhecida: como nomear aquele que busca a escuta clínica de um psicólogo? Chamo de cliente? De paciente? Diante dessas questões, escolho, em primeiro lugar, esclarecer que, partindo da atitude do psicólogo de transitar pelo Morro Bom Jesus caminhando com-outros numa ação clínica no viver cotidiano, bem como escutando a voz do poeta ao dizer: “Caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar...” (Machado, 2015), passo a nomear esse profissional, como “psicólogo-caminhante”. Sem dúvida, esse termo chegou com clareza e pertinência, pois retrata o fazer de ofício de um psicólogo que intervém caminhando por espaços coletivamente habitados.

Mas, como me referir àqueles que são acompanhados por esse psicólogo-caminhante? Inicialmente, pensei em usar o termo “paciente” a partir da etimologia da palavra *páthos*: “[...] o padecer que se enuncia como lei da condição mortal. [...] o que se sofre, o sofrimento, mas também a experiência que, para os humanos, se adquire somente na dor.” (Loroux, 1992, p.27). No entanto, por essa expressão ser geralmente usada no contexto da saúde e relacionada ao adoecer e a passividade, passei a pensar em usar o termo “cliente”, por ser o modo como comumente se emprega na Psicologia. Todavia, mesmo que esse vocábulo já venha sendo questionado por estar ligado ao comércio, achei que poderia amenizar o incômodo chamando “cliente-morador”, por viver seu cotidiano no espaço coletivamente habitado, o Morro Bom Jesus.

Contudo, a inquietação persistiu anunciando ainda mais a confusão nominativa. Prossigo na procura e retomo as narrativas. Eis que me deparo com o seguinte depoimento de Acauã: “Nosso trabalho é uma ação clínica, uma ação política! [...] é o movimento dele de apresentar-se à comunidade... **sendo protagonista da sua história...** [...] **parte primeiro dele... para depois... uma ação conjunta!**”. Confesso que sou surpreendida. Será um reencontro com o termo “protagonista”? Relembro a minha formação em psicodrama, e revisito alguns conhecimentos sobre o teatro grego, o protagonista, e penso que a tragédia grega, poderá ajudar-me nessa elucidação.

Do ponto de vista histórico, a figura do protagonista surge na tragédia grega do século V a.C. É por meio do homem trágico que a condição humana começa a ser representada no palco, através de Tércis como o primeiro autor trágico, ou seja, o protagonista (primeiro que agoniza a dor humana). No entanto, apesar do teatro grego questionar os valores tradicionais da sociedade, o herói trágico transita sempre em dois planos: o da causalidade divina e o da causalidade humana. É a partir de Ésquilo a Eurípedes que vai acontecendo um deslocamento do realce dos poderes divinos para aqueles advindos da condição humana. Assim, o herói da tragédia grega passa de simples encenação da narrativa a questionar sua própria ação (Alves, 1999). Nesse sentido, não escapou a Loraux (1992) que a tragédia, em toda medida, busca desvelar a condição humana, apresentando três possibilidades de presentificação da existência humana no pensamento grego: *brothos* (o homem mortal, finito); *ánthrōpos* (o homem como ser social) e *anér* (o homem viril - homem como gênero).

Percebo que, mais uma vez, volto-me para o atravessamento entre a arte e a clínica psicológica. Compreendo que foi no cenário do viver cotidiano que os moradores do Morro Bom Jesus puderam ser protagonistas da dor do ser humano de estar sendo, constantemente, lançado ao trânsito da própria existência e convivendo, muitas vezes, com o seu próprio impedimento de ser “si mesmo” no convívio com outros. Assim, na experiência do con-viver⁵³, pode-se buscar encarnar o projeto de existir no cuidado de ser-com-os-outros em espaços coletivamente habitados.

Posso então pensar em nomear aquele que é acompanhado pelas psicólogas-caminhantes de protagonista-andante? Ele seria protagonista-andante ao confrontar e questionar os modos de existir a fim de decifrar o enigma de sua própria história, e das histórias compartilhadas andando com outros em espaços coletivamente habitados?

Nessa perspectiva, será na presença da tensão instalada entre o cuidar de existir e do con-viver que a tragédia (situação de sofrimento) se mostra como drama (situação como ação⁵⁴), podendo o “protagonista-andante” abrir caminhos para compreensão do vivido. Será então, através da expressão do modo constituinte de ser humano - coexistentemente singular e plural - que a tragédia como drama pode remeter-me a uma ação clínica do psicólogo ao acompanhar o protagonista-andante na busca por uma compreensão acerca das histórias compartilhadas.

⁵³ O modo de ser-com-outros-no-mundo já evidencia o con-viver. Entretanto, na ação clínica no viver cotidiano os modos de con-viver revestem-se de uma importância singular por ser fenômeno de intervenção constante do psicólogo-caminhante.

⁵⁴ “[...] uma ação percebida como *agida* e não como atuante” (Loraux, 1992, p. 27, grifo da autora).

4.3 Por entre-linhas... a lente des-venda

Escolhi apresentar os pressupostos referidos⁵⁵ em diálogo com as compreensões tecidas acerca da ação clínica no viver cotidiano, ao invés de apresentá-los seguindo a direção apontada em *Ser e tempo*, por Heidegger, em 1927. Creio que, nesta tese cartográfica, esse modo faz todo o sentido, pois vou explicitando os pressupostos que encaminham a tessitura desta análise compreensiva hermenêutica que se apresentam como lentes que des-vendam.

É importante assinalar que pretendo, apenas, realçar alguns dos pressupostos que se des-cortinaram nos capítulos anteriores, sem qualquer pretensão de proceder a uma ampla discussão acerca do pensamento de Heidegger – de sua Analítica Existencial – ou da Hermenêutica filosófica de Gadamer.

4.3.1 ... *des-venda um modo de estar acompanhando o outro*

A ação clínica no viver cotidiano desvela um modo de estar sendo psicólogo no qual o psicólogo-caminhante se põe em andança, dá-se a ver ao mundo a partir de como acompanha o outro, bem como no modo de recolher as experiências narradas nas histórias de vida. Penso que essa **disposição** de recolher ao caminhar por entre ruas acompanhando os protagonistas-andantes ora pela via das narrativas contadas sobre histórias já acontecidas, ora pela via das narrativas contadas *in loco*, foi apresentando-se como uma ação clínica no viver cotidiano. À medida que o psicólogo-caminhante é afetado pelas histórias dos protagonistas-andantes, pela paisagem circunstanciada do Morro, pelos acontecimentos do dia a dia, a ação clínica acontece no modo de se dispor a acompanhar o protagonista-andante em seu trânsito de cuidar de existir, de cuidar do estar-com-outros. `Por esse caminho, “o estar-com a-fim-de outros é sempre, na origem, um movimento de abertura de possibilidades para o outro, um cuidar.” (Loparic,1995, p.59). À vista disso, o modo como o psicólogo-caminhante é tocado pelas situações presentes no viver cotidiano, possibilita-o questionar o sentido das experiências que afloram nos espaços coletivamente habitados e, nessa situação, acompanhar o

⁵⁵ Ressalto que destacarei os pressupostos em negrito.

protagonista-andante na compreensão e encaminhamento de suas próprias possibilidades de sentido e das direções que dará a essas experiências.

Foi realizando uma clínica ao modo cartográfico, que psicólogas-caminhantes e protagonistas-andantes do Morro Bom Jesus puderam desenhar em coparticipação, um possível contorno para uma ação clínica que se mostrou, a princípio, na atitude de reconhecimento mútuo, uma disposição de abertura para o acontecer de uma sintonia com quem se encontra em correspondência. Assim, por meio da atitude de testemunho da experiência vivida, os diversos modos de existir podem revelar-se, fazendo-se reconhecidos, possibilitando lidar com o estranho, o inusitado. A condição humana de existir constitui-se como *ser-o-aí* lançado no mundo, um *ter-que-ser*, cujo modo de ser é *poder-ser* (pura abertura), revelando-se como possibilidade e não como realização (Heidegger, 2002). O *ser-o-aí*, como possibilidade, mostra-se na inconsistência, mutabilidade, fluidez, não podendo ser reduzido à natureza humana.

Voltando para a atitude cartográfica, o psicólogo-caminhante se faz cartógrafo clínico durante todo o período em que encontrar em andança pelos espaços coletivamente habitados. Será que essa atitude possibilita tracejar uma prática psicológica em sintonia com a situação que se apresenta? Posso falar de uma ação clínica que se inaugura a cada caminhada?

Importa ressaltar que, para o acontecer da ação clínica no viver cotidiano, o psicólogo-caminhante, como cartógrafo clínico, circulará a fim de reconhecer modos de se dar a conhecer pelos moradores dos espaços coletivamente habitados. Em especial no Morro Bom Jesus, a ação clínica no viver cotidiano teve seu início através da disposição para adentrar uma realidade desconhecida e distinta e, em diálogo com o movimento Hip Hop, coconstruir uma direção para o acontecer da atenção psicológica.

4.3.2 ... des-venda a tradição, a conversação e a fusão de horizontes

Olhando para o entre-laçamento entre a Arte de Rua com a Psicologia na Rua, e assumindo pressupostos gadamerianos (2008; 2010), posso dizer que a **tradição** do Morro cantada, dançada e grafitada pelos *hip-hoppers* é passada adiante, aparecendo como possibilidade para que em **conversação**, ocorra uma **fusão de horizontes**? Compartilhando experiências, as psicólogas-caminhantes podem a(com)panhar o protagonista-andante - “apanhar com-o-outro” o sentido do vivido no cotidiano, levando em consideração o atravessamento da dimensão sociocultural nos modos de ser/existir.

O pensamento gadameriano, ao realçar o movimento da compreensão, recupera o sentido de tradição e do modo como via conversação pode haver a fusão de horizontes. Pela noção da tradição, o psicólogo-caminhante e o protagonista-andante possuem distintos e mutáveis horizontes de sentido, pois historicizados. A partir da conversação, pode haver uma fusão de horizontes dos diferentes saberes tradicionais presentes na **pré-compreensão**, nas experiências cotidianas e, conjuntamente, constroem outros saberes numa ampliação de horizontes a contar da dialógica da conversação.

Se, de um lado, Heidegger (2002a) atribuiu à compreensão uma dimensão originária na qual o ser-o-á já se encontra no mundo com pré-compreensões, como condição existencial de compreender-se, por Gadamer (2008; 2010) é possível olhar para o movimento da compreensão, e essa envolve um componente histórico que se constrói via conversação podendo levar a uma fusão de horizontes. Assim, ontologicamente, a hermenêutica “é uma analítica da condição *Existenzil* de um ente que *compreende ser*, que em sentido rigoroso, é compreensão” (Giacioia Jr., 2013, p.66, grifos do autor), enquanto onticamente na situação hermenêutica, “[...] compreender é corrigir⁵⁶, incessantemente, as projeções originárias de sentido e significação, checando-as no interior do próprio exercício compreensivo. O processo de correção sempre acontece como fusão de horizontes [...] no encontro no qual acontece a compreensão.” (Santos, Barreto & Morato, 2014, p. 123).

Quando nas andanças com-outros, as acontecências do viver cotidiano têm a possibilidade de serem pronunciadas pela via da narrativa, o seu sentido vai-se revelando. O diálogo assume uma relevância primordial em direção à compreensão das experiências. Nessa vertente, Gadamer (2010) afirma:

Um diálogo é, para nós, aquilo que deixou uma marca. O que perfaz um verdadeiro diálogo não é termos experimentado algo de novo, mas termos encontrado no outro algo que ainda não havíamos encontrado em nossa própria experiência de mundo. (p. 247).

Desse modo, à medida que possibilidades compreensivas vão sendo tecidas na conversação, o sendo com outros vai-se mostrando em sua singularidade. As narrativas surgem como iluminações que guiam o caminho a seguir, podendo encaminhar outras possibilidades de existir consigo mesmo e com os outros.

⁵⁶ No sentido de abrir-se a questionar suas próprias tradições, e acolher a tradição do outro, distanciando da ideia de acerto e erro.

4.3.3 ... *des-venda o acontecimento e o pensamento meditante*

Continuando na tentativa de des-vendar os pressupostos da ação clínica no viver cotidiano, retomo o modo como a Arte de Rua pode dialogar com a Psicologia na Rua, possibilitando a inserção do psicólogo no Morro Bom Jesus. Para além desse movimento, é interessante perceber conexões entre arte e clínica psicológica. Como diriam Fonseca e Farina (2012), “Clinicar é colocar-se eticamente na produção do mundo e da vida como obra de arte e em dimensão eminentemente social. [...] Arte e clínica se encontram na tarefa de criticar o presente e produzir a vida por vir” (p.50). Tal citação me faz pensar que, tomando a produção no sentido heideggeriano de “deixar aparecer”, recorrendo à tarefa da obra de arte de “sempre gerar uma demanda”, como disse Benjamin (2012, p.103), vendo a ação clínica pelo olhar de Barreto (2013), como uma “ação pré-ocupada” dirigida ao modo como o cliente vive a sua existência, compreendendo seus modos de ser e outras possibilidades de poder-ser, em seu estar-lançado e, dirigindo o olhar para os acontecimentos vividos no dia a dia, faz sentido falar de uma ação clínica como possível “acontecimento” no viver cotidiano.

A ação clínica se mostra, então, como um modo de intervir que recolhe/acolhe experiências vividas no cotidiano dos habitantes do Morro. Para tanto, é necessário um acolher/recolher e um aguardar sereno diante das rupturas advindas, até que pequenas iluminações reveladoras de sentido possam encaminhar o acontecer ou rompimento de algo. Buscando as ressonâncias do pensamento de Heidegger (2000) na ação clínica, a “**serenidade** (*Gelasseneheit*) para com as coisas” como modo de desabrigo, frente ao universo da técnica moderna, abre-se para os limites do pensamento calculador - aquele que planifica, controla e busca respostas - e concede-nos a possibilidade de estar no mundo de modo diferente via pensamento meditativo/reflexivo - voltado para o questionamento do sentido e para a compreensão do **mistério** (o que se mostra, e ao mesmo tempo se retira no ocultamento). A serenidade possibilita dizer, simultaneamente, sim e não à presença da técnica moderna em nosso viver. É possível dizer sim, quando os objetos técnicos entram em nosso mundo cotidiano, estando à mão para serem utilizados; e não, quando, ao não se deixar consumir pelo seu ritmo acelerado, mantêm-se aberto ao mistério. A esse respeito, Heidegger (2011) esclarece:

O que não se fala não é somente o que não deixa verbalizar, mas o não dito, o que ainda não se mostrou, o que ainda não chegou a aparecer. O que, portanto, deve-se manter-se impronunciado resguarda-se no não dito, abriga-se no velado como o que não se deixa mostrar, é mistério. (p. 202).

O encontrar-se com outrem é manter-se mutuamente no jogo do velar e revelar. É possibilidade clínica fazendo-se constantemente caminho, pela via da conversação. Versar com-outro deixa aparecer o clamor que se proclama. Mas, o êxodo enquanto movimento para-outro, revela que encontrar-se com-outro é, também, estar sempre de partida, na incerteza que abriga o mistério do não dito, o indizível, o que ainda não se deixa/pode aparecer. Pela dimensão ôntica é importante atentar que, ao caminhar com-outros, o psicólogo-caminhante se coloca à disposição para aguardar o inesperado, mantendo-se numa atitude serena que possibilita o meditar/refletir, ou seja, mantém-se a caminho numa “escuta em ação” via reflexão meditante. Então, a clínica se mostra como possibilidade de criar um espaço de reflexão.

Nesse modo de intervir, é plausível falar em uma “escuta em ação”, na qual o psicólogo-caminhante ao acompanhar o acontecer da experiência via narrativa, pode recolher/acolher o movimento de mostraçõ do protagonista-andante no momento do acontecimento no cotidiano, entrançando as histórias narradas e as histórias a serem contadas. É na travessia que a intervenção do psicólogo-caminhante se mostra através do pensamento que interroga, aberto ao que possa vir-a-ser revelado. Sua “escuta em ação” ocorre no recolher/construir com-o-outro as possibilidades de compreensão de sentido de um acontecimento na busca de cuidar da tarefa de existir.

Em seu caminhar, o psicólogo-caminhante transita por espaços coletivamente habitados escutando as narrativas das histórias do cotidiano vividas pelos e com os protagonistas-andantes. Buscando explanar melhor tal compreensão, chamo Andrade, Morato e Schmidt (2007, p.197, aspas das autoras), ao assinalarem que “urge ao clínico não apenas um deslocamento de turista, mas um caminhar de viajante-marinheiro, entrelaçando-se nas narrativas dos ‘nativos’”. Tal entrelaçamento surge da disposição de andar com-o-outro em conversação, escutando a narrativa de histórias vividas que desvelam os modos de con-viver na cotidianidade como abertura para a revelação de sentido nos diversos modos de **ser-no-mundo-com-outros**. Essa visão de homem-mundo evidencia que não existe homem em relação com o mundo, uma vez que o existir é ser-no-mundo-com-outros, na radicalidade da coexistência, como assinala Heidegger (2002a): “O mundo da pre-sença é mundo compartilhado. O ser-em é ser-

com os outros. O ser-em-si intramundano destes outros é co-presença” (p. 170). Aqui a dimensão ontológica de ser-no-mundo-com-os-outros apresenta-se na dimensão ôntica da situação clínica, nos modos do psicólogo estar-com o cliente no viver cotidiano.

4.3.4 ... *des-venda o cuidado*

No modo de estar psicólogo-caminhante que se põe a caminho com o protagonista-andante na busca de possibilidades compreensivas das experiências vividas, a ação clínica pode ser vista como um lugar de reflexão - “Esse meditar... é refletir sobre a atitude... mas em ação!⁵⁷”. Nesse sentido, o psicólogo-caminhante acompanha o protagonista-andante no cuidar da tarefa constante de viver, de cuidar da existência, do seu poder-ser. Inspirada pelo olhar heideggeriano, ressalto que o **cuidado** se mostra como condição própria de o homem existir. O destinar-se a estar cuidando de existir carrega uma tarefa primordial de responsabilizar-se por si mesmo, pelos outros e pelo mundo. A ação clínica no viver cotidiano se constitui, então, no acompanhar o outro na tarefa de cuidar de si, na busca de apropriar-se dos modos de estar com outros e, assim, en-caminhar-se na sua existência.

Como apontado acima, a cotidianidade é marcada por acontecimentos. Diante deles, o homem pode descuidar-se reeditando modos de estar no mundo, permanecendo na repetição sem nem sequer dar conta de estar vivendo na impropriedade, ou sustentar-se nas tensões advindas da presença do inusitado, abrindo-se para outros modos de poder-ser. Desse modo, o cuidado pode ser des-vendado como *Sorge* (Heidegger, 2002a), podendo apresentar-se na forma de ocupação na qual se faz algo pelo outro, ou de preocupação em que se acompanha o outro no apropriar-se de seus próprios caminhos. Em vista dessa compreensão é que se pode dizer que ser humano é “cuidar-se” nos seus diferentes modos. O cuidado, então, mostra-se como possibilidade hermenêutica de compreensão do ser humano.

Inspirada por esse pensamento heideggeriano sobre o cuidar, penso que a ação clínica no viver cotidiano se mostra como uma “ação pré-ocupada”, inclinada ao modo como o protagonista-andante vive tanto o cuidado de si, compreendendo a sua história, como o cuidado do con-viver com outros em sua corresponsabilidade nas situações de coexistência em espaços coletivamente habitados. Logo, “a clínica como cuidado

⁵⁷ Depoimento de Acauã, psicóloga colaboradora na pesquisa.

remete aos modos possíveis de cuidar num determinado tempo e numa determinada situação.” (Barreto, 2008, p. 5).

4.3.5 ... des-venda a temporalidade e a espacialidade da existência humana

A citação empreendida acima me leva, de novo, a duas questões relevantes no pensamento heideggeriano: a temporalidade e a espacialidade da existência. Ambas são apresentadas no texto abaixo, quando Monteiro Lobato (1936), dando voz a Emília, ressalta que a vida ao acontecer por entre “piscadas”, remete à possibilidade de um descobrir-se em algum “lugar”, sempre outro, e em um “tempo”, que não o cronológico, aponta para as passagens e a fluidez que encaminha o viver e o morrer:

[...] A vida, senhor Visconde, é um pisca-pisca. A gente nasce, isto é, começa a piscar. Quem para de piscar, chegou ao fim, morreu. Piscar é abrir e fechar os olhos - viver é isso. É um dorme-e-acorda, dorme-e-acorda, até que dorme e não acorda mais.

[...] A vida das gentes neste mundo, senhor sabugo, é isso. Um rosário de piscadas. Cada pisco é um dia. Pisca e mama; pisca e anda; pisca e brinca; pisca e estuda; pisca e ama; pisca e cria filhos; pisca e geme os reumatismos; por fim pisca a última vez e morre.

- E depois que morre? - perguntou o Visconde.

- Depois que morre vira hipótese. É ou não é? (Lobato, 1936, online).

Nessa articulação, é possível dizer que os acontecimentos do dia a dia atravessam e marcam os modos de ser do homem. Portanto, a cotidianidade versa sempre a questão de modos de existir no mundo com os outros. Essa concepção explicita que o sentido de lugar não retrata certo espaço físico, mas sim, modos de estar em, ou pertencer a. Tal compreensão de lugar encontra-se marcada pela espacialidade, com uma temporalidade histórica reveladora de movimentos do homem no mundo, que narram os enraizamentos e abrem possíveis desdobramentos históricos existenciais do ser-no-mundo. Talvez por isso, a fenomenologia existencial traz o cotidiano em sua origem como ressalta Spanoudis (1981, p.11-12): “O cotidiano e não os conceitos é de onde Heidegger parte para aproximar os problemas fundamentais. [...] Heidegger parte da vida cotidiana para mostrar os fenômenos ônticos em seus aspectos ontológicos”. Nessa direção, faz sentido pensar que o viver cotidiano, em seu acontecimento, possibilita uma reflexão na direção de compreender a ação clínica. A esse respeito, Michelazzo (2002, p.195) alerta:

[...] para nós, fenomenólogos existenciais, é um constante desafio colocar-se à escuta de uma compreensão mais fundamental dos modos cotidianos de coexistência, e descobrir que por trás dessa sua aparente superficialidade escondem-se os enigmas mais contundentes da nossa condição humana.

Assim, a ação clínica no viver cotidiano mostra-se como um “aguardar sereno”, um modo solícito de acompanhar o protagonista-andante na tarefa de cuidar de si ao lidar com as acontecimentos em seu viver cotidiano. Volta-se para os modos do protagonista-andante estar-no-mundo-com-outros, e como vai responsabilizando-se pelo espaço coletivo que habita, construindo sua história em coparticipação. Destaco que me refiro a ser responsável, não em relação a valores e normas, mas no sentido de ser ele mesmo a “condição de possibilidade” de responder a, de assumir modos de existir com-outros.

*Adoro reticências...
Aqueles três pontos intermitentes que insistem em dizer
que nada está fechado, que nada acabou, que algo sempre está por vir;
A vida se faz assim!
Nada pronto, nada definido.
Tudo sempre em construção.
Tudo ainda por se dizer...
[...] Vivo assim...
Numa eterna reticência...
Para que colocar ponto final?
O que seria de nós sem a expectativa de continuação?*

Marina Esméria Ramos, 2011, online

5 A PORTA ABERTA...

Diante das reticências anunciando que algo está por vir, deparo-me com a porta aberta a qual sinaliza que é hora de en-caminhar⁵⁸, à luz do trajeto do vivido e da conversação com outros autores, uma compreensão acerca dos modos como a ação clínica ocorre no viver cotidiano numa perspectiva fenomenológica existencial. Nessa direção, destaco que me proponho a refletir sobre as trilhas abertas pelos fenômenos tecidos, que se foram construindo no decorrer da elaboração cartográfica dessa tese, anunciando esta escrita como *démarche* e não como o fim de um percurso, apontando conceitos elaborados em definições que priorizam a imutabilidade das coisas. O caminho que se apresentou permitiu dialogar com compreensões já tematizadas, seguindo o rumo apontado pela experiência vivida em um movimento de compreensão em direção à constituição de uma análise compreensiva hermenêutica.

Início minhas reflexões voltando-me para o objetivo desta tese e reafirmo o meu caminhar em direção a propor, a partir da prática de psicólogos, uma compreensão para como a ação clínica ocorre no viver cotidiano. Vejo que é hora de traçar esta proposta compreensiva. Assim, caminhando como pesquisadora cartógrafa, deparo-me com o diálogo abaixo, o qual se fez guia para o surgimento do título desse capítulo, bem como para a visualização por onde prosseguir:

Acauã – [...] “Pra que fechar a porta? A vida é tão aberta!!... entra e sai pessoas... vem e vai... não precisa fechar!” E aí isso!... lidar com o imprevisto o tempo todo é estar com a porta aberta!

Pesquisadora – *Qual sentido de estar com a porta aberta?*

Tiê – Eu acho que a porta aberta... é a disponibilidade... [...] que a gente está aberta...

Mainá – Aberta ao que surge!

Pesquisadora – *Estar com a porta aberta... seria uma disposição para trabalhar com o que surge... no viver cotidiano?*

Acauã – Com certeza! Porque é ela que nos chama... a estar nesse cotidiano! E aí se dá o movimento da porta estar aberta... porque o cotidiano não fecha! O cotidiano se movimenta o tempo todo! [...] Ali é lidar com o imprevisto o tempo todo!!... é trabalhar nesta movimentação.

Essas narrativas recontam que a prática das psicólogas está perpassada pela mobilidade, pela errância, pelo imprevisível... como também, pela abertura de ser atravessadas pelo inusitado, pelo outro, num encontro onde nada é pré-determinado,

⁵⁸ Caminhar em direção ao que me é desvelado.

pré-concebido, estando dis-postas ao espanto, ao estranho, ao inesperado, que se manifestam na existência cotidiana. Como diria Critelli (1996, p. 19),

A experiência humana da vida é, originariamente, a experiência da fluidez constante, da mutabilidade, da inospitalidade do mundo, da liberdade; a segurança não está em parte alguma. E isto não é uma deficiência do existir como homens, mas sua condição [...].

Frente a tal contexto, retomo a questão lançada ao final do terceiro capítulo, referente à inexistência de um nome para o fazer de ofício das psicólogas colaboradoras - “Será que haverá uma nomeação?” - e, partindo do título da tese entrelaçado ao título desse capítulo, encontro-me diante de um possível des-encobrimento: a “arru(a)ção” como uma ação de abrir caminhos ao andar pelas ruas e, nesse trabalho em especial, de andar por dentro dos acontecimentos do dia a dia me conduz a questionar se a “porta aberta” não poderia indicar a necessidade de mantê-la aberta e não tentar fechá-la com uma nomeação? Mas, como seguir sem uma definição em que se segurar? Como seguir sem um “lugar seguro” em que se situar? Essas questões me conduzem ao poeta:

Caminhante, são teus passos
O caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
Faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
E ao voltar a vista atrás
Se vê a senda que nunca
Se voltará a pisar.
(Machado, 2015)

Tecer uma ação clínica no viver cotidiano como psicólogo é pôr-se em andança dis-posto a fazer caminho. É se lançar como um andante pelas ruas, recolhendo as demandas que se revelam ao caminhar pelos espaços coletivamente habitados. É deparar-se com os acontecimentos cotidianos, os quais, como ruptura, revelam que aquilo que foi vivido não volta mais. Será que a Analítica Existencial de Heidegger e a Hermenêutica Filosófica de Gadamer, podem oferecer subsídios para outro modo de pensar a ação clínica que “Ao andar se faz caminho”?

Na tentativa de refletir acerca dessa questão, dirijo-me para alguns “relevos” que iluminam a ação clínica no viver cotidiano. Chamo de relevos algumas singularidades que apareceram nesta tese cartográfica acerca da ação clínica no viver cotidiano no Morro Bom Jesus. No capítulo anterior, as lentes des-vendam possibilidades de

compreender a ação clínica do psicólogo, que podem acontecer em diversos contextos e situações. Agora, passo a chamar a atenção para os relevos próprios da ação clínica no Morro Bom Jesus, suas singularidades e seus mistérios.

5.1 Em andança... escuto a voz na rua

Em virtude da ação clínica no viver cotidiano acontecer na rua, destaco alguns trechos do poema “A Rua” de Paulo Barreto (2014, online), pseudônimo: João do Rio, visando a compreender este contexto singular:

[...] a rua é um fator da vida das cidades [...] A rua é a transformadora das línguas. [...] Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres [...] A rua sente nos nervos essa miséria da criação [...]

Esse poema me leva a pensar a rua como um espaço onde há a expressão viva do con-viver entre humanos. Ela se faz aparição na linguagem entre humanos, uma vez que ela anuncia histórias de acontecimentos vividos pelos moradores e transeuntes. Ela se mostra como aquela que evidencia modos de existir, modos de viver, modos de ser-com-os-outros-no-mundo. Nessa direção, vejo que aqui se abre a possibilidade de olhar a rua para além de um chão que demarca um espaço, compreendendo-a como uma est(a)ção que se constitui no momento em que juntos, protagonistas-andantes e psicólogos-caminhantes a percorrem, podendo, a partir da ação, inaugurar alguma coisa.

Olhando para vários significados dados à palavra estação, tais como: momento, períodos do ano, local onde param transportes coletivos, paradas entre um lugar e outro, como também compreendendo que, na estação, pode-se parar, esperar, refazer o trajeto, sair, guardar lembranças, levar bagagens, tomar diversas direções... destaco que ao grafá-la como est(a)ção, passa a ter o sentido de contexto situacional que solicita um trânsito, e também uma invenção e plasticidade de uma ação clínica acontecendo no cenário mundo, na condição de afetação com o outro. Logo, para o psicólogo-caminhante que se põe em andança numa ação clínica no viver cotidiano, não há um ponto de partida, mas uma origem que inclui o movimento de inclinar-se a um chamado; nem há um ponto de chegada, mas disposição para caminhar com-o-outro, acompanhando o protagonista-andante na apropriação do sentido dado a sua história de vida, aos acontecimentos vividos no cotidiano.

Essa compreensão me leva novamente a outros fragmentos do referido poema:

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes - a arte de flanar. [...] Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, [...] Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destinos iguais aos do homem. (Barreto, 2014, online)

Embora o autor se refira a uma Psicologia da rua, dois aspectos me chamam a atenção e me fazem pensar sobre o acontecer de uma Psicologia na Rua, em espaços coletivamente habitados: a vida da rua e a atitude de flanar. Em relação ao primeiro, destaca-se o modo como a rua é apresentada - ela tem vida, pois retrata as impressões humanas. Ela nasce pelas ações dos humanos que vão povoando os espaços conhecidos como inabitáveis. Além disso, ela se faz história de vidas humanas. Esse olhar para a rua como espaço vivo e tecedor de histórias dá sentido para que a ação clínica no viver cotidiano aconteça num *setting* aberto, amplo, visto como todo e qualquer “espaço de convivência”, assinalando que o *setting* se constitui a partir da experiência.

Distanciando-se do *setting* clássico, delimitado por um lugar fixo e condições previamente definidas, a Psicologia na Rua reveste-se de um *setting* composto por uma diversidade de est(a)ções que são assim reconhecidas, quando há possibilidades de se caminhar com-o-outro fiando, des-fiando e tecendo histórias. Destaco que em cada est(a)ção, a atitude do psicólogo-caminhante é de “estar para”, ou seja, ao se pôr a vista do outro, ao se dar a conhecer pelos protagonistas-andantes dos espaços coletivamente habitados, a ação clínica no viver cotidiano se faz na atitude de “estar-com para-outros”, no sentido de estar à disposição para se pôr em andança com-o-outro no cuidado de si, do outro e do mundo que habita; é um acompanhar acompanhado do outro.

O segundo aspecto apresentado no poema é o entrelaçamento da ação clínica na rua com a atitude de flanar. Flanar, ao mesmo tempo em que é apresentado como um ir por aí de modo ocioso, mostra-se, também, como possibilidade de reflexão. Estaria aqui uma abertura para pensar a ação clínica no viver cotidiano olhando para a atitude de Serenidade? Se assim for, a atitude de serenidade pode imprimir outro sentido ao “estar-com para-outros”, que é o de aguardar, de deixar-aparecer. Compreendendo a ação clínica no viver cotidiano como pre-ocupação com a construção de sentido da história com-outros em espaços coletivamente habitados, a atitude de “estar-com para-outros”

solicita do psicólogo-caminhante um aguardar sereno até que o protagonista-andante possa ou não compreender o que acontece com ele e, assim, en-caminhar sua vida.

Considerando essas reflexões tecidas acerca desse primeiro “relevo”, vejo, nas palavras do DJ Nino (FMBJ⁵⁹), uma possibilidade de olhar a rua como uma est(a)ção para compreender a existência humana:

A rua precisa ser compreendida a cada momento, pois ela é uma coisa a cada momento. Ela é movimento continuado e diversificado. Às vezes, ela é calma, outra ela é agitada. **Você aprende a entender a própria vida na rua e é um aprendizado diversificado, porque ela possui vários climas.** (Alves, 2011, p. 234, grifos meus).

Por essa ótica, a rua tem uma pluralidade, tem uma movimentação própria, traz aprendizados diversos que possibilitam compreender o modo de existir dos seus moradores, uma vez que é reveladora daqueles que a habitam. Através da Psicologia na Rua, o psicólogo-caminhante se mostra como aquele que circula, escutando e acompanhando as histórias que vêm da Rua e nela fazem sentido. Sua participação nas situações cotidianas dos espaços coletivamente habitados como aniversário, enterro, lazer, comemorações, dentre outras, revela um modo singular de ser psicólogo no viver cotidiano que o diferencia daquele que se coloca na clínica convencional em um lugar circunscrito, antecipadamente configurado, estando à espera do cliente previamente agendado. Essa singularidade da ação clínica no viver cotidiano configura-se como vivenciar com o protagonista-andante acontecimentos do dia a dia, deslocando-se com ele e participando do modo de vida do protagonista-andante e dos espaços coletivamente habitados, sendo afetado pela realidade vivida pelo protagonista-andante, e pelas est(a)ções que circula. Assim, histórias vão sendo criadas e compartilhadas à medida que o psicólogo-caminhante caminha com-o-outro recolhendo narrativas, experienciando com o protagonista-andante situações cotidianas.

Esse modo da ação clínica no viver cotidiano se mostrar leva-me a Gadamer (2008; 2010), quando ele remete à tradição no sentido de passar adiante, como possibilidade de aproximação do mundo dos outros a partir do compartilhar de experiências, revelando conhecimentos sobre distintos momentos históricos. Nessa perspectiva, compartilhar os pre-conceitos, as pré-compreensões não se tornam obstruções à compreensão do mundo, uma vez que, pela tradição, o homem é capaz de compreender o que foi realizado por outros homens ao longo da história, podendo ainda

⁵⁹ Família Morro Bom Jesus.

fazer modificações. Ao acolher a tradição do outro e ao colocar em cheque seus pressupostos, o psicólogo pode tecer com-o-outro uma rede de histórias, construindo outra(s) que considere a pluralidade e as condições singulares dos horizontes.

5.2 Con-fluências... cuidando de existir e do con-viver

É importante ressaltar que a ação clínica no viver cotidiano, além de voltar-se para o cuidar de existir, traz em seu bojo o olhar cuidadoso para os modos de con-viver o dia a dia, em espaços coletivamente habitados e o responsabilizar-se pelo mundo que habita. Essas três intenções deste trabalho apontam que há um pressuposto ético, político, estético e educativo na trama dessa ação clínica.

Ao se dirigir para os modos como os protagonistas-andantes escutam o outro, e constroem acordos de convivência em espaços coletivamente habitados apropriando-se da sua corresponsabilidade pelo mundo que habita, a ação clínica no viver cotidiano realça a questão ético-educativa dessa intervenção. Critelli (1981) destaca o que primeiro se evidencia na educação - mostra-se como um lugar onde é possível visualizar “o-homem-sendo-com-os-outros-homens”. Em vista disso, “a educação deve então ser pensada fundando-se na compreensão de como é o homem (ser-aí, *Dasein*)” (p.68, grifo da autora). Tomando como princípio esse modo constitutivo do homem de ser-com-os-outros, a educação constrói-se no existir cotidiano, ou na “circumundaneidade”, compreendida como expressão do âmbito da familiaridade (Heidegger, 1981).

Se, de um lado, o viver cotidiano é visto como um lugar do “público”, marcado pela presença da inautenticidade, do “ninguém”, do “a gente”; a condição de o homem ser “possibilidade” aparece como abertura de ele transitar tanto pela inautenticidade como pela autenticidade, como modos de ser. Dessa feita, por outro lado, a possibilidade de autenticidade não elimina o “a gente”, mas, apesar e a partir dele, poder apropriar-se da responsabilidade por si, pelos outros e pelo mundo que habita, bem como entregar-se à sua destinação (Heidegger, 1981). Entretanto, esse modo impróprio e impessoal de existir não tem uma valoração, sendo visto pelo referido filósofo como constitutivo da condição humana; tampouco olhá-lo como uma forma de existência mostra-se como um convite à negligência, mas

uma dramática constatação de que o *Dasein*, para existir de modo próprio e autêntico, para experimentar um ‘si mesmo’, isto é para adquirir um rosto singular, para descobrir

um destino pessoal, terá ele que aceitar a tarefa inexorável – a de ‘ter que ser’ (*zu sein*), a de cuidar do seu ser, a de tornar-se, a de construir-se. (Michelazzo, 2002, p.192, grifos e aspas do autor).

Nesses modos de ser no mundo com outros, olhando para a ética situacional “*do morar no mundo-projeto*, do abrir-se para o *encontro*” (Loparic, 1995, p.59, grifos do autor), ao partir do fundamento de que “o ser-no-mundo do ser-aí é essencialmente constituído pelo ser-com” (Heidegger, 1981, p.38), compreendo que pela experiência da convivência compartilhada em espaços coletivamente habitados, o cuidado de si pode mostrar-se, também, como um cuidado do outro, bem como “sua compreensão de ser implica, constantemente, a compreensão dos outros” (p.44). Revela-se aí o enredamento ético-educativo na ação clínica no viver cotidiano, a partir da sua marca radical na coexistência, acontecendo no fluir da vida, no fluir da história, e na atitude do cuidar solícito em que há um cuidando-com. Cabe assinalar que a solicitude

não se ocupa das necessidades concretas do outro, mas direta e imediatamente do seu existir enquanto livre de todas as normas. [...] Cuidar verdadeiramente do outro não significa, portanto, nem racionalmente normatizá-lo, nem socializá-lo. Tampouco quer dizer inserir o outro numa história coletiva. O futuro aberto pelo cuidado não promete um final salutar, apenas possibilita o agir na situação presente. (Loparic, 1995, p.66-67).

Ao refletir sobre o agir na situação emergente, convido Arendt (2002) para dialogar por me lembrar de que a política não é domínio, mas ação em comum acordo, ação em conjunto, o que me leva a pensar que, na ação clínica no viver cotidiano, a ação ético-política se mostra não apenas pelo con-viver. Revela-se, também, pela atitude de criar acordos diante das problemáticas advindas no dia a dia, possibilitando que, no “estar entre homens”, a pluralidade se manifeste, e a inauguração de algo novo aconteça com ou sem a presença do psicólogo-caminhante.

Essas considerações me levam a Loparic (1995, p. 67) ao afirmar que “o existencial comunitário do a-fim-de-outros é definido, assim como o estar-com, no horizonte do mundo cotidiano”. Fazem pensar que na experiência do espaço coletivamente habitado como seu, como responsabilidade sua, há a possibilidade de o protagonista-andante se posicionar ético-politicamente no dia a dia do viver cotidiano, já que “A cotidianidade é um modo *de ser* ao qual pertence, sem dúvida, a manifestação pública” (Heidegger, 2002b, p.174, grifos do autor).

O psicólogo-caminhante depara-se com um grande desafio na proposta desse trabalho: apropriar-se de sua corresponsabilidade pelo mundo, em seu ofício.

Parafrazeando Arendt (2013), qualquer psicólogo que se recuse a assumir a responsabilidade coletiva pelo mundo, não deveria estar numa ação clínica no viver cotidiano em espaços coletivamente habitados. A partir desse olhar, ressalto que o psicólogo-caminhante para além de acolher a demanda do protagonista-andante, também precisa assumir a sua responsabilidade no viver cotidiano pelos espaços que habita/transita. Sua ação clínica coexiste com uma atitude ético-educativa e política, a qual se mostra reveladora de uma singularidade: dirigir-se para o responsabilizar-se do protagonista-andante pelo mundo que habita, além de voltar-se para os modos como o protagonista-andante cuida de si e dos outros com-outros.

Nessa direção, relembro a corresponsabilidade revelada na atitude reivindicatória do Movimento Hip Hop, o qual com sua Arte de Rua assume o que Benjamin (2012) aponta como função social da arte: “No lugar de se fundar no ritual, ela passa a se fundar em outra *práxis*: a política”. (p. 35, grifo do autor). Compreendo que a ação clínica no viver cotidiano no Morro Bom Jesus, em interface com o referido movimento, reveste-se dessa *práxis* política. Mas, também, reveste-se da dimensão estética se instituindo como *poiésis*, como criação, revelando a coexistência com a ética, a política e a educação, movimentando o modo de pensar que vai além da instauração do belo, ou de um olhar contemplativo, mas se imbui de uma atitude que solicita convers(a)ção, que chama para uma escuta em ação.

Vale ressaltar que a ação clínica no viver cotidiano carrega a peculiaridade de o psicólogo-caminhante voltar sua atenção para os modos como os protagonistas-andantes con-vivem em espaços coletivamente habitados, nos quais compartilham a experiência do viver-com. Sua atitude de acompanhar seguindo o ritmo próprio de cada um ou do grupo, revela-se como um aguardar sereno que pode ser compreendido a partir de um desvelo (cuidado) com os modos de con-viver, e com a atitude do protagonista-andante de responsabilizar-se pelo mundo que habita, reconhecendo-se copertencente às est(a)ções em que habita coletivamente. Então, é possível falar de uma ação clínica no viver cotidiano que se dirige para o cuidado com os modos de pertença a espaços coletivamente habitados, podendo ser abertura para os protagonistas-andantes assumirem a responsabilidade pelo mundo que habitam.

Pensando na coexistência entre ação clínica, ética, política, estética e educativa, indago: como esta ação pode aproximar-se mais do modo de existir humano? Penso que compreendendo que essas dimensões movimentam a existência humana e assim, são radicalmente próprias da ação clínica no viver cotidiano. Nessa direção, posso dizer que

elas se mostram revelando que no viver cotidiano, no existir humano, nada é estático, tudo se movimenta, titubeia, oscila:

Quando estamos diante de alguém, estamos em presença da maneira como essa pessoa organiza o espaço, o tempo, a relação com o outro. Os sons, os cheiros, enfim, tudo contribui para que possamos ‘intuir’ o jeito do outro, seus sentimentos, seus sofrimentos, pois todas essas organizações plásticas nos afetam [...] ao estarmos com o paciente, estamos sendo afetados pelo modo como ele organiza o tempo, o espaço da sessão, pela maneira como ele movimenta seu corpo no setting. Quer tenhamos ou não consciência dessa questão, lemos esteticamente as situações criadas por ele a partir do nosso corpo. (Safra, 2005, p. 51, aspas do autor).

Se, de uma lado, a dimensão ética se faz presente nos modos de ser-com-outros-no-mundo, de outro, a dimensão política se mostra nos acordos construídos no conviver cotidiano, possibilitando a inauguração de algo novo e a responsabilização pelo mundo que habita. Já a dimensão estética com seu pluralismo criador, transborda na possibilidade de pôr em manifesto uma verdade singular sobre a vida/mundo daqueles que compreendem em conversação o sentido de seus modos de existir com-outros. E a dimensão educativa tem um lugar no qual, pela via da fusão de horizontes, faz-se possibilidade de refletir a partir das experiências vividas e pôr em circulação ou pôr em andamento as histórias de vida.

Diante dessas con-fluências, o psicólogo-caminhante “persegue” um lugar de inquietação se deparando constantemente com o inusitado, o novo que solicita criação pela via da *poiésis*, bem como uma atitude de “estar para”, não sabendo onde vai chegar, mas pondo-se a caminhar com-o-outro. Na ação clínica no viver cotidiano, vai-se jogar com-o-outro, as possibilidades de viver os acontecimentos que se mostram no dia a dia e com isso, abre-se para em conversação - ao dizer algo para alguém, que testemunha tanto a narrativa como, muitas vezes, a própria acontecência - compreender aquilo que rompe inesperadamente, mas que aparece ao mesmo tempo como aquilo que funda mundo.

5.3 Desencastelar... uma via para pensar o ser-psicólogo

Importa destacar outra peculiaridade dessa ação clínica, que se mostra no voltar-se para o cuidado com o humano na cotidianidade, para o viver dos acontecimentos do dia a dia, e não para situações agudas de sofrimento ou para as psicopatologias, mesmo que elas sejam acolhidas quando se manifestam. Cabe salientar que o modo de viver o

cotidiano fala da própria existência, dos modos de viver lançados para o indeterminado a cada dia, havendo na ação clínica no viver cotidiano a impossibilidade de previsibilidade, pois, se há algo estável no cotidiano é o trânsito, a passagem, a mutação.

Nesse modo de ser-psicólogo atravessado pelas acontecências cotidianas em um espaço coletivamente habitado, rompe-se com um modo clássico/tradicional de ser psicólogo. Eis um desafio: “sair da paralisia do enfeitiçamento de achar respostas prontas, mapeadas por saberes solidamente constituídos, recusando olhares ‘que já viram’ os lugares sitiados, pelos quais nenhuma curiosidade é provocada.” (Santos, 2005, p.333, aspas da autora). A ação clínica no viver cotidiano desponta como possibilidade para questionar o modelo da clínica consultorial, olhando para fora dos contextos institucionalizados, voltando-se para as demandas próprias de uma população situada em sua historicidade, demandas essas traduzidas na possibilidade de narrar sobre as coisas e sobre os modos de experienciá-las. As palavras do poeta ao referirem-se as coisas que existem, mostram-se como possibilidade para lidar com essa realidade: “Eu devia vê-las, apenas vê-las; / Vê-las até não poder pensar nelas, / Vê-las sem tempo, nem espaço, / Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê, / É esta a ciência de ver, que não é nenhuma.” (Caeiro, 2016, online). Nesse mesmo viés, surge um alerta:

O pensamento que medita exige de nós que não fiquemos unilateralmente presos a uma representação, que não continuemos a correr em sentido único na direção de uma representação. O pensamento que medita exige que nos ocupemos daquilo que, à primeira vista, parece inconciliável. (Heidegger, 2000, p.23).

Dessa maneira, essa ação clínica no viver cotidiano está atenta aos modos como os problemas contemporâneos e cotidianos desafiam as questões teórico-metodológicas da clínica psicológica. Apontam para uma ação clínica voltada, de um lado, para um contexto situacional no qual as demandas se revelam na dinâmica do dia a dia de seus habitantes - ver as coisas - e, de outro, para uma ação clínica que acontece quando o psicólogo-caminhante se põe a caminhar no-mundo-com-outros, no viver cotidiano. Nessa direção, Andrade e Morato (2004) assinalam que

[...] o psicólogo brasileiro vê-se diante de uma série de questões político-sociais que atravessam o fazer psicológico [...]. As questões agora mudam de foco e problematizam a própria função da psicologia. Esta deve seguir trabalhando a partir de teorias e técnicas importadas, em uma pseudo-universalidade, ou deve tentar escutar a real demanda da população brasileira? (p. 346).

Frente a essa situação, esse estudo aponta que o psicólogo-caminhante encontra-se diante de dois desafios: de um lado, escutar a demanda de uma população que se encontra em distintos contextos e, de outro, fazer-se presença em espaços coletivamente habitados, assumindo a atitude de “desencastelar-se e ‘ir à rua’ [...] alterando o próprio pensar e fazer do psicólogo.” (Yehia, 2005, p.344, aspas da autora). Esses desafios denunciam que a formação de psicólogos ainda está marcada por um olhar voltado para uma clínica convencional, consultorial, bem como para a instrumentalização da técnica moderna? A ação clínica no viver cotidiano numa perspectiva fenomenológica existencial assinala outro modo de desvelamento da técnica como *techné* (desocultação, deixar aparecer). Assim, há um olhar para a dimensão reflexiva/meditativa do pensamento, sem deixar de considerar a presença da técnica moderna:

[...] aquilo que é verdadeiramente inquietante, não é o facto do mundo se tornar cada vez mais técnico. Muito mais inquietante é o facto de o Homem não estar preparado para esta transformação do mundo, é o facto de nós ainda não conseguirmos, através do pensamento que medita, lidar com aquilo que, nesta época, está realmente a emergir. (Heidegger, 2000, p. 21).

Essa inquietação apontada me conduz a refletir que um desafio para o psicólogo-caminhante em seu ofício diário, não se caracteriza pelo método ou pela técnica utilizados, mas por assumir uma atitude serena de aguardar, de deixar-aparecer o que já se encontra em vigência. Nessa vertente, é importante destacar que a modalidade de prática psicológica é perpassada por uma ação clínica, e que o aprisionamento dessa ação pode acontecer, se a atitude em relação à técnica superar a demanda. Isso convoca Szymanski e Szymanski (2016), ao se referirem que, numa ação educativa inspirada na fenomenologia existencial, há

uma escuta que não parte de pressupostos teóricos, dirige um olhar para o outro na sua singularidade e tem a preocupação de oferecer um cuidado que lhe possibilite uma experiência de autonomia. Essa ação tem na hermenêutica a postura que interroga o sentido daquilo que se mostra. (p. 76).

A “porta aberta” destaca uma visível mudança no modo de pensar a ação clínica de psicólogos-caminhantes: o olhar desloca-se do resultado, do tratamento, do instrumento utilizado, para o pro-duzir - “deixar viger”. Ao mesmo tempo, aponta o afastamento em olhar o humano por meio do psiquismo, da subjetividade, voltando-se

para a sua existência no mundo com-outros, como também, para o responsabilizar-se pelo mundo que habita. Assim, dirige-se para o con-viver em espaços coletivamente habitados. Lança, ainda, um questionamento às teorias e técnicas psicológicas clássicas, enfatizando a escuta em ação das demandas surgidas nos modos de viver o cotidiano. Pela disposição do psicólogo-caminhante atravessada pela atitude fenomenológica, que se mostra no cuidado com os modos de ser-no-mundo-com-outros, desloca-se do âmbito do método e da técnica modernos, para o da compreensão fenomenológica hermenêutica da existência, dirigida para os modos como os fenômenos se apresentam, e para o desvelar do sentido a partir do movimento de compreensão e da situação hermenêutica.

5.4 Com que “casaco” que eu vou... sobre a prática psicológica e o nome-ação

Recordo que, a princípio, foi uma demanda do Movimento Hip Hop que revelou às psicólogas-caminhantes a “porta aberta” para o Morro Bom Jesus. Depois, os demais moradores mantiveram-na aberta reconhecendo o lugar que as psicólogas-caminhantes ocupavam, surgindo outras demandas que anunciavam a solicitação de se caminhar por diversas modalidades de prática psicológica. No presente contexto, a prática é compreendida no sentido originário como *práxis* do grego *prassein* - passar através - no sentido de uma ação como experiência ou, como diz Feijoo (2015, p.66), “Tratar-se-ia de um saber específico que se conquista no próprio fazer-ofício - experiência”.

Na radicalidade desse fazer de ofício olhando para a demanda na situação do momento, há um apelo a ocupar outros lugares, de outras maneiras. Decerto, em cada espaço coletivamente habitado, há de se reconhecer, pela via da cartografia clínica, um segmento pelo qual, na atitude de reconhecimento coparticipativo se desvelarão modos do psicólogo-caminhante e dos protagonistas-andantes se apresentarem.

Penso, então, que a ação clínica no viver cotidiano se mostra nos diversos modos de ser psicólogo, e comporta diversas modalidades de prática psicológica a partir das demandas que surgem ao caminhar com-outros, do que vai acontecendo no caminho - escutar o que se sucede como sendo digno de ser pensado. Sob esta ótica é possível dizer que a modalidade de prática psicológica se inaugura nas acontecências do dia a dia, e que a cartografia clínica se faz “[...] caminho possível para tentar não impor modalidades de prática clínica sem a devida contextualização” (Morato, 2009b, p.89).

Frente a esse desvelamento, assinalo que a ação clínica no viver cotidiano como possibilidade compreensiva sobre a demanda que o protagonista-andante está trazendo,

solicita movimento em ação do psicólogo-caminhante, uma vez que a modalidade de prática psicológica deve atender à singularidade demandada pelo público daquele contexto. Com isso, deixa à vista que no acontecer de uma ação clínica no viver cotidiano, a qual se propõe lidar com a existência que é abertura, inconsistência, impermanência, e com os modos de con-viver no dia a dia, em espaços coletivamente habitados que são transitórios, mutáveis, inconstantes, o psicólogo-caminhante se dispõe a acompanhar o protagonista-andante recolhendo a demanda advinda dos acontecimentos no viver cotidiano, as quais apontarão a modalidade de prática psicológica que o mesmo lançará mão em seu fazer-ofício.

Assim, é preciso experienciar a ação clínica no viver cotidiano como quem inventa e recria a cada instante, com o mesmo espanto diante do fenômeno que se mostra, fazendo-se muitas vezes, de modo “irreverente”, no sentido de sem formalidades/protocolos, pois se faz (acontece) como “feira livre”; e nela, protagonistas-andantes e psicólogos-caminhantes se dão em aparência, circulam na tensão fecunda de desbravar caminhos, caminhando, pondo-se em arru(a)ção, e se abrem para outros modos de ser, de conviver, e de experienciar o encontro clínico. Além disso, na ação clínica no viver cotidiano, o psicólogo-caminhante, como cartógrafo clínico, integra-se na história daqueles que se movimentam nos espaços coletivamente habitados e, mesmo quando se desaloja, ele se dá conta de que tem um desafio constante de ser coparticipante na criação de sentido.

Lembro de Safra (2005) ao ressaltar que o fundamental é a atenção à própria ação de criar e não reduzir o fenômeno a “um ou alguns significados alcançados por um processo de tradução ou interpretação” (p.21). Acrescento que para isso, é preciso acompanhar, aguardar e meditar em ação, uma vez que a experiência de coexistência com as dimensões ética, política, estética e educativa se mostra como fundamento da ação clínica no viver cotidiano.

Vale ressaltar que “Um fundamento (*Graund*) factual diz que uma coisa não pode ser sem outra” (Heidegger, 2009, p.45, parênteses e grifos do autor); tomadas como fundamento, essas dimensões se mostram como circunstâncias para que a ação clínica no viver cotidiano ocorra, sendo então possível, veicular, em andança, um possível sentido para o existir, o con-viver e o responsabilizar-se pelo mundo que habita. Esse trabalho, então,

[...] poderia ser chamado de artesanal. Neste contexto, artesanal indica a diferença do ‘industrializado’, do padronizado, do que se torna generalizado – como as teorias são generalizações -, feito para alguém que não sabemos quem será. Nosso trabalho é destinado a cada um. E não é aquele artesanal que poderia já estar na vitrine à espera de quem o levasse: ele só vai ser realizado no momento em que o destinatário estiver presente. E mais: só será feito com ele. (Sapienza, 2008, p. 19-20, aspas da autora)

Nessa ação clínica “artesanal”, que se constitui na polifonia de con-fluências ética, política, estética e educativa, a ação clínica no viver cotidiano entoa, ressoa e até mesmo quando desentoa, aponta para uma *práxis* psicológica em coparticipação, em coautoria, em corresponsabilidade, em co-construção, cultivando e desabrochando um modo próprio/singular de acompanhar o protagonista-andante, acompanhada dos seus mais diversos modos de ser psicólogo-caminhante, pois se põe em andança numa conversação ao longo de todo o caminho, sendo uma *práxis* que só é possível ser pensada e questionada na própria ação ou em arru(a)ção.

Considerando essas reflexões, indago: estaria a Psicologia constituída a partir do modelo dominante da ciência moderna da natureza, em condições de respaldar um lançar-se a caminho sem uma prática psicológica pré-determinada? Chamo Heidegger (2001b) para dialogar já que me faz pensar na possibilidade de olhar a prática psicológica para além da aplicação de uma técnica escolhida *a priori* como ferramenta/instrumento, como meio para um fim, mas compreendê-la como *techné*, que solicita um aguardar na espera que algo possa vir à luz, constituindo-se como “produção” - levar algo adiante. Esse pensador realça que “O deixar-viger concerne à vigência daquilo que, na pro-dução e no pro-duzir, chega a aparecer e apresentar-se. A produ-ção conduz do encobrimento ao desencobrimento.” (p.16), fazendo-me ver que, por essa via reflexiva, descortina-se outro horizonte compreensivo acerca do modo como o psicólogo-caminhante se mostra diante dos protagonistas-andantes: dispõe-se a aguardar, apresentando-se receptivo na espera de deixar-aparecer o que o outro demanda, sabendo que não é ele quem des-encobre, mas a sua presença pode possibilitar que o outro se dispa. Posso falar da clínica como receptividade, que tem uma abertura para o outro? O ser-clínico do psicólogo-caminhante é tomado pelo apelo que vem do outro; ele inclina-se numa escuta em ação ao apelo que lhe tocou, ao apelo que o “chamou” a recolhê-lo: “[...] receptividade não pressupõe nem uma ‘neutralidade’ com relação à coisa nem tampouco um anulamento de si mesma; implica antes uma destacada apropriação das opiniões prévias e preconceitos pessoais.” (Gadamer, 2008, p. 358, aspas do autor).

Nessa vertente, como em um caleidoscópio que apresenta combinações variadas a cada movimento, compreendo, a partir dos depoimentos dos participantes-colaboradores, que, por configurar-se a partir da disposição de se pôr em andança com-outros, constrói-se um caminho interventivo para acompanhar a demanda em consonância com as acontecências e as narrativas compartilhadas. Assim, na ação clínica no viver cotidiano não se tem de antemão uma modalidade de prática psicológica determinada, podendo esta ser extremamente variável, de acordo com a demanda dos protagonistas-andantes. Isso implica um compromisso contínuo e permanente, pressupondo uma atenção que não é isenta, que não renuncia a tudo que sabe, na qual a prioridade fundamental é a acontecência da vida nas situações inusitadas do existir.

Na tentativa de explicitar melhor esse modo de acompanhar do psicólogo-caminhante convoco Barreto e Morato (2009) ao refletirem que:

Acompanhar o cliente nessa passagem significa assumir a tarefa de tornar explícita, para o cliente, a posse do sentido de sua dor e das suas possibilidades negadas. Nessa compreensão, **não há nenhum direcionamento, mas a quebra das habitualidades** abre fissuras que são o fôlego de possíveis mudanças, transformando o acontecer clínico em experiência em ação [...]. (p.50, grifos meus).

Quando ousar apontar, a partir das narrativas dos participantes-colaboradores, a presença do não direcionamento, da liberdade de invenção e da flexibilidade na escolha da modalidade de prática psicológica na ação clínica no viver cotidiano, lembro-me da metáfora de “dar o casaco”, apresentada no capítulo anterior, para falar da mobilidade que permeia a atitude fenomenológica. Ao mesmo tempo, remeto-me também ao casaco de Arlequim da obra de Serres (1993), o qual é mesclado pelas experiências e pelo sentido que elas carregam. Tais metáforas revelam que as modalidades de prática psicológica dizem do tipo de demanda que surge ao pôr-se em andança pelos espaços coletivamente habitados, e compreendo que aí reside a possibilidade da quebra das habitualidades com a presença da criação. Talvez caia a unidade pretendida de “saber” de antemão com que modalidade trabalhar, tomando-a como um nome-ação, ao invés de uma nomeação. Nessa direção, posso falar em uma nomeação transitória que se faz nome-ação. É possível nomear sem dizer o que é, sem conceituar, mas dizer como se apresenta? Se assim for, arrisco dizer que, como a ação clínica no viver cotidiano se faz arru(a)ção, é possível exhibir o multicolorido das modalidades de prática psicológica, assumindo que ela é um “casaco de Arlequim” que se mostra como nome-ação.

5.5 Ecos ressoam... o que ainda está por vir?

O eco do “está por vir” anuncia a não pretensão de esgotar a questão-bússola levantada nessa pesquisa, mas seguir abrindo caminhos para refleti-la e, também, aprofundá-la posteriormente. Transitar pelo caminho do “não-pronto” me leva a “Bifurcar a direção dita natural. [...] Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um lugar ignorado.” (Serres, 1993, p.15), e me en-caminha a apresentar algumas questões sobre o habitar, a partir das narrativas nas rodas de conversação, quando as psicólogas-colaboradoras revelam sentirem-se pertencentes ao Morro, afirmando que o habitam. Também me reconheço nesses depoimentos durante todo o período em que estive caminhando por lá como psicóloga/supervisora/pesquisadora.

O verbo habitar permite uma associação com a ideia de residência, remetendo, geralmente, à concepção de um lugar concreto. Entretanto,

Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica são construções e não habitações: a estação ferroviária, a auto-estrada, a represa, o mercado são construções e não habitações. [...] Na auto-estrada, o motorista de caminhão está em casa, embora ali não seja a sua residência; na tecelagem, a tecelã está em casa, mesmo não sendo ali a sua habitação. [...] Essas construções oferecem ao homem um abrigo. Nelas, o homem de certo modo habita e não habita, se por habitar entende-se simplesmente possuir uma residência (Heidegger, 2001c, p.125).

Por essa visão, é possível compreender que o habitar não diz respeito ao fato de possuir ou de localizar-se em uma moradia, mas ao modo como o homem constrói o mundo que o circunda, na condição fundamental do ser-o-aí como ser-no-mundo. Vê-se aí que habitar e construir não se separam, pois “só é possível habitar aquilo que se constrói.” (p.125).

Vale ressaltar que a própria condição em que o homem se encontra no mundo, aponta para a existência de um lugar onde se inaugura um encontro e, por sua vez, circunstancia as possibilidades para que esse encontro se dê. Essa compreensão lança o olhar para o habitar enquanto movimento fundamental do humano que se dá a cada vez, a cada situação. O habitar, então, traduz-se em uma morada lançada e projetada nas possibilidades de ser-no-mundo-com-outros, assumindo a morada no sentido de um pertencimento no qual o existir se revela em uma determinada circunstância.

Por essa via de leitura, indago: quando o psicólogo-caminhante e o protagonista-andante põem-se nesse caminhar, estão habitando esses espaços coletivamente habitados? Pode-se habitar na diferença? Pode-se habitar num momento dado, na situação de encontro clínico? Penso que é possível responder, de forma afirmativa, a essas questões, desde que se assuma as diferenças como constitutivas de tradições diferentes e que podem ser fundidas em um outro/novo horizonte. Assim, é possível falar de modos diferentes de habitar, tornando viável compartilhar uma habitação numa certa circunstância. Para isso, é preciso estar ali, reconhecendo-se pertencente de uma determinada maneira, num momento dado, na situação de encontro; “Mas como encontramos habitação? Mediante um construir” (Heidegger 2001d, p.167). Pelo construir parece ser possível o psicólogo-caminhante e o protagonista-andante habitarem os espaços coletivos, pois o homem “só consegue habitar após ter construído num outro modo e quando constrói e continua a construir na compenetração de um sentido” (p.169). Será o sentido de pertencimento construído num modo próprio de ser psicólogo-caminhante com o protagonista-andante que possibilita o habitar?

Essa questão me leva a pensar que há uma diferença nos modos de habitar do psicólogo-caminhante e do protagonista-andante, ao mesmo tempo em que há um movimento em direção a uma troca, um reconhecimento recíproco. Assim, há um pertencimento desde o “lugar” em que cada um se encontra, como se vê nas narrativas:

Meu Diário – A caminhada vai me dando uma sensação de que habito aquele lugar como psicóloga pesquisadora. Não preciso morar ali. Mas me sinto pertencente [...] É por ser coparticipante como psicóloga, que é possível ser reconhecida de um outro lugar que não igual ao deles, moradores, frequentadores da Praça...

Tiê – E aí assim... a gente nunca deixa de ser psicóloga! E a gente sempre é uma referência de psicóloga para estas pessoas! [...] pois já passei a habitar o Morro e habitar como psicóloga! [...] É como Tiê psicóloga! Até porque a gente não compartilha as nossas histórias de vida! [...] Mas é um lugar muito profissional!

As narrativas apontam que o modo de habitar do psicólogo-caminhante é desde o seu lugar de psicólogo e que o protagonista-andante reconhece esse lugar de ser psicólogo, que não é o de morador como é o deles. Será que a hermenêutica filosófica de Gadamer, pode ajudar a pensar a possibilidade de compartilhar uma habitação de modos distintos?

Na hermenêutica gadameriana a compreensão se mostra como questão central. Vale destacar que para Gadamer (2008), a compreensão ocorre na troca com-outro e isso não passa somente pela expressão de dois olhares diferentes, mas na

interpenetração de duas visões, ou seja, quando há uma interlocução recíproca de pontos de vista e troca de visões sobre os modos de cada um experienciar uma possibilidade de sentido.

Assim, não há uma mistura ou apenas uma exposição de opiniões, mas um intercambiar de visões, em que a linguagem revela cada horizonte de sentido, cada horizonte histórico. A linguagem, então, é tomada como enraizamento para que aconteça a compreensão e essa se encontra na disposição de entrega daqueles que participam do diálogo àquilo que aparece na conversação, solicitando abertura para o horizonte compreensivo do outro, pois “implica sempre colocar a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias, ou que a gente se ponha em certa relação com elas” (Gadamer, 2008, p. 358). Aqui se evidencia a importância do psicólogo-caminhante dispor-se receptivo ao reconhecimento do horizonte histórico do protagonista-andante, destacando a presença da tradição na dinâmica da compreensão e apontando a relevância da interação dialogal a partir de distintos horizontes históricos de sentido. Então, compreender implica sempre o processo de fusão de horizontes histórico-culturais de sentido, colocando em jogo os próprios conceitos prévios:

[...] Enquanto está em jogo, é impossível fazer com que um preconceito salte aos olhos; para isso é preciso de certo modo provocá-lo. Isso que pode provocá-lo é precisamente o encontro com a tradição, pois o que incita a compreender deve ter-se feito valer já, de algum modo, em sua própria alteridade. Já vimos que a compreensão começa onde algo nos interpela. Esta é a condição hermenêutica suprema. (Gadamer, 2008, p. 395).

A atitude interrogativa assume uma primazia na experiência hermenêutica; para a compreensão de algo, a atitude argumentativa revela a abertura ao outro para se manter no fluxo da conversação. Assim, “Perguntar quer dizer colocar no aberto” (Gadamer, 2008, p. 235), afastando-se da busca por uma resposta fixa, mas no movimento da conversação propício a criar uma nova compreensão, ou mesmo perder-se, ou permanecer numa resposta dada. Na hermenêutica gadameriana, a interpretação se dá na interpenetração de horizontes “[...] âmbito de visão que abarca e encerra tudo o que pode ser visto a partir de um determinado ponto” (Gadamer, 2008, p. 399). Nessa direção, não se pensa numa supremacia de um horizonte sobre o outro, mas ambos se lançam num constante jogo compreensivo.

Percebo que há diferenças fundamentais nos horizontes históricos do psicólogo-caminhante e dos protagonistas-andantes do Morro Bom Jesus. Assim, é possível compartilhar um modo de compreensão recíproca diante de modos de pensar tão

diversos? Compreender o protagonista-andante inserido num devir histórico revela que o psicólogo-caminhante o acompanha a partir do lugar em que ele se encontra, a partir de sua situação histórica. Ou seja, o acontecimento narrado pelo protagonista-andante desvela o horizonte de sua experiência, podendo esta ser compreendida pelo psicólogo-caminhante a partir de seu próprio horizonte histórico, visto que um horizonte exprime “[...] algo no qual trilhamos nosso caminho e que conosco faz o caminho. Os horizontes se deslocam ao passo de quem se move” (Gadamer, 2008, p. 402). Mas, para que haja fusão de horizontes, é preciso manter a conversação, já que o espaço coletivamente habitado de modo singular/original marca o viver cotidiano de um e a *práxis* profissional do outro. Desse modo, é possível a criação de outro sentido para as experiências, podendo levar a uma ampliação dos horizontes dos que se colocam em conversação. Mesmo que apareçam dificuldades para apreensão desse outro sentido, não se trata de acrescentar informações ao mundo do outro, pois o movimento de compreender em diálogo o horizonte do outro é que possibilita a mudança/ampliação dos horizontes. É a partir do movimento dialógico que a compreensão pode ocorrer enquanto fusão de horizontes.

Esse olhar para as diferenças entre os horizontes históricos me faz retomar a questão da tradição, já que por ela o existir cotidiano é confrontado constantemente, na busca de compreensão das experiências. Isso me leva, outra vez, à questão do pertencimento (*Zugehörigkeit*) que foi destacado por Gadamer (2008) como mais uma dimensão ligada ao diálogo histórico e que se faz fundamental para pensar sobre o habitar. Estaria nesse diálogo entre diferentes horizontes históricos a possibilidade do psicólogo-caminhante construir um lugar de pertença nos espaços coletivamente habitados? Pela conversação, psicólogo-caminhante e protagonistas-andantes “pertencem” à situação do encontro clínico, no qual ambos são coparticipantes do movimento que possibilita a fusão das variadas dimensões históricas de sentido naquele encontro. Por essa via, é possível habitar na situação do encontro clínico? Penso que é possível, desde que esteja aberto para acolher as diversas tradições, pois, ao compartilhar algo, os interlocutores podem-se afastar ou aproximar-se em direção ao des-cobrimto do “estranho”, podendo acontecer pela conversação a fusão de horizontes:

[...] O que ‘*surgirá*’ de uma conversação ninguém pode saber de antemão. O acordo ou seu fracasso é como um acontecimento que se realiza em nós. [...] compreender o que

alguém diz é pôr-se de acordo na linguagem e não transferir-se para o outro e reproduzir suas vivências. (Gadamer, 2008, p. 497, grifo e aspas do autor).

Essa citação me faz refletir que é possível compreender um outro a partir do horizonte histórico em que se insere, e que o acordo não refere-se a normas estabelecidas, mas a atitude de abertura para considerar as variadas opiniões de modo que se possa construir algo compartilhado. Assim, em espaços coletivamente habitados, o psicólogo-caminhante não deixa de ser estrangeiro, mesmo não sendo desconhecido, e sempre terá uma expectativa do protagonista-andante pelo fato de ele ser psicólogo. Ou seja, os modos de habitar são distintos e o psicólogo-caminhante habita aquele espaço coletivo como um estranho familiar, revelando a contradição de dizer simultaneamente que o humano é singularidade inevitável e, ao mesmo tempo, é ser-com-outro.

Diante do olhar de que o singular não se opõe ao ser-com, posso falar num habitar plural, ou numa unidade plural no habitar? Ao referir-me a uma unidade plural no habitar, reafirmo a importância de que no encontro clínico não ocorra a tentativa de reduzir qualquer um dos horizontes presentes, seja do protagonista-andante ou do psicólogo-caminhante, mas abertura para o diálogo no acontecer do jogo compreensivo, como nos conta Gadamer (2008),

De certo que quem foi criado numa determinada tradição cultural e de linguagem vê o mundo de uma maneira diferente daquele que pertence a outras tradições. De certo que ‘os mundos’ históricos, que se dissolvem uns nos outros no decurso da história, são diferentes entre si e também diferentes do mundo atual. E, no entanto, o que se representa é sempre um mundo humano [...] (p. 577, aspas do autor).

Nessa perspectiva, por meio da linguagem em uma conversação, o psicólogo-caminhante pode abrir-se a tradição do espaço coletivamente habitado em que se dá sua *práxis* profissional, ampliar sua visão de mundo des-encobrendo modos de experienciar sua ação clínica via uma prática que acolha a tradição desse espaço, recolhendo modos de pensar/viver tão distintos.

Essa questão em relação ao habitar me instiga; porém, como um acontecimento que anuncia o des-velamento do novo que surge do inusitado, do desconhecido, do mistério, seguirá em aberto, pois requer a construção de um caminho de compreensão para não cair em associações apressadas ou torná-la precipitadamente prática. Isso posto, mesmo compreendendo que ela já está em andamento, mantenho-me na atitude de “aguardar serenamente” outros des-encobrimentos para retomá-la, em outros estudos.

Contar é muito, muito difícil. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas - de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.

Riobaldo, em “Grande Sertão Veredas” – Rosa, 2008, p.184

6 SIGO EM TERRA AGRESTE COM MEU CHAPÉU E CASACO DE GIBÃO DE COURO, (IN)ACABADOS: DES-FECHO?

Na tentativa de narrar às ressonâncias da tese em mim, vejo que todo o caminho trilhado se mostrou como acontecimento com-partilhado. Talvez por isso, “finalizar” se revista de dificuldade, pois tenho que me despedir, embora prossiga com a sensação de que ainda há muito que dizer sobre a temática em foco, bem como sobre a “matéria-prima” recolhida (nas rodas de conversação, e nos diários de bordo); contudo, manteve-se ainda encoberta ao redor e por entre o quebra-cabeça construído cartograficamente. Todavia, mesmo escolhendo as reticências, é preciso por um ponto final a este trabalho. Entretanto, tomo esse “ponto final” como uma sombra, pois pesquisar pela via da experiência mostra que tudo é muito provisório, incerto, como diz o poeta: “Navegar é preciso; viver não é preciso” (Pessoa, 2014, aspas do autor).

Assim, diante do fazer-ofício de psicóloga-caminhante no viver cotidiano, assinalo que toda essa trajetória demarcou que estive atravessada por reflexões compartilhadas, e que pressupostos hermenêuticos existenciais de Heidegger e Gadamer fizeram-se como possibilidade de lente para tecer compreensões possíveis e apresentar uma análise hermenêutica, como “um ponto de vista” autoral. E não poderia ser de outro modo por assumir-me inquieta, e talvez a minha caminhada profissional tenha a tônica da itinerância, como uma permanente pro-cura em ser-psicóloga para além do “quartinho” de quatro paredes, urbanamente individualizado e delimitado. Isso requer atenção, um estar em alerta, pois “A urbanização é uma acirrada tentativa de desenraizamento do homem de suas possibilidades mais peculiares de ser si mesmo.” (Critelli, 1988, p.72).

Talvez aí resida o meu despertar para olhar a ação clínica no viver cotidiano: uma possibilidade de romper com esse “modo de anonimato”, próprio da urbanização, em minhas andanças pelo “campo” da Psicologia e pelo “campo” dos municípios do interior, estando aberta para ser questionada e questionar. Parafraseando o DJ Nino,

[...] o que o psicólogo aprende na academia necessita estar em sintonia com a realidade. E nesse caso, se o psicólogo toma os conhecimentos que ele adquiriu na academia e junta isso ao que ele aprende na convivência com a ‘quebrada’, então a Psicologia terá sentido pra favela. É necessário que o psicólogo passe pela academia, mas também passe pela comunidade, onde ele vai trabalhar. Que conheça essa comunidade, quais as suas dificuldades, como é que seus moradores entendem o mundo. (Alves & Alvim, 2007, p. 24, aspas do autor).

Essa provoc(a)ção, como uma ação germinada, aparece como brecha/abertura para uma *práxis* profissional experienciada em coautoria e co-invenção, afastando-me da repetição, da rigidez, do isolamento, mas muito próxima ao “deixar-acontecer”. Embora essa coparticipação nem sempre foi tranquila, às vezes até espinhosa, continuo acreditando na possibilidade de um trabalho coconstruído, e o trabalho de grupo/coletivo reveste-se de importância na direção à minha *práxis* profissional cotidiana.

Ao olhar para todo o caminho percorrido na composição dessa tese, pergunto e lanço um convite a partir da narrativa do poeta:

Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as ideias de cada bairro? [...] Mas, a quem não fará sonhar a rua? [...] As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam de tal maneira os seus habitantes, que há até ruas em conflito com outras.

- Vamos embora! O povo da Travessa está conosco. (Barreto, 2014, online).

Quem sabe, o estar-com o “povo do Morro Bom Jesus - o povo coautor da pesquisa”, revelou-se como “porta aberta” para o des-velar de uma ação clínica no viver cotidiano acontecendo por entre trilhas do “Caminho do Campo”, o qual, “silenciosamente acompanha nossos passos pela sinuosa vereda, através da amplidão da terra agreste.” (Heidegger, 1969, p. 67). O caminho na vastidão da Terra Agreste me remete a uma tradição, a minha história, a história do povo do Morro Bom Jesus, ao dia a dia do povo brasileiro, em especial o povo nordestino.

A palavra Agreste tem origem latina e se refere ao campo. No Brasil, o Agreste fica na Região Nordeste e localiza-se numa área de transição entre a Zona da Mata e o Sertão, com relevo, clima e vegetação extremamente variáveis. Sou tomada de surpresa por esse des-encobrimento. Afinal, esse é o cenário em que me encontro e, “Talvez por isso nos seja tão difícil adquirir familiaridade com uma questão nascida de uma verdadeira experiência. Para que isso aconteça, é preciso poder espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada.” (Heidegger, 2001a, p. 228-229).

Ao encontrar-me com o que entrou em vigência, e partindo da metáfora da figura do lenhador presente no livro “Caminhos de Floresta”, olho para o Caminho da Terra Agreste fazendo uma alusão à atividade de ofício do “caboclo nordestino” no roçado, com seu chapéu e casaco de gibão de couro. O roçado é o seu mundo e dele ele não se ocupa, mas segue seu próprio rastro, encontrando-se dis-posto ao espanto no

percorrer com-outros trilhas não-traçadas. Afinal, “Pôr a caminho significa destinar. Por isso denominamos de destino a força de reunião encaminhadora, que põe o homem a caminho de um descobrimento.” (Heidegger, 2001b, p. 27, grifo do autor).

Penso que também o psicólogo-caminhante compreende que, no Caminho da Terra Agreste, que tem como paisagem as acontecências cotidianas nas pisadas do povo do Morro Bom Jesus, não há paradeiro a se chegar, tampouco respostas a se encontrar, pois seu ofício diário é perpassado pela transição, pela variabilidade, pelo ser errante, pelo espantar-se diante do simples, e sua direção se dá pela arru(a)ção a qual lhe aponta que sempre haverá outras sendas a percorrer e, “tal como o lavrador, também tem de saber aguardar que a semente desponte e amadureça” (Heidegger, 2000, p. 14). Ademais, ele encontra-se com a “porta aberta”, sustentando-se na tensão da abertura do aberto.

Todavia, há de estar dis-posto para ser capaz de escutar em ação o apelo das acontecências ecoadas no caminho, evidenciando que é preciso “abrir-se à amplidão dos céus, mas também deitar raízes na obscuridade da terra” (Heidegger, 1969, p.68). O Caminho da Terra Agreste se mostra como uma porta aberta aos acontecimentos cotidianos que, em momento oportuno, recolhe os lamentos, os apelos do existir humano. Desse modo, por entre passagens acontecimentais que o caminho estira, e acompanhando o apelo do povo do Morro Bom Jesus, a ação clínica no viver cotidiano se revela na atitude do psicólogo-caminhante que transita por um caminho não linear, o qual é feito e refeito pé ante pé, na mutabilidade das modalidades de prática psicológica que se mostram como um devir, um nome-ação num fluxo permanente de possibilidades reveladas e demandadas nas acontecências do dia a dia.

Talvez esse seja um solo fértil e possível de o psicólogo acompanhar os “Homens em tempos sombrios⁶⁰” como o vivido no atual cenário brasileiro. Não há como desfazer as ações que foram iniciadas. Será possível estabelecer um novo começo? Será a Terra Agreste um solo para outras ramificações? Mas se derem vez... se escutarem a voz... do Morro, da Periferia, do Interior, da Terra Agreste... Quem sabe, nesse quadro epocal, ecloda um pensamento inquieto com a situação dramática do existir humano e uma reconsideração da história da Psicologia no contexto sociopolítico do Brasil dará acesso a outros novos modos de agir e de pensar.

⁶⁰ Título do livro de Arendt, H. (1987). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras.

REFERÊNCIAS:

- Alves, A. (2011). *Treinando a observação participante: juventude, linguagem e cotidiano*. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- Alves, A. & Alvim R. (coords). (2007). *Movimento Hip Hop de Caruaru - Pernambuco*. Home page: InstitutoPólis. Recuperado em 18 de julho de 2016, de <<http://www.polis.org.br/uploads/1429/1429.pdf>>.
- Alves, L. F. R. O protagonista e o tema protagônico. In: Almeida, W. C. (org.). (1999). *Grupos: a proposta do psicodrama*. (pp. 89-100). São Paulo: Ágora.
- Andrade, A. N. & Morato, H. T. P. (2004). Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituição. *Estudos de Psicologia*, 9(2), pp. 345-353. Recuperado em 09 de dezembro de 2015, de <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a17v9n2.pdf>>.
- Andrade, A. N. de, Morato, H. T. P. & Schmidt, M. L. (2007). Pesquisa interventiva em instituição: etnografia, cartografia e genealogia. In: Rodrigues, M. M. P. & Menandro, P. R. M. (orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*. (pp.193-206). Vitória: UFES/GM Gráfica Editora.
- Andrade, E. N. (1996). *Movimento negro juvenil: um estudo de caso sobre rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação - Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Arendt, H. (2001). *A condição humana*. 10.ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade.
- Arendt, H (2013). A crise na educação. In: Arendt, H. *Entre o passado e o futuro*. 7.ed. São Paulo: Perspectiva.
- Arendt, H. (1993). *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Arendt, H. (2002). *O que é política?* 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Assis, M. de. *Volume de contos*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. Primas de Sapucaia. Recuperado em 06 de outubro de 2016, de <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000203.pdf>>.
- Aun, H. A. (2005). *Trágico avesso do mundo: narrativas de uma prática psicológica numa instituição para adolescentes infratores*. Dissertação (Mestrado de Psicologia) - Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Aun, H. A. & Morato, H. T. P. (2009). Atenção psicológica em instituição: plantão psicológico como cartografia clínica. In: Morato, H., T. P.; Barreto, C. L.B. T. & Nunes, A. P. *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução*. (pp. 121-138). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

- Barbero, J. M. (2006). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Barreto, C. L. B. T. (2006). *Ação clínica e os pressupostos fenomenológicos existenciais*. Tese (Doutorado de Psicologia) - Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Barreto, C. (2009). Modalidades de prática psicológica clínica: atenção psicológica e atitude fenomenológica hermenêutica. In: *Textos e anais eletrônicos do IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: Fundamentos, Pesquisa e Prática*. Recuperado em 08 de fevereiro de 2016, de <<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-carmem1.pdf>>.
- Barreto, C. L. B. T. (2013). Reflexões para pensar a ação clínica a partir do pensamento de Heidegger: da ontologia fundamental à questão da técnica. In: Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. & Caldas, M. T (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. (pp. 27-50). Curitiba: Juruá Editora.
- Barreto, C. B. L. T. (2008). Uma possível compreensão fenomenológica existencial da clínica psicológica. In: *Anais do VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições*. São Paulo: IPUSP. Recuperado em 12 de março, 2015, de <http://www.lefeusp.net/arquivos_diversos/VIII_simposio_anpepp/textos%20pesquisadores/barreto08.pdf>.
- Barreto, P. (2014). *A rua*. Home Page da Academia Brasileira de Letras. Recuperado em 12 de março, 2015, de <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=327&sid=261>>.
- Beiguelman, G. (1998). *Guerrilha Visual*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. (Texto de catálogo).
- Benjamin, W. (2012). *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. 1. romp. Porto Alegre: Zouk editora.
- Benjamin, W. (1994). O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (pp. 197-221). 7. ed. São Paulo: Brasiliense.
- Boss, M (1997). Introdução à Daseinsanalyse. In: *Daseinsanalyse*. 8, pp. 6-16.
- Boss, M. (1963). *Psychoanalysis and daseinsanalysis*. Nova York: Basic Books.
- Braga, T. B. M., Mosqueira, S. M. & Morato, H. T. P (2012). Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. In: *Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto/SP, no 2, Vol. 20, p. 555 - 569.

- Bruni, J. C. (1988). Há uma crise nas Ciências Sociais? In: Neto, J. C. M. & Lahuerta, M. (orgs.). *O pensamento em crise e as artimanhas do poder*. (pp.23-24). São Paulo: Editora UNESP.
- Cabral, B. E. & Morato, H. T. P. (2013). A questão de pesquisa como bússola: notas sobre o processo de produção de conhecimento em uma perspectiva fenomenológica existencial. In: Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. & Caldas, M. T (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. (pp. 159-181). Curitiba: Juruá Editora.
- Caeiro, A. (2016). *Eu não quero o presente, quero a realidade*. Home Page do Citador. Recuperado em 13 de março, 2016, de <<http://www.citador.pt/poemas/eu-nao-queiro-o-presente-queiro-a-realidade-alberto-caeirobrheteronimo-de-fernando-pessoa>>.
- Campos, G. W. S. (2000). *Um método para análise e co-gestão de coletivos*. São Paulo: HUCITEC.
- Camasmie, A. T. (2014). *Psicoterapia de grupo: na abordagem fenomenológico-existencial: contribuições heideggerianas*. Rio de Janeiro: Via Verita Editora.
- Carroll, L. (2016). Porco e pimenta. In: *Alice no país das maravilhas*. Recuperado em 06 de outubro de 2016, de <http://triplov.com/contos/Alice-no-pais-dasmaravilhas/capitulo_06.htm>.
- Chohfi, L. M. S., Rezende, J. C. de O., Oushiro, L., Lermes, R. da S. R. Rostworowski, A & Morato, H. T. P. (2013). Unindo buracos: a construção de uma rede de atenção em saúde a partir do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). In: Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. & Caldas, M. T (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. (pp. 421-442). Curitiba: Juruá Editora.
- Critelli, M. D. (1996). *Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC/Brasiliense.
- Critelli, M. D. (2012). *História pessoal e sentido da vida: historiobiografia*. São Paulo: EDUC: FAPESP.
- Critelli, M. D. (1988). O des-enraizamento da existência. In: Dichtchekenian, M. F. S. F.B. (org.). *Vida e morte: ensaios fenomenológicos*. (pp. 67-85). São Paulo: Editora Companhia Ilimitada.
- Critelli, M. D. (1981). Para recuperar a educação: (uma aproximação à ontologia heideggeriana). In: Heidegger, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. (pp.59-72). São Paulo: Editora Moraes.
- Cupertino, C. M. B. (2001). *Criação e formação: fenomenologia de uma oficina*. São Paulo: Arte & Ciência.

- Dimenstein, M. & Bezerra, E. (2008). Os CAPS e o Trabalho em Rede: Tecendo o Apoio Matricial na Atenção Básica. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (3), pp.632-645. Recuperado em 09 de fevereiro de 2016, de <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n3/v28n3a15.pdf>>.
- Duarte, A. (2013). Ser e tempo como ética do cuidado: finitude e responsabilidade existencial. In: Lopacic, Z. (org.). *Winnicott e a ética do cuidado*. (pp. 57-69). São Paulo: DWW Editorial.
- Duarte, A. (2010). *Vidas em risco: crítica do presente em Heidegger, Arendt e Foucault*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Duarte, P. (2011). O sentido político da arte hoje. *O que nos faz pensar*. nº 29, pp. 123-136. Recuperado em 12 de janeiro de 2015, de <http://www.oquenofazpensar.com/adm/uploads/artigo/o_sentido_politico_da_arte_hoje/pedro_duarte_123-136.pdf>.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). *A existência para além do sujeito: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais*. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita.
- Feijoo, A. M. L. C. de (2015). A experiência do pensamento para além da filosofia e da psicologia. In: *ANAIS da XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI*. (pp. 58-69). Recuperado em 08 de julho de 2016, de <http://www.ifen.com.br/pdfs/anais_sobreski2015.pdf>.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2009). Clínica psicológica: filosofia e práxis. In: *Psicologia clínica e filosofia*. (pp. 41-72). Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.
- Ferreira Neto, J. L. (2004). *A formação do psicólogo. Clínica, social e mercado*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FUMEC/FCH.
- Figueiredo, L. C. (1994). *Escutar, recordar, dizer: encontros heideggerianos com a clínica psicanalítica*. São Paulo: EDUC/Escuta.
- Figueiredo, L. C. M. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. (1996). *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: Educ; Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. & Coelho Junior, N. E. (2004). Figuras de Intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*. 9 (17), pp.9-28. Recuperado em 06 de maio de 2015, de <https://social.stoa.usp.br/articles/0028/5007/Coelho_Junior_e_Figueiredo__2004_.pdf>.

- Fonseca, T. M. G & Farina, J. T. (2012). *Clinicar*. In: Fonseca, T. M. G, Nascimento, M. L. do & Maraschin, C. (orgs.). *Pesquisar na diferença: um abecedário*. (pp.49-51). Porto Alegre: Sulina.
- Gadamer, H. (2008). *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 10.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Gadamer, H. (2010). *Verdade e método II: complementos e índice*. 5.ed. Petrópolis/RJ: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Giacoaia Jr., O. (2013). *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas,
- Heidegger, M. (2011). *A caminho da linguagem*. 5.ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista /SP; Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2001a). Aletheia (Heráclito, fragmento 16). In: *Ensaaios e conferências*. (pp.227-249). 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2012). A origem da obra de arte. In: Heidegger, M. *Caminhos de floresta*. (pp.5-94). 2a.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Heidegger, M. (2001b). A questão da técnica. In: *Ensaaios e conferências*. (pp.11-38). 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2001c). Construir, habitar, pensar. In: *Ensaaios e conferências*. (pp.125-141). 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2001d). "... poeticamente o homem habita...". In: *Ensaaios e conferências*. (pp.165-181). 8.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2009). *Seminários de Zollikon*. 2.ed. revista. Petrópolis/RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Heidegger, M. (2002a). *Ser e tempo*. 12.ed. Parte I. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2002b). *Ser e tempo*. 9.ed. Parte II. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Heidegger, M. (2000). *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (1969). *Sobre o problema do ser. O caminho do campo*. São Paulo: Livraria duas cidades.
- Heidegger, M. (1999). Tempo e ser. In: *Conferências e escritos filosóficos*. (pp. 249-269). Coleção os pensadores: Heidegger. São Paulo: Nova Cultural.
- Heidegger, M. (1981). *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico*. São Paulo: Editora Moraes.

- Heller, A. (2004). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Hyldon. (2014). *Na rua, na chuva na fazenda*. Home Page: Letras.mus.br. Recuperado em 17 de novembro de 2014, de <<http://letras.mus.br/hildon/350517/>>.
- Inwood, M. (2002). *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Kundera, M. (1990). *A imortalidade*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Lawn, C. (2011). *Compreender Gadamer*. 3.ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Lévy, A. (2001). *Ciências clínicas e organizações sociais: sentido e crise do sentido*. Belo Horizonte: Autêntica/ FUMEC.
- Lobato, M (1936). *Memórias de Emília*. Home page: World Observer by Claudia & Vicente. Recuperado em 07 de maio de 2016, de <<https://vicentemanera.com/tag/visconde-de-sabugosa/>>.
- Loparic, Z. (2013). A ética da lei e a ética do cuidado. In: Loparic, Z. (org.). *Winnicott e a ética do cuidado*. (pp. 19-53). São Paulo: DWW Editorial.
- Loparic, Z. (1995). *Ética e finitude*. São Paulo: EDUC.
- Loraux, N. A Tragédia Grega. In: Novaes, A. (org.). (1992). *Ética*. (pp. 17-34). São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura.
- Macedo, R. S. (2004). *Etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação*. 2.ed. Salvador: EDUFBA.
- Machado, A. *Cantares*. (2015). Home page: Escritas.org . Recuperado em 10 de julho de 2015, de <<http://www.escritas.org/pt/poema/10543/cantares>>.
- Maffesoli, M. (2006). Comunidade de destino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 12, n. 25, pp. 273-283, jan./jun. Recuperado em 21 de dezembro de 2014, de <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v12n25/a14v1225.pdf>>.
- Menezes, J. S. (2010). *Break: “o grito corporal da periferia”*. Dissertação (Minter em Ciências Sociais UFRN-UNIT) – Universidade Federal d Rio Grande do Norte: Natal.
- Michelazzo, J. C. (1999). *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP: Annablume.
- Michelazzo, J. C. (2002). Fenomenologia existencial e os modos cotidianos da coexistência. In: Castro, D. S. P. de, Pokladek, D. D., Àzar, F. P., Piccino, J. D. & Josgrilberg, R. de S. (orgs.). *Existência e saúde*. (pp.187-196). São Bernardo do Campo:UMESP.

- Minayo, M. C. de S. (1994). Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. de S., Deslandes, S. F., Neto, O. C. & Gomes, R. (orgs.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (pp.09-29). 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (1993). *Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: ABRASCO. São Paulo: HUCITEC.
- Morato, H.T.P. (1989). *Eu-supervisão: em cena uma ação buscando significado sentido*. 266f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Morato, H.T.P. (2006). Pedido, queixa e demanda no Plantão Psicológico: querer poder ou precisar? In: *VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição*. Vitória: UFES. Recuperado em 08 de fevereiro de 2016, de <<http://www.usp.br/coseas/COSEASHP/ADM/Psicologo/VIsimposio/MORATO%20-%20Pedido,%20queixa%20e%20demanda.pdf>>.
- Morato, H.T.P. (2009a). Plantão psicológico: inventividade e plasticidade. In: *Textos e anais eletrônicos do IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições - Atenção Psicológica: Fundamentos, Pesquisa e Prática*. Recuperado em 08 de fevereiro de 2016, de <<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>>.
- Morato, H. T. P. (2009b). Prática de Plantão Psicológico em instituições: questionamentos e reflexões. In: Breschigliari, J. O. & Rocha, M. C. (orgs.). *SAP - Serviço de Aconselhamento Psicológico: 40 anos de história*. (pp. 87-102). São Paulo: SAP/IPUSP.
- Morato, H.T.P. (1996). Aprendizagem significativa e supervisão: um recorte possível. In: Carvalho, R.M.L.L. (Org.), *Repensando a formação do psicólogo: da informação à descoberta*. Coletâneas da ANPEPP, 1 (9), pp.83-97. Recuperado em 08 de fevereiro de 2016, de <<http://www.infocien.org/Interface/Colets/v1n09a07.pdf>>.
- Moro, F (2004a). *Dicionário de Filosofia, tomo III (K-P)*. 2.ed.São Paulo: Edições Loyola.
- Moro, F (2004b). *Dicionário de Filosofia, tomo IV (Q-Z)*. 2.ed.São Paulo: Edições Loyola.
- Mourad, L. N. (2000). *Democratização do Acesso à Terra Urbana em Diadema*. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas. De Agosto
- Nunes, A. P. & Morato, H. T. P. (2013). Plantão Psicológico no Departamento Jurídico do “XI de Agosto”: Relato de Plantonista. In: Barreto, C. L. B. T., Morato, H. T. P. & Caldas, M. T (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica existencial*. (pp. 259-281). Curitiba: Juruá Editora.
- Pais, J. M. (2003). *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez.

- Passos, E., Kastrup, V. & Escóssia, L. da. (Orgs.). (2009). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Pessoa, F. (2014). *Navegar é preciso. Poemas-3*. Home page: Free-Ebooks.net. Disponível em: <<http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Poemas-3/pdf?dl&preview>>. Acesso em 16 de julho.
- Penna, A. G. (1997). A dispersão do pensamento psicológico e a impossibilidade de sua unificação. In: Penna, A. G. *Repensando a Psicologia*. (pp. 57-90). Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2004). *Na presença do sentido*. São Paulo: EDUC; Paulus.
- Pompeia, J. A. & Sapienza, B. T. (2011). *Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica*. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Quintana, M (1978). *Poeminha do Contra*. Home Page: releitura - resumo biográfico e bibliográfico. Recuperado em 03 de julho, 2016, de <http://www.releituras.com/mquintana_bio.asp >.
- Ramos, M. E. (2011). *Reticências*. Home Page: De “Tuti” um pouco... Recuperado em 06 de outubro, 2016, de <<http://detutiumpouco.blogspot.com.br/2011/07/reticencias.html>>.
- Rodrigues, J. T. (2006). *Terror, medo, pânico: manifestações da angústia no contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Rosa, J. G. (2008). *Grande sertão: veredas*. 10.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sá, R. N. (2002). A psicoterapia e a questão da técnica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 54 (4), pp. 348-362. Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia da UFRJ/Ed. Imago. Recuperado em 25 de agosto de 2013, de <http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Roberto%20Novaes/texto41.pdf >.
- Sá, R. N. de (2004). A questão do método na Clínica Daseinsanalítica. In: *Fenômeno Psi*. Rio de Janeiro, ano 2, nº, pp. 41-46.
- Sá, R. N. (2008). Elementos introdutórios para uma reflexão sobre a atenção nas práticas psicológicas clínicas a partir de uma atitude fenomenológica - *Anais do VIII Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições*. São Paulo: IPUSP. Recuperado em 12 de março, 2015, de <https://www.researchgate.net/publication/266521852_Elementos_introdutorios_para_uma_reflexao_sobre_a_atencao_nas_praticas_psicologicas_clinicas_a_partir_de_uma_atitude_fenomenologica>.

- Sá, R. N. (2009). Fenomenologia da Experiência de si-mesmo e psicoterapia como experiência de abertura. In: *Psicologia clínica e filosofia*. (pp. 73-100). Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa.
- Sá, R. N. de. (2006). Prefácio. In: *Terror, medo, pânico: manifestações da angústia no contemporâneo*. Rio de Janeiro: 7Letras.
- Sá, R. N. de & Barreto, C. L. B. T.(2011). A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. In: *Estudos de Psicologia*. Campinas. 28(3). p.p389-394. Recuperado em 26 de janeiro de 2016, de <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n3/a11v28n3.pdf> >.
- Sader, É. (1995). *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980*. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A.
- Safra, G. (2005). *A face estética do self: teoria e clínica*. 4.ed. São Paulo: Aparecida; Ideias & Letras; Unimarco Editora.
- Santos, E. S. (2013a). Em busca de uma ética do cuidado à luz de Heidegger, Nishitani e Winnicot. In: Lopacic, Z. (org.). *Winnicott e a ética do cuidado*. (pp. 101-113). São Paulo: DWW Editorial.
- Santos, L. A. (2013b). O fenômeno do jogo e a hermenêutica de Hans-Georg Gadamer. *Intuitio*. Porto Alegre, nº2, Vol 6, pp. 102-112. Recuperado em 29 de setembro de 2015, de <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/viewFile/15043/10443>>.
- Santos, S. E. de B. (2005). *A experiência de ser ex-esposa: uma oficina sociopsicodramática como intervenção para problematizar a ação clínica*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco: Recife.
- Santos, S. E. de B., Barreto, C. L. B. T. & Morato, H. T. P. (2014). Produção nos PPGs sobre ação clínica numa perspectiva fenomenológica existencial: análise compreensiva. In: *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*. n. 2, v.3, pp.112-134. Recuperado em 01 de junho de 2015, de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/Ekstasis/article/view/13763/12119>.
- Santos, S. E. de B. & Morato, H. T. P. (2009). Uma intervenção pela perspectiva fenomenológica existencial e sociopsicodramática, como possibilidade de modalidade prática em Psicologia Clínica. In: Morato, H. T. P., Barreto, C. L. B. T. & Nunes, A. P. *Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução*. (pp. 376-386). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Sapienza, B. T. (2008). *Conversa sobre terapia*. 2a. reimpressão. São Paulo: EDUC. Paulus.
- Schmidt, M. L. S.(1990). *A experiência de psicólogas na comunicação de massa*. Tese (Doutorado de Psicologia) - Universidade de São Paulo: São Paulo.

- Schwandt, T. (2006). As três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretação, hermenêutica e construcionismo social. In: Dezin, N. K. (org), *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. (pp. 193-217). Porto Alegre: Artmed.
- Seixas, R. (2014). *Metamorfose Ambulante*. Home page: Vagalume muito mais que só letras de músicas. Recuperado em 13 de março de 2014, de <<http://www.vagalume.com.br/raul-seixas/metamorfose-albulante.html> >.
- Sena, S. M. M. de (2012). Jogue a escada fora: fenomenologia como terapêutica. *Natureza humana*, vol.14, nº 2. pp. 37-73. São Paulo. Recuperado em 05 de julho de 2016, de < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200003 >.
- Seno, E., McCormick, C., Schiller, M. & Schiller S. (2010). *Trespass, História da Arte urbana não encomendada*. Rio de Janeiro: Editora: Taschen do Brasil.
- Serres, M. (1993). *Filosofia mestiça: le tiers – instruit*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, F. P. da. (2005). *Arte pública: diálogo com as comunidades*. Belo Horizonte: C/Arte.
- Spanoudis, S. (1981). Apresentação: A todos que procuram o próprio caminho. In: Heidegger, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. (pp.9-22). São Paulo: Editora Moraes.
- Spanoudis, S. (1978). A tarefa do aconselhamento e orientação a partir da Daseinsanalyse. *Daseinsanalyse*. n. 4, pp.06-26.
- Stein, E. (2005). *Seis estudos sobre “Ser e Tempo*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Szymanski, H. & Szymanski, L. (2016). Contribuições da fenomenologia existencial para o desenvolvimento de ações psicoeducativas em instituições educacionais. In: Barreto, C. L. B. T. (Coord.). *Prática psicológica em instituição: diversas perspectivas*. (pp. 67-89). Curitiba: Editora CRV.
- Szymasnski, H. & Szymasnski, L. (2014, jan./jul.). O encontro reflexivo como prática psicoeducativa: Uma perspectiva fenomenológica. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*: Canoas, 19(1), pp. 9-22.
- Thiollent, M. (1986). *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Walckoff , S. D. B. & Lira, S. P. (2013). A constituição do ser político: uma análise do filme “O enigma de Kaspar Hauser”. In: *Revista Contrapontos - Eletrônica*, Vol. 13 -

n. 1 - pp. 06-14. Recuperado em 26 de janeiro de 2016, de
<<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2173/2461>>.

Wertz, F. J. (2012). Correntes fenomenológicas na psicologia do século XX. In: Dreyfus, H. I; Wrathall, M. A (orgs). *Fenomenologia e existencialismo*. (pp. 359-373). São Paulo: Edições Loyola.

Yehia, G. Y. (2005). Serviços psicológicos e comunidade: necessidade de diálogo constante. In: Simon, C. P.; Melo-Silva, L. L.; Santos, M. A. dos (orgs). *Formação em Psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática*. (pp.341-350). São Paulo: Vetor.